

A MORTE DO ALMIRANTE

AGATHA
CHRISTIE

DOROTHY L. SAYERS

G. K. CHESTERTON

e Alguns Outros Socios do Detection Club



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A MORTE DO ALMIRANTE

G. K. CHESTERTON
CONEGO VICTOR L. WHITECHURCH

G. D. H. e M. COLE
HENRY WADE

AGATHA CHRISTIE

JOHN RHODE
MILWARD KENNEIDY
DOROTHY L. SAYERS
RONALD A. KNOX
FREEMAN WILLS CROFTS
EDGAR JEPSON
CLEMENCE DANE
ANTHONY BERKELEY

SUMÁRIO

- [#] Contra Capa — A Morte do Almirante
DOROTHY L. SAYERS
- [#] INTRODUÇÃO — Desta edição
CHRISTIANNNA BRAND
- [#] INTRODUÇÃO — Original
DOROTHY L. SAYERS
- [#] PRÓLOGO — “Três Sonhos de ópio”
G. K. CHESTERTON
- [#] CAPÍTULO I — Cadáver a Bordo!
CONEGO VICTOR L. WHITECHURCH
- [#] CAPÍTULO II — Dando Notícias
G. D. H. e M. COLE
- [#] CAPÍTULO III — Brilhantes Pensamentos em
Maré Alta
HENRY WADE
- [#] CAPÍTULO IV — Principalmente Conversas
AGATHA CHRISTIE
- [#] CAPÍTULO V — O Inspetor Rudge Começa a
Desenvolver uma Hipótese
JOHN RHODE
- [#] CAPÍTULO VI — O Inspetor Rudge Pensa Melhor
Sobre o Assunto
MILWARD KENNEIDY
- [#] CAPÍTULO VII — Choques para o Inspetor
DOROTHY L. SAYERS
- [#] CAPÍTULO VIII — Trinta e Nove Itens de Dúvidas
RONALD A. KNOX

- [#]CAPÍTULO IX — O Visitante da Noite
FREEMAN WILLS CROFTS
- [#]CAPÍTULO X — A Banheira
EDGAR JEPSON
- [#]CAPÍTULO XI — No Vicanato
CLEMENCE DANE
- [#]CAPÍTULO XII — Dissipando o Tumulto
ANTHONY BERKELEY
- [#]APÊNDICE I — Notas Sobre a Amarração do Bote
Opinião da Justiça Sobre o Testamento de
Fitzgerald
- [#]APÊNDICE II — Soluções

Contra Capa



Em Londres, em 1932, 13 membros da mais importante (e mais prestigiosa) organização de autores de livros de mistério e suspense, o Detection Club, reuniram os seus apreciáveis talentos no preparo do agora legendário e raro A MORTE DO ALMIRANTE. O romance foi escrito por partes, cada membro se encarregando de um capítulo, recheando-o de indícios e problemas e passando para o colaborador seguinte, cuja função era resolver o mistério apresentado sem ter a mínima idéia da solução concebida pelo colaborador anterior ou colaboradores anteriores. Não foi, na verdade, uma tarefa fácil, até mesmo para os grandes autores do gênero, na época: Anthony Berkeley, G. K. Chesterton, Agatha Christie, G. D. H. e M. Cole, F. W. Crofts, Clemence Dane, Edgar Jepson, Milward Kennedy, Ronald Knox, John Rhode, Dorothy L. Sayers, Henry Wade e Victor Whitechurch. Todos esses autores respeitaram o juramento solene prestado ao ingressarem no Clube: fazer com que os seus detetives usassem apenas recursos próprios sem lançarem mão de acasos ou de coincidências; não inventar raios mortíferos e venenos para dar soluções que nenhuma pessoa viva pudesse esperar, e escrever na melhor forma literária possível. Até mesmo regras mais estritas foram auto-impostas pelos membros para a sua colaboração: cada um dos escritores deveria ter uma solução original em vista, enquanto estivesse fazendo a sua

parte; ninguém poderia introduzir novas complicações unicamente para confundir; todos deveriam estar em condições, a qualquer momento, de explicar cada um dos indícios de maneira coerente e plausível. A fim de que este ponto ficasse assegurado, cada autor era obrigado a apresentar sua própria solução ao mistério quando entregasse o seu capítulo (o leitor curioso pode encontrar essas soluções no fim do livro). Em segundo lugar, cada colaborador deveria tratar honestamente de todas as dificuldades criadas por seus predecessores. Quaisquer aparentes irregularidade ou incoerências não poderiam ser desprezadas — deveriam ser encaradas como indícios honestos apontando no sentido da solução final. A MORTE DO ALMIRANTE é um romance lindamente escrito e de enredo surpreendentemente bem armado. Este livro, traduzido da mais recente edição inglesa, contém uma deliciosa introdução de Christianna Brand, que pertence atualmente ao Detection Club, e a introdução original de Dorothy L. Sayers, além de um mapa e diversos apêndices.

“O Detection Club é uma associação privada de autores de ficção detetivesca na Grã-Bretanha, que existe principalmente com a finalidade de realizar jantares em conjunto a intervalos convenientes para intermináveis conversas sobre o assunto de sua especialidade. O clube não deve qualquer fidelidade a editor algum nem (ainda que desejoso de obter uma honesta retribuição pelo oferecimento da presente aventura A MORTE DO ALMIRANTE ao público) está preocupado principalmente em fazer dinheiro. Não se trata de um comitê de juizes para a recomendação de seus próprios livros ou de outros autores ao público, e, na realidade, não tem outro objetivo senão o de distrair-se a si mesmo. Seus membros estão limitados àqueles que realmente escreveram obras genuínas de aventuras de detetives (não contos de aventuras nem de

sensacionalismo) e têm sua eleição assegurada através de uma votação no clube, por recomendação de dois ou mais membros.”

— Da Introdução de Dorothy L. Sayers Christianna Brand é o pseudônimo de Mary Christianna Leais, uma das maiores autoras inglesas de livros policiais.

Introdução desta edição

A Morte do Almirante CHRISTIANNNA BRAND



Srta. Dorothy L. Sayers — que Deus proteja aqueles que não se lembrarem desse “L” — estava acostumada a falar, em termos comedidos, sobre tudo que poderia ser dito a respeito de qualquer assunto.

Sobre o tema de A Morte do Almirante, por essa razão, ela cobriu, em sua Introdução, tudo o que há para ser dito, descrevendo a concepção do livro, as condições sob as quais foi escrito, as regras extremamente alarmantes que governizaram o seu progresso (sei que escrevi “governizaram” quando pretendia escrever “governaram”, mas penso que, afinal de contas, podemos deixar passar esse escorregão que Freud explica) até o seu aparecimento final e triunfante nas livrarias. Talvez, porém, seja menos triunfante, quando soubermos que o agente utilizado, tendo negociado algo mais satisfatório — tenho quase certeza de que este foi o livro envolvido — mandou as regras normais às favas. Em justa homenagem, deve ser acrescentado que os membros do grupo, sob a caridosa insistência de

Freeman Wills Croft, de honrada memória, tendo descoberto que a dama se encontrava em situação mais calamitosa do que o clube jamais poderia encontrar-se, votaram por maioria não tomar qualquer ação contra ela. Daí se conclui que a Srta. Sayers não formava entre os anjos.

Mas, como eu estava dizendo, tão pouco me é deixado para tecer comentários sobre o livro propriamente, que talvez seja melhor que eu me limite a dizer aos leitores alguma coisa sobre o Detection Club e seus membros que colaboraram no empreendimento com o propósito de fazer dinheiro suficiente para se estabelecer por conta própria.

Em 1932 não era muito boa a reputação dos que escreviam sobre crimes. Muita porcaria estava sendo produzida, livros mal escritos e de conteúdo meramente sensacionalista eram a regra de conduta geral. Entretanto, obras realmente boas foram escritas, até por autores que deixaram suas marcas em outros campos da literatura: G. K. Chesterton, A. E. W. Mason e Hugh Walpole foram nomes nacionais; Ronald Knox, padre católico, famoso nos círculos universitários, a quem mais tarde foi confiada a tarefa de passar a Bíblia para o inglês moderno; Dorothy L. Sayers, de inteligência brilhante e reconhecidamente cultivada — lembro-me de que ela me disse que durante a blitz passava todo o tempo disponível nos abrigos antiaéreos, aprendendo o italiano de Dante, para que lhe fosse possível traduzir a Divina Comédia, obra que ganhou merecidos aplausos.

Assim, não mais se sentindo satisfeitos em serem grupados sob o título genérico de escritores de suspense, a nata desses autores resolveu reunir-se, por sua própria conta, como o Detection Club — a primeira dentre tais associações no mundo, ao que suponho. A idéia básica era de que os membros do grupo deveriam preocupar-se com investigações de fato e, é claro, manter-se dentro de um

elevado padrão de qualidade e escrever em estilo literário. Era, e ainda continua a ser, uma honra ser eleito para o clube. Com o alargamento do gênero, suas portas foram naturalmente obrigadas a se abrir mais do que até então, porém de forma alguma, não abrange ainda todas as formas de obras de suspense. Alguns autores podem não estar incluídos somente por essa razão; é o conteúdo de seus trabalhos, mais do que qualquer falha em seus méritos, que os deixa de fora. A aceitação como sócio, segundo creio, pressupõe que o membro deve encontrar-se em algum lugar no topo da montanha da literatura sobre crimes.

Escritores ingleses, aí está. Nossa Associação de Escritores Policiais está aberta para todas as raças, cores e credos; o Detection Club se limita à prata da casa.

Com exceção da Srta. Gladys Mitchel, a quem devo muito de minhas informações e de quem me encontro embaraçadamente distanciada, sou o membro mais antigo do clube. Ela foi eleita em 1933, um ano após o clube ter sido fundado, e eu em 1946, na primeira reunião do pós-guerra, não havendo mais ninguém vivo até chegarmos a Michaels, Innes e Gilbert, em 1949. Assim, uma boa qualidade de detalhes se perdeu na neblina do tempo. Anthony Berkeley alegou, acredito que corretamente, ter sido ele quem teve a idéia original; no entanto, percorrendo a lista, podemos presumir que entre os primeiros membros, além de Anthony Berkeley, emprestando suas luzes, estavam G. K. Chesterton, que foi o primeiro Presidente Honorário, E. C. Bentley, o segundo, e Dorothy L. Sayers, o terceiro. Agatha Christie foi a quarta, mas em dupla com Lorde Gorrel, conhecido entre os irreverentes como Lorde Ovelha. Agatha tinha tanto horror a falar em público que Gorrel foi convidado, em uma reunião a que ela não comparecera, a desempenhar-lhe o papel. O que significou, poderíamos muito bem perguntar, essas lamúrias em nossos

ouvidos? Significou que Lorde Ovelha teria, obstinadamente, se recusado a colaborar a não ser em termos de absoluta igualdade. Lembro-me bem da reunião e ainda guardo como um tesouro a carta que recebi no dia seguinte do adorado Cyril Hare (em suas outras roupagens um juiz da Corte do Condado e um cavalheiro muito espirituoso; a primeira vez em que o encontrei, perguntei: "Por favor, senhor, os pêlos são mesmo de Lebre [Hare-Lebre] ou o senhor usa peruca?", ao que ele respondeu, sem hesitação: "Oh, uma peruca, uma peruca! Não é o meu verdadeiro nome.") "Christianna", escreveu ele após a reunião, "seu rosto, do outro lado da mesa, era como que um estudo; (por falar nisso, minha querida, será que o seu chapéu ficaria bem em uma outra dama?). Mas você teria acreditado que adultos poderiam portar-se de uma forma tão ridícula?" Fosse como fosse, Sua Excelência, o Lorde, ganhou o dia, e eles se tornaram presidentes-conjuntos, sendo a única dificuldade remanescente o imaginar-se como — sendo ambos de proporções volumosas — poderiam eles caber na veste única apropriada para o cerimonial.

Essa peça era — e é — um flamante traje vermelho usado pelo presidente Honorário na cerimônia de posse, parte da brincadeira imaginada como uma alegre e divertida traquinada por G. K. C., E. C. Bentley e outros animados membros, mas, subseqüentemente, levada mortalmente a sério pela Srta. Sayers, que, ensaio após ensaio tediosos, insistia sobre a perfeição do ato de posse. O Presidente, depois do completo jantar anual, como orador e convidados, faz moa entrada, seguido por uma procissão de portadores de tochas e precedido por Erik, o Crânio, trazido em uma almofada de veludo vermelho, os olhos iluminados ou, quando tal não acontecesse, apagando-se as luzes quando o pessoal do restaurante, acionando o interruptor de luz, faz com que tudo mergulhe na

escuridão. Digo isso com alguma amargura. Nos meus primeiros dias, eu era o mais jovem de todos os membros e sonhava, justificavelmente, assegura-me a bondosa Gladys Mitchell hoje, ser algo assim como uma encantadora garota, preparada para a ocasião. Ser-me-ia concedida mor a participação destacada? Na verdade, não. Será que eu poderia partir uma tocha, sem dizer nada? Nem mesmo isso. "A Srta. Brand pode permanecer do lado de fora", comandaria a Srta. Sayers com sua voz retumbante, "e apagar as luzes na ocasião apropriada. Os garçons nunca fazem isso direito, eles são todos uns patetas." Eu também nunca fiz isso direito. "A Srta. Brand é uma pateta", diria ela, quando tudo já estava irremediavelmente estragado. Muito bem, OK. Mas não é para isso que ponho um vestido novo, ano após ano e pinto de azul minhas pestanas.

A Srta. Sayers, ela própria, não teria pintado de azul suas pestanas, as quais, de qualquer modo, estariam encobertas por antigo pince-nez sem aro, seguro por uma corrente de ouro que dava uma volta por trás de uma de suas orelhas; nem usaria um vestido novo, confiando em seu georgette negro por baixo de uma túnica chinesa, de tempos imemoriais, pesadamente bordada de fios de ouro e de seda colorida. Lembro-me de que na própria noite de minha posse foi representada uma brincadeira, na qual um dos membros caía morto e todos nós éramos convidados a deduzir quem era o assassino. A Srta. Sayers, excelente para o palco, havia-se eleito a si mesma para o papel do assassinado e finalmente se despencou ruidosamente sobre o tapete do restaurante. Casualmente, o tapete era de um modelo azul ondulado e quase morri de rir à vista de uma imensa baleia chinesa envernizada, agitando-se nos baixios em seus estertores da morte. Mas a desgraça se abateria sobre quem quer que não levasse a sério tudo isso. Creio

que nessa ocasião, como em muitas outras, fui algo assim como um espinho no tumor presidencial.

Desgraça, também, se abateria sobre quem quer que deixasse filtrar uma única palavra que fosse a respeito de toda essa tolice para a imprensa. “Nós não desejamos apresentar a nós mesmos como um espetáculo de raridades”, era um constante pronunciamento dela — estando nessas ocasiões, como já tive oportunidade de dizer, envolta em um exuberante vermelho, precedida por um crânio iluminado conduzido em uma almofada de veludo também vermelho e seguida por uma procissão de portadores de tochas que deixavam pingar cera derretida sobre mãos trêmulas empunhando os textos. De modo algum o silêncio era completo. A formatura já fora modificada por diversas vezes, mas chego a pensar que deveríamos ter voltado ao punhado original de pensamentos idiotas produzidos por mentes brilhantes, cheios de brincadeiras alegres — das quais infelizmente, ela posteriormente retirou toda a graça. Tomando posição no tablado, à frente dos olhos surpresos dos convidados ainda sentados à mesa de jantar, o Presidente se via cercado pela companhia, muitos portando diferentes armas, que, por sua vez, se punham de joelhos, brandindo uma faca, uma arma de fogo ou um frasco de veneno, declarando “eu também sirvo...” Não me posso lembrar em que capacidade exatamente ou, na verdade, quais as palavras que se seguiam a essa curiosa declaração. Lembro-me disso — essa parte já foi de longa data abandonada — apenas porque um dos membros, de tendências decididamente tespianas, uma ocasião soltou um curioso uivo, gritando, “eu também silvo...”, depois do que ano após ano, eu esperava que isso se repetisse e, de meu vantajoso posto do lado de fora da porta, caía novamente na gargalhada.

Um juramento era então proferido e ainda o é. Nós nos púnhamos a repudiar uma série de crimes contra os escritores de romances policiais. Isto também foi alterado, mas muito de tudo ainda se aplica ao ofício. Devemos lembrar-nos de que, no início, estas coisas estavam apenas relacionadas com meras histórias de detetives, em oposição a outras formas literárias: as histórias de sensacionalismo, as de suspense, as de aventuras (John Buchan, por exemplo, não foi convidado a associar-se), todo o amplo espectro do berro hoje em dia. “Vocês juram solenemente...?”, começa o juramento e nós solenemente juramos estar de acordo com o jogar limpo com os leitores, com o não esconder indício algum vital, seja para ele seja para o nosso próprio detetive, com o não empregar venenos desconhecidos pela ciência ou qualquer “mezinha” ou “chá” — o que terá sido, aposto, uma contribuição de Chesterton; com o nos limitarmos a uma passagem secreta apenas em homenagem do, inglês da Rainha (naqueles dias deveria ter sido “do Rei”), e “Não haverá chineses”, esta última afirmativa cobrindo, suponho, magias escuras do Oriente misterioso, meios, métodos e motivos não familiares aos leitores comuns; G. K. C. acreditava que as histórias de detetives eram melhores “quando permaneciam em casa”. Há várias outras declarações explícitas no juramento, mas, tendo eu jurado tão solenemente cumpri-las todas, tenho, não obstante, que confessar que me esqueci completamente de sua maioria. Apesar de tudo, o juramento era um bom juramento. Quanto ao resto, e mantenho esse ponto de vista em face de uma oposição menos frivolamente imaginosa, era tudo meio gozação, meio infantilidade, meio pilhéria; mas o juramento, ainda que de um humor de gozação, como todo o humor de gozação tinha espírito e realidade por trás se não era absolutamente infantilidade.

Tenho que me opor a qualquer sugestão segundo a qual tudo deva ser atirado no colo de Dorothy L. Sayers. Afinal de contas, ela já morreu há 20 anos, sendo encontrada morta no pé da escada de sua casa, cercada por gatos desolados; e deve ter havido mais uns 150 membros do clube. No entanto, Dorothy se preocupava enormemente com o clube, devotava-se a seus interesses e nos dirigiu durante todo o seu tempo como presidente, com um nem sempre benevolente punho de ferro. Sua influência perdura até hoje.

O clube, originalmente, situava-se no Soho, na Rua Gerardn.^o 31, duas peças escassamente mobiliadas com móveis em desuso nas casas de seus membros, e podendo ser utilizada uma pequena cozinha e uma saleta de jogos. De modo algum, mesmo então, a mais respeitável das vizinhanças (a Srta. Mitchell declara que, enquanto caminhavam pelas ruas estreitas, cheias de lojinhas de estrangeiros — italianos, franceses, chineses — as mais formidáveis dentre os membros femininos formariam uma guarda de honra em torno dos cavalheiros, a fim de protegê-los das filhas da noite).

Quando, porém, conheci o clube pela primeira vez, as acomodações haviam sido mudadas para a Rua Kingly, que corre paralela à Rua Regent, onde dispúnhamos de uma peça (e uma saleta de jogos) em uma casa clerical — a Srta. Sayers era seguidora fervorosa da Igreja Alta e em muito bons termos com o Sudário. Lembro-me bem de que, descendo as escadas, ao sair, observei ser estranho ver-segente transitando no saguão de uma casa dedicada à formação de sacerdotes. "Pode ver-se nitidamente", falou uma voz estrondosa por trás de mim, "que a Srta. Brand criou-se na religião Católica Romana". Ela era de fato uma dama espirituosa — e aqui estamos nós, o leitor pode ver, de volta a ela novamente! — e se alguém não podia evitar

de rir-se dela, era sempre afetuosamente que o fazia; ela foi muito boa comigo. Quando todo mundo ia embora, nós nos sentávamos, uma de cada lado da lareira daquela pequena peça enfumaçada, ela com os seus gordos joelhos separados, deixando à mostra uma visão de roupa de baixo azul-escuro, e falávamos durante horas a respeito de coisas e da vida. Havia um conceito popular errôneo de que ela fosse sapatão, o que não era verdadeiro ainda que mais de uma vez eu tivesse pegado um chapéu de homem e exclamado “Um dos homens deixou o chapéu aqui!”, somente para ouvi-la dizer “Esse chapéu é meu.” Mas ela havia sido casada muito tempo antes, e nos dias de sua mocidade parece ter estado, bem à frente de seu tempo, nitidamente no lado da permissividade, mas estritamente com cavalheiros. Depois de sua morte, e somente então, foi revelada a existência de um filho seu ilegítimo.

Das pessoas que conheço sou a única que jamais o encontrou — um sujeito também muito bom. Como poderá ter-se sentido, em termos de felicidade, ao ser rejeitado por essa eminente dama, eu não sei.

Nós nos encontrávamos nas instalações do clube pelo menos uma vez por mês, posteriormente de dois em dois meses, e logo em seguida íamos jantar em um restaurante das proximidades. Durante algum tempo, jantávamos em o Escargot Bienvenu — e lá estamos nós de volta, mais uma vez à Srta. Sayers! Era o seu restaurante favorito, confidenciou-me ela, caminhando de volta pelas ruas do Soho, depois de nosso primeiro jantar lá, e ela não estava absolutamente segura de que tivesse sido acertado apresentar-nos àquele restaurante: “As pessoas são imprevisíveis”, dissera, “e começarão reclamando ou qualquer coisa assim. O pessoal de lá é meu amigo”.

Não quero estragar meus planos. Deve consolar-se, Srta. Sayers “,sugeri,” com o exemplo dado por Lorde

Buddha, que, quando todos os animais estavam famintos, transformou-se a si mesmo em um elefante e se atirou de um alto rochedo a fim de que pudessem alimentar-se de seu corpo. "Ao falar assim, voltei minha cabeça e via enorme forma cinzenta que se deslocava a meu lado, e dessa vez não houve qualquer inclinação para risadas de minha parte. Ela, no entanto, caiu na gargalhada. Sob inúmeros aspectos, DorothyL. Sayers era formidável".

A Morte do Almirante foi publicado muito antes de meu tempo, no primeiro ano de existência do clube, e todos os que contribuíram para ele estão agora mortos e enterrados. Lembro-me de alguns deles, entretanto, e conhecia ou outros como parte de minha vida de todos os dias. Chesterton era, claramente, sob todos os aspectos, uma grande figura daquela época — corpulento, hilariante e, sob sua alegria, profundamente sério e religioso; muito de longe, posso afirmar-lhes, assemelhava-se às fantasias do querido John Dickson Carr, de quem se supunha ser ele o protótipo — o próprio John me disse que jamais tinha posto os olhos em cima de G. K. C, em toda a sua vida. Margaret Cole lembro, com algum ressentimento, de ser rude e briguenta; ela claramente desaprovava mulheres jovens frivolamente vestidas, e com pintura azul nas pestanas.

Ela e o marido, G. D. H., estavam profundamente envolvidos no Movimento Operário e não lhe ocorreria, creio, que durante anos eu tivesse sido tão pobre e oprimida como qualquer outra pessoa que ela tivesse encontrado no curso de suas explosões políticas. Milward Kennedy era um escritor afável, agradável, bom e charmoso; Clemence Dane, um distinto novelista, muito diferenciado do escritor policial. Henry Wade era na verdade Sir Henry Lancelot Aubrey Fletcher, mas, mesmo assim, temo que não me lembre dele. Agatha Christie

mantinha-se, é claro, quieta, reservada, encabulada e encantadora, e acredito que gostasse muito do clube, onde se distraía mais do que em companhia de outras pessoas. Mantinha-se permanentemente reservada, tendo desenvolvido uma crosta em torno de si mesma para se proteger da publicidade e dos mexericos que se seguiram após o famoso “desaparecimento” — de fato o simples resultado de uma interrupção temporária após ter estado doente e ter passado por uma depressão perfeitamente compreensível por diferentes motivos. A reserva permanecia; mas, no clube, grande parte de seu acanhamento básico desaparecia. Ela se deliciava em falar sobre assuntos profissionais, divertia-se com facilidade, e era generosa com relação às obras de outros autores. Era também uma correspondente deliciada e deliciosa. “Obrigada”, agradeceria ela, “por uma verdadeira carta do autor”, e responderia com uma verdadeira carta do autor de sua própria lavra — várias páginas, não muito bem datilografadas, com muitas correções e cheia de acréscimos em toda a margem. Uma dama reservada, mas sem coisa alguma que a tornasse proibitiva ou fria. A melhor tia de qualquer pessoa.

Anthony Berkeley/Francis Ihes era a essa época, segundo entendo, também um conquistador considerável, bem semelhante a um cão vadio e alegre da cidade. Mas na ocasião em que o conheci, e eu o conheci muito bem, estava mal de saúde, agarrado à sua fortuna até quase um estado de avareza — aferrando-se a seus consideráveis bens só Deus sabe para que finalidade, pois, com freqüência, ele me assegurava (e não fingia sequer excluir sua presente companhia) não haver no mundo um único ser de quem não desgostasse cordialmente. E falava a sério! Lembro-me dele propondo a si mesmo uma noite, como fazia freqüentemente, ainda que sem qualquer retribuição,

que fôssemos tomar um drinque em minha casa. No caminho pedi-lhe para parar a camioneta, que ele possuía por ser mais barato do que o magnífico carro que podia permitir-se ter, para pegar uma garrafa de gim e meia dúzia de garrafas de água tônica. Revejo-o agora, acomodando as garrafas em cima da mesa de minha sala de jantar e dizendo: “Olhe aqui, Christianna, simplesmente tenho bebido oceanos de gim em sua casa. Você tem que me deixar pagar...”. Em seguida colocou na mesa o valor correspondente ao preço das seis garrafas de tônica. Mas era uma companhia excelente, inteligente, erudito e muito lido; por vezes eu chegava mesmo a pensar ser ele o mais inteligente de todos nós. Certamente seu capítulo final neste livro é uma obra-prima.

A última lembrança que tenho, ou pelo menos a mais duradoura, do clube na casa clerical, é de uma noite em que dois membros foram empossados lá, ao invés de sê-lo no jantar anual. Quando eles saíram tropeçaram no corpo de um cavalheiro idoso que jazia com a cabeça imersa em uma poça de sangue, justamente do lado de fora da porta. Mais gracinhas do Detection Club, imaginaram eles, tendo sido submetidos, momentos antes, ao crânio, às armas, aos juramentos e à vestimenta vermelha do Presidente; imaginaram, vagamente, que resposta lhes caberia dar agora. Uma verificação mas de perto, indubitavelmente completada com alegres gargalhadas revelou que havia de fato um corte de verdade na cabeça, do qual o sangue fluía livremente. O homem não estava morto, ou o sangue deixaria de correr, seria a reação imediata de qualquer escritor policial digno desse nome; a segunda reação seria não tocar em nada na cena do crime, e a terceira olhar em volta para ver se era encontrada a arma utilizada. Os dois novos membros se deram por satisfeitos em enfiar a cabeça novamente através da porta por onde tinham acabado de

sair e perguntar de uma forma que hoje nos pareceria uma brincadeira, se não havia um médico lá dentro. Finalmente convencidos, todos olharam na direção de meu marido, um cirurgião, que relutantemente se pôs de pé, intimamente amaldiçoando meus auto dramatizantes escritores conhecidos (ele já havia, por mais de uma vez, se aborrecido com John Dickson Carr, que telefonava a desoras durante a noite com vívidos relatos de suas agonias, uma seta penetrando em seus órgãos vitais, "Não exatamente as modernas setas, Doutor..." "Mesmo as suas malditas setas têm que vir de Agincourt", diria meu marido, fumegando; pela manhã, bem cedo, John seria encontrado duro como uma vara, esquecidos todos os seus tormentos, e completamente deliciado em receber uma visita inesperada. Já descrevi anteriormente uma ocasião em que, tendo aconselhado a John que simplesmente tornasse uma dose do remédio que lhe tinha sido prescrito para dormir, e lhe tendo desejado uma boa noite de sono, nós nos separamos, deixando aquele histriônico cavalheiro para telefonar e avisar ao hospital mais próximo quanto à iminência de uma dose excessiva acidental, e preparar os cabeçalhos para todos os jornais do dia seguinte.

Nesta ocasião, no entanto, o paciente se encontrava literalmente à porta e descobrimos tratar-se do querido Sr. Punshon, E. R. Punshon, que, subindo a escada de pedra para o seu escritório, tinha-se despencado de graus abaixo e ferido seriamente a cabeça. Meu marido, protestando, tratou de tudo, com a exceção do sangue que permaneceu na poça congelada no assoalho da casa clerical, uma visão não edificante para os ocupastes do prédio, quando eles se acordassem pela manhã. No entanto, a Srta. Sayers dispunha, como seria de esperar-se, do convidado certo para uma tal ocasião: uma dama baixinha e agitada, deliciada em poder cooperar. Ela foi até o saguão e ali

permaneceu durante um momento olhando a desagradável confusão. Não sendo eu mesma muito deleitada com assuntos hospitalares, fiquei para trás tanto quanto possível. Ela se decidiu. "Bem, creio que podemos dar um jeito nisso. Quem me arranja uma colher de sopa?"

A sala do clube era completamente carente de colheres de sopa. Eu me adiantei e, timidamente, lhe ofereci um garfo grande. "Um garfo? Oh, está bem..." Ela se inclinou novamente e estudou a poça de sangue. "Creio que podemos dar um jeito", tornou a dizer animadamente. "Está esplendidamente coagulado."

Voltei mais uma vez para a sala do clube e fechei a porta; o que posso dizer é que, quando a porta foi novamente aberta, não havia em lugar algum qualquer vestígio de sangue. "Eu acho", disse meu marido quando nos retiramos antes que uma outra desgraça pior acontecesse, "que nos seus juramentos vocês São contra os vampiros." "Ela era apenas uma convidada", disse eu como desculpa.

Atualmente não há mais patuscadas no Detection Club. Não dispomos de instalações privadas e nos tornamos mais um clube de jantares, que se reúne duas ou três vezes por ano em restaurantes realmente elegantes e civilizados, sendo permitido que cada um traga um convidado. Graças aos muito apreciados bons esforços de um de nossos membros, Michael Underwood, uma sala nos é reservada no agradável ambiente do Clube Garrick, famoso nos últimos 150 anos como ponto de encontro de atores e escritores, para os quais foi originalmente criado. Tendo seu nome como uma homenagem ao grande David Garrick, é claro, cujo 200º aniversário vem de ser celebrado, um de seus membros era Keane, outro Henry Irving; Dickens suponho que também tivesse sido membro, e certamente Anthony Trollope o foi mas, até agora, ninguém caiu, sangrando

abundantemente, sob constantes portais, ninguém tombou violentamente agredido em soalhos batidos pelos anos por tantos pés famosos; e quem agora sentasse-a comigo nas horas vagas, confidenciando as dificuldades de dispor das cinzas de um falecido marido: "Pobre Mac, cansativo até o fim, ele insistia em ter suas cinzas dispersadas na Escócia. Mas eu não estava pensando em ir até lá. Srta. Brand..."? Na validade, temos a compensação dos rostos das Sras. P. D. James, Jean Bowden, e todas mais, a cara sorridente de Dick Francia, muito querido de todos, as caras barbudas de Julian Symons, a atual presidente do clube, e de H. R. F. Keating — quase podemos vislumbrar o Inspetor Ghote, "abaixadinho, pequeno e humilde", com sua sombra alongada, preocupando o seu Protima, "Quando eu morri que esse camarada me estava levando ao Detection Club esta noite, ela já me estaria esperando em casa...". — Michael Gilbert, de elevada estatura; a figura mais compacta de Douglas Rutherford, nosso bondoso e capaz Secretário Honorário. Todos nós com "nossos vestidos escuros", cheios de acessórios, ou, de acordo com nosso sexo, em nossos bons ternos negros. Como já disse, ocasiões encantadoras, boa comida, bom vinho, boa palestra, as melhores noites, talvez, que alguns de nós desfrutávamos durante todo o ano. Mas, hoje, se eu dissesse: "Um dos homens esqueceu seu chapéu", o fato é que o chapéu teria sido esquecido mesmo por um dos homens.

"Autores britânicos", escreveu Howard Haycraft no seu livro Crime por Prazer, há 30 anos (e se referindo, se me desculpam, aos escritores ingleses) "dispõem de uma inestimável vantagem que é negada aos seus irmãos americanos, com a existência da altamente honorável companhia proporcionada pelo Detection Club de Londres. Relacionando entre os seus associados os nomes mais em evidência desse campo na Inglaterra, este clube tem

funcionado, através dos anos, como uma virtual academia do gênero, agindo como um oráculo e como árbitro das éticas e dos gostos dos autores e se constituindo em uma meta e uma recompensa para os recém-vindos ambiciosos...”

Mas, brincadeiras à parte, acredito que essa concepção ainda se aplica. Ela se aplica diretamente àqueles “determinados sócios” entre os fundadores, que naquela sala acanhada e mal mobiliada da Rua Gerard se sentaram para escrever este livro.

Christianna Brand
Londres, Inglaterra

INTRODUÇÃO ORIGINAL

A Morte do Almirante DOROTHY L. SAYERS



Quando membros da força de polícia oficial são convidados a expressarem uma opinião sobre os grandes detetives de ficção, normalmente respondem, com um sorriso bondoso: "Bem, claro, não é para eles o mesmo que é para nós. O autor sabe, antecipadamente, quem cometeu o crime, e tudo o que o grande detetive tem a fazer é reunir os indícios que foram deixados para ele. É uma maravilha", acrescentam "as idéias inteligentes que esses autores desenvolvem, mas não creio que elas dariam muito certo na vida real."

Provavelmente há muita verdade nessas observações que são, de qualquer modo, difíceis de refutar. Se o Sr. John Rhode, por exemplo, pudesse ser induzido a cometer um crime verdadeiro por um dos métodos engenhosamente simples que ele com tanta facilidade inventa na ficção, e se o Sr. Freeman Wills Crofts, digamos, se empenhasse em persegui-la, Bradshaw na mão, de Stranraer até Saint

Juan-les-Pins, então, na verdade, poderíamos submeter o assunto a um teste. Mas os escritores de ficção detetivesca não são, como regra, gente sedenta de sangue. Eles evitam a violência física por duas razões: primeiro, porque seus sentimentos criminosos são tão eficientemente desgastados por escrito que pouca energia lhes é deixada para pô-los em ação; segundo, porque estão tão acostumados com a idéia de que os criminosos são sempre descobertos, que têm uma completa relutância em pôr em prática suas teorias criminais. No entanto, para uma verdadeira investigação, o fato é que poucos deles dispõem do tempo necessário para fazê-lo, engajados em ganhar o pão e a manteiga de cada dia como razoáveis cidadãos, não abençoados com os amplos lazeres de um Wimsey ou de um Padre Brown.

Mas uma outra coisa boa para um verdadeiro contexto é uma trama interessante, e A Morte do Almirante é um jogo para investigação tal como foi imaginado e posto no papel por certos membros do Detection Club entre si. E, aqui, poderia ser perguntado: O que é o Detection Club?

É urna associação privada de autores de ficção detetivesca na Grã-Bretanha, que existe principalmente com a finalidade de jantares em conjunto a intervalos convenientes e intermináveis conversas sobre esse assunto. O clube não deve qualquer fidelidade a editor algum, nem, ainda que desejoso de obter uma honesta retribuição pelo oferecimento da presente aventura ao público, está preocupado principalmente em fazer dinheiro. Não se trata de um comitê de juizes para a recomendação de seus próprios livros ou de outros autores ao público, e, na realidade, não tem outro objetivo senão o de distrair-se a si mesmo. Seus membros estão limitados àqueles que realmente escreveram obras genuínas de aventuras de detetives (não contos de aventuras nem de sensacionalismo) e têm sua eleição assegurada através de

uma votação no clube, por recomendação de dois ou mais membros; sua aceitação envolve a prestação de um juramento.

Ainda que nem cavalos selvagens arrancariam de mim qualquer revelação quanto ao ritual solene do Detection Club, uma palavra quanto à natureza do juramento talvez seja permissível. Em repus-mo, é o seguinte: que o autor se comprometa a jogar com o público e com os seus companheiros de profissão. Seus detetives devem resolver os crimes pelo seu próprio cérebro, sem o auxílio de acidentes ou de coincidências, o autor não deve inventar impossíveis raios da morte ou venenos para produzir soluções que pessoa alguma viva poderia esperar, o autor deve escrever no melhor inglês possível. Deve preservar um segredo inviolável com relação às tramas e capítulos próximos de seus companheiros de clube e prestar toda a assistência que lhe seja possível a membros que necessitem de opiniões ou de esclarecimentos de ordem técnica. Se existe algum objetivo sério por trás da alegadamente frívola organização do Detection Club, é manter o nível das histórias de detetives nos mais altos padrões que sua natureza permite, liberando-as da péssima legenda de sensacionalismo, armadilhas forçadas e gíria com que infelizmente eram sobrecarregadas no passado.

Agora, uma palavra a respeito das condições sob as quais *A Morte do Almirante* foi escrito. Aqui, o problema era o de procurar uma aproximação o mais de perto possível de um problema real de investigação. Com exceção do caso do pitoresco *Prólogo do Sr. Chesterton*, escrito por último, cada colaborador desenrolou o mistério que lhe foi apresentado nos capítulos precedentes sem ter a mais ligeira idéia quanto à solução ou soluções que os autores prévios tinham em mente. Somente duas regras foram impostas. Cada colaborador devia construir sua trama com uma solução

definida à vista, isto é, ele não deveria introduzir novas complicações unicamente com o objetivo de "torná-la mais difícil". Ele deveria estar pronto, caso lhe fosse solicitado, a explicar seus próprios indícios coerente e plausivelmente; e para ter certeza de que estava jogando limpo a este respeito, cada escritor era obrigado a apresentar, junto com o manuscrito de seu próprio capítulo, uma proposta própria de solução ao mistério. Essas soluções se encontram impressas no fim do livro, para benefício do leitor curioso.

Em segundo lugar, cada colaborador deveria tratar honestamente de todas as dificuldades impostas por seus predecessores. Se a atitude de Elma, com relação ao amor e ao casamento parecia flutuar estranhamente, ou se a embarcação estivesse colocada de forma errada no abrigo de barcos, esses fatos deveriam fazer parte da solução. O colaborador não poderia desprezá-los como um capricho ou acidente, ou apresentar uma explanação incoerente em relação aos fatos. Naturalmente, à medida que os indícios, com o passar do tempo, tornam-se mais numerosos, as soluções sugeridas vão ficando mais complicadas e precisas, enquanto as linhas mestras gerais da trama gradualmente se enrijecem e se fixam. É, porém, divertido e instrutivo assinalar o número surpreendentemente grande de diferentes interpretações que podem ser imaginadas para responder pela mais simples das ações. Onde um dos colaboradores pode ter plantado um indício, pensando que isso somente poderia apontar em uma óbvia direção, os sucessivos escritores conseguiram fazer com que esses indícios apontassem exatamente na direção oposta. E é aqui, talvez, onde o jogo se aproxima mais de perto da realidade. Nós nos julgamos uns aos outros por nossas ações externas, mas nos motivos que governam essas ações nossos julgamentos podem estar completamente errados. Preocupados com nossa própria interpretação do assunto,

talvez possamos ver apenas um único motivo possível por trás da ação, de modo que nossa solução seja bastante plausível, bastante coerente, mas bastante errada. E aqui, possivelmente, nós, autores de histórias de detetives, temos conseguido êxito em nos surpreender e confundir completamente uns aos outros. Estamos por demais acostumados a deixar o grande detetive dizer aereamente: "Você não pode ver, meu caro Watson, que esses fatos admitem somente uma interpretação?" Após a experiência na montagem de A Morte do Almirante, nossos grandes detetives talvez tenham que aprender a expressar-se mais comovidamente.

Se o jogo por nós montado para nossa própria distração obterá êxito em divertir outras pessoas, também fica ao leitor julgar. O que podemos assegurar-lhe é que o jogo foi desenvolvido honestamente de acordo com as regras e com toda a energia e o entusiasmo de que dispunham os jogadores para nele se empenhar. Falando por mim mesma, posso dizer que a desanimadora surpresa em que me vi mergulhada ao receber o pequeno apanhado de quebra-cabeças das mãos do Sr. Milward Kennedy foi, aparentemente, igualada pela odiosa sensação de frustração que se apossou do Padre Ronald Knox, quando, tendo eu como supostamente imaginara, esclarecido muitas das coisas que estavam obscuras, passei o problema para ele. Que o Sr. Anthony Berkeley tenha tão prazenteiramente confundido nossas táticas e frustrado nossos truques marotos na solução final, devo atribuir em parte à sua engenhosidade natural, e em parte à enérgica interferência dos outros três solucionadores intervenientes, que descobriram tantos fatos e motivos de que nós, os seus antecessores no escuro, nada sabíamos a respeito. Mas nenhum de nós, creio eu, levantará qualquer intenção malévola contra nossos companheiros escritores, a não ser

contra as excentricidades do Rio Whyn, que, poderosamente guiado pelos Srs. Henry Wade e John Rhode, luminosidade gêmeas de suas águas em maré alta, manteve tão pacificamente entre suas margens floridas o corpo do Almirante, Flutuante.

PRÓLOGO

"Três Sonhos de Ópio" G. K. CHESTERTON



Três espiadas através da espiralante fumaça do ópio, três histórias que ainda pairam sobre uma sórdida loja de ópio em Hong Kong, podem muito bem, a essa distância no tempo, ser deixadas à conta de sonhos de ópio. Ainda assim, elas são verdadeiras; foram fases na grande infelicidade da vida de um homem, ainda que muitos dos que tornaram parte nesse drama as tenham esquecido na manhã seguinte. Uma grande lanterna de papel, grosseiramente desenhada com a figura de um brilhante dragão vermelho, pendia sobre a negra e quase subterrânea entrada da espelunca; a Lua estava alta e a ruela quase deserta.

Todos nós falamos sobre os mistérios da Ásia, mas há um aspecto sobre o qual todos nós nos enganamos. A Ásia vem sendo enrijecida pela idade; ela é velha, e assim seus ossos se endureceram; e, de certo modo, há menos deturpação e mistificação sobre ela do que sobre os problemas mais correntes e variados do Ocidente. Os traficantes de drogas, os viciados no ópio e as meretrizes que deram má fama àquela parte do mundo foram

estudados e reconhecidos em suas funções, em algo assim como uma hierarquia social, por vezes sua depravação era oficial e quase religiosa, como se dava com as dançarinas dos templos. Mas o oficial de Marinha que, naquele instante, cruzou pela porta e teve ocasião de lá fazer uma pausa, era, na realidade, muito mais do que um mistério; pois ele era misterioso até para si mesmo. Em seu caráter se juntavam as coisas mais contraditórias e complexas, sob ambos os aspectos, como nacional de seu país e como indivíduo; códigos e compromissos sobre códigos e uma consciência estranhamente instável e ilógica; instintos emocionais que se horrorizavam ante sentimentos e sensações religiosas que haviam sobrevivido à religião; um patriotismo que se orgulhava de ser unicamente prático e profissional; tudo isso de mistura com as tradições de um passado de grande pagão e de grande cristão; o mistério do Ocidente. Tudo se tornava ainda mais e mais misterioso porque ele mesmo nunca pensara sobre isso.

Na verdade, há apenas uma parte dessas coisas sobre a qual é necessário pensar-se para a finalidade desta narrativa. Como todos os homens de seu tipo, ele nutria um ódio perfeitamente sincero contra a opressão individual; o que pode não o ter impedido de tomar parte em opressão impessoal ou coletiva, se a responsabilidade fosse atribuída a toda a sua civilização, seu país ou sua classe. O oficial era o comandante de um navio de guerra, naquele momento ancorado na Baía de Hong Kong. Ele teria bombardeado Hong Kong, reduzindo-a a destroços, e matado metade da população, ainda que tivesse tomado parte na vergonhosa guerra através da qual a Grã-Bretanha forçou o ópio sobre a China. Mas, quando aconteceu que tivesse visto uma moça chinesa ser arrastada pela rua por um rufião seboso e pálido, e atirada quase de cabeça para baixo no antro de ópio, algo espontaneamente saltou dentro dele; uma "era"

que nunca realmente pertence ao passado, e certos romances que nunca foram realmente cortados pelo Barbeiro; algo que ainda merece o glorioso insulto de ser chamado de quixotesco. Com dois ou três golpes arrasadores ele atirou o chinês longe no outro lado da rua, onde foi cair em uma distante sarjeta. A moça, porém, já tinha sido atirada escadas abaixo pela entrada escura, e ele se precipitou atrás dela, com a impetuosidade puramente instintiva de um touro em sua arremetida. Naquele momento pouco havia em sua cabeça, exceto raiva e uma muito vaga intenção de libertar a prisioneira de uma tão indesejável espelunca. No entanto, mesmo com um ânimo tão simples, uma onda de alerta inconsciente pareceu perpassá-lo; o dragão de vermelho cor de sangue da lanterna de papel parecia olhar malevolente para ele; e sentiu uma sensação de cegueira que bem poderia ter-se apossado de São Jorge se, ao arremeter com sua lança vitoriosa, se visse a si mesmo sendo engolido pelo dragão.

Entretanto, a primeira cena com que se deparou, por uma abertura entre as nuvens daquele ilusório vapor, não era cena alguma de julgamento ou punição, como algum sensacionalista poderia legitimamente esperar. Não será necessário gratificar o refinado gosto moderno com cenas de tortura; nem evitar a vulgaridade de um final feliz, matando o personagem principal no primeiro capítulo. Entretanto, a cena revelada era talvez, em seus efeitos finais, quase mais trágica do que uma cena de morte. O que havia de mas trágico é que era bastante cômica. A claridade das espalhafatosas lanternas da espelunca nada mais revelava do que um amontoado de cules drogados, com os rostos como pedras amarelas, os marujos de um navio que aportara em Hong Kong naquela manhã, sob a Bandeira americana; e, finalmente, um oficial da Marinha inglesa de estatura elevada, usando o uniforme de comandante de um

navio britânico, comportando-se de uma forma esquisita e, aparentemente, sob influências bastante peculiares. Alguns acreditavam que ele estivesse executando uma dança comum entre os marujos, misturada a movimentos que se destinavam apenas a preservar-lhe o equilíbrio.

A tripulação que assistia à cena era americana, isto equivale a dizer que alguns deles eram suecos, poloneses e eslavos de nacionalidade indefinida, além de um grande número de indianos escuros dos confins da Terra. Mas todos eles estavam vendo algo que desejavam muito ver e nunca tinham visto. Eles viam um cavalheiro inglês perder a severidade. O inglês se desmanchou com exuberante lentidão, de repente se desmanchou mais ainda, escorregou e caiu no chão estrepitosamente. Parece ter dito alguma coisa.

— Uísque danado de ruim, mas danado de bom. O que quero dizer é — explicou ele com elaborada lógica — uísque danado de ruim mas esse uísque danado de ruim é uma coisa danada de boa.

— Ele tomou mais do que uísque — comentou um sueco em americano sueco.

— Acho que ele tomou tudo o que tem para ser tomado — observou um polonês de requintado sotaque.

Em seguida, um judeuzinho moreno, que nascera em Budapeste mas fora criado em Whitechapel, pôs-se a cantar em tons esganiçados uma canção que ouvira por ali: “Toda garota bonita ama um marinheiro.” Em sua canção se notava o escárnio que um dia seria visto no rosto de Trotsky e mudaria o mundo.

A madrugada nos permite um terceiro relance da Baía de Hong Kong onde o navio de guerra de Bandeira americana se encontrava ancorado juntamente com outro da Bandeira inglesa; neste último havia agitação e surpresa. O Primeiro e o Segundo Oficiais se entreolhavam

em crescente alerta e alarme, e um deles consultou o relógio.

— Tem alguma coisa a sugerir, Sr. Lutterell? — perguntou um deles, com a voz firme, mas com o olhar vago.

— Creio que devemos mandar alguém à terra para verificar — respondeu o Sr. Lutterell.

A essa altura apareceu um terceiro oficial, empurrando um corpulento e relutante marinheiro, que parecia ter alguma informação a prestar, mas que aparentemente tinha dificuldade em prestá-la.

— Bem, sabe, senhor, ele foi encontrado — disse o homem, finalmente. — O Comandante foi encontrado.

Algo, no tom de voz, levou o Primeiro Oficial a um súbito horror.

— O que você está querendo dizer como “foi encontrado”? — gritou ele. — Você fala como se ele tivesse morrido!

— Bem, não creio que esteja morto — disse o marinheiro com irritante lentidão. — Mas parecia estar morto.

— Eu temo, senhor — disse o Segundo Oficial em voz baixa — que o estejam trazendo para cá. Espero que andem rápido e se mantenham tão calados quanto possível.

Sob essas circunstâncias, o Primeiro Oficial levantou os olhos e se deparou com seu respeitado Comandante regressando para seu adorado navio. Estava sendo carregado como um saco por dois cules de aparência imunda, e os oficiais rapidamente o ampararam e o levaram para seu camarote. Em seguida, o Sr. Lutterell voltou-se também rapidamente e mandou chamar o médico.

— Detenham esses homens por um momento — disse ele, apontando para os cules. — Temos que saber algo a respeito. E então, Doutor, o que é que há com ele?

O médico era um cabeça-dura, com cara de machado, não tendo a aparência de um sujeito amistoso; mas nessa ocasião ele estava realmente muito amistoso.

— Posso ver e sentir o cheiro por mim mesmo — declarou — antes de começar o exame. Ele fumou ópio e tomou uísque e sabe Deus o que mais. Eu diria que está como um saco cheio de venenos.

— Algum ferimento? — quis saber o preocupado Lutterell.

— Eu diria que ele se atingiu a si mesmo — disse o amistoso médico. — Mais provavelmente se pôs fora de combate para a Marinha.

— Você não tem o direito de dizer isso — protestou o Primeiro Oficial. — Esse assunto é com as autoridades.

— Sim — concordou o outro, obstinadamente. — Autoridades de uma corte marcial, eu diria. Não, não há ferimentos.

Assim, as três primeiras fases da história chegam a sua conclusão. Devemos admitir, lamentavelmente, que até aqui não há qualquer moral para a história.

Capítulo I

Cadáver a Bordo! CÔNEGO VICTOR L. WHITECHURCH



Todo mundo em Lincham conhecia o velho Neddy Ware, ainda que não fosse um nativo da vila, residindo lá apenas nos últimos 10 anos; isto, aos olhos dos moradores mais antigos que haviam vivido todas suas vidas naquele calmo lugarejo, fazia com que ele fosse ainda um "estrangeiro".

Não que realmente soubessem muito a seu respeito, pois o velho era naturalmente reservado e tinha poucos amigos. Tudo o que sabiam era ser ele um suboficial reformado da Marinha Real, vivendo de sua pensão, completamente devotado à arte waltoniana, que passava a maior parte de seu tempo pescando no Rio Whyn, e que, conquanto normalmente com disposição pacífica, soltava um vocabulário horrível, palavrões e imprecções, se alguém o aborrecia, interferindo em suas pescarias.

Se você, como aficionado da pesca, tomasse posição em um ponto da margem do Rio Whyn que Neddy Ware considerasse muito próximo ao seu, ele faria com que você soubesse disso com alarmante ênfase; se garotos — pelos quais nutria especial aversão — o aborreciam de algum

modo, falando em suas proximidades, sua linguagem se tornava completamente imprópria para ouvidos juvenis. Certa ocasião, o jovem Harry Ayres, campeão do vilarejo no que diz respeito a murros, teve a temeridade de atirar uma pedra no barco do homem; Harry teve que fugir para sua casa logo em seguida, o rosto branco, completamente aterrorizado com a torrente de impropérios proferida por Neddy Ware.

Este morava sozinho em uma casinha isolada nas orlas do vilarejo. A Sra. Lambert, uma viúva, passava na casinha algumas horas pela manhã para fazer a arrumação e preparar o almoço, quando ao resto, Neddy Ware se ajeitava muito bem.

Ele saía de sua casa, uma manhã do mês de agosto, quando o relógio da igreja, a cerca de um quilômetro de distância, estava batendo quatro horas. Para os que conhecessem seus hábitos, não havia nada de anormal em que se levantasse tão cedo. O pescador sabe o valor que têm essas primeiras horas matinais; além disso, o pequeno Rio Whyn, cenário de sua ocupação favorita, sentia a influência da maré até uns oito ou 10 quilômetros de distância do mar. Por esses oito ou 10 quilômetros o rio serpenteava, primeiro através de um vale baixo, flanqueado por descidas abertas de um lado e por elevações cobertas de mato do outro, para em seguida continuar, nos últimos seis quilômetros, através de uma região baixa e plana, até finalmente desembocar no Canal, em Whynmouth. Todo mundo sabe que Whynmouth é a estação de veraneio preferida da Costa Sul, e que dispõe de uma pequena baía na boca de sua fóz.

Duas vezes por dia a maré sobe pelo Whyn, em maior ou menor velocidade, dependendo da estação ser de "águas vivas" ou de "águas mortas". Esse fato tinha uma importante conotação com a época favorável para a pesca à

linha. Naquela particular manhã, Neddy Ware tinha planejado permanecer um pouco à margem do rio, depois que a maré em alta começasse a subir a correnteza.

Acompanhemo-lo, então, ao sair de sua casa, a meio caminho das encostas cobertas de mato de “Lingham Hangar”, atravessar a estrada principal e descer até o nível do rio. Neddy já era entrado em anos, mas levava bem esses anos nos costados, de um modo tal que havia apenas uma mecha grisalha em seus cabelos negros como carvão. Um homem de aparência robusta, bem barbeado, mas com o hábito curioso e antiquado de permitir que os cabelos ficassem longos de ambos os lados da cabeça, bem em frente de suas orelhas; moreno, rosto castigado pelo tempo, a face enrugada, boca bem-humorada e agudos olhos cinzentos. Estava vestido com um velho uniforme de Marinha, de sarja azul, e usava, como invariavelmente o fazia, um chapéu-coco preto. Conduzia caniços, redes e uma cesta espaçosa, contendo todo o tipo de equipamento de sua atividade.

Chegou à margem gramada do rio, colocou suas coisas no chão e, muito lentamente, encheu de fumo seu escuro cachimbo de barro, um fumo de rolo — que, primeiro, esfregou em suas mãos — e se pôs à acendê-lo, correndo os olhos para cima e para baixo no rio enquanto o fazia.

Onde ele estava, o rio fazia uma curva, em cujo lado externo se encontrava, na margem direita. Longe, para a esquerda, a corrente se voltava sobre si mesma entre as elevações, de um lado, e campos abertos, de outro. Para a direita, fazendo a curva para o lado oposto, estavam as terras baixas, as margens do rio orladas de mato alto. Era dessa direção que a maré vinha subindo, redemoinhando na curva.

Sua primeira tarefa seria percorrer as três ou quatro linhas com iscas que havia lançado na noite anterior, cujas extremidades prendera às raízes retorcidas de uma arvorezinha que crescia na margem. Duas das linhas ao serem recolhidas trouxeram para terra um par de peixes de bom tamanho e, destramente, Neddy retirou dos anzóis os peixes que se retorciam e escorregavam, limpando-os em seguida do limo. Depois, lentamente, começou a preparar seus caniços, arrumar seus petrechos, colocar iscas de minhocas e atirá-las para dentro d'água. Durante algum tempo, ficou observando a bóia balançar-se para lá e para cá ao sabor das águas em subida, aqui e ali sendo puxada até desaparecer sob a superfície, uma vez fisgado um peixe.

Olhou em volta. De repente sua bóia perdeu o interesse. Ele estava olhando corrente abaixo, tão longe quanto podia ao longoda curva. Vagarosamente, um pequeno bote a remos vinha subindo o rio. Mas havia algo de peculiar nesse bote. Não eram vistosos remadores. O bote parecia estar à deriva.

O velho marujo foi rápido em reconhecer a pequena embarcação.

— Ah — resmungou ele — é o barco do Vigário.

O Vicariato de Lingham situava-se, com sua adjacente igreja, bastante separado da vila propriamente, a uns 800 metros rio abaixo. O terreno se inclina na direção do rio, onde existe uma espécie de patamar. O Vigário, ele sabia, mantinha seu barco nesse patamar, amarrado por um cabo a uma estaca conveniente. Havia um pequeno regato que corria pelas terras, com um abrigo para embarcações, mas, nos meses de verão, especialmente quando os dois filhos do Vigário se encontravam de férias, o barco era geralmente conservado no próprio rio.

Quando o bote se aproximou mais, Neddy Ware baixou seu caniço. Podia perceber agora que havia alguém

dentro do bote — alguém que não estava sentado e, sim, aparentemente, deitado no fundo, à popa.

O bote, agora, se encontrava apenas a uns 50 metros de distância. O movimento da maré o estava levando para o lado externo da curva do rio, mas Neddy Ware, que conhecia todas as correntezas, percebeu que ele passaria fora de seu alcance. Rapidamente, como bom marinheiro, não perdeu tempo. Metendo a mão dentro da cesta, retirou dela uma das linhas enroladas com um peso de chumbo na ponta. E lá permaneceu pronto, desenrolando a linha e colocando-a no chão já desembaraçada.

Lá vinha o bote, a cerca de uns 15 metros da margem. Habilmente, Neddy lançou o peso de chumbo dentro dele e começou a andar pela margem, para montante, delicadamente puxando a linha até que, por fim, puxou o bote para perto da margem e pegou o cabo à sua proa. A extremidade do cabo se arrastava na água. Enquanto puxava, examinava o cabo. Tinha sido cortado.

Amarrou o bote firmemente a uma raiz. O bote fez uma volta, ficando com a popa voltada na direção da maré, ao longo da margem. Ware, então, entrou nele. No momento seguinte, estava de joelhos, inclinado sobre o homem que jazia na popa.

O homem achava-se deitado de costas, os joelhos ligeiramente levantados, os braços ao lado do corpo, completamente imóvel. Um homem de seus 60 anos, de cabelos prateados, bigode e barba pontuda e bem aparada, olhos escuros abertos e fixos. Estava vestido em traje de noite e com um sobretudo marram, este último aberto na frente, deixando exposta a camisa branca, manchada de sangue.

Sentado em um dos bancos do bote, Ware fez um rápido exame da embarcação.

Nela havia um par de remos, as forretas de metal desmontadas. Aparentemente o homem morto estava sem chapéu... não...

havia um chapéu na embarcação, jogado na proa; um chapéu redondo, preto, clerical, tal como o Vigário, Sr. Mount, normalmente usava.

Neddy Ware, tendo completada sua primeira inspeção, saiu do bote e olhou seu relógio. Dez para as cinco. Então, deixando o bote amarrado na margem, afastou-se tão rapidamente quanto lhe era possível, ganhou a estrada principal que passava a algumas centenas de metros do rio, e tomou a direção da vila.

O Agente de Polícia, Hempstead, exatamente tendo acabado de se meter na cama depois de ter passado de serviço a noite inteira, olhou pela janela em resposta às batidas de Ware à porta.

— O quê é, Sr. Ware? — indagou ele.

— Algo muito desagradável, creio.

Hempstead, agora completamente desperto, enfiou-se novamente em suas roupas, desceu e abriu a porta. Ware narrou-lhe o que tinha acontecido.

— Tenho que chamar o Inspetor de Whynmouth e um médico — disse o Agente de Polícia. — Vou telefonar para a delegacia de lá.

Em três minutos estava de volta novamente.

— Muito bem — disse o policial — eles virão imediatamente para cá, de automóvel. Agora, o senhor venha comigo e me mostre o tal bote e o que se encontra dentro dele. O senhor não mexeu em coisa alguma, tocou no corpo ou qualquer outra coisa? Espero?

— Eu não seria tão tolo — replicou Ware.

— Ótimo. O senhor não viu mais ninguém?

— Ninguém.

O policial continuou a fazer perguntas, de tempos em tempos, à medida que lhe ocorriam. Era um homem inteligente, esse policial ainda jovem, ansioso por ser promovido e desejoso de tirar o máximo partido da oportunidade. Tão logo chegaram à margem do rio, deu uma olhada na embarcação e naquilo que ela continha.

— Puxa! — exclamou ele. — Sabe quem é o morto, Sr. Ware?

— Jamais o vi antes. Quem é ele?

— Ora, é o Almirante Penistone. Morava em Rundel Croft, aquela casa enorme do outro lado do rio, do lado oposto ao Vicariato. De qualquer forma, só morava lá há um mês. Somente no último mês de junho havia adquirido a propriedade. Um recém-chegado.

— Oh! O Almirante Penistone, não é? — disse Neddy Ware.

— Esse é o homem, não há dúvida. Mas, escute uma coisa.

Tem certeza de que este é o bote do Vicariato?

— Absoluta.

— Estranho, não? Isto parece significar que alguma coisa aconteceu deste lado do rio, pois não existe ponte alguma até Fernton, cinco quilômetros lá para baixo. Ahn, é o chapéu do Vigário, não? Vamos ver uma coisa. A que horas o senhor viu o bote que se aproximava?

— Eu diria que pouco depois das quatro e meia.

Hempstead tinha em mão sua caderneta de anotações, na qual tomara algumas notas. Em seguida, dirigiu-se a Ware.

— Olhe, Sr. Ware, eu gostaria que o senhor fosse até a estrada e fizesse parar o Inspetor Rudge, quando ele passasse com seu carro.

— Muito bem — disse Ware. — Não há mais nada que eu possa fazer?

Por enquanto não, de modo algum.

Hempstead era um homem astuto. Esperou até que Neddy Ware se tivesse afastado para empreender um pouco de investigação por conta própria. Ele sabia muito bem que seu superior hierárquico tornaria o caso em suas mãos completamente, mas estava ansioso para ver o que pudesse, sem perturbar nada, até que tal acontecesse.

Quando entrou no bote, Hempstead notou um jornal dobrado, saindo pelo meio do bolso do sobretudo do morto. Pegou o jornal com todo o cuidado, deu uma olhada e tornou a recolocá-la no mesmo lugar.

— Oh — murmurou — a Evening Gazette, última edição de ontem à noite em Londres. Não teria sido lá que ele o comprou.

O lugar mais próximo onde é vendido é Whynmouth.

Hempstead teria gostado muito de examinar o que continham todos os bolsos da roupa do homem morto, mas achou que era preferível não o fazer. Assim, saiu de dentro do bote, sentou-se à margem do rio e esperou.

Depois de algum tempo, escutou o ruído de um carro que se aproximava, na estrada principal, e uns dois minutos mais tarde quatro homens se encaminhavam até ele através do campo; Neddy Ware, um inspetor de polícia em uniforme e dois homens em trajes civis, um deles um médico e o outro um sargento-detetive.

O Inspetor Rudge era um homem alto e magro, de faces encovadas e bem barbeadas. Dirigiu-se a Hempstead.

— Mexeu em alguma coisa? — perguntou, laconicamente.

— Não, senhor.

Rudge se voltou para o médico.

— Não vou fazer nada, Dr. Grice, até que o senhor tenha terminado seu exame.

O Dr. Grice entrou no bote e passou a examinar o corpo. Poucos momentos depois, informou o que constatara.

— Atingido no coração, Inspetor, com um instrumento de lâmina estreita, uma faca fina ou um punhal. A morte deve ter sido instantânea. É claro que será feita uma autópsia.

— Há quanto tempo está morto?

— Há algumas horas. Provavelmente morreu antes da meia-noite.

— Nada mais?

— Por enquanto é tudo, Inspetor.

O policial virou o cadáver, afastando-o ligeiramente.

— Não há sinal de sangue sob o corpo — informou — nem em qualquer outro lugar do bote, ao que eu possa ver. Vamos dar uma olhada nos bolsos... Ah, não foi roubo. Relógio e correntede. ouro... uma carteira cheia de notas... não era atrás disso que andavam. Jornal vespertino aqui... da noite passada. Isto deve ser anotado. Bem... temos que agir o mais rapidamente possível. Diga-me, Hempstead, o que você sabe a respeito desse homem?

— É o Almirante Penistone, senhor. Reformado. Recém chegado aqui nas vizinhanças. Há uns meses comprou Rundel Croft uma casa enorme do outro lado do rio. Estava morando lá ultimamente. Creio que tem uma sobrinha que morava com ele. Mas não é no meu distrito, senhor.

— Está bem. — O Inspetor se voltou para Ware. — O senhor disse que o bote pertence ao Vigário daqui?

— Sim — Quanto tempo levaria para que a maré o trouxesse da casa até aqui?

Uns quarenta a quarenta e cinco minutos — respondeu Ware, prontamente — com a maré como está hoje.

— Está bem. A questão agora é saber como vamos retirá-lo daí. Poderíamos conduzir o barco contra a maré. Mas não vamos fazê-lo. Esses remos devem ser testados para verificarmos se contêm impressões digitais antes de que possam ser manejados. Vamos ver... o Vicariato tem telefone, Hempstead?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Vou para lá agora. Quero ver o Vigário. Nós telefonaremos para Whynmouth e pediremos uma ambulância. Temos que levá-lo para Rundel Croft, passando pela Ponte de Fernton.

Você fica aqui, Hempstead, e se aparecer alguém não deixe mexerem em nada. Quero que venha comigo, Sargento. Teremos que fazê-lo cruzar o rio no Vicariato, se houver um barco por lá, quero que você monte guarda sobre o bote do Almirante e sobre o abrigo de barcos. Talvez não se incomodasse de vir também, Sr. Ware? O senhor poderá ser útil. Vamos! Temos que nos movimentar. Venha também, Doutor.

Pouco depois o Inspetor já se encontrava na direção do carro, conduzindo-o no pequeno percurso de estrada que levava da via principal ao Vicariato. A frente do Vicariato dava para o rio, um gramado se estendendo até sua margem. Do lado oposto, a uns 100 metros da margem, elevava-se uma mansão enorme, de tijolos vermelhos, estilo Tudor, com um amplo gramado em frente e um abrigo para embarcações.

O Inspetor, tendo nas mãos o chapéu do Vigário, saltou do carro e tocou a campainha; os outros o seguiram. Passaram-se alguns minutos antes que a empregada, que evidentemente acabara de chegar, abrisse a porta e os informasse de que seu patrão ainda não estava de pé.

— Quer ter a bondade de avisá-la de que o Inspetor Rudge deseja vê-lo imediatamente? Diga-lhe que lamento

ter que importuná-la, mas é assunto da máxima importância.

— Eu lhe direi, senhor. Não querem entrar?

Não, obrigado. Esperaremos aqui.

— Olá, o senhor disse que era da Polícia?

O Inspetor se voltou. Dois rapazinhos se aproximaram pelo gramado, um deles com uns 16 anos e o outro com uns 14, vestidos com calças de flanela, camisas abertas no pescoço, e conduzindo toalhas de banho. Estavam ambos olhando para ele ansiosamente.

— Sim — respondeu o Inspetor. — Sou.

— Ótimo! — exclamou o mais velho. — Exatamente do que precisamos, não, Alec? Olhe aqui, algum sujeito roubou nosso barco; cortou a amarra. Talvez tenham ouvido alguma coisa a respeito.

É por isso que vieram aqui?

O Inspetor sorriu, melancolicamente.

— Sim... é por isso que vimos aqui, rapazes — replicou, secamente. — Mas vocês não precisam preocupar-se com o barco.

Ele foi encontrado, — Viva! — exclamou o outro rapaz. — Pegaram o sujeito que roubou?

— Ainda não — respondeu Rudge, sem novamente sorrir. — Isto talvez não vá ser fácil. Vocês têm algum outro barco leve?

— Somente nossa velha chalana. Ela está lá no abrigo.

— Bem, vocês, meus jovens cavalheiros, acham que conseguiriam transportar nela o meu sargento-detetive que aqui está? Ele deseja fazer uma visita a Rundel Croft.

— Claro! — Peter Mount olhou com admiração infantil para o sargento. — Vai haver uma caçada humana? Viva! Nós vamos ajudá-lo. Mas não estão suspeitando de que o velho Almirante Penistone foi quem roubou nosso bote,

estão? Ele ontem à noite voltou para a casa no seu próprio barco. Ele jantou aqui, sabem?

— Oh, ele jantou aqui! — repetiu o Inspetor. — Não, nós não suspeitamos dele. Bem, poderiam fazer agora o que pedi?

— Vamos — disse Alex ao Sargento Appleton. E os rapazes se afastaram com o policial, na direção do abrigo de embarcações.

— Bom-dia, Inspetor. Bom-dia, Dr. Grice. Ah, você também, Ware. O que significa essa delegação matinal?

O Vigário havia saído de casa; era um homem de seus 50 anos, de estatura média, vigoroso, de feições bem regulares e o cabelo levemente grisalho. A pergunta que fez foi dirigida ao Inspetor que respondeu.

— Vou explicar diretamente, Sr. Mount. Este chapéu é seu? O Vigário pegou o chapéu e olhou para ele.

— Sim. Sem dúvida.

— Então, será que o senhor se incomodaria de me dizer quando o viu pela última vez?

— Isto é muito simples. Para ser absolutamente preciso, dez e vinte ontem à noite.

— Onde?

— O senhor está muito misterioso, Inspetor. Mas vou dizer-lhe. Meu vizinho, que mora do lado oposto do rio, jantou com nós à noite passada, juntamente com sua sobrinha. Saíram por voltadas dez horas. Fui acompanhá-los até à borda do rio para vê-los partir e pus meu chapéu. Depois que o Almirante atravessou o rio em seu barco, com sua sobrinha, sentei-me naquele pequeno pavilhão e fumei uma cachimbada. Tirei o chapéu e o coloquei no banco a meu lado. Depois, despreocupadamente, esqueci-me de pô-lo novamente, quando voltei para casa. Foi quando acertei meu relógio pelo relógio de parede... dez e vinte. Mas o

senhor poderia dizer-me por que me fez essas perguntas e por que vieram até aqui?

— Eu o farei, senhor. Esse chapéu foi encontrado dentro de seu bote, hoje cedo. Seu bote estava à deriva, levado pela maré rio acima. Nele, encontrava-se o corpo de seu vizinho aí do outro lado, o Almirante Penistone... assassinado, Sr. Mount.

Capítulo II

Dando Notícias G. D. H. e M. COLE



— **A**ssassinado! Bom Deus! — exclamou o Vigário. Era fato conhecido, refletiu o Inspetor, que o Vigário de Lingham tinha um respeito ridiculamente exagerado pelo Terceiro Mandamento. Ele recuara um passo com o choque da notícia, e seu rosto estava perdendo a cor. — Mas, assassinado... Como... o que está querendo dizer, Inspetor?

— Que o Almirante Penistone foi apunhalado no coração ontem à noite, um pouco antes da meia-noite — respondeu o Inspetor — e que seu corpo foi posto no seu bote, Sr. Mount.

— Mas o quê... por quê...? Como pode isso ter acontecido?

— E seu chapéu — prosseguiu o Inspetor, implacavelmente — estava dentro do bote, ao lado do corpo. Assim, o senhor deve concordar que a primeira coisa a fazer era vir até aqui para algumas perguntas.

O Vigário girou sobre os calcanhares, repentinamente.

— Venha até meu escritório — disse ele. — Lá poderemos conversar melhor. Creio que o senhor não deseja que meus filhos estejam presentes por enquanto, não é? — O Inspetor acenou com a cabeça e o acompanhou até uma peça calma, marrom-clara, com amplas janelas de guilhotina, o próprio modelo de como um escritório clerical, de uso de um clérigo não muito metódico, deve ser.

Enquanto fazia o Inspetor entrar no escritório, o Vigário tropeçou em alguma coisa e, com um pequeno gemido, se apoiou na mesa para não cair. — Desculpe-me — murmurou o Vigário, enquanto indicava uma cadeira para o Inspetor e se afundava em outra. — Isto é um choque muito grande. Agora, poderia dizer-me em que posso ajudá-lo?

Rudge o estudou durante um momento antes de responder. Indubitavelmente, o Vigário recebera um choque muito grande. Ele ficara pálido; suas mãos estavam inquietas e sua respiração ofegante. Se a causa era meramente o repentino impacto de uma morte violenta em uma abrigada vida clerical, ou se tinha alguma razão mais grave, o Inspetor não sabia o suficiente para concluir. De qualquer modo, não fazia sentido provocar maior alarme nesse momento. Assim, quando começou a falar, o Inspetor o fez em tom delicadamente tranquilizador.

O que desejo saber desde logo, Sr. Mount, é exatamente o que aconteceu ontem à noite, naquilo que o senhor sabe. O Almirante Penistone, como o senhor disse, veio jantar com sua sobrinha aqui... por falar nisso, como é o nome da moça?

— Fitzgerald... Srta. Elma Fitzgerald. É filha da irmã do Almirante, ao que sei.

— Que idade deve ter?

— Oh... eu diria que uns trinta e um, trinta e dois anos.

— Obrigado. Eles chegaram... a que horas?

— Um pouco antes das sete e meia. Em seu barco.

— E saíram?

— Pouco depois das dez. Não posso dizer com precisão, lamento. Eles já estavam saindo quando o relógio da igreja bateu, e o Almirante Penistone disse: "Vamos depressa que quero estar devolta antes da meia-noite" ou qualquer coisa assim. Logo em seguida, foram embora..

O senhor os viu afastarem-se?

— Sim, fui com eles até o cais, e Peter... meu filho mais velho... ajudou-os a impulsionar o barco. Por vezes, é um pouco desajeitada a partida, quando a correnteza está muito forte.

— O senhor os viu de fato chegarem à outra margem?

— Sim. Não estava escuro. Vi quando levaram o barco até o abrigo e, pouco depois, quando saíram de lá e subiram para a casa.

. — Pensei que aquelas árvores por trás do abrigo dos barcos pudessem ter feito com que eles ficassem fora de sua vista — observou o Inspetor, que fazia um bom uso dos olhos. — Ou o senhor está querendo dizer que eles atravessaram o gramado?

O Vigário olhou o Inspetor com respeito.

— Não, eles foram pelas árvores — disse o Vigário. — Mas a Srta. Fitzgerald estava de vestido branco, e este se destacava entre as árvores.

— Mas o Almirante Penistone não estava de roupa branca?

— Não... eu creio — disse o Vigário depois de refletir um pouco — agora que o senhor mencionou esse fato, eu não poderia afirmar que vi o Almirante saindo do abrigo de barcos... mas, como vi sua sobrinha concluí, naturalmente, que ele estava com ela.

— Muito naturalmente — concordou Rudge, suspirando. — E o senhor esteve aqui fumando até...?

— Dez e vinte.

— E depois?

— Fechei a casa e fui para a cama.

— E não ouviu mais nada de seu vizinho?

— Nada — disse o Vigário. — Nada, absolutamente — repetiu, em voz mais alta.

— E os seus filhos? Os seus empregados? Teriam eles ouvido alguma coisa?

— Creio que não. Todos já tinham ido para a cama quando voltei.

— Obrigado. Agora, Sr. Mount, diga-me uma coisa. O Almirante Penistone parecia estar em seu usual estado de espírito ontem à noite?

A pergunta pareceu ter apanhado o Vigário de surpresa.

— Eu... não creio que possa realmente responder a essa pergunta — disse ele. — O senhor sabe, não faz muito tempo que conheci o Almirante. Foi apenas recentemente que ele veio morar por aqui... Na verdade eu pouco o conhecia.

— Mas, ainda assim — insistiu Rudge — o senhor poderia ter notado se ele parecia deprimido ou preocupado de alguma forma. Notou algo? — O Inspetor, vendo que o Vigário hesitava, forçou um pouco mais. — Se o senhor notou alguma coisa, Sr. Mount, acho, realmente, que deveria dizer-me. É da maior importância que saibamos o que puder sobre qual o estado de espírito desse infeliz cavalheiro nessa ocasião... e lhe garanto que serei discreto.

— Bem — tornou o Vigário, um pouco nervoso. — Bem... provavelmente não é nada de mais. Mas eu diria... sim... que o Almirante estava talvez um pouco preocupado. Não se mostrava tão... tão amistoso como de costume. E

normalmente era um homem muito agradável... não era absolutamente mal-humorado.

— Seria com a Srta. Fitzgerald, talvez, que ele estivesse mal humorado — sugeriu o Inspetor, imediatamente. O Vigário pestanejou.

— Oh, não... dificilmente... eu diria que não, absolutamente.

— Mas ele deve ter agido como se tivesse alguma coisa que o preocupasse... Suponho que o senhor não tem idéia do que tratava?— Creio... não sei... pode ser que fosse alguma coisa à respeito do casamento de sua sobrinha. Ele falou algo sobre isso? Não muito.

— Oh, ela está para casar-se? Com quem?

— Alguém que se chama Holland, Arthur Holland. De Londres, creio. Não o conheço.

— E o Almirante Penistone não aprovava o casamento?

— Não estou querendo dizer isso. Quero dizer, não sei. Ele não disse. Apenas dava a impressão de que alguma coisa estivesse errada. Talvez tivesse alguma ligação com os bens da Srta. Fitzgerald. Ela tem muito dinheiro, pelo que sei, e o Almirante é... era o seu curador. Mas na verdade não sei de muita coisa a respeito.

— Compreendo. O senhor mesmo já conhecia o Almirante há muito tempo?

— Somente desde um mês atrás, quando ele veio para cá. Fui visitá-lo, o senhor sabe, e nos ficamos conhecendo.

— Os senhores se viam com freqüência?

— Oh, duas ou três vezes por semana, talvez. Não mais doque isso.

— Alguma vez ele se referiu a qualquer inimizade... alguém que teria uma razão para matá-lo?

— Oh, não, não! — O Vigário pareceu chocado. — Claro — apressou-se a acrescentar — que não sei nada sobre sua vida antes dele vir para cá.

— O Almirante tinha muito amigos? Aqui nas redondezas? Ou em outros lugares? Onde vivia antes?

— Em algum lugar no Oeste, acredito. Não me lembro deter-me dito em que distrito. Não creio que conhecesse muita gente por aqui. Sir Wilfrid Denny, lá no West End, dava-se muito com ele, desconfio. Acredito que muitos de seus velhos amigos vinham até aqui visitá-lo por vezes.

— Conheceu algum deles?

— Oh, não — esclareceu o Vigário.

— Compreendo. Bem, creio que o melhor é ir agora até a casa do Almirante — disse o Inspetor. — Muito obrigado, Sr. Mount. Vamos precisar conversar com o senhor, com seus filhos e com seus empregados um dia desses, para o caso de algum deles ter notado alguma coisa que nos possa ajudar. Mas isso pode esperar. Por falar nisso — o Inspetor se voltou da porta para perguntar — o senhor pode dizer-me que espécie de moça é a Srta. Fitzgerald? Muito dada a... se abalar?

O Vigário sorriu, quase sem ele mesmo perceber.

— Eu diria que não — respondeu ele. — Não creio absolutamente que a Srta. Fitzgerald seja do tipo fraco.

— Muito devotada a seu tio, não?

— Eu diria que não particularmente. A mesma devoção que a maior parte das sobrinhas tem para seus tios, acredito. Talvez ela seja uma jovem bastante reservada... tem seus próprios interesses.

Mas isso são apenas comentários. O senhor poderá tirar suas próprias conclusões, Inspetor.

Isto é verdade. Bem, vou indo — disse o Inspetor, que notou a expressão de alívio que se refletiu no rosto do Vigário. “Sei que não somos visitantes muito bem-vindos”,

pensou o Inspetor consigo próprio, “mesmo nas melhores ocasiões. Mas seria preciso que ele mostrasse tão ostensivamente sua satisfação em se ver livre de mim? Será que não há uma outra razão? Será que não sabe alguma coisa mais do que disse? Porém, é o Vigário de Lingham, e um Vigário muito respeitável, de tudo o que tenho ouvido a seu respeito!

Devo admitir que isso não parece provável.” Assim pensando, o Inspetor voltou para o carro e o conduziu rapidamente para vencer os quase cinco quilômetros que o separavam da casa que ficava a 100 metros de distância.

Já eram quase oito horas quando chegou a seu destino; mas em Rundel Croft, obviamente, não havia atividades tão matinais.

Uma ou duas das janelas à sua frente ainda tinham as persianas cerradas; no saguão, quando o fizeram entrar, estava sendo procedida a limpeza matutina. Um mordomo bastante descoroçoado, do tipo que parece ter-se transformado em mordomo porque sua mulher é uma boa cozinheira e ele mesmo não tem habilidade para coisa alguma, abriu a porta para o Inspetor e pestanejou, inquietamente, na sua cara. Rudge perguntou pela Srta. Fitzgerald, sendo informado de que ela ainda não andava por ali. Aparentemente, sempre tomava o café da manhã na cama. Rudge, então, perguntou pelo Almirante Penistone.

Ele ainda está no quarto — informou o mordomo, parecendo ligeiramente hostil, como se não aprovasse visitantes a essas horas da manhã.

— Não, não está — contrapôs o Inspetor, incisivamente. — O Almirante sofreu um acidente. — O mordomo arregalou os olhos.

— Escute... — prosseguiu Rudge — como é o seu nome?

— Emery.

— Emery, eu sou o Inspetor Rudge, de Whynmouth, e quero ver a Srta. Fitzgerald imediatamente. O Almirante Penistone sofreu um acidente muito sério. Na realidade, ele está morto. Procure a empregada da Srta. Fitzgerald, se é que tem uma empregada, e diga-lhe que quero falar com a senhorita o mais cedo possível que possa descer. Volte aqui depois que tiver feito isso. Quero conversar um pouco com você.

Sem nada mais do que um inarticulado ruído, o mordomo desapareceu de vista e se passaram aproximadamente 10 minutos antes que voltasse com a notícia de que a Srta. Fitzgerald estaria embaixo dentro de um quarto de hora. O Inspetor levou-o para uma sala de almoço, uma peça quadrada e muito bonita, e começou a fazer-lhe perguntas sobre os movimentos de seu patrão na noite anterior.

Mas pouquíssima ajuda resultou dessa entrevista. O homem lhe pareceu ou fenomenalmente estúpido ou completamente chocado pela morte do seu patrão e esta última hipótese não parecia ser a verdadeira. Além de um ou dois resmungos “Meu caro, meu caro!”, e coisas semelhantes, ele aparentemente não tinha entendido a notícia; ao Inspetor surpreendeu que um oficial reformado da Marinha pudesse manter a seu serviço um empregado aparentemente tão incompetente. Contudo, a casa parecia limpa, ainda que o pessoal se levantasse um pouco tarde.

O Almirante Penistone, ficou sabendo o Inspetor, fora visto pela última vez por sua criadagem às sete e quinze da noite anterior, quando ele e sua sobrinha tinham descido até o abrigo de barcos para irem a remos, eles próprios remando, até a casa do Vigário. (O Almirante não permitia que ninguém o perturbasse pela manhã, até que tocasse a campainha, o que respondia pelo fato de sua ausência não ter sido notada.) Antes de ir para o abrigo de barcos, o

Almirante avisara Emery de que não seria necessário esperar por ele, mas que trancasse a porta da frente e fosse para a cama, deixando destrancada a janela francesa da sala de visitas, que levava ao gramado e ao rio.

— Era eu quem a trancava — informou Emery — mas o Almirante Penistone tinha sua própria chave.

Esperre um momento — interrompeu o Inspetor. — Essa janela francesa estava trancada quando você desceu hoje pela manhã, ou não?

— Não — respondeu Emery, mas acrescentou que isso não queria dizer nada, pois em inúmeras vezes o Almirante não a trancava. Era apenas fechada, não parecendo provável que alguém chegasse para roubar, vindo da margem do rio.

Depois disso, ele não tornara a ver o Almirante? Não. Nem a Srta. Fitzgerald? Sim, por assim dizer. Isto é, quando ele e sua mulher tinham subido para o quarto, um pouco depois das dez horas, talvez às dez e quinze, tinham visto a Srta. Fitzgerald subindo pelo caminho que partia do abrigo de barcos. Pelo menos haviam visto o vestido dela; no escuro não podiam vê-la propriamente. O Almirante não estava com ela, mas imaginaram que ele tivesse ficado para trás, trancando o abrigo. Não, ele não sabia se nesse momento o abrigo estava trancado; supunha que estivesse, mas não fazia parte de suas tarefas o abrigo de barcos. Não, ele não podia afirmar que a Srta. Fitzgerald tivesse entrado em casa; ela poderia ter entrado ou ter parado no gramado. Ele e sua mulher não estavam particularmente interessados, pois se estavam recolhendo para seus aposentos. E isso era tudo o que Emery tinha a dizer. Indagado a respeito do estado de espírito de seu patrão na noite anterior, demonstrou não ter qualquer idéia, limitando-se a olhar com cara de imbecil. “Supunha que estivesse como sempre.” O Almirante era ocasionalmente

“lacônico” com os seus empregados (o Inspetor refletiu que seria necessário um santo para não ser lacônico com Emery, pelo menos uma dúzia de vezes por dia) ; além disso, no entanto, seu mordomo nada tinha a dizer. Aparentemente, era sabido que os patrões se mostravam ocasionalmente lacônicos; mas o fato era aceito e não se conjeturava sobre as causas. Pelo menos quando alguém fosse tão sem energia e tão desinteressado como Emery parecia ser.

Não, sua mulher e ele estavam apenas há um mês com o Almirante; tinham-se candidatado ao emprego através de um anúncio; seu último trabalho fora com uma senhora e um cavalheiro em Hove, durante um ano e meio. Nessa altura, para alívio de Rudge, uma empregada com a aparência de mais inteligência apareceu e anunciou que a Srta. Fitzgerald aguardava por ele na sala de jantar.

“Como é feia”, foi a imediata reação do Inspetor ao se deparar pela primeira vez com a sobrinha do falecido Almirante Penistone.

Em seguida, retificou a impressão. "Não, não tenho certeza de que seja assim tão feia, com um pouco mais de luz. Mas seria necessário que ela usasse uma maquiagem pesada, o que não seria surpresa.

Mas, meu Deus, ela não é do tipo nervoso.”

A Srta. Elma Fitzgerald estava muito pálida. Mas sua palidez não seria devida ao acidente que seu tio sofrera, mas a palidez peculiar de uma pele opaca e muito grossa. Ela era grandalhona e mal feita, com membros longos e espáduas largas e estaria mais bem vestida, obviamente, com compridos cortinados do que com a blusa e o agasalho que vestira bastante descuidadamente. Seus traços eram grosseiros, fortemente marcados, mas mal definidos, maxilares largos e queixo cheio, sobrancelhas escuras que quase se juntavam em seu rosto claro. O cabelo escuro e grosso, repuxado em tranças por trás das orelhas, e sob os

olhos, tão apertados que a uma primeira vista o Inspetor não pôde determinar-lhes a cor, havia rugas e bolsas escuras; — “trinta e um, trinta e dois anos”, era, em sua opinião, uma descrição generosa. Ainda assim, sem dúvida, era uma mulher de personalidade, e a luzes mais vivas e com o auxílio de artifícios para tornar sua pele mais fina e disfarçar as linhas que a desfiguravam, ela poderia até ser atraente.

— Sim? — disse ela, com uma voz que procurava ser ao mesmo tempo desagradável e arrastada. — O que o senhor deseja? — De qualquer modo, pensou o Inspetor, ela não iria tomar muito de seu tempo.

— Lamento ter que dizer-lhe, Srta. Fitzgerald — falou ele, em voz alta que o Almirante Penistone sofreu um sério acidente.

— Ele está morto? — O tom de voz era tão despreocupado que o Inspetor chegou a ter um ligeiro sobressalto.

— Temo que sim. Mas a senhorita estava... estava esperando que isso...?

— Oh, não. — Ela até então não tinha erguido os olhos. — Mas essa é a forma pela qual a Polícia sempre anuncia as coisas para alguém, não é? O que aconteceu?

— Lamento dizer — informou o Inspetor — que o Almirante foi assassinado.

— Assassinado? — A essa informação seus olhos se arregalaram por um momento. Eram de cor cinza, um cinza profundo.

Teriam sido olhos bonitos, observou Rudge, se as pestanas fossem mais longas. — Mas, por quê?

Como era exatamente isso o que o próprio Inspetor desejava saber, ele fez momentaneamente uma pausa.

— Seu corpo foi encontrado — informou ele — às quatro e meia da manhã de hoje, à deriva, dentro de um

barco, corrente acima, apunhalado no coração. — A Srta. Fitzgerald se limitou a sacudir a cabeça para mostrar que entendera e pareceu continuar esperando que o Inspetor continuasse. “Maldita seja!”, pensou o Inspetor. “Será que ela não tem sentimentos? Poder-se-ia pensar que o que eu disse se referia a um gato lá no gramado!” — Temo que isto seja um choque para a senhorita — disse, porém, o Inspetor, em voz alta.

— Não precisa preocupar-se com meus sentimentos, Inspetor — disse Elma Fitzgerald, com um olhar que falava mais eloqüentemente do que as palavras. — E é uma grande impertinência de sua parte fazer quaisquer perguntas a esse respeito! Suponho que o senhor tenha alguma idéia de como isso aconteceu? Ou quem o matou?

— Temo que eu ainda não possa ver as coisas claramente até agora — disse o Inspetor. — Será que a senhorita...

— Eu não — cortou a Srta. Fitzgerald, com decisão. — Não tenho idéia alguma — falou ela, vagarosamente. — Por que alguém... quem quer que fosse... desejaria matar meu tio. Suponho... — A frase morreu por aí. O que quer que ela supusesse, o Inspetor, podia esperar sentado que jamais iria ficar sabendo. — O que o senhor deseja que eu lhe diga? — continuou ela, finalmente. (Desejo que o senhor seja rápido e vá tratar de seu ofício, era o que sua voz queria dizer.) — Apenas isso, senhorita — respondeu o Inspetor. — A que horas a senhorita viu o Almirante Penistone pela última vez?

— A noite passada. Nós voltamos juntos do Vicariato, onde fôramos jantar.

— Que horas deveriam ser? — O Inspetor acreditava em que deveria obter essa informação confirmada pelo maior número possível de fontes.

— Oh... um pouco depois das dez, suponho. Bateram dez horas pouco antes de nós sairmos.

— E cruzaram o rio a remos, e a senhorita veio até aqui em casa com o Almirante?

— Não, ele não veio para casa quando eu vim. Ficou fechando o abrigo de barcos e disse que desejava fumar um charuto antes de ir para a cama Assim, desejei-lhe boa noite e vim diretamente para a casa.

— Havia alguém por aqui quando a senhorita entrou?

— Não, mas Emery e sua mulher tinham acabado de ir para a cama, suponho. Vi as luzes se acenderem e se apagarem quando subi. Eles deviam estar fechando a casa.

— E então... o que a senhorita fez?

— Subi diretamente e fui para cama também.

— A senhorita não ouviu o Almirante Penistone entrar?

— Não, mas eu não estava prestando particular atenção. Com freqüência, ele fica acordado até tarde, andando por aí — disse a Srta. Fitzgerald.

— Eu soube — falou o Inspetor — que o Almirante Penistone, à noite passada, estava bastante preocupado e angustiado?

— Creio que não... Não. Por que estaria?— A senhorita não teve um... um desentendimento com ele?

— O senhor está se referindo — disse a Srta. Fitzgerald com desconcertante perspicácia — a meu casamento. Isto... é... puro... boato. — Havia em seu tom de voz uma considerável dose de desprezo. — Meu tio não estava opondo a mínima objeção ao casamento. Preocupava-se, suponho, sobre qual a melhor maneira de ajustar o aspecto financeiro... mas essa seria uma questão que se resolveria no devido tempo. Isto era tudo. — Mas devia haver alguma coisa a mais, refletiu rapidamente o

Inspetor, ou ela não teria esbarrado tão de pronto sobre o que eu estava falando.

— Então a senhorita não pode absolutamente sugerir o que o estava preocupando?

— Não creio por um só momento que houvesse alguma coisa — rebateu a Srta. Fitzgerald, fazendo um ligeiro movimento que sugeria, "pelo menos," estar-se despedindo.

Compreendo. Bem... — O Inspetor gostaria de continuar a entrevista, mas, no momento, não via exatamente que outras informações poderia procurar. E talvez não seria de bom gosto ficar ali amolando uma dama nos primeiros momentos de suas aflições, se é que ela estava aflita. Houve um súbito safanão de uma mão forte e bastante grande. — Apenas uma coisa mais, Srta. Fitzgerald, e não vou continuar a incomodá-la. Poderia dar-me os nomes dos advogados do Almirante Penistone?

— Dakers e Dakers, suponho. Têm escritório em Lincoln's Inn, suponho.

— Obrigado. Se eu pudesse agora ver os documentos do Almirante Penistone... e os criados...

— Penso que todos os documentos estão no escritório. Emery irá mostrar ao senhor. — A Srta. Fitzgerald se inclinou para alcançar a campainha. — Inspetor — disse ela, de repente — o senhor me dirá... o que está acontecendo? Irão trazê-lo para... para cá?

— Este foi o primeiro traço de emoção demonstrado em sua voz, e Rudge se apressou a tranquilizá-la, assegurando que o corpo iria para a funerária, e que seriam feitos todos os esforços para poupá-la ao máximo.

— Obrigada — agradeceu Elma Fitzgerald, voltando à sua indiferença; naquele momento o mordomo apareceu. — Emery, leve o Inspetor até o escritório do Almirante e deixe que ele veja o que quiser. E é melhor que nenhum de vocês

saia de casa O Inspetor pode desejar falar com vocês. — A Srta. Fitzgerald se recostou em sua cadeira e não mais se moveu, enquanto Rudge que não demonstrava, segundo esperava, estar tão intrigado como de fato se sentia, acompanhava Emery para fora da sala.

O escritório do Almirante era uma peça grande e agradável, dando vista para o gramado e para o rio. Estava razoavelmente arrumado, nada que, obviamente, não tivesse sido limpo naquela manhã, e houvesse alguns jornais datando provavelmente da tarde anterior, jogados em cima da mesa. Rudge percorreu o olhar pela peça com olhos práticos e refletiu consigo mesmo que não se passaria muito tempo antes que ela revelasse quaisquer segredos que possuísse. Em seguida, mandou o indeciso Emery embora.

— Não. deixe ninguém entrar na casa por enquanto, por favor, sem me consultar — foram as últimas instruções do Inspetor para Emery.

— Muito bem — limitou-se a resmungar Emery, e sumiu.

A mesa e um pequeno arquivo a seu lado eram os únicos prováveis receptáculos para documentos naquela sala. O arquivo, quando foi aberto, nada revelou, a não ser recortes de jornais organizadamente arrumados. A mesa estava trancada, mas Rudge, prudentemente, havia-se apossado das chaves do morto, e não tardou a abri-la. A primeira coisa com que se defrontou foi com uma pistola, perfeitamente limpa e completamente carregada, dentro de uma gavetinha. O Inspetor fez seus lábios tomarem forma para um assobio sem som, e continuou a desencavar papéis de cartas e envelopes, uma gaveta cheia de cachimbos, uma outra com algumas cartas de data recente, outra com livros de contabilidade, canhotos de cheques, formulários para declaração de renda e outras coisas relacionadas com

finanças, e uma quinta gaveta que continha tão-somente um envelope grande, com o nome de Elma Fitzgerald. Em vista do que o Vigário dissera, o Inspetor conjecturou que o que continha esse envelope devia ter algum relacionamento com o caso, e se preparou para estudá-la preliminarmente. O primeiro item era "A última Vontade e Testamento de John Martin Fitzgerald", documento volumoso e com mais coisas escritas do que o normal em tais documentos; o Inspetor, cujo domínio do jargão judicial não era tão vasto quanto ele desejaria, encontrou alguma dificuldade em desenredar suas disposições. Ele conseguira entender que John Martin Fitzgerald era o cunhado do Almirante, e que o seu desejo era que suas propriedades, quaisquer que fossem, deveriam ser divididas em proporções iguais entre seu filho Walter Everett Fitzgerald, "se for encontrado vivo por ocasião de minha morte", e sua filha Elma Fitzgerald; tinha ainda anotado que, se o filho estivesse morto ("Suponho que ele tenha desaparecido ou qualquer coisa assim. De qualquer modo, é uma forma engraçada de pôr as coisas."), Elma Fitzgerald ficaria com todos os bens quando se casasse... Nesse momento a atenção do Inspetor foi atraída pelo que parecia ser uma alteração lá embaixo. Ficou escutando por um momento e lhe pareceu que, a despeito das ordens que tinha dado, algum visitante estaria tentando forçar sua entrada na casa. E como não confiasse absolutamente na força de Emery até para se obstar a uma mosca decidida, o Inspetor foi até lá embaixo para ver o que estava acontecendo, deparando-se, como esperava, com um mordomo vermelho e perplexo que febrilmente procurava deter um enraivecido visitante que já tinha conseguido chegar até o pé da escada.

— ... o Inspetor disse... — choramingava o mordomo.

— O Inspetor que vá para o diabo! — retorquiu o intruso que, levantando os olhos, se viu a si mesmo

encarando o citado Inspetor, contingência que absolutamente não o desconcertou.

Nem seria preciso. Fosse quem fosse, o intruso era capaz de, facilmente, lidar com uma dúzia de inspetores. Devia ter, no mínimo, 1 metro e 90, com o corpo e o porte de um atleta, e um atleta, além do mais, especializado na prática de esportes que demandassem uma força excepcional. Acima de um par de ombros magnificamente largos assentava-se uma cabeça simpática, com o rosto e opescoço queimados de sol, o queixo quadrado, o nariz aquilino, o cabelo castanho cortado tão curto que dificilmente apareceria seu crespo natural, e olhos grandes, faiscantes e castanhos, que encaravam Rudge com toda a justa indignação de um baluarte da Lei e da Justiça, ressentido com a interferência da Lei à sua própria revelia.

— Avisei ao Sr. Holland — lamuriou-se Emery — que o senhor dissera que ninguém podia entrar sem ordem.

— E eu o avisei — observou o Sr. Holland — de que entraria — É o Sr. Holland? — indagou o Inspetor. — O Sr. Arthur Holland? — O homem concordou. — E quem o senhor deseja ver...?

— Vim ver a Srta. Fitzgerald — disse Arthur Holland. — Edeixe-me dizer-lhe que estou com pressa, quem quer que o senhor seja. Olhe aqui, Emery, diga a Srta. Fitzgerald que cheguei, e ande depressa, ouviu?

— Um momentinho, senhor — interveio o Inspetor, quando uma empregada entrou pela porta de um dos quartos que dava para o saguão e se pôs a cochichar com o mordomo. — Se me permite, quero antes, eu mesmo, trocar uma ou duas palavras com o senhor.

Esse homem lhe disse que o Almirante Penistone...?

— Foi morto? Sim — replicou o Sr. Holland. — Há alguma razão para que eu não veja a Srta. Fitzgerald? Ela precisará de alguém...

— Perdão, senhor — disse Emery, aproximando-se com todaa deferência. — Mas a Srta. Fitzgerald saiu.

— Saiu! — A exclamação foi proferida pelos dois homens simultaneamente.

— Sim, senhor. Ela acaba de arrumar sua bagagem e saiu no seu carro, é o que diz Merton. — Fez um gesto indicando a empregada no saguão. — Não faz nem dez minutos, senhor.

“Fuiu!” Com um assobio silencioso, o Inspetor pôs-se a remoer esse novo acontecimento.

Capítulo III

Brilhantes Pensamentos em Maré Alta HENRY WADE



inda carrancudo e aborrecido pela fuga dessa importante testemunha, o Inspetor Rudge voltou-se para Holland.

— Se o senhor quiser ter a bondade de vir até o escritório — disse ele — há umas perguntas que eu gostaria de lhe fazer.

— Elas terão que esperar — respondeu Holland, laconicamente, encaminhando-se para a porta — Vou procurar a Srta. Fitzgerald.

— Não senhor! — Havia um tom de autoridade tal na voz do Inspetor, que até o dominador Holland teve que se voltar. Rudge não iria perder duas testemunhas, antes que tivesse terminado com elas. — Devo pedir-lhe que me atenda em primeiro lugar, senhor, por favor. Não irei detê-lo por mais tempo do que o necessário.

Com um sorriso desanimado, Arthur Holland acompanhou o Inspetor até o escritório e, declinando sentar-se em uma cadeira, encostou-se no console da lareira.

— Bem, o que tem a perguntar? — indagou. — Fogo!

Rudge pegou sua caderneta de anotações e deu um verdadeiro espetáculo em sua preparação para tomar nota de informações vitais. Com freqüência, ele verificara que isso produzia efeitos em testemunhas recalcitrantes.

Seu nome completo, por favor?

— Arthur Holland.

— Idade?

— Trinta e três.

— Endereço?

— Hotel Lorde Marshall, Whynmouth.

Rudge levantou os olhos.

— Esse é o seu endereço permanente, senhor?

— Espero que não.

— Pode então me dar o permanente, senhor, por favor?

— Não tenho nenhum.

As sobrancelhas do Inspetor se ergueram e ele abriu a boca, como se fosse discutir esse ponto, mas, mudando de idéia, passou régua no lápis e anotou, audivelmente: — Não tem endereço permanente. — Após um momento de meditação, continuou. — Ocupação?

— Comércio.

Rudge pareceu ligeiramente intrigado.

— Caixeiro viajante, senhor?

— Bom Deus, não! Comercio com matérias-primas: borracha, juta, marfim, esse tipo de coisas.

— Em Londres, senhor?

Holland se retorceu de impaciência.

— Essas coisas não dão em Londres, homem. Estou na Inglaterra agora, fazendo um levantamento de mercado.

— Ah! — O Inspetor se sentiu como se estivesse chegando mais perto do osso. — Diga-me então, senhor, em que parte do mundo obtém a matéria-prima para o mercado de Londres?

— Não me referi ao mercado de Londres. O que disse foi que estava em Londres para levantar o mercado; Londres é apenas o centro, os mercados podem estar em qualquer parte do mundo. — As perguntas irritantemente estúpidas do policial estavam arrancando de Arthur Holland mais informações do que pretendia dar.

— Muito bem, senhor. Mas ainda não respondeu à minha pergunta. Em que parte do mundo o senhor obtém a matéria-prima para a qual está procurando encontrar mercado?

— Oh, em qualquer lugar onde eu ache que o mercado está favorável no momento — replicou Holland, animadamente. — Burma, Quênia, América ao Sul, Índia... eu me mexo. — Holland hesitou.

— Não seria difícil para mim verificar, senhor — tornou Rudge, calmamente. — É melhor que o senhor me diga.

A resposta veio lentamente, quase de maneira indesejada.

— China.

— Compreendo. E não tem nenhum endereço particular ou permanente na China?

— Não.

O Inspetor virou a página e começou em outra.

— Agora, quanto à noite passada. O senhor estava no Lorde Marshall ontem à noite?

— Sim, estava.

— O senhor chegou às...?

— Cheguei a Whynmouth pouco antes das nove.

Ah, pelo expresso?

— Sim.

— De Londres?

— Sim.

— E o senhor passou a noite... onde?

— Em Whynmouth.

— O senhor não veio até aqui para ver a Srta. Fitzgerald?

— Eu sabia que ela estava jantando fora. Fiquei em Whyncnouth.

— Muita paciência de sua parte, senhor. Permaneceu no hotel?

— Dei um passeio pela praia depois do jantar. Fui para a cama cedo.

— Talvez haja alguém que possa confirmar o que o senhor está dizendo sobre seus movimentos, senhor? — A voz do Inspetor era natural... natural demais. Os olhos de Holland se apertaram.

— O senhor está suspeitando de que eu tenha matado o Almirante? — perguntou ele, rudemente.

— Oh, meu caro, não; oh, meu caro, não. Ora, nem mesmo sabia de sua existência até uma hora atrás ou coisa assim. Engraçado, não? Tudo isso é apenas rotina. Queremos saber, e se possível confirmar, por onde andavam por ocasião do crime todos os que de alguma forma se encontram ligados ao morto. Apenas pensei ser possível que o senhor soubesse de alguém que pudesse confirmar suas declarações.

— Como pode alguém provar, se eu estava ou não na cama?

Acontece que tenho o hábito de dormir sozinho. É engraçado, não? comentou Holland, com ironia.

— Ah, então o senhor sabe que o crime foi cometido depois que o senhor foi para a cama?

— Por que diabo eu deveria saber isso? — disse Holland, fitando-o. — Apenas ouvi falar sobre o crime.

— Muito bem, senhor, muito bem. Exatamente como eu também acabo de ouvir falar sobre o melhor. Agora,

quanto à Srta. Fitzgerald. O senhor tem alguma idéia para onde ela foi?

— Nenhuma.

— Mas quando o senhor estava saindo às pressas para procurá-la, há uns momentos, o senhor deveria ter alguma idéia de onde ir...

— Ela pode ter ido para Londres.

— E o senhor seria capaz de encontrá-la em Londres?

— Talvez.

— Então creio que será melhor que o faça e peça a ela que volte aqui sem demora.

Holland concordou.

— Direi a ela, mas é provável que decida por si mesma a esse respeito.

— Seria mais prudente, se ela decidisse voltar por si mesmo.

— O senhor deve manter-se em contato conosco de qualquer modo, tá bem'?

Holland parou, com a mão na porta.

— Isso significa que me encontro sob suspeita ou qualquer nome que tenha para isto?

— Não vou destacar ninguém para segui-lo, senhor, mas é melhor que se mantenha em contato conosco.

Com um resmungo, o "namorado" da Srta. Fitzgerald abriu a porta e saiu da sala. Havia um sorriso no rosto do Inspetor, quando ele tocou a campainha.

— Eu gostaria de ver a empregada da Srta. Fitzgerald... Merton, creio que foi o nome que você disse, Emery.

Um minuto depois Merton se encontrava sentada na borda de uma cadeira, nervosamente encarando o formidável Inspetor de Polícia. Era uma moça inglesa de aparência saudável, de seus 26 anos, atraente sem ser bonita de fato, e com um ar de pessoa inteligente.

O Inspetor Rudge decidiu de imediato deixá-la à vontade, uma de suas alternativas favoritas em suas entrevistas.

— “Merton”, é como a chamam? — disse ele, com um sorriso amistoso. — Para mim parece um pouco formal. Espero que você tenha outro nome, não?

— Jennie é meu nome de batismo, senhor.

— Assim é melhor. Bem, Jennie, esta história é triste e não quero incomodá-la mais do que o necessário, porém tenho que fazer-lhe algumas perguntas sobre os seus patrões. Espero que compreenda, nada sei sobre eles; não estavam aqui há muito tempo, não é mesmo?

— É sim, senhor. Há apenas um mês.

— Você já estava com eles antes de virem para cá?

Oh, não. Sou de Whynmouth mesmo. Estou aqui apenas há três semanas.

— Ah, então a Srta. Fitzgerald não trouxe uma empregada para cá quando veio?

— Oh, sim, trouxe... uma francesa... Mademoiselle Blanco, era como ela mesmo se tratava, mas a Srta. Fitzgerald a chamava Célie. Ela não ficou muito tempo... disse aos outros empregados que o lugar era como um cemitério... “casa dos mortos”, era como dizia... e não sei se estava referindo a Rundel Croft ou a Whynmouth, mas suponho que ela achava isto por aqui monótono. De qualquer modo, arrumou suas coisas e foi embora, sem completar um mês nem esperar por seu ordenado, é o que dizem as moças.

A Srta. Fitzgerald teve que ir à Agência Marlow para conseguir uma outra empregada às pressas e, como não tinham nenhuma, mas sabiam que eu já trabalhara como empregada, embora esteja morando agora com minha mãe... ela não está bem de saúde... pediram-me para atendê-la, e eu concordei.

A última frase, ainda que complicada, teve o mérito de explicar a situação. O Inspetor Rudge concordou com a cabeça.

— Compreendo. Então você não conhece muito bem a Srta. Fitzgerald, não é?

— Não muito, mas não sou cega.

— Estou certo que não. O que foi que viu?

— Exatamente que, para mim, eles não pareciam muito tio e sobrinha.

— Oh, não? Por que não?

— A maneira como ela falava com ele... incisiva e sarcástica... mais como uma mulher, eu diria. Não que eu queira dizer que houvesse alguma coisa errada.

— Mas o Almirante tinha idade suficiente para ser seu tio... ou seu pai, não tinha?

— Oh, sim, se o senhor acha que isso é importante.

— Eles pareciam gostar muito um do outro?

— Não diria isso.

— De fato era o inverso, não?

— Realmente, eu não poderia dizer nada a esse respeito. Não me cabia estar com eles... somente com ela.

— Jennie sentira, evidentemente, que já havia falado demais.

— Bem, a respeito dela, então. É claro que você sabia que ela estava noiva desse Sr. Holland, não é?

— Foi o que ela me disse.

— Ela parecia amá-la?

— Tenho certeza de que não posso dizer.

— Você os via freqüentemente juntos?

— Não muito. Mas nunca os vi beijando-se ou de mãos dadas.

— Ah! — Evidentemente aqui havia algo significativo: um ponto de partida. — Agora, diga-me uma coisa, Jennie.

A Srta. Fitzgerald se preocupava com sua própria aparência?

Jennie fitou-o.

— Engraçado que me esteja perguntando isso, senhor. Isto sempre me intrigou. Algumas vezes ela se preocupava, outras vezes não. Vestia-se com simplicidade alguns dias... como estava agora de manhã... e de outras vezes se preparava esmeradamente até ficar com uma aparência realmente agradável.

— E quando fazia isso? Quando seu noivo estava para chegar?

— Nunca descobri quando fazia e por que fazia, mas não era para ele. Ontem à noite ela estava adorável; levou uma hora para vestir-se, quando normalmente põe as coisas por cima em cinco minutos. O vestido branco que usava ontem é o seu favorito... um vestido de chiffon com um casaco de renda creme; ela sempre usava uma flor colorida com ele, uma flor artificial.

— Eu gostaria de ver esse vestido — disse Rudge. — Já ouvi falarem nele mais de uma vez.

— Bem, há uma coisa engraçada — falou Jennie, agora inteiramente à vontade, como Rudge pretendia. — A senhorita levou o vestido com ela! Apenas me disse que arrumasse a roupa de dormir e uma muda de roupa de baixo e meias, mas ela mesmo deve ter guardado o vestido depois que eu saí.

— Mas você não o recolheu, para escová-lo ou qualquer outra coisa, quando foi chamar a Srta Fitzgerald esta manhã? — quis saber o Inspetor, tateando com mistérios meio inimaginados.

— Bem, aí está o senhor novamente! Eu não a chamei antes de o senhor chegar. Ela gosta de dormir até tarde. Mas, quando fui avisá-la de que o senhor estava aqui, e ia pegar seu vestido, seus sapatos e tudo mais,

porém ela avançou mal-humorada para cima de mim e me disse para sair que queria levantar-se. Claro que eu saí, mas, quando ela desceu para vir ao seu encontro, voltei, para apanhar suas coisas e.... não estavam, mais lá — Não estavam mais! Todas as roupas que ela usou à noite passada?

— O vestido, os sapatos e as meias, sim.

— Você não procurou por eles?

— Claro que sim. Não estavam em lugar nenhum.

— É por isso, então, que você acha que a senhorita os levou com ela?

— Bem, deve ter levado. Onde mais poderiam estar?

O Inspetor Rudge ficou olhando para a moça pensativamente, em seguida sacudiu a cabeça e pegou sua caderneta de anotações que ainda não tinha aparecido previamente nessa entrevista.

— Compreendo, Jennie. Obrigado. Não vou prendê-la aqui por muito tempo. Não fale com mais ninguém sobre o vestido e essas coisas, mas procure bem, e se encontrar me avise.

Depois que a moça saiu, o Inspetor Rudge permaneceu sentado, meditando sobre o que acabara de ouvir. A opinião da empregada sobre as relações entre Elma Fitzgerald e seu tio, entre ela e seu noivo, podiam ser falhas; o problema do espasmódico cuidado da Srta. Fitzgerald com sua própria aparência ficava, até agora, além de sua imaginação; mas certamente o desaparecimento do vestido e dos sapatos que ela estava usando por ocasião da tragédia — ou, de qualquer modo, na noite da tragédia — tinha algum significado? Poderia Elma, de algum modo, estar ligada à morte do tio? Ela não parecera nem surpreendida nem perturbada pelo que tinha ouvido, mas se fosse culpada... ou mesmo conivente... não teria procurado fingir as duas coisas? No entanto, era ainda

muito cedo para deixar-se levar em conjecturas, quanto mais em teorias; ainda havia muitos fatos a serem coligidos.

Para começar, o jornal. Como teria ido parar no bolso do morto? Por acaso, Rudge sabia que a edição vespertina da Evening Gazette de Londres não chegava a Whynmouth antes das 8:50 — pelo expresso em que, incidentemente, Holland havia chegado. Sem dúvida um exemplar seria entregue em Rundel Croft, mas isso não poderia ocorrer antes das nove da noite, e o Almirante tinha saído de casa às 7:15 para jantar no Vicariato. A não ser que ele tivesse conseguido um exemplar ao Vicariato, o fato parecia implicar que Penistone tinha voltado a Rundel Croft depois de deixar o Vicariato, às 10 horas; mas, então, por que o jornal se encontrava no bolso do seu sobretudo? Teria ele ido buscá-lo para ler do lado de fora da casa... certamente era isso inconcebível? Ou teria o Almirante, ao voltar para Rundel Croft, encontrado alguém que lhe tivesse dado o jornal — trazido de Londres, talvez — Arthur Holland, por exemplo? Holland que tinha passeado a noite à beira do mar e ido para a cama cedo, sozinho. Mas aqui, novamente eram conjecturas... fatos era o que o Inspetor desejava. Rudge tocou a campainha.

— Emery, seu patrão recebe a última edição da Evening Gazette de Londres?

— Sim, senhor. O filho de Tolwhistle traz um exemplar todas as noites. Chega aqui por volta das nove horas.

— Ele trouxe o jornal para aqui ontem à noite?

— Sim, senhor — respondeu Emery, uma certa surpresa estampada em sua cara inexpressiva.

— Onde você o pôs?

No saguão, senhor.

— Ainda está lá?

— Não sei dizer.

— Vá até o saguão e veja; se não estiver lá, verifique onde o puseram.

Parecendo mais surpreso do que nunca, Emery saiu arrastando-se pela porta. Rudge imaginou que não se passariam menos de 10 minutos antes que o mordomo, veloz como uma tartaruga, voltasse e, por isso, pegou o telefone que se encontrava em cima da escrivaninha e fez uma chamada para Tolwhistle, o proprietário da papelaria de Whynmouth. O número estava ocupado, e Rudge, enquanto aguardava, deixou que sua mente voltasse a cogitar do vestido desaparecido. Ele se lembrava de que, quando mandara Emery pedir à Srta. Fitzgerald que viesse vê-la, passaram-se 10 minutos antes que o mordomo voltasse e, quando veio, foi com a informação de que a Srta. Fitzgerald desceria em um quarto de hora. Houve, de fato, um intervalo de 25 minutos entre o envio de seu recado e a chegada da Srta. Fitzgerald. Sua aparência, descuidada ao extremo, justificaria tal demora ou a explicaria? Seria possível que a misteriosa "sobrinha" tivesse usado parte de seu tempo para esconder as roupas que tinha...

A campainha do telefone tocou.

— É da papelaria de Tolwhistle? Quero falar com ele, por favor. É o senhor, Sr. Tolwhistle? Aqui é o Inspetor Rudge. Desejo umas informações; tudo confidencial. Parece banal, mas não é, o senhor que fornece jornais ao Reverendo Mount, Vigário de Lingham? É o senhor mesmo. Ele tem assinatura da última edição da Evening Gazette de Londres? Suspendeu no fim do ano passado?

Disse por quê? Oh, estragava a matutina... sim, compreendo. Alguma chance de que alguém mais esteja fornecendo a Evening Gazette para ele? Não, o senhor não ouviu falar nada sobre isso, é claro. Obrigado, Sr.

Tolwhistle. Guarde minhas perguntas com o senhor mesmo. Algum dia lhe darei explicações.

Isto selava a dúvida a respeito de ter ou não o Almirante conseguido o jornal no Vicariato; permaneciam as duas alternativas, seja de ter voltado para casa, apanhado seu próprio jornal e tornado a sair, seja ter encontrado alguém do lado de fora da casa que, por alguma razão, lhe dera o jornal.

Impaciente com a longa demora de Emery, Rudge foi procura-la. Não havia sinal de mordomo, mas o Agente de Polícia Hempstead se encontrava no saguão.

— Vim informá-la de que o corpo foi levado para a funerária, senhor. Entreguei-o formalmente e me deram um recibo.

O Inspetor pestanejou. Aí estava um caso de eficiência levadaa seus extremos.

— Muito bem — disse ele. — Esta casa não pertence ao seu distrito, foi o que você disse?

— Certo, senhor, mas o cadáver foi encontrado nele.

— E você acredita que seja sua obrigação fazer-se presente?

— Isso cabe ao senhor dizer, senhor.

Rudge sorriu. Ele sabia que esse jovem agente de olhar arguto estava em cócegas para tomar parte na investigação.

— Está bem — disse o Inspetor. — Vou dar-lhe uma incumbência; vá lá embaixo no abrigo dos barcos e veja com o Sargento Apgeton se ele encontrou alguma coisa significativa," Não, eu irei com você. Se houver alguma coisa, quero ver por mim mesmo e não vamos conservar o nosso sargento-detetive por lá o dia inteiro.

Assim, esquecendo-se de tudo a respeito do jornal, o Inspetor Rudge acompanhou Hempstead pelo gramado até o abrigo de barcos.

Enquanto caminhava, o Inspetor perguntou ao seu subordinado se algo em particular lhe chamara a atenção no caso.

Uma ou duas coisas, senhor. Em primeiro lugar, as roupas do cadáver estavam quase secas; a parte de trás seca demais. No entanto, ontem à noite caiu muito sereno. Se ele estivesse deitado na grama, ou mesmo no bote, desde a meia-noite (o Dr. Grice determinou a hora da morte, como o senhor se lembra, como sendo antes da meia-noite, senhor), as roupas não estariam úmidas?

O Inspetor Rudge encarou Hempstead com interesse.

— Do que você infere...?

— Que o Almirante foi morto dentro de casa, ou em um lugar de alguma forma coberto, e conservado aí durante algum tempo depois de sua morte.

O Inspetor permaneceu em silêncio por tanto tempo que Hempstead pensou que se tivesse excedido no cumprimento do dever.

No entanto, exatamente quando chegavam ao abrigo, Rudge tornou a falar.

— Este é um ponto interessante. Vamos conversar sobre ele mais tarde. Oh, Appleton, desculpe-me por fazê-lo esperar tanto tempo. Encontrou alguma coisa?

O Sargento-Detetive Appleton era um homem corpulento, de aparência solene, notável como detetive, mais por sua tenacidade em seguir pequenas pistas do que por sua capacidade de levantar teorias a partir delas.

— Apenas dois pontos sugestivos, senhor. Este bote está muito limpo e bastante úmido em seu interior. Parece que talvez ele tenha sido esfregado recentemente. Este é um ponto. O outro é que a sua proa está voltada para dentro. Os filhos do Vigário me disseram que o Almirante costumava sempre pôr a popa para dentro em primeiro

lugar, de modo que o barco estivesse no lado certo quando tivesse que sair de novo.

— Ah, truques da Marinha, heim? Vale a pena anotar isto.

Nada mais? Nem sangue, sinais de luta, pegadas, impressões digitais?

— Não, para os dois primeiros, senhor. Há uma ou duas boas pegadas que cobri com tábuas e parece haver impressões digitais por toda parte, no bote e nos remos.

— Vamos examiná-las mais tarde. Alguma hipótese, Appleton?

— Nenhuma, senhor.

O inspetor Rudge sentou-se no banco e fez sinal aos seus subordinados para que se juntassem a ele.

— Vou fumar — disse ele, tirando um cachimbo do bolso. — Penso melhor quando estou fumando, e nós agora devemos pensar.

O chapéu do Vigário, em primeiro lugar; por que se encontrava ele no bote?

— Foi posto lá pela parte culpada, para lançar suspeitas sobre o Vigário — aventou o Sargento Appleton.

— Concorda com isso, Hempstead?

— A outra alternativa é que o próprio Vigário tenha posto o chapéu lá e se esquecido disso.

— Ele positivamente declarou que estava com o chapéu, quando acompanhou o Almirante que se retirava, depois do jantar, e que o havia deixado no pavilhão.

— Mas suponhamos que ele tenha ido até o bote depois disso, senhor?

— Ah, você está querendo dizer... bem, deixemos para lá o que está querendo dizer. E a amarra, por que foi cortada?

— Alguém estava apressado — sugeriu Appleton.

— Alguém tentando insinuar que o bote tivesse sido roubado — murmurou Hempstead.

— E as forretas não tinham sido montadas — aduziu o Inspetor, como sua quota de suposições — seja porque o corpo foi transferido de um outro barco para o bote do Vigário, que em seguida foi posto à deriva, seja... para sugerir aquela insinuação, em, Hempstead?

— Possivelmente, senhor.

— Bem, alguém poderá explicar agora por que o corpo foi encontrado onde estava e à hora em que foi encontrado? — indagou o Inspetor, acrescentando para si mesmo: “Se é que foi.”

O Sargento Appleton adiantou-se, brilhantemente.

Sim, senhor — disse ele. — Pensei a respeito, enquanto estava aqui esperando. Se o crime foi cometido à meia-noite, como o Dr. Grice diz, e o bote se encontrava à deriva, ele teria ido direto para o mar, porque então a maré estava cheia. Minha hipótese é que o crime foi cometido vários quilômetros a montante e que, antes de o bote chegar a Whynmouth, a maré virou e o barco foi levado até onde foi encontrado.

— A que horas a maré se inverteu?

— De acordo com o Sr. Ware, senhor — informou Hempstead — às três e quarenta e cinco da manhã.

Bem, vamos esclarecer isto. Ware nos disse, você se lembra, Hempstead, que o bote levaria uns quarenta a quarenta e cinco minutos para ir do Vicariato ao ponto onde ele se encontrava, quando a embarcação foi vista. A que horas foi isso?

— Pouco depois das quatro e trinta, senhor.

— Isso significa que o bote saiu... ou passou... do Vicariato por volta das três e cinqüenta... cinco minutos apenas depois de a maré ter-se invertido?

— Isso mesmo, senhor.

— Então isso quer dizer que, se o bote foi posto à deriva daqui ou do Vicariato, isto teria sido feito somente pouco antes das três e quarenta e cinco, pois, de outro modo, ele não poderia ter voltado para onde Ware o encontrou na ocasião em que o fato aconteceu. Mas, às três e quarenta e cinco já está quase claro e eles não fariam isso tão tarde. Parece que a hipótese de Appleton é a correta.

O Sargento Appleton ficou satisfeito, mas o Agente de Polícia Hempstead parecia obstinado. Rudge notou sua disposição.

— Desembuche, Hempstead — disse ele. — Estou vendo que tem uma hipótese também.

— Bem, senhor, se me permite, eu lembro que foi desprezado o intervalo entre as marés. Durante uma hora aproximadamente, antes da inversão, a maré está tão parada que dificilmente se nota a corrente. É possível que um bote fique parado na margem durante algum tempo. Minha hipótese, como o senhor já sabe, é que o corpo não esteve dentro do bote tempo suficiente para que suas roupas ficassem úmidas com o orvalho. Penso que o bote foi posto à deriva a partir daqui por volta das duas e meia ou três horas. Se a pessoa que fez isso fosse estranha a esta região, talvez não soubesse a respeito das marés e pensasse que o bote fosse ser levado diretamente para o mar. Porém, o que aconteceu é que o barco foi nessa direção algumas centenas de metros e, em seguida, quando a maré diminuiu de intensidade, encostou em uma das margens; às três e quarenta e cinco, quando a maré se inverteu, o bote se despreendeu e foi levado no fluxo ascendente da maré até chegar ao ponto em que Ware o avistou, às quatro e meia da manhã.

CAPÍTULO IV

Principalmente Conversas AGATHA CHRISTIE



— Esta é também uma hipótese muito boa — admitiu Rudge.

Ele sempre acreditara em ser diplomata com seus inferiores hierárquicos. Nesse momento, nada em seu rosto revelava qual das duas hipóteses lhe parecia ser a certa. Rudge sacudiu a cabeça uma ou duas vezes e, em seguida, levantou-se.

— Há uma coisa que me está chamando a atenção — disse ele. — Será que há alguma coisa nisso?

Appleton e Hempstead ficaram olhando para seu superior interrogativamente.

— Em minha conversa com o Vigário ele mencionou que havia visto o vestido branco da Srta. Fitzgerald através das árvores.

— Sim, senhor, quando ela estava subindo para casa, lembro-me de que foi o que o Vigário disse. Alguma coisa suspeita sobre isso, o senhor está achando?

— Não, imagino que seja perfeitamente possível. A Srta. Fitzgerald estava usando um vestido de chiffon com um casaco de renda creme. Se o Vigário viu o vestido,

então é porque ela não estava usando nada por cima, nem casacão nem qualquer agasalho. Afinal de contas, por que deveria estar usando alguma coisa? A noite de ontem estava muito quente.

— Sim, senhor. — Appleton parecia intrigado.

— Por outro lado, quando o Almirante foi encontrado, estava vestindo um pesado sobretudo marrom. Alguma coisa nisso parece estranho a vocês?

— Bem... sim, estou achando um pouco curioso... que a moça não estivesse usando nada mais quente do que um casaco de renda como agasalho, e que o Almirante... sim, senhor, compreendo o que está querendo dizer.

— Preciso pedir-lhe, Sargento, que pegue um barco e vá até o Vicariato, perguntar se o Almirante estava de sobretudo na noite passada.

— Agora mesmo, senhor.

Depois que o Sargento foi embora, o Inspetor se voltou para Hempstead.

— Agora — disse ele, com os olhos cintilando — vou fazer-lhe uma pergunta.

— Sim, senhor.

— Quem tem a língua mais comprida em Whynmouth?

Hempstead sorriu, mesmo sem querer.

— A Sra. Davis, senhor, que dirige o Hotel Lorde Marshall.

Ninguém pode dizer nada quando ela está por perto.

— Ah, ela é desse tipo, não é?

Sim, de fato, senhor.

Bem, isto talvez me sirva. O Almirante era recém-chegado por aqui. Sempre há comentários a respeito de recém-chegados. Para noventa e nove boatos falsos haverá uma coisa verdadeira que alguém viu e observou. As atenções se enfocaram sobre Rundel Croft.

Quero saber exatamente o que transpirou nas bisbilhotices de Whynmouth.

— Então é a Sra. Davis que o senhor precisa, senhor.

— Quero também ir até o West End para ver Sir Wilfrid Denny. Ele parece ser a única pessoa das vizinhanças que sabe alguma coisa sobre o homem assassinado. É possível que saiba se o Almirante tinha inimigos.

— Acha que o Almirante estava-se escondendo, senhor?

— Não se escondendo exatamente. Ele veio para cá ostensivamente, com seu próprio nome. Não é uma coisa fora do comum para um oficial de Marinha reformado fazer. Mas a arma carregada na gaveta diz alguma coisa. Isto não é assim tão comum. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a carreira do Almirante Penistone. Ah! Aí vem o Sargento de volta.

O Sargento, porém, não estava voltando sozinho. Com ele vinham os dois rapazes do Vicariato. Seus rostos juvenis e ansiosos luziam de curiosidade.

— Ei, Inspetor — exclamou Peter — será que não podemos prestar alguma ajuda? O senhor não tem uma tarefa qualquer para nós? Esquisito que logo Penistone, entre todas as pessoas, fosse ser assassinado!

— Por que você disse “entre todas as pessoas”, jovem? — indagou o Inspetor.

— Oh! Não sei. — O rapaz enrubesceu. — Ele era tão... bem, correto e formal. Todo certo e arrumado. Tipo do velho que ficaria olhando para quem quer se esquecesse de tratá-lo por “senhor”, ainda que uma única vez.

— Severo e disciplinador, bem?

— Creio que é isso o que eu quis dizer. Completamente fora de época.

— Não creio que fosse um mau sujeito — aduziu Alec, tolerantemente.

O Inspetor se dirigiu a Appleton.

— E o sobretudo?

— O Almirante, senhor, não estava de sobretudo, quando foi ao jantar na noite passada.

— Claro que não — disse Peter. — Uma passagem rápida pelo rio e pronto. Por que ele usaria um agasalho? A Fitzgerald também não estava agasalhada.

— Não é uma gracinha? — zombou Alec. — Toda de branco como uma tímida noivinha. E realmente já bastante velha.

— Bem — falou Rudge. — Tenho que continuar.

— Oh, Inspetor, e nós?

Rudge sorriu, indulgentemente.

— Suponho que vocês, jovens, poderiam procurar a arma do crime — sugeriu ele. — Ela não estava no ferimento. Algum ponto na margem do rio, quem sabe... — O Inspetor se retirou, sorrindo para si mesmo. — “Isso vai fazer com que os garotos se mantenham ocupados”, pensou com os seus botões, “e não causará mal algum. É até possível que encontrem a arma... coisas mais estranhas já aconteceram.”

Ao entrar no carro e partir na direção de Whynmouth, o cérebro de Rudge trabalhava ativamente. Agora era a respeito do jornal vespertino. O Almirante deveria ter voltado para o interior de casa em algum momento entre as dez horas e a meia-noite, vestido um sobretudo e enfiado o jornal no bolso. Em seguida teria saído de novo... por quê?

Teria entrado no bote? Teria subido ou descido a correnteza para ir a algum encontro? Teria ido a pé até alguma casa das redondezas?

Até agora, tudo era mistério.

Ao chegar a Whynmouth, Rudge parou o carro do lado oposto do Hotel Lorde Marshall.

O Lorde Marshall se orgulhava de sua aparência antiga. O saguão era escuro e acanhado, e um pretense visitante ficaria surpreso por não encontrar ninguém a quem se dirigir. Normalmente, iludido pela obscuridade geral, perguntas eram dirigidas a um hóspede, que as repelia friamente. Nas paredes havia quadros esportivos de natureza humorística e vários aquários com peixes.

Rudge conhecia bem como se deslocar no Lorde Marshall. Atravessou a entrada e bateu a uma porta onde se lia "Reservado". A voz aguda da Sra. Davis o convidou a entrar.

Ao vê-lo, a dama tomou uma inspiração profunda e se pôs a falar sem perda de tempo.

— É o Inspetor Rudge, não é? Ainda bem que conheço o senhor de vista, como conheço todo mundo por aqui. E não apenas de vista, pois vez por outra já nos falamos, ainda que eu ouse dizer que o senhor não se lembra. Mas, como costume dizer, ser bem conhecida da Polícia não é nenhum elogio, e estou bem satisfeita que nós não tenhamos, como se poderia dizer, realmente nos conhecido antes. E vou dizer-lhe uma coisa, Inspetor Rudge, o senhor não poderia ter feito nada melhor do que vir diretamente falar comigo esta manhã! Como o senhor é recém-chegado por aqui... o senhor chegou somente há dois anos, não, ou foram três?... como o tempo passa... É o que eu estou sempre dizendo. Tão depressa acabamos de comer uma refeição e já está na hora de outra. E tenho que servir o jantar às sete horas. Essa gente cheia de novidades, chegando de automóvel, às oito horas, às nove, e querendo jantar.

Uma sopa fria eu posso conseguir, é o que digo, mas o jantar é servido às sete horas, e depois todo mundo está

livre para passear e é muito agradável andar pela praia em uma noite de verão, é o que pensam os jovens... e mesmo as pessoas mais velhas!

Sentindo necessidade de reabastecer seus pulmões, a Sra. Davis fez uma pausa infinitesimal. Era uma mulher alegre, de aparência bem-humorada, em seus 50 anos, vestida de seda preta. Usava um medalhão de ouro e vários anéis. Sem dar qualquer chance a Rudge para falar, ela prosseguiu.

— Não é necessário que o senhor me diga por que veio aqui.

É o Almirante Penistone. Soube das novidades há uma meia hora, “Bem”, disse para mim mesma, “aqui estamos nós hoje e amanhã já fomos embora.” Mas não dessa maneira... é o que ardentemente espero. Apunhalado no coração com um instrumento fino, não foi? Confiada nisso, falei que deve ser um estilete! Um desses sórdidos e criminosos estiletos italianos. Em Nova York eles são chamados de wops... os italianos, não os estiletos. E pode guardar minhas palavras, quem quer que tenha assassinado o Almirante esteve na Itália. Naturalmente não deve ter sido um italiano, pois ele teria sido notado. Costumavam vender sorvete, os italianos, quando eu era moça. Agora, porém, têm propriedades e todas essas coisas, muito mais valiosas, eu diria. Não... não temos muitos estrangeiros em Whynmouth... exceto, é claro, americanos... mas estes não são exatamente o que poderíamos chamar de estrangeiros... apenas um tipo estranho de ingleses, que é como eu os encaro! Boas histórias que o pessoal dos navios conta para eles... dir-se-ia que os americanos têm medo de um julgamento... e os pobres inocentes sendo tapeados... bem, mas me estou afastando do assunto.

E um triste assunto. — A Sra. Davis sacudiu a cabeça, mas sem qualquer expressão de tristeza. — Não que se

pudesse dizer que o Almirante já fosse um dos nossos. Ora, ele só esteve em Whynmouth uma dúzia de vezes. Mal o conhecíamos de vista. E sua sobrinha!

Uma moça muito peculiar, se o senhor me perguntasse, Inspetor!

Ouvi sobre ela coisas bastante estranhas. O seu namorado está até hospedado aqui no hotel agora. Chegou ontem à noite por voltadas oito e trinta. E se o senhor me perguntar, minha resposta é "Não".

— Espere aí! — exclamou Rudge, completamente surpreendido por essa súbita e dramática interrupção no fluxo do palavrório.

— Minha resposta é "Não" — repetiu a Sra. Davis, sacudindo a cabeça violentamente.

— Não a quê? — indagou o Inspetor, ainda intrigado.

— Estou dizendo que, se o senhor me perguntar se foi ele o criminoso, minha resposta é "Não"!

— Oh, compreendo. Mas não sugeri coisa alguma desse tipo.

— Não em palavras, mas é por isso que está aqui. Para bom entendedor meia palavra basta, como costumava dizer meu marido.

Eu não me iludo com as aparências.

— Mas o que eu ia perguntar era...

A Sra. Davis o interrompeu, tranqüilamente.

— Eu sei, eu sei, Sr. Rudge. Se o Sr. Holland saiu ou não ontem à noite, eu não lhe posso dizer. Ficamos empenhadas nos nossos afazeres e não podemos ver tudo. O que estou querendo dizer é que não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ainda mais com o gás estando fraco e uma coisa e outra. Vou pôr eletricidade este ano. O mundo antigo é o mundo antigo, mas algumas coisas agente não agüenta. Sistema de água quente no ano passado e eletricidade este ano. Mas lá estou eu novamente

me afastando do ponto. Eu ia dizer... o que é que eu ia dizer?

O Inspetor garantiu-lhe que não fazia a menor idéia.

— O Almirante Penistone era amigo de Sir Wilfrid Denny, não era? — perguntou Rudge.

— Aí está um ótimo cavalheiro para o senhor... Sir Wilfrid Denny. Sempre uma palavra animadora e uma piada. É uma pena que esteja tão idoso, o pobre cavalheiro. Oh! Sim, ele e o Almirante eram conhecidos. Dizem ser por essa razão que o Almirante veio morar aqui. Mas não sei de nada a respeito. Há quem diga que Sir Wilfrid não ficou muito satisfeito quando soube que seu amigo estava vindo morar aqui. Mas sempre as pessoas dizem alguma coisa, não é? Eu mesma nunca digo nada. Há muita maldade produzida por mexericos. Feche a boca, e você não erra nunca. Este é o meu lema. Mas há uma coisa que direi, e que é uma vergonha. Pegar o barco do Vigário para fazer dentro dele aquela sujeira. Procurando arrastá-lo nisso, pobre cavalheiro. Como se ele já não tivesse problemas suficientes em sua vida.

— Tem um bocado de trabalho, não tem?

— Bem, agora já faz muito tempo. Os rapazes estavam com seis e com quatro anos. Não sei como ela pôde fazer uma coisa dessas! Fazer isso, uma mulher que abandona o marido e os filhos... bem, não há muito o que dizer sobre ela... não quando o marido é um bom cristão como o Vigário. (Há alguns maridos que eu diria que mereciam ser abandonados.) Abandonar seus filhinhos, aí está uma coisa que não posso aceitar. E era uma dama bem bonita, segundo dizem. Jamais a vi pessoalmente. Isto aconteceu antes de o Sr. Mount vir para cá. Com quem ela foi embora eu me esqueci. Mas ouvi dizer que era um cavalheiro muito bonito. Os homens bonitos exercem uma

atração inegável. Bem, bem, o que teria sido feito dela? Meu caro, meu caro, a vida é uma triste confusão.

Novamente me afastei do assunto principal! Nós estávamos falando do Sr. Holland e, se quer saber, ele é um homem bonito. Mesmo que a Srta. Fitzgerald parecesse não pensar assim, embora estivessem noivos para se casar, é o que dizem.

Então é isso o que dizem? A Sra. Davis acenou com a cabeça, bastante significativamente.

— E sobre o que o Almirante desejava falar com o Sr. Holland eu não faço idéia — prosseguiu ela. — Mas imaginei que talvez a dama quisesse desfazer o compromisso e tivesse mandado seu tio cumprir essa feia tarefa por ela. Ainda assim, isso poderia ter esperado até a manhã seguinte... Ouso dizer que foi isso exatamente o que o Almirante deve ter pensado e porque mudou de idéia e disse que tinha que pegar um trem.

O Inspetor Rudge fez um valente esforço para interpretar esse enigmático pronunciamento.

— O que está querendo dizer é que o Almirante Penistone esteve aqui na noite passada? — perguntou ele.

— Sim, esteve. Perguntou pelo Sr. Holland ao Boots e, quando o homem já se ia afastando, tornou a chamá-lo, pigarreou, voltou-se e olhou para o relógio; disse que tinha que pegar um trem, que não tinha tempo para se encontrar com o Sr. Holland.

— A que horas foi isso?

— Não posso dizer exatamente, mas foi depois das onze horas.

Eu já estava deitada e satisfeita por isso. Que dia nós tivemos! Realmente, esses afazeres todos... como cansam! Ainda havia uma porção de gente por aí. Nessas noites quentes não se consegue que as pessoas vão para a cama.

— Pegar um trem — resmungou o Inspetor.

— Creio que isso seria exatamente às onze e vinte e cinco — disse a Sra. Davis. — O trem para Londres. Chega lá às seis da manhã. Mas ele não pegou o trem. O que quero dizer é que ele não podia ter pegado o trem, pois, se tivesse, não teria sido encontrado morto no bote do Vigário. — E a Sra. Davis olhou triunfalmente para o Inspetor.

CAPÍTULO V

O Inspetor Rudge Começa a Desenvolver uma Hipótese JOHN RHODE



Inspetor Rudge assumiu uma expressão de profunda admiração.

— Dou-lhe minha palavra, Sra. Davis, que é preciso uma mulher como a senhora para juntar dois e dois dessa forma! — exclamou ele. — Claro que o Almirante não pode ter pegado o trem, se pensarmos nisso!

A Sra. Davis riu, bem-humoradamente.

— Agora, o senhor está zombando de mim — disse ela. — Não sei por que, mas a maior parte das pessoas que me visitam sempre dão um jeito de fazer uma piada por alguma coisa que lhes digo. Talvez esteja tudo bem e isso as deixe animadas e contentes, e o que sempre digo é: mantenha seus hóspedes alegres por tanto tempo quanto você tenha certeza de que têm dinheiro para pagar suas contas. Não que eles consigam com freqüência me passar aperna...

— Tenho certeza de que não — interrompeu o Inspetor, delicadamente. — Seria preciso uma pessoa muito

esperta para fazer uma coisa dessas, tenho certeza. Por falar nisso, como a senhora veio a saber do assassinato do Almirante Penistone antes de minha vinda aqui?

— Nem sempre os que sabem mais são os que ouvem mais — replicou a Sra. Davis, brevemente. — Aqui estou eu, não saí de casa nesta abençoada manhã, e garanto que sei de mais coisas do que qualquer outra pessoa em Whynmouth, com exceção da Polícia, Inspetor. Ponha as coisas da seguinte maneira: o senhor chegou pela entrada do hotel e não deve ter notado. Mas se viesse pela rua lateral, há uma outra porta do bar. Está lá, separado do prédio, de maneira a não interferir com os hóspedes do hotel, que tomam seus drinques no salão de fumar e pagam mais caro por eles. São os clientes de fora que usam o bar, pescadores e pessoas assim, aos quais os cavalheiros que usam o salão de fumar não gostariam de associar-se. Não que haja alguma coisa de errado com eles, à exceção de uma linguagem por vezes um tanto desabrida. Comigo são suficientemente delicados quando chego lá pela manhã, à hora de abrir, para ver se tudo está em ordem e confortável.

— Ah, então foi lá que a senhora ouviu falar no crime esta manhã, Sra. Davis — sugeriu o Inspetor.

— Ora! Era isso mesmo que eu já lhe ia dizer! — exclamou Sra. Davis em um tom meio magoado. — Mas os senhores da Polícia são sempre a mesma coisa. Os senhores são tão lacônicos em suas perguntas que dificilmente se consegue entender o que querem.

O que eu ia dizer era que me encontrava lá esta manhã, quando Billy, o atendente do bar, estava descendo as cortinas e tão depressa que abriu a porta entraram dois sujeitos que usavam distintivos da assistência pública. Perguntei se tinha havido algum acidente e eles me contaram como o Sr. Wane, de Liam, tinha encontrado

ocorpo do Almirante no bote do Vigário, que navegava pelo rio, sem ninguém à vista.

Neste momento, como se atendendo às preces íntimas do Inspetor Rudge, uma cozinheira de aparência agitada apareceu vinda da parte de trás e murmurou alguma coisa no ouvido da Sra. Davis.

Esta agora! Esqueci-me completamente... — exclamou a Sra. Davis. — Estava tão interessada em sua conversa, Inspetor, que não dei ordem para servirem o almoço. O senhor me desculpará se eu for lá ver como estão as coisas, não, Sr. Rudge?

O Inspetor esperou até que a Sra. Davis tivesse desaparecido, e então, certo de que ela já não poderia ouvir, apertou a campainha onde estava assinalado “Portaria”. Dentro de poucos minutos, um homem careca apareceu na entrada do saguão, ainda lutando com o casaco curto que havia apressadamente posto por cima de sua camisa com as mangas arregaçadas. De sua aparência supunha-se que ele tivesse sido interrompido no ato de alimentar o sistema de aquecimento central. Encarou o Inspetor inquisitivamente.

— Sim, senhor — disse ele.

— Sou o Inspetor Rudge e vim até aqui para fazer algumas perguntas. O senhor conhecia o Almirante Penistone, suponho?

O homem coçou a cabeça.

— Bem, senhor, não posso propriamente dizer que o conhecesse. Somente o vi uma vez em minha vida e isso foi ontem à noite. Veio aqui e perguntou pelo Sr. Holland.

O Inspetor acenou com a cabeça.

— Acredito que sim. Estou, porém, particularmente interessado em saber como ele parecia ontem. Estava preocupado, ansioso ou qualquer coisa assim?

— Eu não poderia dizer, senhor. Já eram mais de onze horas e eu estava exatamente fechando a casa. A Sra. Davis está sempre recomendando que tenha cuidado com o gás e só havia uma luz acesa. O Almirante entrou, ficou parado aí onde o senhor talvez esteja agora. “O Sr. Holland está?”, perguntou ele, abruptamente. E quase antes que eu tivesse tempo de dizer que o Sr. Holland estava deitado, o Almirante disse que não tinha importância, que não poderia esperar, pois tinha que pegar um trem. Ele não esteve aqui mais do que alguns segundos, senhor. Parecia estar apressado, mas não pude ver seu rosto direito. Eu nem sabia quem era, se ele não me tivesse dito.

Novamente o Inspetor acenou com a cabeça.

— O senhor o reconheceria de novo se o visse, suponho? — perguntou.

— Bem, senhor, talvez sim, talvez não. Nunca o vi perfeitamente, pode-se dizer.

— Oh, bem, isto não tem importância — disse o Inspetor, casualmente. — O Sr. Holland estava quando o Almirante Penistone chegou?

— Tenho certeza de que sim, senhor, pelo menos suas botas estavam do lado de fora da porta. Eu as vi quando ia para meu quarto, pouco depois.

— Como pode ter certeza disto?

— Ora, senhor, porque fechei a porta como sempre faço por volta das onze e meia. Depois disso, se alguém quiser entrar apertando a campainha, que toca no meu quarto, eu desço e abro a porta para quem tocou. E a campainha não tocou ontem à noite.

— Compreendo. E quando a porta é aberta novamente?

— É a primeira coisa que faço pela manhã, senhor, por volta das seis horas.

— O que faz o senhor depois que abre a porta?

— Ora, senhor, acendo o fogo na cozinha e ponho uma chaleira com água para aquecer, a fim de preparar o chá.

— Por acaso o senhor viu o Sr. Holland hoje pela manhã?

— Eu estava no saguão, quando ele saiu depois do café, senhor. Deviam ser umas nove horas. E desde então ele ainda não voltou, pelo menos que eu saiba.

O som da voz da Sra. Davis, crescendo de intensidade rapidamente, ao regressar da parte de trás, levou o Inspetor Rudge a bater em retirada apressadamente. Saiu do hotel e se encaminhou para a delegacia de polícia, repassando os farrapos de informação que obtivera no Lorde Marshall e se congratulando consigo mesmo pela idéia que tivera de avistar-se com a Sra. Davis. Faladeira como fosse, suas opiniões livremente expressas sobre pessoas se baseavam em uma vivacidade inata. O Inspetor sentia já ter obtido uma valiosa idéia a respeito de Sir Wilfrid Denny, e mesmo a revelação sobre aquele curioso episódio ocorrido com o Vigário poderia tornar-se de valor. Quanto a Holland, a convicção da Sra. Davis de que ele não era o criminoso estava certamente bem fundada, se Holland passou a noite no hotel.

Mas, é claro, a coisa mais interessante que ficara sabendo fora a visita do Almirante Penistone pouco depois das 11 horas da noite, como lhe tinham dito. Infelizmente era impossível determinar se o visitante era o Almirante ou não. A identificação feita pelo porteiro era obviamente sem valor. Ele nunca tinha visto o Almirante antes e nem mesmo poderia reconhecer o visitante novamente. Teria sido mesmo o Almirante? A última vez em que tinha sido visto fora pouco depois das 10, no abrigo de barcos. Isso lhe deixaria uma hora para ir até Whynmouth. Dificilmente poderia ter, nesse espaço-tempo, coberto a distância a pé e

era pouco provável que tivesse saído de carro. Se o fizesse, alguém, com certeza, teria ouvido. Poderia ter vindo de barco? Possivelmente, se a maré estivesse fluindo no sentido favorável.

O Inspetor Rudge franziu o cenho. — Não era marinheiro e estava começando a encarar os caprichos desse maldito Rio Whyn como uma afronta pessoal. Sua idéia sobre um rio respeitável era de uma corrente plácida que sabia o que fazia e corria sempre em uma mesma direção, como, digamos, o Tâmis, em Maidenhead. Mas o Whyn era maluco, sujeito, como um lunático, às influências da Lua, e mudando de direção em obediência a alguma lei que se situava além da compreensão do Inspetor. Decidiu que teria que consultar algum entendido sobre esse ponto. Por enquanto, imaginou que, se a maré estivesse fluindo para jusante(*) do rio, não havia razão pela qual o Almirante não pudesse ter chegado ao Lorde Marshall à hora declarada.

(*)A jusante de, parte ou lado de baixo, falando-se de um rio para onde correm suas águas.

Por outro lado, no entanto, o comportamento de Penistone divergia por completo daquilo que o Inspetor concluía a respeito de seu caráter. Ele parecia ser de uma natureza peremptória e decidida. Rudge não podia imaginá-la entrando no hotel com a intenção de ver Holland e, de repente, mudar de idéia, alegando que mal tinha tempo para pegar seu trem. Seria mais coerente que ficasse andando para lá e para cá no saguão, até que Holland tivesse sido arrancado da cama.

A não ser que... sim... era uma possibilidade. Admitíamos que sua ida ao hotel visasse apenas assegurar-se de que Holland havia chegado? A partir do fato de que o porteiro se propusera a ir ver se ele estava no quarto, o Almirante teria concluído que Holland estaria hospedado no

hotel. Talvez, tendo a certeza disto, seu objetivo tivesse sido atingido e a desculpa a respeito do trem fora inventada ao sabor do momento, para justificar sua saída. Talvez ele não quisesse, então, avistar-se com Holland.

Mas, e se o visitante não tivesse sido o Almirante, por que teria dado seu nome? Para fazer constar que o Almirante tinha estado em Whynmouth a essa particular ocasião? Isso abria um vasto campo a especulações, em que um ponto central se tornava aparente. O visitante devia saber alguma coisa a respeito dos movimentos do Almirante Penistone nessa noite. Assim, todos os esforços deveriam ser feitos para levantar esses movimentos.

E o que dizer do próprio Holland? O Inspetor não estava satisfeito no que se referia a esse impulsivo cavalheiro. Talvez a Sra. Davis estivesse certa em sua conjectura de que a Srta. Fitzgerald não estava ansiosa em casar-se com ele, mas Rudge não estava convencido de que ela estivesse igualmente certa de que Holland não era o criminoso. Não havia como obter confirmação quanto à esta declaração de que passara a noite no hotel. Holland poderia facilmente ter escapulado durante a confusão, que parecia ter sido antes das 11 horas, e voltado logo depois das seis da manhã, quando a porta já estava destrancada e o zelador ocupado em acender fogo na cozinha. Se ele tivesse feito isso e encontrado o Almirante em Whynmouth ou em qualquer outro lugar? Quanto mais Rudge considerava o assunto, mais amplo parecia o campo de especular que se estendia ante seus olhos.

Sua intenção afinal fora ir de carro até o West End para avistar com Sir Wilfrid Denny, depois de ter conversado com a Sra. Davis. Mas a possível luz que a parladora dama tinha lançado, sobre os movimentos do Almirante o fizera decidir adiar sua visita. Rudge tinha formado os rudimentos de uma hipótese com relação hora e

ao local do crime, mas a possibilidade dessa hipótese dependia das marés no Rio Whyn e, sob esse aspecto, ele teria que buscar o aconselhamento de um entendido. Por que não ter uma outra o versa com Neddy Ware? Ele conhecia as marés como ninguém, passa-tempo favorito tinha tornado inteiramente necessário que as estudasse. Além disso, sempre havia a chance de que Ware lembrasse de algum detalhe que lhe escapara, na excitação inicial provocada pela descoberta do corpo.

O Inspetor Rudge colocou seu carro na direção de Lingham uma vez mais, e não tardou a chegar à casa de Ware. O velho estava em casa, fumando seu cachimbo, contemplativamente, depois da refeição do meio-dia. Ware cumprimentou o Inspetor com hospitalidade e sentaram-se ambos em uma sala decorada com modelos de navios e fotografias desbotadas dos vasos de guerra em que Ware tinha servido.

— O senhor quer saber a respeito das marés no rio?
— replicou ele, em resposta à explanação feita pelo Inspetor sobre o motivo de sua visita. — Ora, elas são muito simples, bastando lembrar que são águas altas, Cheia e Inversão, em Whynmouth, às sete horas.

Rudge riu.

— Não tenho dúvida de que seja muito simples para o senhor — disse ele. — Pessoalmente, não tenho a menor idéia sobre o que está falando. O que está querendo dizer com águas altas, Cheia e Inversão?

— Ora, meramente que as águas estão em seu nível máximo em Whynmouth por volta das sete horas, nos dias de lua cheia ou lua nova — informou Ware. — Vamos considerar agora, por exemplo, a maré desta manhã. Hoje é quarta-feira, dia dez. Segunda-feira foi lua nova, o que significa que as águas estiveram no seu máximo às sete da noite desse dia, em Whynmouth. Ontem à noite seria por

volta das oito horas e hoje de madrugada à meia-noite e meia. São cerca de seis horas entre maré alta e maré baixa, fazendo a água baixar às duas e meia da madrugada de hoje. A maré, aqui, começa a se produzir de meia hora a três quartos de hora depois da maré baixa em Whynmouth, digamos, pouco depois das três. E é quando saio para pescar.

— Depois das três! — exclamou Rudge. — Mas pensei que o senhor tivesse dito que o relógio da igreja batera quatro horas, pouco antes da ter avistado o bote?

— O relógio! — replicou Ware, com um tom de voz de supremo desprezo. — O senhor não esperaria que as marés se comportassem como as brincadeiras de crianças que se fazem com o relógio durante a hora de verão, não é mesmo? A gente brinca de faz-de-conta com o tempo, só porque não se tem a coragem de encarar as perspectivas de nos levantarmos uma hora mais cedo do que o normal. Isso pode estar muito bem para o pessoal de terra, mas não para marinheiros. Para eles, tempo é tempo, e não pode ser alterado.

— Compreendo. Então, no verão, a maré começa a subir aqui, pela manhã, pouco depois das quatro horas. De tudo o que já me disse, posso concluir que ela começou a baixar às dez da noite de ontem?

— Isso mesmo, às dez ou um pouco antes — concordou Ware.

— Como eu já disse foi lua nova há dois dias, o que significa que ontem à noite foi o topo da primavera. A maré deve fluir rio abaixo, creio, a uns três nós. Durante as primeiras duas horas mais ou menos, Depois, diminui um pouco, como sempre acontece.

— Então, se um homem sair daqui entre as dez e as onze não terá dificuldade em chegar a Whynmouth de barco? — sugeriu o Inspetor Rudge.

Ele seria levado até lá e provavelmente chegaria ao mar — replicou Ware. — Isto é, se não usasse seus remos. Se usasse, poderia chegar em Whynmouth dentro de uma hora, facilmente. — O velho marinheiro olhara para o Inspetor astutamente enquanto falava. Rudge percebeu o que ele tinha em mente e sorriu.

— O senhor pode imaginar o que estou pensando — disse o Inspetor. — Imaginei ser possível que o Almirante Penistone tivesse ido em seu barco até Whynmouth ontem à noite. Mas, se o fizesse, seu barco não poderia ter voltado para cá sozinho, por si mesmo.

Alguém deve tê-lo trazido de volta e o colocado no abrigo de barcos.

Rudge fez uma pausa, como que esperando, de certo modo, algum comentário de Ware, mas o velho anexamente se limitou a acenar com a cabeça e continuou a cachimbar em silêncio. Rudge procurou seguir um novo caminho.

Por que a amarra do bote do Vigário estaria cortada e não desatada, Ware? — perguntou o Inspetor, abruptamente.

— Porque não poderia ter sido de outro modo, como os filhos do Vigário diriam se o senhor lhes perguntasse — respondeu o velho, com um sorriso. — Não tenho nada com isso, com esse crime, mas naturalmente pensei nele durante toda a manhã.

— Eu gostaria muito de saber a que conclusões chegou — disse, calmamente, o Inspetor Rudge. — Por que acha que o cabo do bote do Vigário não podia ter sido desatado, por exemplo?

— Não cheguei à conclusão nenhuma — tornou Ware, impassivelmente. — Isto é, não sei quem matou o Almirante, se é isso o que o senhor quer saber. Mas não é difícil saber-se como os botes vêm a ser encontrados desse ou daquele modo.

— Talvez não para o senhor — observou o Inspetor — mas seria de grande ajuda para mim, se me explicasse.

— Está bem, eu explico. Vamos ver o bote do Vigário em primeiro lugar. Quando os rapazes estão em casa, ele não é guardado no abrigo, mas sim fica na correnteza, amarrado a um poste. As vezes, os rapazes se lembram de retirar os remos e as forquetas de dentro dele, quando encostam na terra, mas na maior parte das vezes não é assim. Já os vi deixarem tudo dentro do bote inúmeras vezes.

“Bem — continuou Ware — suponhamos que eles tenham saído com o bote ontem à noite e na volta o tenham amarrado quando a maré estava alta, em seu nível máximo, como teria acontecido durante algum tempo entre as sete e as dez horas. O senhor poderá verificar que em qualquer rio que sofra a influência das marés a maior parte da subida tem lugar durante as três primeiras horas do fluxo e a maior parte da baixa durante as três primeiras horas a partir da inversão do fluxo. Eles voltam quando a maré está alta e o que fazem? Um deles fica de pé na proa e prende o cabo ao poste.

São ambos rapazes desenvolvidos e, naturalmente, prendem o cabo a um metro e vinte, um metro e cinqüenta acima do nível da água.

Em seguida, fazem com que a popa encoste na margem para que possam saltar. Talvez estivessem achando que se achavam atrasados, à noite passada, e tivessem deixado os remos e as forquetas dentro do bote em sua pressa.

O Inspetor Rudge sacudiu a cabeça afirmativamente. Isto não parecia levá-lo a ponto nenhum mais adiante de onde já havia chegado.

— Bem, agora vejamos o barco do Almirante — prosseguiu Ware. — Do que ouvi, esse barco foi visto dentro

ou acostado ao abrigo de Rundel Croft pouco antes das dez. Agora, tenho certeza daquilo que vou dizer. Se alguém pegou o barco do Almirante entre as dez da noite de ontem e a uma hora da manhã de hoje, não remaria rio acima. Não se consegue muita coisa contra a corrente, com um barco pesado como aquele e a maré baixando a três nós. Pode ter certeza de que, se o barco saiu mesmo, foi corrente abaixo e não corrente acima.

“Depois de uma hora da manhã — continuou o velho — as coisas teriam sido diferentes. Haveria apenas uma correnteza suave até as quatro horas, talvez um nó no máximo. Qualquer pessoa poderia remar contra essa correnteza e não levaria mais de uma hora para vir de Whynmouth até aqui, e isso remando calmamente. Está bastante claro, não?”

Perfeitamente claro — concordou Rudge. — Então é, o seguinte: se o Almirante foi assassinado em seu próprio barco, isso terá ocorrido em algum lugar a jusante de Rundel Croft, em um ponto qualquer até Whynmouth, certo?

— Certo. Creio que quem quer que o tenha assassinado trouxe o barco de volta com o corpo dentro. Admitamos que a volta tenha sido por ocasião das águas mais paradas. O sujeito, quem quer que seja, vê o bote do Vigário amarrado ao poste na correnteza e lhe ocorre a idéia de pôr o corpo dentro dele. Encosta no bote, põe o corpo dentro e em seguida o que faz? Como vai fazer com que o bote se desloque? Responda a essa pergunta, Inspetor.

— Não vejo exatamente qual a dificuldade — respondeu o Inspetor. — Ele não estava preso com uma corrente e cadeado.

— O senhor agora não percebeu onde eu estava querendo chegar — observou Ware, com um toque de impaciência. — Ora, quando ele voltou, a água estava lá

embaixo, parada, e o rio tinha baixado de um metro e vinte a um metro e cinqüenta depois que o bote fora amarrado. O senhor não percebe? Só se fosse um homem muito alto, seria capaz de chegar até o nó, a não ser que subisse no poste.

Só havia uma coisa a ser feita, cortar a amarra. E há uma coisa que talvez o senhor não tenha observado. A amarra era um pedaço quase novo de um cabo de fibra, de quatro centímetros de espessura.

— Notei que parecia quase novo. Mas não percebo o que isso tem a ver com o caso.

— Já tentou alguma vez cortar um cabo de fibra com uma faca de bolso comum? Não, creio que não. Mas pode ter certeza de que é uma parada muito dura. Além disso, quando acabar, o corte estará todo puído. Esse cabo, no entanto, estava liso no corte, como se tivesse sido cortado com um só golpe de uma faca muito afiada.

De qualquer modo, estava cortado e o barco foi à deriva.

Ware bateu o cachimbo e se pôs a enche-lo novamente, devagar. Tirou do bolso um toco de fumo que cortou cuidadosamente napalma da mão.

— Esta faca é muito afiada — comentou ele — e trago sempre comigo com a finalidade de cortar meu fumo. Mas não creio que conseguisse cortar aquela amarra de um só golpe. Não, tinha que ser uma faca mais forte e mais amolada para fazer aquele serviço, sou capaz de jurar.

Enquanto Ware continuava a encher e a acender seu cachimbo, a mente do Inspetor se mantinha ocupada. A possibilidade de que o Almirante Penistone tivesse tomado de novo sua embarcação e remado rio abaixo parecia grandemente reforçada. Neste caso, ele provavelmente teria sido morto em algum lugar próximo de Whynmouth e seu corpo teria chegado até o ponto onde foi localizado por

Ware de forma bem semelhante à imaginada pelo velho. Mas será que havia algum modo de se comprovar isso?

Em primeiro lugar, a que horas teria ocorrido? O médico dissera que, em sua opinião, o Almirante havia sido morto antes da meia-noite. Mas, se ele fosse na verdade o visitante que esteve no Lorde Marshall, teria chegado a Whynmouth pouco depois das onze.

Sua partida de Rundel Croft não poderia ter sido muito retardada; sua impaciência de deixar o Vicariato parecia indicar a vontade de sair o mais rapidamente possível. A desculpa que deu a sua sobrinha para não subir com ela para a casa, pois desejava fumar um charuto antes, era provavelmente com o objetivo principal de afastá-la do caminho. Na certa, pretendia partir tão logo ela estivesse fora de alcance da vista e do ouvido.

Mas, se fosse assim, como o Vigário, que ficara no pavilhão até as 10:20, não o tinha visto? De repente, ocorreu a Rudge a evidente confusão do Vigário, quando ouviu falar do crime. Seria possível que ele, de fato, tivesse visto a partida do Almirante para sua misteriosa jornada, mas tivesse suas próprias e boas razões para não revelar esse fato? Isso, pelo menos, era possível.

As reflexões do Inspetor foram interrompidas por uma observação de Ware, que tinha finalmente conseguido fazer com que seu cachimbo se comportasse de maneira conveniente.

— É curioso que eu não pareça conhecer o Almirante Penistone — observou o velho. — Com esse nome só havia um no Almanaque da Marinha, quando eu estava na ativa e o vi mais de uma vez.

— O senhor o viu? Quando foi isso? — quis saber Rudge, ansiosamente.

Ora na Base da China, há vinte anos ou mais. Eu estava servindo, nessa ocasião, no Rutlandshire, um dos

cruzadores de três chaminés, classe County, um verdadeiro demônio dentro d'água. Lembro-me de uma vez em que fomos apanhados por um furacão e ele quase foi embora. Ali está ele.

Com a chaste do cachimbo, Ware apontava para uma das fotos que adornavam a sala.

— Um navio semelhante se encontrava na mesma base conosco. Huntingdonshire, era o nome do outro cruzador e não se podia diferenciar os dois, a não ser pelas faixas em suas chaminés. Nossos canhões de seis polegadas estavam um pouco mais acima na coberta, mas isso era tudo. O Comandante do Huntingdonshire se chamava Penistone, e era o melhor oficial que se poderia encontrar. O Huntingdonshire confiava inteiramente nele. O navio sempre foi um barco feliz, tudo a bordo muito bem cuidado. E era inteligente também. O Comandante Penistone tinha sido um excelente artilheiro antes de ser promovido, e mantinha essa legenda em seu navio.

Quando comandou o Huntingdonshire, o navio tinha as melhores marcas da Artilharia da Marinha.

— E esse era o mesmo homem cujo corpo o senhor viu esta manhã no bote do Vigário? — perguntou Rudge.

— Bem, se era mudou um bocado desde que o conheci. Não que o corpo que vi esta manhã não fosse da mesma estatura e coisas assim. Mas, se era o mesmo rosto, mudou um bocado ao longo desses últimos vinte anos. Quero referir-me mais à expressão. O Comandante Penistone que conheci era um sujeito jovial, com uma palavra de incentivo para cada um, não importa que se tratasse de um grumete ou de um almirante. E o sujeito que vi na manhã de hoje parecia, com todo o respeito a ele, uma espécie de demônio mal-humorado.

— Creio que era mesmo, do que ouvi sobre ele — replicou. Rudge. — Bem, Ware, agradeço-lhe muito por

tudo o que me disse.

Por falar nisso, o senhor terá que ser ouvido no inquérito, como sabe. Receberá uma intimação para comparecer, na ocasião apropriada. Aparecerei por aqui para conversarmos um pouco mais em uma outra oportunidade, está bem?

— Sim, o senhor será sempre bem-vindo — disse Ware, cordialmente. — Se o senhor fosse um pescador eu o levaria a um lugar onde se pesca mesmo de fato. Por direito é particular, como todos os pesqueiros por aqui, mas ninguém se preocupa comigo. O Inspetor Rudge saiu da casa do velho e partiu em seu carro.

Estava na hora de fazer a visita que adiara a Sir Wilfrid Denny.

Enquanto guiava na direção de West End, tinha seus pensamentos absortos sobre como descobrir se o Almirante Penistone tinha ou não remado rio abaixo na noite anterior. Se o tivesse feito, era provável que não fora visto. Na maior parte de seu curso, o rio ficava fora do alcance da estrada. Somente era visível em um ponto: a Ponte de Fernton. Havia, é claro, algumas casinhas próximas às suas margens, mas seus moradores, com toda a certeza, estariam na cama às 10 horas. Ficava, assim, somente a remota possibilidade de que alguém tivesse cruzado a Ponte de Fernton no momento em que o Almirante estivesse passando por baixo dela.

O fato de que a jornada do Almirante não tivesse sido observada provavelmente tinha um outro significado com relação ao assunto. O assassino deveria estar a par de sua intenção ou tê-lo encontrado casualmente, seja na Ponte Ferntas, seja em Whyemouth.

Mas, se o encontrara por acaso, como estaria provido com a arma adequada? Normalmente as pessoas não carregam consigo punhais capazes de infligir um tal

ferimento. Não, um encontro casual não parecia ajustar-se, de modo algum. O crime tinha que ter sido premeditado. Porém, até que conhecesse mais os que lidavam com o Almirante, era impossível desconfiar de quem poderia saber de seus planos. Havia sempre uma probabilidade, é claro, que o criminoso tivesse arranjado o encontro. Ao cruzar a Ponte de Fernton, Rudge parou o carro e olhou por cima do parapeito, de ambos os lados. Verificou que era possível ver algumas centenas, de metros, tanto para a jusante quanto para a montante(*) da correnteza, antes que curvas escondessem o rio em ambas as direções. Em uma noite clara um barco poderia ser visto a alguma distância. Julgando-se satisfeito, o Inspetor prosseguiu em seu carro.

(*)A montante, para o lado da nascente de um rio. Que sobe, que se eleva.

West End era um subúrbio de Whynmouth, e ficava do lado do rio que dava para a baía, e em sua maior parte era constituído por construções de casas de tijolos vermelhos, levantadas no centro de jardins. No entanto, uma casa mais velha, construída de pedra, mantinha-se escondida de seus vizinhos e da estrada de ferro para o norte, por arbustos de algum porte. Essa propriedade, como Rudge se havia certificado, era conhecida como Mardale e nela morava Sir Wilfrid Denny. O portão de entrada estava aberto, e o Inspetor entrou com o carro, até ser finalmente obstado pelo gramado maltratado e, aparentemente, demasiado crescido, que descia até o rio, e pelo péssimo estado de conservação a que chegara a casa. Rudge se lembrou da referência da Sra. Davis à falta de meios de Sir Wilfrid, o que, ao que parecia, era por completo justificado.

Aparentemente, não havia ninguém em casa, quando Rudge tocou a campainha, mas, após uma longa espera,

uma dama idosa e de cara desagradável apareceu e ficou olhando inquisitivamente para ele.

— Sir Wilfrid Denny está em casa? — perguntou o Inspetor.

— Não, não está — replicou a mulher. — Foi chamado a Londres inesperadamente, e partiu no primeiro trem desta manhã.

Capítulo VI

O Inspetor Rudge Pensa Melhor Sobre o Assunto MILWARD KENNEDY



Uma ou duas perguntas hábeis elucidaram o fato de que a “chamada” tinha sido telefônica e que não era hábito de Sir Wilfrid ir com freqüência ou regularmente a Londres e, acima de tudo, de manhã cedo. Ele não era, ao que parecia, um magnata da cidade, mas um funcionário civil aposentado — “um desses funcionários conciliares”, explicara a mulher. O Inspetor começou a entender por que o caminho estava tão mal cuidado, pois, enquanto o homem de negócios normalmente obtém o título de cavalheiro no auge de sua prosperidade e se aposenta para a opulência, o servidor civil acha que um título é uma pequena compensação para a diferença entre salário e provento.

A notícia de que Sir Wilfrid estava ausente era desconcertante, mas, no fim de contas e depois de uns poucos segundos de rápido raciocínio, não completamente mal recebida. Subconscientemente, o Inspetor Rudge se apercebia de que suas sindicâncias estavam se tornando indevidamente dispersas e que nenhuma delas, até então,

poderia por si só merecer o crédito de “completa”. Ao se despedir da mulher e agradecer, deixou um recado delicado para Sir Wilfrid, pedindo-lhe que entrasse em contato com a Polícia ao regressar. Rudge deu partida no carro e rumou de volta para Lingham, seus sentimentos subconscientes tomavam forma em sua consciência de maneira tão definitiva que pouco antes de chegar à bifurcação da estrada ele parou o carro no acostamento, acendeu o cachimbo, pegou sua caderneta de anotações e ficou meditando.

Ele havia corrido para lá e para cá — do Vicariato a Rundel Croft, de Rundel Croft a Whynmouth, do Hotel Lorde Marshall para a casa de Ware, daí para o West End e agora estava indo... bem, para onde estava indo? Claro que não havia perdido muito tempo, pois as distâncias eram todas curtas; incidentemente, percebeu que, ainda que pouco antes estivesse convencido de que o Almirante dificilmente poderia ter chegado a pé ao Lorde Marshall por volta das 11 horas, agora tinha observado que a distância, partindo de Rundel Croft, não excederia de muito uns quatro quilômetros, fora da estrada. No entanto, isso era incidental; o que o Inspetor desejava, naquele momento, era planejar sua estratégia.

Em primeiro lugar, de que ficara sabendo em Rundel Croft? Por Deus, tinha-se esquecido completamente do jornal. Se Emery tinha encontrado o exemplar “regular” ainda no saguão, não seria uma explicação para o que estava no bolso do Almirante assassinado que ele tivesse mesmo ido a Whynmouth? Bem, era ocioso especular; ali estava, obviamente, um fio solto a ser ajustado. Quanto ao resto, suas sindicâncias tinham sido dirigidas a dois objetivos distintos: descobrir alguma coisa a respeito das pessoas envolvidas, seu passado, suas características e assim por diante e, de outro lado, desvendar o que

acontecera no Vicariato na noite anterior. Quanto mais pensava no assunto, mais aborrecido se sentia com a fuga da Srta. Fitzgerald — fuga, esperava confiante em Deus, seria uma palavra muito forte; também meditou, em dúvida, se não fora por demais generosos na liberdade que havia permitido a Holland. Mesmo assim, nenhum deles — a não ser que sua impressão fosse completamente errada — seria a melhor fonte de informações sobre o Almirante. Porém, o que mais havia ele descoberto? Praticamente nada, senão comentários do Vigário, dos empregados, do velho Neddy Ware e da Sra. Davis, nenhum dos quais podia jactar-se de conhecer o morto havia mais de um mês. O Vigário sugerira que o Almirante era bastante sociável, enquanto seus filhos deixaram transparecer exatamente o oposto. Quanto ao velho Ware... bem, que confiança podia ser depositada em sua opinião? Dificilmente um sub-oficial poderia ter intimidade com o comandante de um cruzador; além do mais, 20 anos era um período suficiente para obscurecer a nitidez de suas recordações. Claro, Sir Wilfrid Denny talvez pudesse ajudar, mas isso era mais um salto no escuro. Talvez ele não conhecesse o Almirante havia mais tempo do que o Vigário e, se estivera com ele mais freqüentemente no último mês, poderia significar simplesmente que o ex-artilheiro não tivesse muita predileção por clérigos, o que não seria um traço sem precedentes em um Almirante reformado.

Não, disse Rudge para si mesmo, ele claramente precisava trabalhar em linhas menos casuais; no Almirantado haveria registros, havia os advogados, havia “referências” dadas aos agentes imobiliários, quando da assinatura do contrato de Rundel Croft. Ao se lembrar de advogados, ocorreu-lhe o testamento, Não terminara de examiná-lo; suas cláusulas poderiam ser de primordial importância como um guia para o motivo. Ele nem mesmo

sabia se se tratava de uma cópia de testamento legalmente registrado, ainda que, obviamente, isso não tivesse um significado vital.

Parecia haver uma série de indagações a serem respondidas, sendo essencial, em primeiro lugar, dispor de um telefone e de pessoal. Não adiantava muito deixar o sargento e o agente de polícia passando o dia no abrigo de barcos, enquanto ele próprio procurava estar em todos os lugares de uma só vez e realizar três tarefas ao mesmo tempo. Mesmo assim, Rudge não se mostrava com muita pressa; estava apreciando seu cachimbo e queria girar em volta do problema como um todo. O que dizer dos acontecimentos da noite anterior? Por Deus, havia um ponto que parecia ter-lhe escapado. Onde estava a chave da janela francesa? Seria o Almirante a única pessoa a dispor de uma chave particular, ou sua sobrinha também dispunha de uma?

Rudge continuou a fumar seu cachimbo, folheando as páginas de sua caderneta. A empregada... sim, Jennie Merton; uma coisinha linda e muito inteligente. Ela lhe dera uma descrição muito clara de Elma Fitzgerald, seu tio e a criadagem como um todo. Teria mesmo? Não fora ele apressado demais em aceitar a opinião dela como digna de confiança? Havia só três semanas que Jennie estava trabalhando lá; ainda assim, quando ela lhe dissera que Elma e o Almirante eram ríspidos um com o outro, que Elma e Holland não "se davam as mãos" e que ela não podia entender os porquês da inconstância de Elma em se levantar e vestir suas melhores roupas... bem, não tinha sido ele um pouco rápido demais em pensar que havia algo misterioso, quase sinistro, em tudo isso? A outra empregada, a que tinha ficado tão aborrecida em Rundel Croft que saíra depois de uma semana, provavelmente teria podido contar a história íntima da casa do Almirante: talvez

eles estivessem acostumados a unir a vida mais alegre... De qualquer modo, ela devia ter-se sentido bastante aborrecida, pois tinha mandado às favas seu salário para poder dar o fora. Rudge se recriminou acerbamente; aqui estava ele, quase rotulando a empregada desaparecida como uma aventureira estrangeira... e tudo sob o peso de umas poucas palavras de Jennie Merton.

Ocorreu-lhe também que, ao pensar nisso, havia uma certa confusão no relato que Jennie fizera pela manhã, e o desaparecimento daquele vestido branco de noite. Emery, aparentemente, tinha encontrado Jennie, e esta tinha ido acordar sua patroa, dizendo-lhe que ela estava sendo aguardada (todo o processo não levando mais de 10 minutos). Então teria sido dito a Jennie que saísse imediatamente, pois sua patroa queria levantar-se. Mas, em algum momento, teria sido determinado a ela que preparasse algumas coisas para a noite. Quando Jennie se pusera a guardar as roupas — e isso, presumivelmente, ocorrera enquanto sua patroa estava sendo entrevistada lá embaixo — o vestido branco havia desaparecido e não fora encontrado em lugar algum. Mesmo assim, Jennie calmamente admitia que o vestido fora colocado mais tarde na mala por sua patroa, como se isso explicasse tudo. Este fato certamente parecia sugerir que, afinal de contas, seu cérebro não era assim tão maravilhosamente dotado. E, o que era mais, ele iria trocar mais uma ou duas palavras com ela sobre esse assunto.

Certamente havia ainda um bom trabalho a ser feito em Rundel Croft. Isto não queria dizer que não houvesse mais nada a ser feito no Vicariato. Se os dois rapazes não tivessem encontrado nem traços da arma, era necessário que fosse organizada uma busca apropriada. E, ainda, o chapéu do Vigário: por um lado, Mount parecera demasiado rápido em admitir onde distraidamente o esquecera, o que

parecia um tanto incoerente; por outro, o Vigário não se perturbara quando o assunto fora mencionado — de qualquer modo, infinitamente menos do que em outros pontos da entrevista.

O Inspetor Rudge bateu o cachimbo e deu partida no carro.

Iria a Rundel Croft e, enquanto fazia a volta, encontrou mais uma razão para sua decisão: pistas no bote e no abrigo de barcos. Deixou o carro na frente da casa, rodeou-a e desceu apressadamente ao encontro de seus dois subordinados. Estes o acolheram de uma forma que sugeria que estavam estalando de novidades.

— Bem, Sargento? — perguntou. — Alguma coisa importante? A arma foi encontrada?

Não, senhor, mas...

O que, então? Pegadas?

Ahn... não, senhor.

Uhm. Bem, já vamos saber em um minuto. — O Inspetor percebeu que estava sendo desnecessariamente abrupto e que o Sargento Appleton em particular tinha agora uma expressão distintamente sombria. — Desculpe — disse Rudge, com um sorriso agradável. — A coisa é que temos muito o que fazer e quero começaro mais depressa possível aquilo que vai tomar mais tempo. Pôr o moinho para girar, vocês sabem. Assim, se realmente não apanharam o criminoso, ou alguma coisa parecida...

— Não é exatamente isso — respondeu o Sargento, seu bom humor de volta.

Então, Sargento, venha até a casa comigo. Hempstead, você fica aqui. Voltaremos logo que puder. Fique de olho também na margem oposta.

Os dois homens se apressaram em subir para a casa, e o Inspetor se encaminhou diretamente para a janela francesa, preocupação maior em seus pensamentos. Uma

coisa era certa: a chave não se encontrava do lado de fora. Apressaram-se a rodear a casa e dirigiram-se à porta da frente e tocar a campainha; após um intervalo de pelo menos três minutos, durante o qual o Inspetor fumegava de impaciência, Emery abriu a porta e os fez entrar, com aquele mesmo ar de relutante incompetência que fora a primeira impressão que causara a Rudge.

— Quero dar uma outra palavra com você, Emery — começou ele sério.

— Aqui está — disse Emery.

— Aqui está o quê? — O homem realmente parecia meio imbecil tanto quanto dolorosamente lento.

— A Evening Gazette — explicou Emery, voltando-se e apontando para uma mesa lateral do saguão.

— O exemplar regular de assinatura? O que é entregue às nove horas? Onde estava?

— Ali.

— Mas você me disse antes que não tinha certeza. Se ele esteve ali o tempo todo...

— Nem tinha mesmo — protestou Emery, com uma leve indignação — mas no minuto em que fui verificar e virei as costas, o senhor sumiu.

O Inspetor deu de ombros; ele não podia negar que o homem tivesse alguma razão, mas gente mole como aquele mordomo deveria esperar todas as formas de críticas.

— O jornal já havia sido lido? — foi a pergunta seguinte do Inspetor. Percebeu imediatamente que essa pergunta não fora calculada para produzir uma resposta que ajudasse, apressadamente, emendou-a, e extraiu de Emery a opinião de que o jornal nem havia sido tocado, desde que fora colocado sobre a mesa.

O Inspetor sacudiu a cabeça; em seguida, apanhou o jornal e pediu ao mordomo que os conduzisse até o escritório. O Sargento estava visivelmente intrigado, muito

em particular com o fato de o Inspetor ter-se apossado da Evening Gazette, mas seguiu em silêncio e fechou a porta do escritório após a passagem do pequeno cortejo.

Agora, Emery — falou o Inspetor, refreando a tendência de gritar — quero saber sobre as chaves da janela francesa, aquela que você fechou mas não trancou. Primeiro que tudo, todas as outras portas estavam fechadas e trancadas quando você foi para a cama a noite passada? Estavam, não? Então aquela era a única forma pela qual o Almirante e Srta. Fitzgerald poderiam ter entrado. E essa janela francesa... quantas chaves tem?

— A minha está aqui no meu chaveiro — replicou o mordomo, e bruscamente mostrou um gordo molho de chaves, separou uma delas e ofereceu-a para exame. O Inspetor tomou-a, satisfez-se em verificar que era mesmo a chave da janela francesa, abrindo-a, e devolveu o molho. Rudge chegara a ficar imaginando como o mordomo conseguia não esquecer a chave do lado de dentro, na fechadura; o molho deu a explicação necessária.

— Muito bem — disse.

— Quantas outras dessas chaves existem?

— Só sei de uma. A chave que o próprio Almirante tinha.

— Tem certeza?

— É a única de que já ouvi falar.

— A Srta. Fitzgerald não dispõe de uma?

— Não.

— Como sabe?

Bem, uma ou duas vezes à noite ela pediu a chave do Almirante emprestada.

— Oh, ela sai com freqüência à noite? — O Inspetor não pôde resistir a esse desvio do rumo principal de suas perguntas.

— De vez em quando. Com o Sr. Holland — respondeu o mordomo, como um esboço de careta.

— Saindo por aí, hem? — sugeriu Rudge, vulgarmente, com um sorriso se alargando no rosto. Rudge estabeleceu uma comparação mental entre a opinião de Jennie Merton e este fato. Em seguida, como que determinado a manter Emery no seu devido lugar, perguntou incisivamente o que havia acontecido com a segunda chave, a chave do Almirante.

— Bem, eu... eu realmente não sei dizer.

Onde o Almirante a guardava? Em um chaveiro, como você, ou separadamente?

— Separada — respondeu Emery. — Ela costumava ficar em cima de sua mesa, no porta-canetas. Tinha uma indicação.

O Inspetor atravessou o escritório rapidamente.

Bem, não está aqui — anunciou. Inúmeras idéias brilhantes assaltaram sua mente. O Almirante poderia ter dado a chave à sua sobrinha, enquanto ela subia para casa na frente dele. Ela poderia ter entrado e trancado a porta, desse modo trancando o todo lado de fora; neste caso, como teria ele apanhado o sobretudo?

Elma também poderia ter deixado a porta aberta, provavelmente com a chave na fechadura e seu tio poderia ter entrado, trancando a porta e pondo a chave no bolso; mas em seus bolsos não foram encontradas chaves estranhas e, com certeza, nenhuma trazendo indicações.

O Sargento Appleton pigarreou.

— Talvez seja esta, senhor — disse o Sargento e apresentou uma chave na qual estava presa uma pequena etiqueta de metal em que estava gravada a palavra "Janela". O Sargento se apressou em acrescentar, em face do olhar inquisidor e bastante aborrecido do inspetor: — Nós já íamos falar-lhe, senhor, lá no abrigo de barcos.

— Isto é tudo, por enquanto — disse o Inspetor, dirigindo-se à Emery. — Posso precisar de você mais tarde, por isso fique à mão. Há um outro telefone? Este então é uma extensão, suponho? (O Inspetor apontava para um aparelho sobre uma mesa, no lado oposto do escritório.) Ligue-a para cá. E uma outra coisa: quero ver a empregada de novo... Merton... dentro de alguns minutos.

— Bem, senhor, ela foi embora — informou o mordomo, com, talvez, um toque de maliciosa satisfação.

— Mas eu lhe disse, não... — começou o Inspetor zangado.

— É sua mãe. Ela está indisposta.

O Inspetor tornou a dar um sorriso de desdém, e o mordomo se retirou apressadamente. Era inútil culpar a pobre criatura; ele não poderia ter impedido que Jennie Merton saísse, da mesma forma que não impediu que Holland entrasse, observou Rudge para o Sargento.

— Não houve mal nenhum — acrescentou, referindo-se à chave; o Sargento, acertadamente, recebeu essas palavras como um velado pedido de desculpas. — Onde encontrou essa chave?

— No barco... no barco do Almirante.

— Você não esteve mexendo...

— Oh, não senhor. Não que haja algum perigo. A fora os remos e as forquetas, ele está tão limpo quanto um alfinete novo.

— Uhm. E quanto a impressões digitais na chave?

Era fácil perceber-se, no entanto, que a superfície grosseira da etiqueta não "receberia" impressões digitais; — Alguém se preocupou com o barco — disse Rudge, pensativamente. — Não estou entendendo como a chave foi deixada lá.

— Não creio que o estado do barco tenha muita significação... necessariamente — sugeriu o Sargento. —

Estive falando com os filhos do Vigário. Eles disseram que o Almirante sempre fazia uma faxina nele, depois que dava por encerrada sua utilização, a cada dia.

O Inspetor meditou sobre isso. O fato parecia casar com a descrição do Almirante como sendo super organizado; isso também poderia ajudar a explicar por que, após retirar-se apressadamente do Vicariato — logo depois das dez, pois tinha que entrar antes da meia-noite! — ele havia ficado para trás no abrigo de embarcações.

Mas isto estava longe ainda de ser conclusivo.

— Bem, vamos adiante — disse ele ao Sargento.

— O que atraiu minha atenção foi a borda da etiqueta. Ela estava aparecendo por baixo das tábuas do fundo do barco. Como se, tivesse caído e escorregado lá para dentro.

— É melhor nós experimentarmos a chave, para termos certeza.

Rudge enfiou a chave no buraco da fechadura e abriu e fechou a janela francesa.

— É dela mesmo — concordou o Inspetor, e permaneceu em silêncio durante alguns momentos, batendo com a chave na palma de sua mão esquerda e correndo os olhos abstratamente pelo escritório. De repente, interrompeu sua inspeção e se encaminhou para a lareira. Pegou uma fotografia grande, emoldurada, em que aparecia um oficial de Marinha em primeiro uniforme. — É ele mesmo, não?

O Almirante Penistone?

— Sim — disse o Sargento Appleton, com alguma surpresa.

O Inspetor contou ao Sargento a conversa que tivera com o velho Ware.

— Não parece provável que não seja o verdadeiro Almirante Penistone — observou o Sargento. — Pode não

ser, mas está presente por toda a casa. — E apontou para uma taça gravada que se encontrava também em cima da lareira. Um escrutínio mais amplo, entretanto, revelou um “grupo” de oficiais da Marinha, no centro do qual se encontrava um homem mais jovem, porém inegavelmente semelhante ao morto. Os nomes dos componentes do grupo achavam-se impressos embaixo da foto; no centro, estava o nome do Comandante Penistone.

— Não creio que haja mais qualquer sombra de dúvida — assentiu o Inspetor — mas não podemos correr riscos. Há uma coisa que quero que você faça: telefonar para o Almirantado.

Enquanto falava, o Inspetor pegou um exemplar de *Quem é Quem* de uma prateleira cheia de livros de consulta.

— Eis aí — disse o Inspetor. — Uhm. Nenhum endereço... apenas um resumo de sua carreira, quando no serviço ativo. Artilharia, sim. Esquadra da China. Parece ter tido uma boa estrela.

Engraçado que se tenha reformado tão cedo. Pensei que os cortes fossem uma invenção moderna. De qualquer modo, dê um telefonema para o Almirantado.

O Sargento Appleton levantou o fone. A linha estava morta; o lamentável Emery se esquecera de ligar a extensão. O Sargento saiu para corrigir as coisas e se valeu da oportunidade para repreender o mordomo.

Ao voltar, encontrou o Inspetor sentado à mesa, engolfado em uma nova tentativa de traduzir a linguagem jurídica para o senso comum. Não era assim tão difícil como ele tinha imaginado, em sua prévia e apressada leitura do testamento. Os bens do cunhado do Almirante Penistone estavam aparentemente divididos em partes iguais (afora um ou dois pequenos legados) entre Elma Fitzgerald e seu irmão. Até que a morte de seu irmão pudesse ser

estabelecida, ela e seu tio eram os curadores da parte dele, cujos dividendos, menos um pequeno percentual para ambos, seria adicionado ao capital; com a morte do irmão, o dinheiro passaria todo para as mãos de Elma. Quanto à parte dela, Elma não receberia o dinheiro até que viesse a casar-se, ficando até então seu tio e o Sr. Edwin Dakers, de Dakers e Dakers, como curadores. A única cláusula digna de observação era a provisão de que, se ela casasse sem a aprovação escrita do tio, receberia apenas uma quantia necessária à sua sobrevivência retirada de sua parte, devendo o tio, quando de sua morte, reverter a instituições de caridade. O Inspetor ficou satisfeito de saber que, como temera, não havia o problema de o Almirante ser o único curador de Elma; do que conhecia das leis, lembrava-se de que uma tal situação era dificilmente possível. O documento, é claro, era uma cópia; Dakers e Dakers provavelmente saberiam se era a cópia de um testamento registrado ou não, e talvez fosse necessário, para fins formais, examinar o original na Somerset House. O Sargento poderia falar com o Sr. Edwin Dakers...

Mas o Sargento não parecia estar-se saindo bem com seu telefonema, pelo simples fato de que não sabia castamente o que significava "telefonar para o Almirantado" e por quem se deveria perguntar, quando se entrava em contato com aquela augusta repartição. O posto interurbano local não fora também particularmente brilhante, pois estava supostamente fazendo indagações. O Inspetor franziu o cenho e olhou inquietamente para o exemplar da Evening Gazette, que ele tinha atirado em cima da mesa. Precisava olhar cuidadosamente o exemplar que tinha sido encontrado no bolso do morto. O modo pelo qual estava dobrado poderia ser sugestivo ou talvez houvesse um artigo qualquer assinalado. Seguramente o Almirante não teria comprado um exemplar extra, sabendo que o de sua

assinatura estaria no saguão de sua casa, a não ser que nele houvesse alguma coisa de importância. O "noticiário" não parecia conter nada de anormal: a "Tragédia num Prédio de Apartamentos de Londres" ocupava a maior parte da 1ª página, juntamente com um relato de novos problemas na Manchúria (Moscou, como sempre, era acusada de estar dando cobertura ao último Ministro da Guerra, de nome impronunciável) e uma foto de damas de honra num casamento em Santa Margarida.

A campainha do telefone tocou. O Sargento, ainda apreensivo, pegou o fone. Sua expressão mudou rapidamente, passando à surpresa.

— Quem? Sim. Espere um pouco que vou passar... oh, muito bem. Quem? Oh, sim, sim, espere um momento... — Appleton fez sinais frenéticos para o Inspetor, que rapidamente atravessou o escritório.

— Quem é?

— A Srta.... sim... estou escutando... A Srta. Fitzgerald — Dê-me aqui — pediu o Inspetor. — Vamos homem. — O Sargento estava rabiscando coisas ininteligíveis no bloquinho de papel que tinha à sua frente. Por fim e duvidosamente passou o telefone para o Inspetor. — Srta. Fitzgerald? Aqui é o Inspetor Rudge.

Que bom que tenha telefonado. Quero perguntar-lhe...

— Desculpe — ouviu ele a voz enfadonha de Elma Fitzgerald dizer — mas não posso esperar agora. Eu lhe enviei um recado. E, por falar nisso, não sou a Srta. Fitzgerald.

Houve um clique quando ela desligou o telefone. O Inspetor praguejou e acionou o gancho furiosamente para cima e para baixo.

— Localize essa chamada, por favor — pediu ele à telefonista, explicando quem era.

— Está tudo bem, senhor — disse o Sargento. — Ela estava falando do Carlton, em Londres. Ela mesma disse e eu também ouvi a telefonista do hotel dizer a mesma coisa quando a ligação foi completada.

— Qual foi o recado? Ela não podia esperar para falar como ia, bem?

— Ela disse que achava que o senhor queria entrar em contato com ela e com o Sr. Holland. Assim, o senhor estaria interessado em saber que ambos estão hospedados no Carlton e ficarão lá nos próximos dois ou três dias, voltando em seguida. Ela vai sair hoje de noite para dançar, mas sempre teria prazer em ver o senhor, marcando uma hora. Mas pediu para o senhor lembrar-se de procurar pela Sra. Holland, pois ela se casou hoje, com uma licença especial.

O Inspetor digeriu — ou se pôs a digerir — essa notícia em silêncio. Se Elma e Holland eram marido e mulher, seria difícil...

E o testamento? Se o Almirante estava morto, a cláusula a respeito de seu consentimento ao casamento da sobrinha presumivelmente caía por terra... O recado de Elma positivamente lhe dava alguma coisa em que pensar.

— Bem, Sargento — decidiu ele — vamos continuar. Apresse-se a chamar o Almirantado e, depois, quero que entre em contato com o Sr. Edwin Dakers. — Em seguida, acrescentou uma série de instruções, inclusive que deveria ser avisado quando Jennie Merton voltasse. — Vou até o abrigo de barcos — concluiu o Inspetor e saiu pela janela francesa.

Rudge encontrou Hempstead pacientemente de guarda.

— Alguma novidade? — perguntou.

— Não, senhor. Ninguém esteve aqui.

— Não descobriu nada de novo?

— Não, senhor. O Sargento Ihe falou sobre a chave?

— Sim. Bom trabalho. Alguma coisa aconteceu do lado de lá?

— Não, senhor. Os rapazes procuraram a faca em todos os lugares, mas não creio que tenham encontrado coisa alguma. Disseram que iam agora tomar um banho.

O sol estava ficando quente e havia uma ponta de inveja no tom de voz do Agente de Polícia.

— Viu o Vigário?

— Sim, senhor. Ele esteve molhando o jardim.

— Hoje de manhã? No sol?

Sim, senhor. Com uma mangueira. Valia a pena ver. Ele regou muito bem tudo o que estava à vista... até mesmo as flores, aqui e ali. Mas eu não diria que tenha causado muitos danos. Acho que ele não entende muito de jardinagem, e foi isso exatamente o que disse Bob Hawkins, que vem duas vezes por semana.

O Inspetor examinou o abrigo de barcos e o que ele continha.

Vamos fazer moldes dessas pegadas, se pudermos — observou — ainda que elas não pareçam muito nítidas. Creio que devemos tirar também impressões digitais dos remos e forquetas. Não podemos manter este local indefinidamente sob observação e, se houver algumas impressões digitais que nos digam alguma coisa, não queremos que elas desapareçam.

Rudge entrou no barco e começou a entregar cuidadosamente a Hempstead os objetos que havia mencionado. Enquanto assim fazia, o som de vozes no outro lado do rio fez com que se voltasse, inclinando o barco perigosamente. Os dois rapazes, vestindo trajes de banho, com toalhas nas mãos, vinham descendo o caminho rústico, de tijolos vermelhos, saindo do pavilhão. Um súbito pensamento acudiu ao Inspetor.

— Alô! — chamou ele, quando os rapazes chegaram ao cais do Vicariato. — Será que vocês me emprestam essa chalana velha por algum tempo? Isto me pouparia de ir de carro, pela estrada, sempre que preciso.

— Claro! — respondeu o mais velho dos dois.

Se vocês pudessem trazê-la até aqui e nadarem de volta — sugeriu Rudge.

— Boa idéia — replicou o rapaz com um sorriso.

Quando a parafernália do barco, foi convenientemente posta em terra, a chalana tinha chegado; o Inspetor a amarrou em uma alça do cais de desembarque de Rundel Croft.

— Quantas vezes por dia vocês se banham? — quis saber o Inspetor, jovialmente. — Ou será que foi a busca que os tornou tão calorentos?

— Tudo faz parte da busca — respondeu o mais moço, talvez detectando na pergunta uma nota de crítica.

— Vamos mergulhar para tentar encontrar a arma — aduziu o outro.

— Ótimo — concordou Rudge. — Ainda que eu tema que, com a lama e com a maré, e sem saber que tamanho a arma provavelmente tem, isto não será fácil. Eu contava que vocês a encontrassem em algum lugar da margem, mas parece que não conseguiram nada.

— Tudo o que encontramos foi o cachimbo favorito do Almirante — disse Peter.

— É mesmo? E onde o encontraram?

— No escritório de meu pai. Ele deve ter esquecido o cachimbo por lá à noite passada. Ele estava fumando esse cachimbo ontem à noite.

— Tem certeza de que é o cachimbo do Almirante?

— Oh, sim. O senhor verá por que, quando vir o cachimbo.

É um cachimbo velho, feito de espuma-do-mar, no formato de uma cabeça-de-negro.

— Vocês não estão com ele aí? — indagou o Inspetor, percebendo imediatamente a tolice da pergunta.

— Está lá em casa. — Alec educadamente refreou um comentário sarcástico e passou para a popa da chalana, preparando-se para mergulhar no rio.

— Escute, Alec, você não acha que devemos contar a ele...? — consultou seu irmão.

— Contar a ele, o quê? Oh, aquilo. Você é um tolo, Peter.

Não, acho que não tem nada com o caso.

— O que é? — quis saber o Inspetor.

— Oh, nada — foi a lacônica resposta. — Alguma coisa que nós perdemos e não que encontramos.

— Então é melhor me dizerem — sugeriu Rudge. — A função da Polícia é descobrir coisas, vocês sabem disso.

— Então é melhor que o senhor mergulhe e não nós — sugeriu Alec, astutamente. — Bem, já que Peter falou tanto, é melhor que eu conte mesmo. Mas não tem nada a ver com o seu caso. Pelo menos não vejo como poderia ter. É, que nós... ou, pelo menos.

Peter... deixou uma faca no pavilhão ontem à tarde, ou diz que deixou, e ela não se encontra mais lá.

— Ahn, é? — Hempstead também aguçou os ouvidos. — Quetipo de faca? De bolso, suponho.

— Bem, não. Era uma faca norueguesa grande. Nós a usávamos para aguçar a ponta de estacas; é necessário uma faca afiada para isso. De qualquer modo, sumiu; as chances são que Peter não a tenha deixado no pavilhão. Ele é tão ruim como meu pai para não saber onde põe as coisas.

Alec pulou para dentro d'água, logo seguido por Peter, tendo o Inspetor, como consequência, recebido alguns

respingos. Mas Rudge ficou satisfeito em saber dessa nova notícia à custa de uns respingos d'água, e, com um sorriso no rosto, observou os dois rapazes cruzarem o rio, galgarem a margem oposta e começarem a mergulhar vigorosamente na busca da arma desconhecida.

O sorriso desapareceu lentamente; pistas — ou chamemos de informações — pareciam estar-se acumulando. Lembrou-se do provérbio sobre a dificuldade de separar o joio do trigo.

— Interessante, senhor, não é? — A voz de Hempstead interrompeu seus pensamentos. — As coisas começam a tomar forma, poder-se-ia dizer. — Essa última base tinha mais de pergunta do que a primeira.

— Talvez — admitiu o Inspetor, vagarosamente. — Mas ainda está cheio de quebra-cabeças. Uma das coisas, Hempstead, é aquele sobretudo. Suponhamos que o Almirante tenha saído em seu barco; bem, posso garantir que ele poderia ter levado o sobretudo ao sair, mas seria preciso uma noite de fato muito fria para que você ou eu puséssemos um capotão pesado daqueles para remar.

Sem falar em outras coisas, pelo menos os braços é necessário deixar livres, não é?

O Agente de Polícia fez um ruído gataral destinado a transmitir seu assentimento, sem realmente comprometer-se.

— E uma outra coisa — prossigam o Inspetor Rudge — é esse jornal vespertino. Oh, ainda há lotes de problemas e de quebra-cabeças. O maior deles, porém, é "onde foi conseguido o jornal?" Ele deve ter chegado aqui às oito e meia de ontem à noite... não há como fugir disso. — Houve uma pausa, em seguida quebrada pelo próprio Inspetor. — A não ser — acrescentou, lentamente, e quase sem respirar — que tenha vindo de carro.

O Inspetor se voltou para Hempstead, tão de repente que o surpreendeu reprimindo um bocejo. Rudge se lembrou de que o infeliz auxiliar estivera em serviço durante a noite. Isto, por suavidade, sugeriu-lhe duas coisas; em primeiro lugar, que o remo e as forquetas tinham que ser levados para a delegacia, o que Hempstead poderia fazer e, ao mesmo tempo, ser substituído; a segunda coisa...

— Você não notou nada de particular com carros pelas vizinhanças ontem à noite, por volta das dez e trinta, não é, Hempstead?

O Agente de Polícia meditou sobre a pergunta.

— Bem, agora que o senhor falou nisso — disse, no fim de algum tempo, Hempstead — havia um carro parado ontem à noite, em Lingham, por volta de um quarto para as onze, ou coisa assim.

Vi quando parou perto do poste de luz da praça. Carro fechado, com uma mulher lá dentro.

— Sozinha?

— Isso eu não sei dizer. Só sei que era um mulher porque vi quando ela se inclinou para falar com o motorista ou quem quer que estivesse na direção do carro.

— Você a reconheceria?

— Não posso dizer, senhor. Também não anotei o número da placa do carro, pois não me pareceu necessário. Apenas vi o carro.

Não ficou parado senão uns poucos minutos e logo prosseguiu. Pela estrada para Whynmouth.

— O que, é claro — concluiu o Inspetor Rudge — faria com que passasse pelo Vicariato.

Capítulo VII

Choques para o Inspetor DOROTHY L. SAYERS



Inspetor ruminou durante alguns momentos sobre as fascinantes possibilidades sugeridas por esse fragmento de informação, despachando Hempstead em seguida, com a recomendação de que fizesse uma boa refeição e voltasse, depois do que caminhou vagarosamente até à casa.

— Sim, filho, o que é?

A pergunta foi dirigida a Peter Mount que de repente surgira a seu lado.

— Um bilhete que Papai mandou para o senhor — informou rapaz. — Atravessei o rio com ele.

“É sobre o funeral, creio”, disse Rudge para si mesmo. Pegou o bilhete.

Caro Inspetor Rudge

Estou ansioso por seguir para Londres esta tarde, para tratar de um assunto urgente, ligado a minhas obrigações clericais. Espero que não haja objeções a que o faça. Eu não teria sequer pensado em me afastar, se o assunto não fosse de grande importância, pois sei que o senhor preferiria ter todas as testemunhas à mão. No

entanto, espero que não me demore muito e, é claro, estou ciente de que devo estar de volta a tempo de comparecer à audiência que, como fui informado pelo Sr. Skipworth, terá lugar depois de amanhã. Manterei o senhor informado sobre os meus movimentos, para o caso em que se faça necessário, a qualquer momento, entrar em contato comigo e, se eu tiver que pernoitar em Londres, estarei no Hotel Charing Cross.

Desculpando-me por algum inconveniente que esse pedido possa causar-lhe,

*subscrevo-me cordialmente,
Philip Mount*

“Meu Deus! Mais um”, comentou, mentalmente, o Inspetor.

Durante uns momentos ficou indeciso, o bilhete aberto na mão.

Tinha que tomar uma decisão. Se proibisse o Vigário de ir... bem, dificilmente poderia fazer uma coisa dessas sem se comprometer, ele mesmo, com uma acusação, para a qual não estava certamente preparado. Poderia pedir ao Vigário que não fosse... mas, além da delicadeza de expressões, o bilhete parecia trazer implícita uma determinação suave. Não tinha nada de positivo contra o Vigário, com exceção de que seu chapéu e seu barco tinham sido encontrados em um local esquisito e que ele era um mau jardineiro.

O Inspetor se voltou para Peter.

— Creio que eu gostaria de ver seu pai, se ele puder dispensar-me alguns minutos.

Muito bem.

— Por falar nisso, como você cruzou o rio?

— Seu novo policial me trouxe na chalana... mas ele não é muito bom remador.

Rudge notou, com satisfação, que o substituto de Hempstead já havia chegado. Isto significava que ele próprio estava livre para se afastar de Rundel Croft, se o desejasse. Dirigiu uma ou duas palavras para o recém-chegado — um homem corpulento chamado Bancock — entrou na chalana, e Peter o levou para o outro lado. Na subida para o Vicariato, Rudge notou a área encharcada em torno do pavilhão. A mangueira tinha atingido um punhado de begônias na borda de um canteiro. Uma ou duas dessas plantas haviam sido até quebradas pela força do jato e em outras a água ainda gotejava, formando como que gotículas de cristal, incandescentes ao brilho do sol. O Vigário, no dia seguinte, provavelmente estaria especulando por que sua folhagem estaria salpicada de manchas brancas.

O Reverendo se encontrava no escritório. Saudou Rudge cordialmente, mas seu rosto parecia um pouco contraído. Sem dúvida nenhuma deveria ter recebido um sério choque, pensou Rudge. De qualquer modo, era um rosto forte e simpático, ao modo eclesiástico. Refletia honestidade, mas não se poderia afirmar que assim fosse.

De acordo com as informações locais, o Vigário era um ritualista, e os ritualistas têm estranhas idéias sobre a verdade. Por exemplo, seriam capazes de subscrever os Trinta e Nove Artigos e, em seguida, despudoradamente, imaginar saídas engenhosas para desviar-se deles.

Rudge era bastante entendido quanto às diferentes variedades de párocos, pois um de seus cunhados era administrador dos paroquianos em St. Saviour, Whynmouth.

— Bem, Inspetor, espero que não tenha vindo aqui me dizer que não posso ir a Londres.

— Bem, não, senhor... não exatamente. Eu não gostaria de chegar a esse ponto, mas não digo que não fosse preferível que ficasse aqui. Porém, como o senhor

informou que o assunto é urgente... — Rudge fez uma pausa a fim de dar tempo ao Vigário para explicar qual era o assunto.

— Oh, sim, é um assunto muito importante — limitou-se a dizer Mount. — Se fosse possível esperar alguns dias, eu teria tentado adiar a viagem, mas temo que seja impossível.

— Entendo, senhor. — Rudge, por ele mesmo, não podia perceber por que um assunto clerical seria tão urgente, a não ser que fosse uma convocação do Arcebispo de Canterbury ou uma importante conferência, mas, se assim fosse, por que o Vigário não dizia?

A expressão do rosto do Sr. Mount, no entanto, era apenas a branda severidade de alguém pronto para ler a Primeira Lição.

— Entendo então que está tudo certo, Inspetor?

— Oh, sim. Desde que, como o senhor mesmo disse, mantenha-se em contato conosco. E lhe agradeço muito ter-me feito saber de suas intenções. Não é todo mundo que dispensa a mesma consideração.

— Nós, ambos, temos nossas obrigações a cumprir — replicou o Vigário. — Além disso — acrescentou, com um leve piscar de olhos — se tivesse ido embora sem o avisar, o senhor poderia pensar que eu estivesse fugindo, o que eu nunca faria.

Rudge riu, respeitosamente.

— Há uma ou duas coisas que ia perguntar-lhe, senhor disse o Inspetor — e fico feliz por ter esta oportunidade. É sobre o falecido Almirante Penistone. O senhor diria que ele era um bom andarilho?

— Não — respondeu o Vigário. — O Almirante Penistone nunca procurava caminhar muito, devido a um ferimento em seu pé, provocado durante a guerra. Um estilhaço de granada, creio. Ele, na verdade, não

claudicava, mas cansava-o caminhar grandes distâncias ou muito depressa. Sempre preferia deslocar-se de carro ou ir pelo rio, quando possível.

O Inspetor balançou a cabeça. Isto prejudicava suas recentes estimativas e o punha de novo onde se encontrava antes. Passou para o ponto seguinte.

— O senhor dorme do lado da casa voltado para o rio?

— Não. Meus filhos e os empregados é que dormem desse lado, mas a janela de meu quarto é do lado oposto, dando vista para o gramado, as vezes, sou chamado durante a noite para atender alguém doente ou que esteja morrendo, e é mais conveniente que me chamem sem perturbar o restante da casa. Há uma porta lateral, o senhor sabe, que dá para o gramado, com uma campainha que soa no meu quarto.

— Compreendo. De sua janela pode ser vista a estrada?

— Sim, de um certo modo. O que quero dizer é que pode ver-se a estrada, mas, é claro, a uns duzentos metros da casa.

— Muito bem. Suponho que viu um carro fechado passar lá na estrada, à noite passada, na direção de Whynmouth?

— Esta é uma pergunta muito vaga. A que horas o senhor está-se referindo?

— Cerca de um quarto para as onze. Pensei que talvez o senhor pudesse ter visto esse carro quando estava trocando de roupa.

O Vigário sacudiu a cabeça.

— Não — disse, por fim. — Lamento que não o possa ajudar. Vim direto para casa às dez e vinte, mudei de roupa e fui para a cama. Não creio que tenha olhado pela janela, absolutamente. De qualquer modo, a essa hora que o senhor mencionou, eu deveria estar no banheiro do

corredor, ou — o Vigário piscou novamente — fazendo as minhas orações.

— Muito bem — disse Rudge, embaraçado como todo inglês genuíno à menção de devoções particulares. — Era apenas uma chance, senhor, mas uma chance muito tênue. Realmente eu não esperava que o senhor tivesse visto o carro. Quer ter a fineza de me dar um telefonema, quando chegar a Londres, senhor?

— Certamente o farei — replicou o Vigário. — E muito obrigado por ter dado permissão a minha escapulida. Prometo-lhe que não faltarei à minha palavra.

— Tenho certeza disso, senhor — tornou Rudge com convicção, e bateu em retirada.

O Inspetor atravessou devagar o jardim do Vicariato, suas pesadas botas estalando ruidosamente sobre as pedras, no silêncio abafado daquela manhã quente de agosto. Peter ainda estava zanzando pelo abrigo de barcos. Rudge olhou para o poste à beira do rio, ainda com a ponta de um cabo presa a ele por algumas voltas. Raciocinou se sua conclusão quanto ao corpo ter sido passado de um outro barco para o do Vigário não teria sido muito apressada. Ele deveria, pelo menos por precaução, examinar a margem à busca de pegadas.

A busca, no entanto, nada revelou que ajudasse. O capim da borda estava amassado e quebrado em alguns pontos, o que era natural, a família do Vigário costumava embarcar no bote por ali, mas o próprio capim se encontrava demasiado curto e seco para revelar pegadas e tudo o que ficasse abaixo do nível máximo do rio teria sido obviamente obliterado, quando a maré subira pela manhã.

Rudge sentou-se na beira do rio e ficou olhando para ele. A maré estava exatamente chegando ao seu ponto mais baixo e lento, e a agitação das águas batia nos costados da chalana e do abrigo de barcos com um barulho

suave. No lado oposto estava o barco do Almirante, balançando-se ligeiramente, quando o marulhar das águas levantava sua popa e obscurecia-lhe os contornos, diluindo suas formas nas sombras escuras. Entre as duas margens, o Sol incidia a pleno sobre as águas. Rudge sentiu em sua cabeça os tons da velha canção.

*Rio velho e experiente,
esse velho rio experiente
Deve saber alguma coisa,
mas não diz nada,
Apenas continua a correr, correr...*

Isso o fez lembrar-se de que prometera à sua senhoria o disco de Paul Robeson *Swing low, sweet chariot*. E de que seu rádio precisava de um novo acumulador. Amaldiçoou o rio, com seu perpétuo sorriso e com seus imbecis caprichos das marés. Conhecia o Rio Ouse em Huntingdon — lento, solitário, regulado por bombas e represas, pouco usado para embarcações devido ao abandono em que encontrava e bancos cobertos de mato. Conhecera rios na Escócia, tumultuosos, barulhentos, cheios de pedras, úteis apenas para pescarias... quando se gosta desse tipo de coisas. Tinha até passado umas férias na Irlanda e visto o majestoso Shannon, equipado e preparado para produzir eletricidade. Este rio, porém, era uma besta perigosa e não era bom para ninguém. Que sentido fazia um rio com uma diferença de um metro entre os níveis da maré alta e da maré baixa, duas vezes por dia?

Tornou a olhar para o poste de amarração, e mediu com o olho a distância entre a ponta da corda e o nível do rio. Quase dois metros e meio. Neddy estava certo. Qualquer pessoa no rio, que quisesse soltar o barco na maré baixa, teria que cortar o cabo. O bote estaria de fato se balançando muito baixo, e o cabo teria que ser longo para

manter a embarcação dentro d'água. Súbito, o Inspetor levantou-se, arrancando-se de sua sonolenta ruminção.

— Ei, filho — disse ele, em voz alta.

Peter emergiu do abrigo de barcos.

— Que comprimento você diria que o cabo teria?

— Cerca de três braças... uns seis metros e meio, o senhor sabe. Tem que ser mesmo comprido, por causa da maré.

— Sim, era o que eu pensava. — Rudge mediu com o olho a extremidade do cabo que pendia sobre a correnteza; em seguida procurou lembrar-se da extremidade deixada no bote do Vigário. No máximo um metro e meio, pensou. Mas não tinha certeza. Provavelmente era isso mesmo, mas, apenas por uma questão de rotina, não seria uma má idéia colocar as duas extremidades juntas. Tornou a olhar para o poste. Podia ver claramente, com os olhos de sua mente, o bote do Vigário com o cabo de fibra novo cortado e NeddyWare demonstrando com seu toco de fumo como tinha que ser afiada a faca usada para cortar o cabo. O Sol, sobre o rio, ofuscava.

Olhando para o poste, os olhos de Rudge pareciam alagados. No entanto, estava-lhe parecendo que essa extremidade estava cortada com menos perfeição do que a outra.

— O quê é? — indagou Peter, olhando primeiro para o poste, depois para o Inspetor.

— Não muita coisa — respondeu Rudge — apenas algo em que pensei e que devo verificar dentro de pouco tempo. Vou atravessar o rio agora, creio, se é que você não está precisando da chalana.

O Inspetor conseguiu atravessar o rio sem maiores problemas e encontrou o Agente de Polícia Bancok lendo um jornal, fleumaticamente, na margem oposta. Rudge determinou a seu subordinado que mantivesse o olho na

casa e anotasse qualquer recado telefônico, entrou no carro da Polícia apressadamente e se dirigiu para Lingham pela Ponte Fernton. O bote do Vigário lá estava, tendo sido cuidadosamente colocado em cima de uma carroça e trancado no "Salão de Danças" da cervejaria local, onde se encontrava também, sob a responsabilidade da funerária da localidade, o corpo do Almirante Penistone. Pensando no assunto, Rudge concluíra ser esse o melhor arranjo, uma vez que o inquérito deveria ser realizado em Lingham e convinha deixar o corpo ali por enquanto, levando-o de volta, se necessário, para Rundel Croft, para o funeral.

Mas, no momento, o corpo não interessava a Rudge. O bote com o cabo era seu objetivo. Entrando no "Salão de Danças" Rudge encontrou o fotógrafo da polícia em atividade. Ele parecia ter colhido uma rica safra de impressões digitais e agora estava metodicamente colocando lâminas sobre elas. Rudge fez sinal para que continuasse e, em seguida, tirando do bolso uma trena dobrável esticou-a do lado do cabo cortado, cuidadosamente. A medida precisa era 1,55 metro, da extremidade cortada até o anel preso à proa do bote.

Saiu novamente, seguindo outra vez para Rundel Croft, amaldiçoando a tola necessidade de se afastar por quase cinco quilômetros de seu trajeto em cada viagem. Ao chegar, tornou a chalana de novo. Junto ao poste de amarração, tomou-lhe as medidas.

Da parte de baixo da volta do cabo até a sua extremidade havia 2,65 metros e, calculando a parte do cabo empregada em voltado poste para fixá-la e a ponta que sobrava, havia mais um metro.

Isto levava todo o cabo preso ao poste a um total de 3,65 metros.

Somados esses 3,65 metros ao 1,55 metro de cabo preso ao bote, tinha-se somente um total de 5,20 metros.

Faltava cerca de 1,10metro de cabo, ainda não encontrado.

Rudge, agarrando-se cuidadosamente ao poste com um dos braços enquanto executava suas medições, e firmando bem os dedos de seus pés para evitar que a chalana deslizesse, deixando-o como um macaco agarrado num tronco, sacudiu a cabeça. Em seguida, examinou em sua mão a extremidade cortada do cabo, com bastante atenção. Ele estava certo, o corte nesta extremidade não era tão perfeito quanto o outro. Devia ter sido usada uma faca afiada, mas o cabo se partira gradualmente, as fibras cedendo sob o golpe, umas delas mais desfeitas do que as outras.

O Inspetor se defrontava com um novo quebra-cabeça. Porque alguém necessitaria de um pedaço de cabo de pouco mais de um metro? Dificilmente esse pedaço poderia ter sido usado para amarrar alguma coisa, pois a espessura do cabo indicava que comprimento quase igual seria necessário só para dar o nó. Bem, aí estava mais um enigma.

Rudge desceu do poste e embarcou na chalana mais uma vez.

O pedaço de cabo que faltava tinha que ser encontrado, se possível. Mas era provável que tivesse sido meramente atirado dentro do rio e, se assim fosse, teria sido levado para o mar a essa hora. Ou (dado que o ridículo Whyn corria nos dois sentidos) poderia ter ido rio acima, atrás do Almirante. Essa linha de busca não parecia ser muito promissora.

Mensagem alguma, de qualquer espécie, tinha chegado à casa na sua ausência e, sem saber muito bem o que fazer, Rudge resolveu ir até o escritório do Almirante. Lá encontrou o Sargento que, após muita conversa com o posto telefônico local, conseguira falar com o Almirante e estava procurando explicar para uma voz lânguida do outro

lado da linha com que departamento e com quem desejava ele falar. O Inspetor pegou o fone.

— Aqui é da Polícia de Whynmouth — disse ele em um tom peremptório, calculado de modo a transmitir que, embora a Marinha pudesse ser o serviço mais antigo, a Lei era ainda mais importante. — Queremos informações a respeito da carreira do Almirante Penistone, reformado, que serviu na Esquadra da China e mora agora em Lingham. Por favor, ponha-me imediatamente em contato com a pessoa certa. O assunto é urgente.

— Oh! — fez a voz. — O que o senhor deseja saber a respeito dele? Eu poderia dar uma olhada nos seus registros para o senhor, é claro, eu...

— Eu não desejo isso — disse o Inspetor. — Quero falar confidencialmente com alguma autoridade... e quanto mais rápido melhor.

— Oh! — fez novamente a voz. — Bem, não sei. Sabe, creio que todo mundo saiu para almoçar. Uma hora, sabe. Olhe aqui.

Creio que o melhor seria o senhor tornar a chamar dentro de uma ou duas horas e pedir o ramal cinqüenta e cinco, onde é possível que possam dizer alguma coisa, não se sabe. Vou mandar uma nota para eles a esse respeito.

— Obrigado. — O Inspetor colocou o fone no gancho e, depois dos 30 segundos regulamentares se escoarem, tirou-o novamente.

— O número, por favor? — perguntou a telefonista.

— Olhe aqui — disse Rudge — a senhorita tem um catálogo de Londres? Tem. Bom. Poderia ver o número do telefone de Dakers e Dakers para mim? São advogados em... espere um momento... em Lincoln's Inn. Sim, eu espero. Certo, Dakers e Dakers. É bastante urgente.

— Eu o ch-ch-chamo — disse a telefonista.

As observações do jovem do Almirantado tinham lembrado a Rudge que estava trabalhando desde as seis horas da manhã e não havia comido nada. Tocou a campainha e perguntou a Emery se era possível arranjar-lhe alguma coisa para comer.

— Bem — disse o criado, em dúvida — não sei, creio que sim. — Fez uma pausa e depois continuou. — Eu e a Sra. Emery íamos agora mesmo comer umas fatias de pernil. Se o senhor gosta, poderia comer pernil também.

A idéia pareceu boa ao Inspetor. Respondeu que apreciaria muito, de fato.

— Bem, direi a ela — tornou Emery. Saiu e voltou dentro de alguns minutos.

— Suponho que o senhor gostaria de tomar alguma coisa — sugeriu Emery, relutantemente.

— Qualquer coisa que tiver — respondeu Rudge, animadamente.

— Bem, sugiro um copo de cerveja — disse Emery. — Eu e a, Sra. Emery íamos agora mesmo tomar um copo. A Sra. Emery achou que precisava de alguma bebida alcoólica para levantar-lhe o ânimo.

O Inspetor prontamente aceitou o oferecimento da cerveja.

Emery se retirou hesitante, não tardando a voltar novamente.

— Posso trazer em uma bandeja? Não estamos acostumados a ter a Polícia por aqui.

O Inspetor respondeu que o que fosse mais conveniente para o Sr. e a Sra. Emery estaria bem para ele. O homem tornou a sair e depois de algum tempo voltou, dirigindo-se a Rudge em tom lamentoso.

— A Sra. Emery disse que o senhor pode comer um pedaço de pernil, se lhe agradar. Mas disse também que não

fez sobremesa hoje devido a estar desanimada, mas talvez um pedaço de bolo o senhor aceite.

O Inspetor respondeu que estava todo muito bem e, nesse momento, o telefone tocou. Atendendo, Rudge verificou estar em contato com Dakers e Dakers. O Sr. Edwin Dakers e o Sr. Trubody não estavam. A pessoa que estava falando poderia ajudar em alguma coisa?

O Inspetor explicou que desejava falar urgentemente com o Sr. Edwin Dakers em assunto relacionado com o Almirante Penistone.

Não, ele não estava falando em nome do Almirante. O Almirante, de fato, estava morto.

— É mesmo? O Sr. Dakers vai ficar muito abatido quando souber disso.

— De fato — tornou a falar o Inspetor — ele morreu em circunstâncias muito misteriosas. Eu represento a Polícia.

— É mesmo? O Sr. Dakers vai ficar muito abatido. Se o senhor me der o número de seu telefone, pois direi a ele para ligar, assim que chegue.

O Inspetor agradeceu, lembrando-se em seguida de que o Sargento Appleton estava por ali e não se havia alimentado. Tornou a tocar a campainha. Emery apareceu e começou a falar imediatamente, com uma expressão de reprovação.

— Olhe, não adianta o senhor estar tocando a campainha. Ninguém pode apressar um pernil. É preciso que ele cozinhe bem para não provocar sua bile.

— É isso mesmo — confirmou Rudge — mas estava-me lembrando de meu Sargento. Você acha que consegue também uma refeição para ele?

— O Sargento — informou Emery — está lá na cozinha comigo e com a Sra. Emery, comendo alguma coisa. Não tem nada de mais, espero.

— Claro que não — admitiu Rudge. — Fico satisfeito que ele esteja lá. — Emery tornou a sair, enquanto o Inspetor ponderava sobre as ótimas qualidades do Sargento Appleton quanto à iniciativa e desempenho.

As fatias de pernil — cortadas finas e bem fritas — foram trazidas pela Sra. Emery, uma mulherzinha que lembrava um passarinho, com olhos irritados e aspecto despótico, o que explicava, até certo ponto, a aparência amarrotada e murcha do marido. Um simples olhar para as fatias de pernil fritas com perfeição e seu acompanhamento de ervilhas e de batatas fritas explicava um outro enigma. Evidentemente a imbecilidade de Emery era o preço que o Almirante pagava pelas habilidades culinárias da Sra. Emery. Rudge expressou sua satisfação.

— E nem sei como consegui fazer isso — disse a Sra. Emery — com o pobre do patrão morto tão de repente, a Srta. Elma fora, e toda a casa tumultuada. Até o próprio cheiro de carne parece algo quase sobrenatural, poderíamos dizer. Mas, sim! Emery é homem e homem tem que comer carne, mesmo que o mundo todo tivesse quese à afogar num dilúvio como o de Noé.

— Na verdade — ponderou Rudge — nós somos de um sexo insensível, suponho, Sra. Emery. Deve ter sido um grande transtorno para a senhora. E com a Srta. Fitzgerald ausente inesperadamente, tudo recai nos seus ombros.

— Ah! — exclamou a Sra. Emery. — E quando não recai tudo sobre meus ombros, eu gostaria de saber? A Srta. Elma se preocupa muito mesmo com a casa! Podia até ser homem pelo auxílio que presta. Agora, o pobre do Almirante gostava das coisas arrumadas e mesmo que fosse exigente em suas maneiras era um prazer trabalhar para ele. Muitas vezes tive que chamar a atenção, de Emery, pois percebia que sua lerdeza era uma dura prova para o patrão... mas, sim! Emery, apesar de meu marido, é uma

pobre criatura. O Almirante avisou-o de que seria despedido no fim do mês, mas qual!

Nem liguei. Preparei um jantar delicioso, como o Almirante gostava, e ele me disse: "Sra. Emery, diga àquele desajeitado de seu marido que pode ficar e aqui está meio guinéu para comprar umas fitas para a senhora." Ele era um bom patrão e vou afirmar isso até morrer.

— Tenho certeza que sim — concordou Rudge, com simpatia.

Percebeu que havia negligenciado com relação à Sra. Emery. Se deseja saber a verdade a respeito do caráter de um homem, ele sempre repetia, pergunte a seus criados. Tinha agora dois testemunhos favoráveis ao Almirante e sentia serem ambos dignos de confiança. Neddy Ware fazia eco com a opinião da própria tripulação do Almirante — e a tripulação raramente se engana com seu comandante. As palavras da Sra. Emery estavam de acordo com as de Ware. — Suponho — falou o Inspetor — que o Almirante Penistone por vezes era um pouco explosivo, não é?

— Não acho que isso o fizesse pior — retorquiu a Sra. Emery.

— É melhor um homem explosivo do que um homem desanimado.

E o patrão tinha muito com que se incomodar. A maneira pela qual a Srta. Elma o tratava, suas preocupações, e uma coisa e outra...

— Que preocupações eram essas?

— Bem, Inspetor, não sei se eu poderia corretamente dizer que preocupações. Mas ouvi falar que ele não foi tratado corretamente pelo Almirante quando jovem e nunca aceitou esse fato.

Alguma coisa relacionada com deveres no exterior, é o que dizem, e ele afirmava que poria tudo nos devidos lugares, ainda que levasse a vida toda. Mas a Srta. Elma

não tinha as considerações com ele do que um homem com uma mulher cheia de filhos. — Sem se deter para explicar essa obscura observação, a Sra. Emery prosseguiu mais rapidamente ainda. — Ela não ouvia uma só palavra, a Srta. Elma, apenas ficava ali sentada, parecendo tão alheada como uma vaca e não punha as mãos na poeira ou arrumava um vaso de flores para fazer a casa parecer hospitaleira. E me desculpe se fico do lado do Sr. Holland, ele é um cavalheiro muito bom, ao casar-se com nossa dama, ainda que eu não saiba o que ele pôde ver nela. Para mim é um milagre que, com tantas moças sensatas e decentes por aí, um homem vá escolher o tipo errado, pois nem mesmo é bonita.

— Bem — disse Rudge — agora não adianta rezar. Eles se casaram hoje pela manhã.

— Bem, eu nunca imaginaria — observou a Sra. Emery. — Era por isso que o seu Sargento parecia tão malicioso! “Há uma surpresa para a senhora, madame” — disse ele — “mas não lhe vou contar, pois a senhora vai ouvir a novidade daqui a pouco.” Engraçado! Isso é mesmo coisa da Srta. Elma, casar-se antes mesmo do corpo do pobre tio ser enterrado, que frieza! E fico surpreendida que o Sr. Holland fizesse uma coisa dessa! Qualquer coisa que a Srta. Elma dissesse ele obedecia como um cordeirinho com uma fita azul amarrada ao pescoço, mas os homens grandes por vezes são os mais submissos, quando se trata de mulher.

— A senhora acha, então, que o Sr. Holland gosta muito da Srta. Fitzgerald, não é? — sugeriu Rudge. Será que ele algum dia chegaria ao fundo das relações entre esse par? Não havia duas pessoas que parecessem concordar a respeito deles.

— Gostar ele gostava — respondeu a Sra. Emery — e ainda gosta, disto não tenho dúvida, embora quanto tempo

vá durar seja um outro assunto. Dela mesma e de suas esquisitices, isso é tudo de que essa jovem jamais gostou, se alguém me perguntar, e ele não tardará a verificar a mesma coisa. Tudo parece diferente quando alguém se casa. Astuta ela foi, levando-o para lá e para cá, ao sabor de seus caprichos. Quanto a preocupar-se com ele, não, e o patrão sabia disso melhor do que ninguém. Se o Almirante estivesse vivo, os dois não se casariam tão facilmente, isto é verdade, mas caírem fora e irem juntar as mãos sobre o cadáver, como se pode dizer, é uma coisa que eu dificilmente acreditaria que o Sr. Holland fosse capaz.

— Hum — fez o Inspetor que estava com seu pensamento voltado para o tempo que seria necessário para a obtenção de uma licença especial. Parecia lembrar-se indistintamente que tinha que ser pelo menos com um dia de antecipação. — Talvez eles tivessem decidido casar-se hoje, de qualquer modo.

— Então, deveriam ter alterado seus planos — tornou a Sra. Emery. — Desagradável, é como classifico. Mas eu não me admiraria se eles estivessem combinados, agora que o senhor lembrou.

— Talvez fosse essa a razão pela qual o Sr. Holland estava tão ansioso de falar com o Almirante à noite passada.

— Oh, sim. Ele telefonou de Whynmouth, não foi?

— Sim, telefonou. Eu mesma recebi o recado. Queria ver o patrão com urgência. Eu disse que a Srta. Elma e o Almirante tinham ido jantar no Vicariato e não estariam de volta até tarde, pois supunha que eles ficariam por lá até umas onze horas, jogando cartas ou qualquer coisa assim. O Vigário não se preocupa com jogar cartas absolutamente, pois é um homem dedicado aos serviços religiosos e aos santos, mas podia esperar-se que isso acontecesse, pois roupas finas e velas não é o que se pode chamar de

religião, não concorda o senhor? Bem, eu disse ao Sr. Holland que eles não estariam de volta antes das onze, o que na hora me pareceu correto, pois não se podia esperar que eu soubesse que estariam aqui cedo, logo nessa noite. Faz-se o que se pensa ser o melhor. Então, lembrei que ele poderia ir até o Vicariato, mas o Sr. Holland disse que não, que podia esperar e que talvez aparecesse por aqui mais tarde.

— E apareceu?

— Não que eu saiba, mas eu durmo profundamente, graças a Deus, e preciso mesmo dormir, com esse trabalho todo da casa.

Emery deveria fazer a limpeza, mas na metade do tempo tenho que andar atrás dele, e quanto a Jennie, ela é uma ótima moça, mas está sempre sendo chamada a atenção pela Srta. Elma e não dá um passo ou um montão por si mesma. Fui empregada para cozinhar, mas com a Srta. Elma tomando o café da manhã na cama e se levantando fora de hora, fica difícil, só tenho um par de mãos.

— É verdade — concordou Rudge — e mãos muito capazes, tenho certeza, Sra. Emery.

— Quando vim para cá, eu disse que deveria ter uma ajudante de cozinha. Polia, com todos esses assoalhos de cerâmica. Isto é o pior nessas casas antigas. Mas não tenho queixas do Almirante, pois ele não era rico e ela deveria ter feito alguma coisa para ajudá-lo, se quisesse, pois me disseram que tem muito dinheiro. E o que ela fazia com sua pensão é difícil dizer-se, não que seja da minha conta, pois não é, mas ninguém pode impedir os próprios pensamentos. Gastar com vestidos, ela não gastava, ninguém pode dizer isso, excetuando-se um traje de noite, de quando em quando, ou um casaco bonito. Mas isso não são coisas que precisem de muito dinheiro, como o senhor deve saber

muito bem, se for casado. São os sapatos, as luvas, as bolsas, as meias e as blusas que custam caro.

E tenho certeza de que a Srta. Elma se preocupava tão pouco com essas coisas como qualquer mocinha. Aquela empregada francesa que veio com ela costumava reclamar terrivelmente da maneira como a Srta. Elma saía.

— Ah, sim... a moça francesa. Como era ela?

— Moça? — protestou a Sra. Emery. — É, agora chamam de moças, mas se ela tornar a ver os quarenta, vou ficar surpreendida.

Era uma coisinha linda, por assim dizer, e falava inglês muito bem.

Mas não gosto de empregadas que tenham muita intimidade com as patroas. Vi o olhar que ela lançava para a Srta. Elma algumas vezes, quando o patrão se afastava um pouco, e os olhares que trocavam não deviam ser trocados entre pessoas em sua posição na vida. Que os empregados fiquem para o seu lado e que os patrões fiquem para o deles, é o meu lema, mas patroas jovens fazendo confidências a suas empregadas, a respeito do dono da casa, é muito mal feito, de acordo com meu modo de pensar. Acredito que tenha havido algum problema, ou então a Mademoiselle não iria embora sem esperar o seu salário, não é? Está tocando a campainha lá da frente, quem será? Espero que Emcey atenda, como é de sua obrigação, mas ele está atarantado com essas coisas todas. O senhor deve ter notado. Eu diria que sua cabeça não é muito certa. Agora, eu sou diferente. Sou do tipo que observa tudo. Posso ter estado somente um mês com o Almirante, mas uma mulher experiente... e eu já trabalhei em muitos lugares... não demora muito tempo para somar dois e dois. Oh, e vi quem era a Srta. Elma...

Ah! Até que enfim Emery se lembram de suas obrigações, fico satisfeita em dizer.

A porta se abriu e Emery esfinge por ela sua melancólica cabeça.

— Estão aqui dois jornalistas que desejam ver o Inspetor.

Rudge já ia dar o fora nos jornalistas, quando lhe ocorreu que todas as criaturas de Deus têm sua utilidade. Passou os olhos no cartão que lhe foi apresentado e observou que nele se liam duas palavras mágicas: Evening Gazette.

— Já vou falar com eles — anunciou laconicamente.

Os dois jornalistas entraram; um deles um homem sacudido, com cabelos curtos e óculos de armação de chifre, tendo a parte superior do rosto parecendo queimada por alguma forma de exposição imprópria à luz do sol (“todos os homens simpáticos são ligeiramente queimados pelo sol”), e um sujeito soturno com uma câmara fotográfica.

— Muito bem — disse Rudge — como vocês, rapazes, souberam do que houve?

Cabelos Curtos sorriu.

— Recebemos informações, hem, Inspetor? “Se a Gazette não publicou é porque ainda não ocorreu.” Soubemos disso na rua, às doze e trinta. Vai-nos ajudar da melhor forma, não vai?

— Bem — disse Rudge. Ficou pensando por um momento e, em seguida, deu todas as informações que achava que de qualquer forma deviam ir a público.

— Está tudo O.K. — disse Cabelos Curtos. — Agora, com relação à sua própria pessoa, Inspetor. Nossos leitores querem sabertudo a seu respeito. Será que o senhor faria a bondade de vir até o abrigo de barcos para uma foto? Dá maior interesse à notícia, o senhor sabe. Bem, é muita bondade sua. Não vai demorar um minuto. Aquele é o barco do Almirante? Por favor, aponte naturalmente em sua direção. Ótimo. Vai dar uma boa foto, hem, Tom?

Rudge, mesmo sem querer, sentiu-se lisonjeado.

— Vamos dizer, é claro, que o senhor está com o caso nas mãos e que não há necessidade de chamar a Scotland Yard. Só isso.

Bem, e quanto à sobrinha do Almirante? Podemos dar uma palavrinha com ela?

— Não — respondeu o Inspetor. — Na verdade — acrescentou magnanimamente — não me importo de lhes contar uma coisa a respeito dela.

O repórter ficou ansiosamente atento.

— Ela foi para Londres esta manhã — informou o Inspetor, pomposamente — e se casou com um homem chamado Arthur Holland, um comerciante que mantém negócios na China.

— Casou-se? Trabalhou rápido. Isso vai dar uma boa história.

Por que a pressa?

— Isso ainda não lhe posso dizer. Mas, olhe aqui. Se eu lhe der a exclusividade deste caso, você faria uma coisa para mim?

— Claro.

— Quero dados sobre a carreira do Almirante Penistone na Marinha. Por que pediu reforma aos quarenta e três anos e por que logo em seguida voltou para a Marinha e tudo mais.

— Oh! Posso dizer-lhe alguma coisa a esse respeito. — O repórter riu. — Soube através de um homem que conheci na Embaixada chinesa. O velho teve uns problemas em Hong Kong em 1911.

Alguma questão particular. Algo relacionado com uma mulher. Uma dessas coisas que oficiais de Marinha não fazem. Exigiram que ele pedisse para passar para a reserva. Nenhum escândalo público... o senhor sabe, esse

tipo de coisas. O homem que me falou não sabia de todos os detalhes, mas me prometeu que ia saber para mim.

Tudo o que vier a saber eu lhe conto. Eu diria que não vamos publicar nada disso, pois alguns dos interessados podem ainda estar vivos, mas lhe mando uma nota sobre tudo isso. E... se houver alguma coisa que o senhor descubra e ache que nós possamos ouvi-la diretamente da boca do informante, nos chamará, está bem? É um trato.

Rudge concordou prontamente. Era um grande negócio, mais rendoso do que ficar desenrolando a burocracia do Almirantado.

Problemas em Hong Kong em 1911? Isso explicava as coisas. Sem dúvida, como Penistone era um bom oficial, ficaram satisfeitiíssimos em deixá-la voltar em 1914. Mas para ele, naturalmente, isso teria feito diferença. Azedou um pouco o temperamento do velho. Seria possível que o crime tivesse alguma ligação com aquele antigo problema? Parecia um período muito longo para manter-se ressentimentos, mas com chineses envolvidos nunca se sabe. E, por falar nisso, Holland voltara da China não fazia muito tempo. O que mesmo a Sra. Emery tinha falado de Holland? Ele dissera que poderia ir até Rundel Croft depois das 11 horas. Suponhamos que o tivesse feito?

Obviamente, Holland e Elma tinham que ser mantidos à mão.

Eles teriam que ser intimados para serem ouvidos oficialmente, de qualquer modo. Tinha que tratar desse assunto com o juiz de instrução. Uma pequena tarefa para o Sargento Appleton. Rudge voltou até a casa e enviou seu subordinado com um bilhete. Mal tinha feito isso, quando o telefone tocou.

O Sr. Edwin Dakers estava na linha. De fato ele ficara pesaroso e horrorizado ao saber da morte do Almirante. Achava melhor ir até Rundel Croft imediatamente. Como

curador da Srta. Fitzgerald e seu representante, seria necessário para ele vê-la sem demora. Sem dúvida, ela estava grandemente abatida por essa melancólica ocorrência.

— Não notei isso — disse Rudge, com uma espécie de perversa satisfação. — Na verdade, tão depressa a Srta. Fitzgerald soube da morte do tio foi para Londres e se casou com um Sr. Holland.

Eu ficaria agradecido, senhor, se...

— O quê! — exclamou o Sr. Dakers em um tom de voz tão horrorizado que o aparelho pareceu tremer.

Rudge repetiu a informação.

— Deus abençoe minha alma! — reagiu o Sr. Dakers, fazendo em seguida uma pausa tão longa que Rudge já começava a pensar que ele tivesse morrido de horror. Depois, disse: — Isto é na verdade muito desagradável, Inspetor. — Estou mais do que chocado. Estou horrorizado.

— De fato, parece um pouco de insensibilidade — disse Rudge.

— Insensibilidade? — repetiu o Sr. Dakers. — Isto pode ser seriamente prejudicial aos interesses monetários dela. Poderá o senhor dizer-me onde ela se encontra?

— O casal está no Carlton, foi o que ela disse — replicou Rudge. — A Srta. Fitzgerald... isto é, a Sra. Holland... — (o Sr. Dakers grunhiu debilmente) — mencionou que iriam dançar esta noite. Eu agradeceria, senhor...

— Dançar no Carlton? — interrompeu o advogado. — Ela deve estar fora do seu estado normal. Muito interessante. Não estou muito certo a respeito do dispositivo legal envolvido, mas, se não estou enganado, o Código diz... meu Deus! Creio que tenho que buscar a opinião do Conselho. Enquanto isso lhe agradeço muito por

me dar ciência desses eventos, Devo ir procurar minha cliente imediatamente e...

— Espero que a encontre, senhor, e a persuada a voltar logo.

O Sr. e a Sra. Holland serão intimados, é claro, mas nesse meio tempo seria desejável...

— Claro, claro — tornou o Sr. Dakers — muito desagradávele indesejável. Farei o que puder para convencê-la a voltar para casa sem demora.

— Obrigado, senhor, e lhe agradeceria também se pudesse falar pessoalmente com o senhor, em uma oportunidade qualquer. Há um ou dois assuntos que eu gostaria que fossem esclarecidos, em ligação com um documento que temos aqui.

— Oh! — fez o Sr. Dakers. — Sim?

— Em ligação — prosseguiu Rudge — com uma cópia de testamento, senhor, feito por John Martin Fitzgerald, em 1915.

— Ah! — fez o Sr. Dakers. Sua voz parecia cautelosa. — Sim.

Sim. Entendo. De que forma, precisamente, o senhor está interessado nesse testamento?

Rudge tossiu.

— Bem, senhor, de um modo geral, poderia dizer. Há um irmão que é mencionado nele, por exemplo, e um ou dois pontos mais de interesse.

— Sim, compreendo. Bem, Inspetor, creio que o melhor é que eu vá a seu encontro. Vou esforçar-me para levar a Srta. Fitz... isto é, a Sra. Holland, comigo, mas, de qualquer forma, devo chegar a Lingham hoje à noite. Onde poderei encontrá-lo?

— Estarei em Rundel Croft, senhor.

— Muito bem. Eu o avisarei a que horas poderá esperar-me.

Quando a audiência vai realizar-se?

— Creio que depois de amanhã, senhor.

— Sim. Deverei estar lá, claro, representando a Sra. Holland.

Creio que eu devia ter sido avisado de tudo isso antes. Por que o senhor só me telefonou há uma hora?

O Inspetor gostaria de ter respondido que não era obrigação sua avisar os advogados de pessoas suspeitas ou sob desconfiança, mas respondeu submissamente que tinha estado muito ocupado e que somente então tivera tempo de analisar o conteúdo do testamento.

— É uma pena — acrescentou o Inspetor — que a própria Sra. Holland não lhe tenha dado conhecimento do assunto.

— É. Muito — replicou o advogado, secamente. — Muito bem, Inspetor, vamos ficar por aqui — E o Sr. Dakers desligou.

“Eis aí”, pensou Rudge, desanimadamente. “Nada a fazer, suponho, a não ser esperar pelo velho. Mesmo assim, se ele trazer a Sra. Holland de volta já é alguma coisa. É uma pena que pareça tão pouco o que se pode fazer. Os Hollands estão em Londres, Denny também. Bem, e aqueles recortes de jamais?” Ainda não tinha examinado a coleção de recortes. Talvez devem sugerir alguma coisa relacionada com o misterioso passageiro de Penistone.

Os recortes, como o próprio Rudge esperava, pareciam em sua maior parte relacionados com a China embora muitos deles estivessem ligados a assuntos da Marinha. Datavam de dois anos antes da Guerra, devidamente numerados e etiquetados, de forma a corresponder ao índice alfabético, e com a caligrafia do Almirante.

Rudge observou um pequeno grupo de recortes na letra I, guardados sob o título de “Denny, W.”. Ansiosamente

examinou esses recortes. Através deles ficou sabendo que Sir Wilfrid Denny, durante muitos anos, servira na Alfândega de Hong Kong, agüentando-se em 1921, com um título e uma pensão. Aparentemente, fora só em 1925 que Denny viera para Whynmouth, tendo antes morado em Hertfordshire. Tinha 64 anos e era viúvo, pois sua mulher morrera há 15 anos, na China. Não tinha filhos vivos, tendo morrido o único que possuía, durante a Guerra.

Era interessante. Então Sir Wilfrid estava também ligado à China. Sem dúvida seu relacionamento com o Almirante datava da época em que este estivera servindo na China. Rudge recolocou os recortes dentro da pasta e já ia tornar a pô-la no arquivo, quando notou um adendo na pasta: "Ver H5 e X27"

O que significava essa enigmática referência ele não saberia sequer pensar. Procurou o número 5 no arquivo H e verificou que ele se referia a um simples recorte sobre um hábil marujo de nome Hendry, que fora morto em uma briga em Hong Kong, havia já alguns anos. Isto parecia que produziria frutos, mas, procurando o arquivo X, verificou que não havia nada catalogado sob aquela letra esquisita. Na realidade, pensou Rudge, seria estranho haver 57 recortes referenciados à letra X. "X" deveria estar relacionado a alguma coisa diferente. O quê?

Voltou à lista alfabética e, sob a letra F, seu olhar foi atraído por um outro registro: "Fitzgerald, W. E." O irmão desaparecido de Elma! Certamente isso seria de interesse. Ansiosamente, Rudge fez o arquivo girar.

A pasta marcada com "Fitzgerald, W. E." nada continha, a não ser um pedaço de papel, onde se lia, escrito a lápis. "Ver X".

— Maldito X! — resmungou Rudge. — Onde, diabo, tinha se metido esse X? Talvez ele fosse inteiramente

particular. O velho deve tê-lo escondido em algum lugar mais seguro.

Cheio de excitação, o Inspetor se pôs a realizar uma busca cuidadosa e completa no armário e na mesa. No armário não encontrou nada, nem mesmo na mesa, numa busca superficial. No entanto, finalmente, depois de remexer em um monte de recibos e de velhos talões de cheques no fundo de uma gaveta, Rudge descobriu um botão que deslizava. Comprimiu o botão e ficou um buraco de fechadura a descoberto. No chaveiro do Almirante verificou a existência de uma chave do tamanho adequado. Colocou a chave na fechadura. Encaixou bem e deu a volta com facilidade. A porta deslizou e revelou uma pasta assinalada com X, semelhante às encontradas no armário.

Antes de tirar a pasta de onde se encontrava, Rudge percebeu que iria ficar desapontado. A pasta estava tão chata quanto um cartão de visitas e, na realidade, completamente vazia.

Olhava ainda para a pasta, desanimado, quando a porta se abriu para dar entrada a Jennie com uma bandeja de chá.

— Então você está de volta, Jennie — cumprimentou Rudge, alegremente. — É muita bondade sua trazer-me chá. Sua mãe está melhor?

— Oh, ela não está muito bem, Sr. Rudge. Obrigada. O médico diz que são as suas costas. Ele foi visitá-la duas vezes hoje e ela se sente um pouco melhor, mas ainda está desanimada.

Rudge expressou sua simpatia e observou que a doença da mãe de Jennie parecia bastante verdadeira. Depois de tomar o chá, prosseguiu em sua busca dos desaparecidos conteúdos da pasta, mas não teve êxito. Três chamadas telefônicas vieram quebrar a monotonia.

Uma era do juiz de instrução, pedindo a Rudge que fosse procurá-lo logo cedo na manhã seguinte; a outra era do Sr. Dakers, informando-o de que estava ainda procurando entrar em contato com os Hollands e que chegaria às oito e cinqüenta; a terceira chamada, muito mais tarde, era do Vigário.

— Estou falando do Hotel Charing Cross — disse a voz clara do Vigário, modulada segundo Oxford. — Creio que serei obrigado a passar a noite em Londres. Liguei novamente, amanhã pela manhã.

Rudge agradeceu e desligou. Em seguida, após uns dois minutos, tomou uma precaução óbvia. Ligou para o Hotel Charing Cross.

— Está hospedado aí um Sr. Mount... Reverendo Philip Mount... aí no hotel?

Houve uma ligeira pausa.

— Sim, senhor — responderam por fim.

— Ele está?

— Vou saber. Pode ficar na linha, senhor?

Uma abafada babel, depois a ruído de passos que se aproximavam e o fone foi levantado.

— Alô, sim. Quem está falando, por favor?

“É ele mesmo, não há dúvida”, pensou Rudge.

— Acabo de me lembrar de uma coisa que esqueci de lhe perguntar, senhor — disse o policial, em voz alta. Em seguida, repetiu sua pergunta sobre o comprimento do cabo de fibra.

O Vigário confirmou o que Peter já dissera, Rudge agradeceu e desligou.

“Até agora, tudo bem. Não gostei que se afastasse como fez, mas ele parece bastante correto. Espero que sim, por causa dos filhos. Mas o cabo, sem dúvida, é um mistério.”

As 8:50 chegaram em Whynmouth, inexoravelmente, e logo um táxi rumou para Rundel Croft. Rudge ouviu quando o carro se aproximou e parou. Renasceram suas esperanças, mas logo em seguida se desvaneceram de novo, ao ouvir a campainha tocar.

— A Sra. Holland teria entrado — resmungou, desapontado.

— Mas não! — Animou-se novamente. — A porta, é claro, estava trancada, para impedir a entrada de possíveis intrusos.

Os passos de Emery se arrastaram pelo saguão. A porta do escritório se abriu e um homem alto, magro, de cabelos grisalhos entrou... sozinho.

— Sr. Dakers? — perguntou Rudge, executando um gesto que poderia situar-se entre uma saudação e uma reverência.

— Sim — respondeu o advogado. — E o senhor, pelo visto, é o Inspetor Rudge. Ótimo. Muito bem, Inspetor, lamento dizer que falhei em encontrar qualquer dos dois, o Sr. e a Sra. Holland.

Eles estão de fato hospedados no Carlton e eram esperados para jantar. Deixei um recado para a Sra. Holland, expresso em termos tais que acho que dificilmente ela deixará de dar-lhe atenção. Não é necessário que eu repita como me sinto abalado e chocado com todos os acontecimentos.

— Entendo o seu ponto de vista, senhor — disse Rudge — e posso acrescentar que a ausência do Sr. e da Sra. Holland está tornando a minha tarefa mais difícil. Por falar nisso, senhor, estou em uma posição peculiar nesta casa, com o Almirante Penistone morto e ninguém à frente dela, por assim dizer, mas creio que não será demais perguntar-lhe se o senhor já jantou, antes de entrarmos no assunto.

— Obrigado, Inspetor, obrigado... mas não preciso de nada.

Muito obrigado. Eu gostaria de ouvir imediatamente todos os detalhes desse doloroso acontecimento.

Rudge, rapidamente, descreveu as circunstâncias da morte do Almirante e a partida de sua sobrinha, enquanto o Sr. Dakers concorria com apressados “Veja só” e “Meu Deus, meu Deus”.

— Então parece não haver dúvida de que o Almirante Penistone foi assassinado.

— Nenhuma, absolutamente, senhor.

— Ele não poderia, suponho, ter... ahn... se suicidado e atirado a faca no rio.

Essa solução não tinha ocorrido a Rudge, mas ele respondeu que, a julgar pela posição do corpo e pelas circunstâncias de um modo geral, achava essa hipótese bem afastada das probabilidades.

O Sr. Dakers acenou com a cabeça, pesarosamente.

— Pelo que ouvi — disse ele, com o ar de um homem que está agarrando um touro pelos chifres — não há qualquer suspeita levantada contra minha cliente ou seu marido, não é?

— Bem — tornou Rudge, cautelosamente — eu não diria que até agora haja suspeitas levantadas contra qualquer pessoa. E, além do mais, o crime não parece certamente ser do tipo que se leve a suspeitar de uma moça. Quanto ao Sr. Holland, pouco sabemos ainda a seu respeito. Talvez nos possa ajudar, senhor?

O Sr. Dakers sacudiu a cabeça.

— Pouco sei a respeito dele, além de seu nome e do fato de ter sido, de certo modo, noivo de minha cliente.

— O noivado contou com a aprovação do Almirante Penistone, senhor?

O advogado olhou astutamente para Rudge.

— Sei o que tem em mente, Inspetor. Bem, suponho que devia mesmo esperar por isso e não adianta nada tentar esconder os fatos.

Tanto quanto sei, o Almirante Penistone, conquanto relutante ainda em dar seu consentimento ao casamento, não o havia proibido definitivamente. Isto é tudo o que lhe posso dizer.

— Compreendo, senhor. Bem, agora quanto ao testamento desse John Martin Fitzgerald. Presumo que o Sr. Fitzgerald esteja morto, dado que o senhor e o falecido Almirante estavam agindo como curadores da Sra. Holland. Esta cópia é do testamento legalmente registrado quando da morte do Sr. Fitzgerald?

— Sim, é. Meu amigo John Fitzgerald era um advogado. Ele morreu em 1916 e esse foi seu último testamento. Não posso dizer que tenha sido um testamento redigido por mim para ele, nem é, creio, um testamento que ele mesmo teria redigido para um de seus clientes, mas como o senhor sabe, Inspetor, os advogados são tidos como notórios em estabelecer péssimas cláusulas com relação às suas propriedades pessoais.

— Qual o valor do testamento, senhor?

— Cerca de cinqüenta mil libras. Isso — esclareceu o Sr. Dakers — não representou a taxaçaõ da lei. A maior parte do dinheiro foi herdada. Mas é melhor que eu comece do princípio. John Fitzgerald se casou em 1888 com Mary Penistone, irmã do falecido Almirante. Ela morreu em 1911, deixando dois filhos vivos: Walter Everett, nascido em 1889, e Elma Mary, nascida nove anos mais tarde, em 1898. Quando Walter tinha vinte anos, houve alguma espécie de problema com ele em casa. Creio que era algo relacionado com uma jovem, ligada à família em uma posição de dependente... de fato, como governanta. O pai de Walter ficou extremamente aborrecido e houve uma

discussão terrível. O jovem Walter saiu de casa e desapareceu; durante algum tempo não era permitido sequer pronunciar-lhe o nome. O senhor conhece esse tipo de coisas. Elma, é claro, era muito pequena ainda para que lhe fosse dito qual o tipo de problema, mas a Sra. Fitzgerald sempre achou que o marido tinha sido muito duro com o filho.

"Ela morreu, como já disse, em 1911, e chego a acreditar que sua preocupação com o filho ajudou a tirar-lhe a saúde... de fato, como nós costumamos dizer, partiu-lhe o coração. Sei que John Fitzgerald também pensou assim e isso teve sobre ele um efeito de amolecimento. Desenvolveu esforços para encontrar Walter, ainda que sem êxito, e preparou um testamento, dividindo suas propriedades entre Walter e Elma.

"Nada se ouviu sobre Walter até o início do ano de 1915, quando enviou a seu pai uma carta, datada de "algum lugar na França".

Na carta, Walter expressava sua tristeza quanto ao seu comportamento anterior e seu silêncio de seis anos, esperando que fosse perdoado e acrescentando que estava então se esforçando para virar outra página de sua vida e cumprir suas obrigações para com seu país. Nenhuma palavra a respeito de onde vivera nesse período. Ao mesmo tempo, juntava um testamento "em caso de acidente" redigido a favor de sua irmã Elma. O pai e a irmã responderam imediatamente, pedindo-lhe que viesse para casa assim que pudesse, e que tudo seria esquecido e perdoado. Walter jamais voltou, ainda que escrevesse de tempos em tempos e, após a desastrosa Batalha de Loos, seu nome foi incluído nas listas de "desaparecidos, provavelmente mortos". Nessa ocasião seu pai já era um homem muito doente. Estava sofrendo da moléstia de Bright e não tinha mais muito tempo de vida. Recusou-se

absolutamente a acreditar que Walter tivesse morrido. Ele havia reaparecido antes e tornaria a aparecer de novo. Nesse meio tempo, tendo aumentado consideravelmente seus bens, preparou um novo testamento, deixando as condições quanto às suas propriedades as mesmas de seu testamento de 1911, mas adicionando algumas outras cláusulas.

“Agora quero dizer algumas palavras sobre o seu cunhado, o: Almirante Penistone. Ele... o senhor conhece alguma coisa sobre sua história?

— Ouvi dizer — respondeu Rudge — que houve uma espécie de interrupção de sua carreira em 1911.

— Oh, o senhor sabe disso? Bem, um caso lamentável. Não é preciso que eu desça a detalhes, mas o caso é que tornou extremamente inadequado que ele fosse indicado como curador da jovem.

Por favor compreenda que não estou expressando minha opinião quanto a ser realmente o Comandante Penistone (o que ele era na ocasião) culpado no assunto. Mas o simples fato de que seu nome tenha sido ligado a um caso tão desagradável teria sido suficiente.

No entanto, John Fitzgerald, que nunca pensava mal de ninguém...

— Traço pouco comum num advogado — Rudge não pode evitar de comentar.

— Meu bom homem, um advogado em suas atividades profissionais e em suas atividades particulares pode ser duas pessoas diferentes — retorquiu o Sr. Dakers com alguma aspereza. — John Fitzgerald não podia pensar mal do irmão de sua mulher. Ele sustentava que Penistone tinha sido tratado de maneira injusta e, a fim de mostrar ao mundo o que pensava a respeito, nomeou-o curador de Elma e inseriu essa absurda cláusula com relação ao casamento dela.

— Mas o senhor mesmo — insinuou Rudge — aceitou compartilhar da curatela com o Almirante Penistone.

— E se não o tivesse feito — disse o Sr. Dakers — ele poderia ter indicado uma outra ovelha negra qualquer que precisasse ser reabilitada. Não. Fiz o melhor que pude de uma incumbência ruim, devido à consideração pela filha de meu pobre amigo. Devo ainda dizer, fazendo justiça ao Almirante Penistone, que não tenho qualquer razão para reclamar de sua administração dos negócios de minha cliente. Ainda que os seus modos fossem abruptos e por vezes desagradáveis, acredito que ele tenha sido um homem perfeitamente honesto com relação a dinheiro e que não havia nada de inconveniente na casa que montou para sua sobrinha. Se houvesse, é claro, eu teria interferido.

— Mas quem quis que a Srta. Fitzgerald viesse morar com o tio?

— Foi a vontade do pai dela. Achei inconveniente, mas não pude apresentar razões válidas para minha oposição. A parte de dinheiro de Elma foi investida, por aconselhamento meu, em títulos seguros, sendo os pagamentos creditados a ela, trimestralmente, pelos curadores.

— Uma rendinha muito boa — comentou Rudge.

— Cerca de mil e quinhentas libras por ano.

— Surpreende-me um pouco — disse Rudge — que o Almirante não mantivesse uma residência mais adequada para sua sobrinha. Esta casa é bastante confortável, mas muito isolada, e eles não tinham muita companhia, pelo menos para o meu entendimento.

— É verdade — admitiu o Sr. Dakers — mas isto não era somente por culpa do Almirante Penistone. Ele próprio, naturalmente, deixou de freqüentar a sociedade e, embora de 1914 a 1918 de fato estivesse em serviço ativo, não

fazia quaisquer restrições a sua sobrinha. Elma teve uma boa educação e gozou das vantagens de duas temporadas em Londres, aos cuidados de uma senhora muito capaz, mas desconfio de que não gostava muito da vida social.

— É estranho que não se tenha casado mais cedo — observou Rudge. — Uma moça com vinte e cinco mil libras ou qualquer coisa assim deveria ter muitos pretendentes.

O advogado deu de ombros.

— Desconfio de que Elma fosse... um pouco difícil. Ela talvez não seja... atraente, naquilo que posso chamar de aspecto matrimoniável. Houve vários... candidatos pobres, é claro, mas não foram encorajados. O Almirante Penistone nem sonharia em consentir em casamento, a não ser com um homem independente financeiramente. E além disso houve aquele infeliz escândalo com Walter.

— O que foi que houve?

— Ora, isso aconteceu em 1920. Obviamente a primeira coisa que parecia conveniente fazer era obter da Justiça licença para que Walter fosse dado como presumivelmente morto. Não pudemos fazer nada até 1919, depois que foram postos em liberdade os prisioneiros de guerra ingleses que se encontravam na Alemanha. Seu nome não fazia parte de nenhuma das relações e achamos que não haveria dificuldades. Curiosamente, entretanto, apareceu um homem que disse ter servido com Walter em uma mesma unidade em 1915 e que declarou tê-lo visto vivo em Budapeste, depois da cessação das hostilidades. O homem disse que não havia falado com ele, mas que não tinha qualquer dúvida quanto à sua identidade. Walter era, ao que presumo, um homem profundamente simpático... certamente como menino era simpático. Parecia-se muito com a mãe, que era uma mulher bonita, com aparência melhor do que a de seu irmão, o Almirante, embora houvesse muitos traços fortes de família.

“Bem, é claro que tudo isso significou mais demora e mais investigações. Não obtivemos qualquer outra notícia dele, porém em vista da declaração do soldado, o tribunal se recusou a dar Walter como presumivelmente morto... naturalmente. Nesse meio tempo, o caso teve um seguimento muito infeliz. Tão logo se tornou conhecido que Walter provavelmente não tinha sido morto na guerra, tivemos notícia de que havia contra ele um mandado de prisão, em Xangai, por falsificação de documentos, sim, senhor.

— Em Xangai?

— Sim. A ordem de prisão datava de 1914. Aparentemente Walter, ao deixar o país em 1909, conseguira emprego na Companhia Anglo-Asiática de Tabaco. A princípio, ele ficou em Hong Kong, mas, em 1913, foi transferido para Xangai. Lá se meteu em alguma espécie de dificuldade financeira, creio eu. Seja como for, falsificou a assinatura de um cliente da Companhia em um cheque de grande valor e desapareceu. A guerra estourou naquela ocasião e suponho que no meio da confusão o assunto não foi tocado para a frente ou foi negligenciado, até que a notícia de sua morte, em 1915, pôs um fim no assunto. Entretanto, quando pareceu provável que Walter, apesar de tudo, tinha sobrevivido, a coisa veio à tona novamente. O Almirante ficou muito preocupado. Esse novo escândalo, surgindo exatamente quando o seu problema antigo parecia ter sido esquecido, azedou seu ânimo completamente.

— Pensei que o Almirante Penistone tivesse ingressado de novo na Marinha durante a guerra.

— Sim. Ele era um excelente oficial e ficaram muito satisfeitos em tê-lo de novo. Prestou bons serviços e finalmente passou para a reserva pela segunda vez, quando a guerra terminou, no posto de Contra-Almirante. Mas, se outras pessoas já haviam esquecido seus problemas

anteriores, ele não. Os problemas continuavam presentes em sua cabeça, e o que aconteceu com Walter acabou completamente com ele. Um homem já semi-comprometido com Elma afastou-se bastante ostensivamente, quando soube da história do irmão, e o Almirante Penistone declarou que não queria sua sobrinha submetida a insultos. Arrumou sua mala e levou-a para morar com ele na Cornualha. E por lá ficaram até cerca de um mês. Tudo isso aconteceu em 1920. Desde então nada mais se ouviu falar sobre Walter.

Assim, o senhor está vendo que a situação é muito peculiar.

— Sim — concordou Rudge, pensativamente. — Walter parece ter sido colocado em uma posição muito difícil. Se ele dá um passo à frente e aparece, provavelmente terá que cumprir pena. Se não aparece, não pode pôr a mão em seu dinheiro.

— Esta é, precisamente, a situação. Por outro lado, se ele estiver morto, sua parte do dinheiro vai para Elma, de acordo com o seu desejo de 1914. Desde que fique provado, é claro, que a testemunha estava certa ao declarar que ele realmente ainda vivia após a morte de seu pai. Se não, mesmo assim irá para as mãos dela como legatária residual de acordo com o testamento do pai.

— Neste caso, a morte de Walter seria vantajosa para sua irmã, financeiramente. Compreendo. Mas, olhe aqui, Sr. Dakers, em que pé estão as coisas com relação à quota da Sra. Holland referente ao dinheiro de seu pai? Presumo que, com o Almirante agora morto, a cláusula sobre o consentimento ao casamento se torna nula.

— Esta é exatamente a dificuldade — respondeu o Sr. Dakers, sem constrangimento. — A opinião do tribunal em casos como esses é que o testamento não pode exigir do beneficiário a execução de coisas impossíveis. Assim, tem

sido firmado, em casos e mais casos, que quando as condições se tornam inexecutáveis, pela vontade de Deus, o legado permanece.

— Pela vontade de Deus? — indagou Rudge.

— Sim. No caso de ser exigido o consentimento a um matrimônio, por exemplo, se a pessoa a quem o consentimento é solicitado morre antes do casamento, tornando a condição impossível de ser cumprida, o legado se mantém.

— Muito bem — concordou Rudge — mas o que, precisamente, significa vontade de Deus?

— Bem — respondeu o advogado, um tanto relutantemente, pensou Rudge — bem, praticamente falando, significa a supereminência de condições que o beneficiário não podia ter evitado.

— Vamos falar claramente — propôs Rudge. — Caso se verificasse que Elma Holland tivesse qualquer envolvimento com o assassinato do Almirante Penistone...

Claro, nesse caso — tornou o Sr. Dakers — não haveria dúvidas quanto ao problema da herança por parte dela. A lei textualmente veda a um criminoso usufruir dos frutos de seu crime.

Mas, certamente, esta é uma questão que não irá surgir.

— Espero que não — disse Rudge. — Então, até onde posso entender, a Sra. Holland tem, agora, direito à sua herança?

— Sim — replicou o advogado. — Espero que o tribunal encare o caso dessa forma. A dificuldade está na pressa extrema com que o casamento se seguiu à morte. Vou ser franco com o senhor, Inspetor. Creio que seria possível contestar o caso e acredito também que, se isso ocorrer, poderíamos seguir uma ou duas linhas de ação. Poderíamos, é claro, admitir que ela pretendia pedir o

necessário consentimento antes do casamento e que, se não tivesse ocorrido a morte, teria tido tempo para fazê-lo. Agora devo dizer, é claro, que ela pediu esse consentimento... várias vezes.

— Havia alguma expectativa razoável de obter esse consentimento? — quis saber Rudge. — Sr. Dakers — acrescentou, ao perceber que o advogado parecia hesitar — chegaria ao ponto de lhe afirmar que tenho testemunhas capazes de dizer que o Almirante parecia não aprovar o casamento.

— Precisamente — assentiu o Sr. Dakers. — Devo admitir que havia... pelo menos uma aparência de alguma objeção. E, se esse for o caso, não sei bem o que o tribunal vai pensar de um casamento apressadamente realizado. Poderá inferir-se que o Almirante se opunha violentamente ao casamento e que, assim, este se realizou sob uma definida intenção de fugir ao objetivo do testador. A indecorosa pressa com que a cerimônia foi realizada, como o senhor pode entender, traz em si mesma a presunção de que a morte do Almirante removeu o único obstáculo ao casamento.

— E se foi assim — falou Rudge — poder-se-ia alegar que a morte do Almirante não foi vontade de Deus, absolutamente, por assim dizer?

— Se for levantada uma alegação tão monstruosa — retrucou o Sr. Dakers — ela terá que ser refutada; aliás, o simples fato de que a pressa do casamento poderia prejudicar o direito absoluto aos bens se constituiria em uma boa resposta à acusação.

— Sim — disse Rudge, percebendo a fraqueza do argumento — desde que o beneficiário soubesse dos dispositivos da lei. — Rudge fez uma pausa e prosseguiu em seguida. — E qual seria a segunda linha de ação para a defesa?

— Provar que não tendo sido a cerimônia arranjada senão depois da morte, teria sido impossível obter o consentimento. Se assim foi... ainda que eu não entenda como uma licença poderi ater sido obtida em tão pouco tempo... isto seria uma resposta completa à parte contestaste. Casos tais têm acontecido freqüentemente.

Por exemplo, em Collet versus Collet, a mãe, de quem o consentimento era exigido, morreu em 1856. Em 1865, a filha contraiu matrimônio. O Código Supremo dispunha que o segundo legatário (isto é, a pessoa que deveria receber os bens no caso em que as condições não fossem satisfeitas, o senhor compreende) não teria direito, se o cumprimento da exigência se tivesse tornado impossível através da vontade de Deus e não por culpa da pessoa que tivesse que cumpri-la. (Dakers, lendo essas palavras em um caderno de notas, olhou Rudge por cima do pince-nez ao terminar a leitura, mas Rudge nada disse. O advogado retomou a palavra.) Há aqui uma razoável certeza de que a mãe, se estivesse viva, teria dado o seu consentimento ao casamento, aceitável sob todos os aspectos. Como vê, Inspetor, aí está a nossa dificuldade. O tribunal parece ter baseado sua decisão, de algum modo, no que se poderia esperar razoavelmente que a mãe viria a fazer.

— Entendo — disse Rudge. — E no presente caso o consentimento do Almirante não podia ser esperado com muita certeza.

— Aí também — tornou o advogado — quem poderá dizer?

Se a aceitabilidade do casamento, como tal, é um fator a ser levado em consideração, parece não haver razão pela qual o Almirante Penistone teria negado seu consentimento. Holland, no pouco que conheço a seu respeito, parece ser um homem respeitável, de idade

adequada e de posição, dispondo de meios próprios que o situam fora da classe de caçadores de dotes. É um caso muito bonito, Sr. Rudge, e se eu não estivesse pessoalmente interessado, teria grande prazer em vê-lo em debate.

Rudge ia replicar, quando se ouviu o ruído da aproximação de um automóvel. Seguiu-se uma pequena agitação na porta da frente.

Vozes e passos se fizeram ouvir e, um minuto depois, a porta do escritório se abriu.

— Inspetor — falou Arthur Holland que acompanhara sua mulher até o escritório — devemo-lhe desculpas por nos termos ausentado como o fizemos, mas estávamos apressados e temíamos que o senhor nos retardasse. É o Sr. Dakers? Como tem passado, senhor? Minha mulher e eu recebemos o seu recado e achamos melhor vir até aqui e tranquilizá-lo.

— Obrigado — agradeceu o Sr. Dakers, secamente. — Bem, Elma, vocês se casaram com muita pressa. Espero que não venham a arrepender-se.

Elma achou graça. Surgiu um leve rubor em suas faces normalmente pálidas, pensou Rudge, mais como uma manifestação de uma excitação consumidora do que a radiante felicidade de uma mulher recém-casada.

— O senhor cometeu um engano, Sr. Dakers — disse ela. — Não prejudiquei nada nem comprometi nada. Olhe aqui.

Elma entregou uma folha de papel ao advogado. O Sr. Dakers ajustou os óculos mais firmemente no nariz e leu a folha de papel com um ou dois grunhidos de surpresa, entregando-a em seguida a Rudge.

— Isto resolve nossos problemas, creio, Inspetor.

Rudge voltou os olhos para o papel. Estava datilografado, com a exceção da assinatura. Nele se lia:

“Eu, espontaneamente, dou meu consentimento para o casamento de minha sobrinha, Elma Mary Fitzgerald, com Arthur Holland.

Assinado (H. L. Penistone)”

Estava datado de 9 de agosto.

O Inspetor Rudge voltou-se para Holland.

— Quando foi isso parar em suas mãos, senhor?

— Minha mulher me deu esta manhã — respondeu ele. — Ela o conseguiu do Almirante à noite passada.

— A que horas foi isso, madame? — inquiriu o Inspetor.

— Logo depois da meia-noite — respondeu ela, em um tom de voz curiosamente inexpressivo, que lembrou a Rudge a entrevista que tivera com a moça mais cedo naquele mesmo dia.

— Depois da meia-noite? A senhora viu seu tio vivo depois da meia-noite?

— Claro, ora — interpôs Holland. — Eu mesmo o vi. Sim, eu sei, Inspetor. Não lhe quis falar sobre isso porque temi que o senhor nos impedisse de ir a Londres. Mas agora afirmo. Vi o Almirante vivo, aqui neste escritório, à noite passada, à meia-noite e quinze.

Capítulo VIII

Trinca e Nove Itens de Dúvidas RONALD A. KNOX



Por sua própria natureza, a vida de um policial é cheia de surpresas. Uma considerável parte da comunidade está sempre pronta em colocar armadilhas divertidas em suas trilhas, estender fios de arame atravessando veredas de jardins ou esperar em vielas escuras com um pedaço de tijolo escondido dentro de um pé de meia. Rudge não havia galgado o cargo de inspetor sem passar por algumas experiências desse tipo e tinha chegado perto de assumir uma atitude em que nada o surpreendia, a qual (o velho poeta nos assegura) faz parte dos ingredientes para a felicidade. Essa última notícia, porém, quase o pegou de surpresa. A declaração de Grice de que o Almirante morrera algum tempo antes da meia-noite tinha parecido um evidente ponto de partida; todos os outros sinais do caso se haviam agrupado em torno dela tranqüilamente — a possibilidade de uma ida a Whynmouth com o rio em baixa, a visita de um carro estranho, a escuridão, o isolamento, o movimento das marés. (Por falar nisso, por que ficara tão convencido a respeito das marés? Oh, sim, Neddy Ware; estranho que Neddy tivesse sido tão positivo a respeito.)

Demasiado tarde, Rudge percebeu que nenhum único elemento, a não ser a desorientada infalibilidade do experto, havia encarado a possibilidade de que o crime fosse cometido bem depois da meia-noite. E isso, parecia-lhe agora, era o que deveria ter acontecido. Claro que Holland poderia estar mentindo, mas era difícil perceber que motivo teria; por que abandonar um álibi de primeira classe no Hotel Lorde Marshall pela honra de ser o último homem que viu o Almirante vivo? Isto seria uma idiotice, e Holland não parecia um idiota.

Dentro em pouco, Rudge se refez por hábito; ele sacara o inevitável caderninho de notas e estava virando as páginas para chegar a uma em branco, lembrando-se de que não devia umedecer a ponta do dedo enquanto o fazia.

— Creio que devo avisá-lo, senhor — disse, dirigindo-se a Holland — que não é obrigado a prestar declaração alguma. O senhor sabe muito bem que deverá ser chamado a depor no inquérito e sepreferir reservar-se...

— Minha defesa? — interrompeu Holland, com nítida zombaria. — É muita bondade sua. Mas, como vê aqui me encontro, todo enrolado em uma história da carochinha, cuidadosamente preparada para conduzir o senhor ao caminho errado; seria uma pena não arrancá-la toda de dentro de minha cabeça enquanto está fresquinha. O senhor preferiria pôr-me primeiro na cadeia, não é mesmo, e tomar minhas declarações sem a presença de testemunhas, a fim de que pudesse cozinhá-las? Prefiro agora, se o senhor não se incomodar.

Rudge se recompôs em tempo de lembrar àquele palhaço fora do circo que o caminho que tomara não o levaria a nada bom. Afinal de contas, Holland evidentemente pertencia à classe opulenta, que goza do benefício da dúvida.

— Mas creio que talvez a Sra. Holland...

— O senhor está querendo dizer que quer ter a certeza de que ambos estamos no mesmo barco? Bem, é uma má sorte para um homem em lua-de-mel. Mas talvez você, Elma, se não se incomodasse... — Entre ambos trocaram um rápido olhar; do lado dele, o registro de uma confiança idólatra; do lado dela, seria uma manifestação de desagrado com relação ao imprudente comportamento do marido? Ou não estaria ali, afinal de contas, um leve indício de aborrecimento? O Sr. Dakers salvou a situação, indicando que nada o agradaria mais do que uma volta pelo jardim com... em resumo, com a Sra. Holland; era de opinião que havia muita coisa a ser discutida. E Rudge foi deixado a sós com sua testemunha principal.

— Bem — começou ele, animadamente — quando o encontrei da última vez o senhor me contou uma história que estava, admitirá, em contradição com o que acaba de dizer, não?

— Esses intelectuais formidáveis! Sim, eu lhe disse que estava já deitado, em Whynmouth. Na verdade, eu estava aqui. Uma discrepância.

— Desculpe-me, senhor, mas ao que estou querendo chegar é se nada do que me disse então era verdade? Por exemplo, tenho aqui anotado que o senhor não foi visto por ninguém depois das onze horas. Ainda afirma a mesma coisa? Não parece bastante improvável que assim tenha sido? Talvez conseguisse lembrar-se de alguma pessoa que tivesse cruzado com o senhor quando vinha para cá... veio a pé, suponho? Ou veio de ônibus?

— O último ônibus, meu caro Rudge, como o senhor e eu sabemos muito bem, sai às dez e meia. Não, eu vim a pé; e passei por alguns cavalheiros que haviam recentemente saído do Lorde Marshall, mas eles aparentemente não iriam manter uma memória avívada de suas impressões. Havia alguns namorados por aí, mas

lamento que não seja capaz de reconhecer-lhes a fisionomia e duvido que eles reconheçam a minha. Não falei com ninguém.

— Não se encontrou, por exemplo, com nenhum de nossos homens?

Houve uma fração de hesitação, quase como se uma pronta mentira pudesse revelar, de súbito, uma falha.

— Não, creio que não — foi a resposta dada. — Houve um momento que olhei para uma rua lateral e julguei ter visto a lanterna de um policial sendo acionada, mas pode ter sido alguém usando a lâmpada de uma bicicleta. Não me posso lembrar que rua foi.

— E o senhor teria vindo diretamente pela estrada principal?

— Durante todo o tempo.

— Agora então, senhor, vamos tocar em mais um ponto, se não se incomoda. Durante todo o tempo era sua intenção fazer essa visita assim tão tarde? Ou o senhor se demorou no caminho? Ou a idéia lhe ocorreu subitamente quando já era quase hora do hotel fechar ou já havia fechado?

— Meu caro Inspetor, o senhor é um pouco elementar. Não tenho dúvida de que Boots deve ter-lhe dito que viu meus sapatos do lado de fora, no corredor. Assim, a história que decidi contar-lhe é que eu já me achava em processo de ir para a cama quando um incidente me fez mudar de idéias. Olhando pela janela, vi um homem saindo pela porta da frente do hotel, a quem me pareceu reconhecer pela postura de seus ombros. Então pensei com meus botões que eu era um tolo; alguma coisa no chapéu do homem me convenceu de que se tratava de um clérigo. Refleti, porém, que clérigos não são postos para fora de bares à hora de fechar. Convenci-me então, não sei como, que se tratava do pobre Penistone. Como sabe, eu queria vê-la; enfiei minhas

roupas de volta, apressadamente, e saí para a rua. Não havia qualquer sinal do homem, é claro, mas me apressei a seguir na direção que supunha que ele tomaria... bem, em resumo, fiz todo o trajeto até aqui.

— Mesmo com a chance contrária de encontrá-lo acordado em uma hora tão tardia como aquela?

— Inspetor, não sei se o senhor é ou não um homem casado, ou se seu peito tem sido sempre impermeável a emoções mais suaves.

Mas se perguntar a qualquer pessoa que se encontre violentamente apaixonada, ela lhe dirá que quem ama não acha nada demais caminhar dois ou três quilômetros meramente para ficar do lado de fora de uma janela e pensar sentimentalmente entre os rododendros.

Isso seria tudo o que eu teria feito, se não tivesse visto fortes luzes acesas no escritório do pobre Almirante.

— O senhor viu as luzes quando chegava?

— Sabe de uma coisa, Inspetor? O senhor obteria muito mais informações se não procurasse pegar as pessoas em falhas durante todo o tempo. Claro que não as vi da estrada. Eu estava rodeando o gramado e foi de lá que as vi. Atravessei o gramado e bati, tendo o Almirante me feito entrar pela janela francesa. Ele me disse que eu estava chegando mesmo a tempo, “bastante dramático”, comentou, pois acabara de aprontar para sua sobrinha o documento pelo qual vínhamos esperando havia várias semanas, o seu consentimento ao nosso casamento. E, fora de dúvida, o documento se encontrava em cima da mesa quando entrei no escritório.

— Isso seria... à meia-noite e quinze, segundo o senhor?

— Não sei exatamente que horas seriam. Mas saí do Lorde Marshall pouco depois das onze horas, que é a hora de fechar. Caminhei devagar depois que saí de Whynmouth

e assim só posso ter chegado aqui por volta de meia-noite mais ou menos; é o que posso dizer.

— Sim, compreendo. Bem, o senhor teve a impressão de que o Almirante Penistone estava em vias de recolher-se, quando o senhor chegou? Estava em traje de dormir, por exemplo? Estava fumando, bebendo uísque com soda ou qualquer coisa assim? Compreende o que quero dizer, não? Estou tentando saber se ele teria saído depois que o senhor se retirou e se o fez, por que motivo?

— Bem, sob este aspecto não o posso ajudar muito. Durante parte do tempo, com toda a certeza, o Almirante tinha um cachimbo na boca. A única coisa que me fez admitir que ele não estava prestes a ir para a cama era a desarrumação em cima da mesa; papéis espalhados por ali, sabe, fora de seus lugares. O Almirante não era o tipo de homem de ir para a cama antes de primeiro arrumar seus documentos.

— Ah, isso é muito interessante. O senhor não faz idéia, suponho, de que documentos se tratava?

— Não faço a mínima idéia, infelizmente. Eu diria que em sua profissão, Inspetor, por vezes é necessário olhar por cima dos ombros de uma pessoa, para ver o que ela está lendo, mas temos um código mais estrito no comércio de juta.

Rudge percebeu a ofensa da observação, mas conseguiu mostrar um sorriso aceitável.

— Então, o senhor não ficou muito tempo? Agradeceu-lhe, talvez, e disse que ia voltar para Whynmouth?

— Dificilmente mais do que isso. O Almirante me fez sair pela janela francesa novamente voltei para o Lorde Marshall naquele estado de espírito em que o homem fica, meu caro Inspetor, quando percebe que o maior sonho de sua vida se transforma em realidade.

Por assim dizer, andando no ar, sem prestar muita atenção ao que ocorre à sua volta.

— Nem mesmo o senhor se lembra como conseguiu abrir a porta da frente do hotel?

— Ora, tornei minhas precauções a esse respeito. Sei que Boots costuma ir para a cama tão cedo quanto possível e não gosta de ter seu sono perturbado. Assim, tive o cuidado de deixar a porta de trás somente encostada... o senhor poderá verificar que ela não tem tranca... e a Sra. Davis, lamento dizer, não sabia de nada.

Pensei em dizer-lhe, mas achei melhor que não o fizesse. Ela fala muito.

— Nisso, o senhor está certíssimo. De qualquer modo, gostaria que o senhor tivesse sido um pouco menos silencioso em suas idas e vindas; vão fazer-lhe perguntas sobre isso durante a audiência. Mas, é claro, o senhor deixou suas botas do lado de fora da porta, o que será uma prova de que se encontrava dentro de seu quarto antes que a porta da frente se abrisse.

— Meu caro Inspetor, o senhor pensa em tudo. O senhor quer que eu diga que estava usando, às onze e quinze, em minha ida a Rundel Croft, o mesmo par de botas que se encontrava do lado de fora de minha porta à meia-noite e meia. Acredite-me, sua técnica está melhorando. Mas a triste verdade é que, quando me acordei e fui seguir o fantasma do Almirante, pus um outro par de sapatos... sapatos de camurça que alguém, que não seja bobo, não fará limpar no Lorde Marshall.

— Ah, isso explica as coisas. Suponho que o senhor, por acaso, não terá trazido nenhum exemplar da Evening Gazette aqui para Rundel Croft.

— Nunca li esse jornal. Sua posição política me dá náuseas.

Rudge manteve seu caderno de notas à frente, com o braço esticado, como se estivesse procurando um efeito artístico.

— Bem, aí está um relato claro de seus movimentos, Sr. Holland. Mas há uma ou duas perguntas que eu gostaria de lhe fazer; no entanto, como não estão diretamente relacionadas com o que aconteceu na noite passada, eu não ficaria surpreso se o senhor não as respondesse. A primeira é, exatamente: Por que o Almirante Penistone, de início, não queria que o senhor se casasse com sua sobrinha e mais tarde mudou de idéia?

— Creio que o senhor deve estar muito preocupado procurando mistérios, se é que está fazendo desse ponto um mistério. Se o senhor pensar um pouquinho sobre o assunto, verá que só conheci a família há umas três ou quatro semanas. A primeira vez em que vi minha mulher, já que o senhor está sendo bondoso ao ponto de estar tão interessado em nossos assuntos particulares, foi na casa de Sir Wilfrid Denny, logo depois que ela veio morar aqui. E foi amor à primeira vista da parte de nós dois. O Almirante... bem, era um homem circunspecto e desejava conhecer-me melhor, suponho. Quando sua sobrinha me escreveu, dizendo-me que viesse novamente a Whyemouth, pois tinha boas notícias para mim, apenas ousei esperar que fosse isso. (Foi então que obtive a licença.) Parece, no entanto, que minha respeitabilidade era mais evidente para ele do que é para o senhor.

— Oh, espere aí, o senhor não está ofendido, espero. Quanto à segunda pergunta, pode parecer indelicada, mas tenho que fazê-la.

Por que toda essa pressa em se casarem, Sr. Holland?

Desta vez inquestionavelmente Holland fez uma pausa. Seu rosto, entretanto, não sugeria culpa ou duplicidade. Parecia alguém que soubesse mais do que

estava à vontade para dizer, porém que não estava certo do quanto poderia dizer, sem fugir da verdade. Foi, pelo menos, como Rudge interpretou sua expressão nos rápidos momentos que perdurou o embaraço.

— Inspetor — disse por fim Holland, com uma nota mais séria em sua voz — o senhor não deve pedir que me responsabilize pelos caprichos de uma mulher. Sei que o senhor deve ter achado muito chocante ir a Londres como fomos e realizar um casamento desses; muito em silêncio devido ao luto da família da noiva, o cadáver ainda não de todo frio e assim por diante. Creio, porém, que Elma é bem mais nervosa do que seu autocontrole permite que se note. Acho que estava completamente aturdida com o que aconteceu ontem à noite e se sentia em perigo aqui; quem poderia dizer não ser ela vítima dessa misteriosa vendetta ou o que quer que tenha sido isso?

Elma queria sair desta casa e ter um homem a seu lado, um homem que, agora que seu tio estava morto, tivesse o direito legal de protegê-la. Eu me enquadrava nesse ponto, como o senhor vê; posso não ser digno de Elma, mas eu satisfazia as condições para preencher a lacuna. Suponho ter sido assim que Elma encarou o assunto.

— Sim, compreendo. Posso agora fazer-lhe uma outra pergunta? O próprio Almirante, a última vez em que estiveram juntos, deu ao senhor alguma idéia do que o fizera mudar de opinião? Deu alguma explicação?

— Se o senhor o conhecesse, saberia não ser um homem que desse explicações às coisas. Em sua conversação ele era incisivo e breve... odiava desperdiçar palavras. E ontem à noite disse pouco mais do que “Boa-noite”, “Chegue até aqui que tenho uma coisa para lhe mostrar” e “Bem, isso o fará mais feliz?”. Além disso,

limitou-se a fumar seu cachimbo. Essa era sua idéia de conversação.

— Ah, ele fumava muito, não? Sempre o mesmo cachimbo, acredito; um verdadeiro fumante nunca usa mais de um.

— Então ele não era um bom fumante, pois o senhor mesmo pode ver que há cachimbos espalhados em cima da lareira. Se um deles não acendesse direito, pegava um outro.

— Estou imaginando... será que ele tinha qualquer coisa na cabeça, e foi por isso que falou tão pouco? Claro, estou ansioso por saber se o desventurado cavalheiro sabia o que o estava esperando.

Parecia cansado ou preocupado, por exemplo, quando o senhor esteve com ele?

— Não que eu tenha notado. Não, não notei nada. Claro, quando estive com ele no escritório a única lâmpada que estava acesa era a usada para leitura, bem aí ao seu lado, e que tem sobre ela uma proteção verde e espessa, como o senhor vê; não se pode ver muito bem o rosto de um homem quando está de pé e com toda a luz sendo projetada sobre a mesa. Mas se o senhor me perguntar se o tom de sua voz sugeria excitação ou preocupação, minha resposta seria não.

— Muito bem, Sr. Holland, creio que perguntei ao senhor tudo o que queria. Oh, exceto uma coisa... por acaso o Almirante estaria usando um sobretudo?

— Em seu escritório? Numa noite quente? O senhor poderia igualmente perguntar se ele não estava metido em uma armadura de aço.

— Sei que isso parece improvável, senhor. Mas aí está... o Almirante usava um sobretudo quando foi encontrado. E é claro... por falar nisso, Sr. Holland, quando

pensou ter visto o Almirante do lado de fora de sua janela, estaria ele usando capote nessa ocasião?

— Ora, como se pode ser tolo em observar coisas! Eu o vejo agora envergando um sobretudo; mas agora tenho esta informação a respeito do corpo... creio que ele não estava de capote nenhum; mas agora argumento comigo mesmo que talvez eu esteja dizendo isso porque devia ter notado, se ele estivesse de capote em uma noite quente como aquela. Imagine se minha memória funcionasse à base de meus olhos! Não, Inspetor, o senhor pode pôr-me na cadeia, mas eu o estaria enganando, se tentasse dar uma resposta incisiva a essa pergunta incisiva.

— Bem, muito obrigado pelo que me disse, Sr. Holland. Agora, quanto à Sra. Holland...

— Se o senhor me perguntar, espero que a Sra. Holland deseje jantar. Não me parece que esteja ocorrendo ao senhor que está estragando nossa lua-de-mel. Olhe aqui, estamos com aposentos reservados no Lorde Marshall. Elma declarou que ainda não poderia dormir nesta casa. Eu não ousaria pensar o que será o jantar da Sra. Davis, quando estiver frio. Será que o senhor poderia esperar até amanhã, para só então torturá-la?

— Bem, senhor... Tenho que me encontrar com o juiz de instrução amanhã pela manhã pra dar-lhe um relato do caso o mais completo possível, e o senhor e a Sra. Holland, seja lá como for, vão ser importantes testemunhas. Mas se o senhor acredita que a primeira coisa que a Sra. Holland faça amanhã, o mais cedo possível, será falar comigo, bem, há um policial de serviço na praça e se eu puder informá-la, tenho certeza de que ele saberá onde encontrar o senhor. Talvez, se eu for lá atrás em seu carro... o senhor não se incomodaria de me dar uma carona até Whynmouth, não é?

— Está temeroso que eu siga uma outra rota? Correto, Inspetor, creio que fizemos por merecer isso. Muito

bem, venha conosco; desta vez vamos agir certo.

Rudge sentou-se no escuro, na parte de trás do carro, instintivamente observando as duas figuras cujos vultos se tornavam difusos à luz que iluminava a estrada. As impressões que já havia formado sobre o casal estavam inteiramente confirmadas; pouco falavam um com o outro e, quando o faziam, era sempre por iniciativa de Holland; percebia-se, na forma pela qual inclinava seu ombro para o lado, ser ele o modelo do enamorado cheio de deferências, enquanto Elma olhava fixamente para a frente e mal se movia ao responder. Mas, sem dúvida, Elma devia estar cansada; tinha muita coisa em que pensar; talvez estivesse penalizada a respeito do velho de cuja vida compartilhara por tantos anos e estava agora repousando sob a mortalha da funerária.

Rudge arranhou uma desculpa para acompanhá-los até o hotel; estava particularmente preocupado em se certificar sobre a tranca da porta traseira. O Lorde Marshall é um hotel ao velho estilo e não dispõe de entrada privativa para os visitantes; eles têm que passar por um estreito corredor, com uma ligeira reentrância no meio que permite a quem entra uma visão das costas dos cavalheiros que se encontram tomando alguma coisa no bar para refrescar-se. Um desses cavalheiros fez uma ligeira volta, enquanto o casal e o Inspetor entravam, Rudge teve duas simultâneas impressões: que ele conhecia o homem e que o homem não queria ser reconhecido. Pelo menos tornou a voltar-se quando se aproximavam e seu rosto ficou escondido na obscuridade do espaço por baixo da escada. Retornando de um encontro felizmente breve com a Sra. Davis, Rudge encontrou o homem de novo e verificou que seu palpite estava certo.

Era o Cabelos Curtos, repórter da Gazette. Prometendo vê-lo no dia seguinte, Rudge conseguiu adiar

suas ansiosas perguntas a respeito do andamento do caso. Em seguida, o Inspetor falou com o policial da praça, indo depois disso se recolher à solidão de seus próprios aposentos.

O Inspetor Rudge, devemos lamentavelmente admitir, era um homem muito normal. Ele não se isolava com um violino, ou com um frasco de cocaína; não dava nós em cordões nem colecionava escaravelhos ou se distinguia em qualquer outra atividade colateral. As aposentos para os quais voltou eram bastante comuns, do qual ele nem mesmo havia trocado a decoração feita pela senhoria; o uísque que retirou de dentro do armário era de marca tão conhecida que a simples menção de seu nome seria uma publicidade desnecessária; o mesmo pode ser dito do fumo com o qual encheu o cachimbo. Se toda a verdade deve ser confessada, o Inspetor Rudge era um ser humano tão comum que tirou os sapatos e calçou um par de chinelas. Em seguida, entregou-se aos afazeres noturnos, que consistiam em selecionar da massa de material que colecionara durante o dia os pontos que pareciam mais prováveis a proporcionar rendimentos. Estes pontos eram por ele anotados sob a forma de perguntas; não acrescentava nenhuma observação por escrito, exacto um ocasional lembrete; mas depois que a cada pergunta era dada uma forma verbal, Rudge ficava olhando para o teto deixando que sua mente divagasse a respeito das possibilidades que a pergunta sugeria.

Aqui adiante estão reproduzidas as perguntas, com uma síntese das cogitações a que levou cada uma delas. Quando Rudge contou suas perguntas, sua mente ortodoxa ficou deliciada ao verificar que elas eram exactamente 39.

1. Por que Penistone teria vindo para Lingham, e por que esse gajo teria aborrecido Sir Wilfrid? Tudo considerado, havia muito da Base da China envolvido no

caso. Em vista disso, nada havia de particularmente improvável no fato de que dois homens que conheciam bem a China estivessem morando tão perto um do outro. Mas a Sra. Davis, dando voz aos comentários locais, tinha visto neste fato alguma significação; inesperadamente, ela informara que Sir Wilfrid não parecia muito satisfeito com essa vizinhança. Seria concebível ter havido alguma ligação entre os dois no passado? Uma ligação culposa? Se assim fosse, de que lado estaria a culpa? No lado de Sir Wilfrid, certamente. O cérebro de Rudge, fizesse ele o que fizesse, estava preparado para viajar através dos canais oficiais; a idéia de chantagem se apoderou dele. Ainda mais que Sir Wilfrid parecia encontrar-se em circunstâncias difíceis. Lembrete: Passar banco na esperança de obter um extrato da conta do Almirante, bastante difícil obter o de Sir Wilfrid.

2. Por que Jennie acha que Penistone e Elma pareciam mais marido e mulher do que tio e sobrinha? Provavelmente um mero mexerico. Afinal de contas, Jennie só conhecia o casal há pouco tempo; o fato de que ambos manejassem a criadagem, presumivelmente compartilhando das despesas financeiramente dar-lhes-ia, na cabeça de Jennie, a situação de igualdade. Mais uma vez as divagações de Rudge brincaram com a idéia de uma falsa identidade; ainda que parecesse impossível que uma tal personificação durasse muito tempo; Dakers teria notado, se ninguém mais o fizera.

3. Por que seria Elma tão íntima da empregada francesa? E por que a empregada francesa partira tão subitamente? As duas perguntas podiam ser encaradas como uma só; se havia alguma significação na primeira, isto provavelmente teria proporcionado uma explicação para a segunda. A alegação de que Célie achara o local muito monótono era com certeza uma mera desculpa; uma francesa que tivesse passado anos exilada na Cornualha

precisaria necessariamente de mais de uma semana para ficar cansada de Lingham; Whynmouth, afinal de contas, alardeava ter um cinema que era uma beleza. É claro que ali poderiam ocorrer romances ou tragédias, como tinha acabado de acontecer. Mas parecia mais natural admitir-se que a mudança fora a causa da fuga — sim, pode dar-se o nome de fuga, pois havia uma dívida em dinheiro. É claro que se Célie não fosse simplesmente uma empregada, poderia dar-se que dinheiro não fosse seu objetivo. Mas por que sair logo após uma mudança? Seguramente teria sido mais plausível ter avisado quando se realizou a mudança. Isso significava... devia significar que Célie, ao chegar a Lingham, encontrara alguma coisa inesperadamente desconcertante para ela; ou que surgiram em Lingham circunstâncias que não haviam surgido na Cornualha. Para ser um romance, o tempo fora muito curto. Teria Célie estado em Lingham antes? — Lembrete: Levantar, se possível, o atual paradeiro de Célie e referências quanto ao seu passado.

4. Por que, mais uma vez com base no que dissera Jennie, havia tão poucas demonstrações de amor entre Elma e Holland, pelo menos do lado da moça? Ainda aqui poderia tratar-se de mexericos. Quem foi mesmo creditado com “um lamentável padrão baixo de intoxicação”? Talvez Jennie tivesse um padrão anormalmente alto de bisbilhotar. Jennie ficava espionando; um casal de enamorados tímidos poderia apressadamente desengajar suas mãos ao aviso das pesadas passadas da empregada entrando. Mas, se isso tinha algum fundo de verdade, sugeria que o casamento, de um dos lados, pelo menos, era um casamento de conveniência. De que lado? Do de Elma, de acordo com as evidências; e, para ser correto, ela tivera um desapontamento anterior; sua mocidade estava passando. Poderia ser, também, que ela estivesse ansiosa para

administrar seu capital, ao invés de ter os rendimentos recebidos através de seus curadores. Mas onde estava, nesse caso, a necessidade? Elma vivia de maneira simples; vestia-se mal. Holland, é claro, poderia ser um aventureiro; mas, se assim fosse, sabia inteligentemente fingir que estava amando.

5. O que Elma fazia de seu dinheiro? Esta pergunta emanava, naturalmente, da anterior. Como a vida seria simples para a Polícia, se todos nós auditássemos nossas contas, como as associações de caridade! Rundel Croft não era uma casa com muitas pretensões; estava sendo mantida com aparente negligência. Mesmo se Elma contribuísse com mais da metade das despesas — e o Almirante devia ter tido algum dinheiro — era difícil acreditar-se que 1.200 libras por ano seriam necessárias para a manutenção da casa. De qualquer modo, o capital era dela; não havia necessidade óbvia de economia. Mais uma vez a palavra chantagem se fez presente; só que desta vez parecia ser na direção oposta. Se Sir Wilfrid fosse o chantagista, por que teriam as vítimas vindo para tão perto? E por que teria ele manifestado aborrecimento? Lembrete: Uma vez mais, consultar o extrato de contas do Almirante.

6. Que papel representou Walter na história passada dessas vidas? Se ele estava morto, então sua influência somente persistiria no que se referia a ficar Elma de fora de metade da herança, o que, em vista das já favoráveis circunstâncias, parecia ser um fator a ser negligenciado. Mas, se ele estivesse vivo... qual então seria sua influência? Seria ele benquisto no seio da família ou teria a história de seu desmando obliterado toda a afeição? Era estranho, quando se vinha a pensar nisso, que uma família tão ligada a um soldado desaparecido durante a guerra não tivesse uma fotografia sua exposta no escritório ou na sala de

visitas. Mas, havia ainda o escândalo do cheque; seria desagradável, talvez, que os visitantes perguntassem "Quem é esse aí?" Se ele estava vivo, o que fazia? O que estaria ele fazendo? Parecia improvável que um homem com seus antecedentes fosse deixar uma fortuna passar, sem luta. No entanto, se estivesse vivo e tentando reemporcar-se, o que poderia lucrar cometendo um crime dessa espécie ou induzindo outras pessoas a cometê-la? "A questão é o desaparecimento de um tio valioso", Rudge, sem sentir, estava dizendo para si mesmo. O cadáver de um curador não faz testamento.

7. Por que Ware achava que o Almirante tinha mudado desde a última vez que o vira? As pessoas mudam de aspecto, é claro, e um homem sofrendo sob uma longa doença pode ser desculpado por ter perdido algo de sua antiga jovialidade e vitalidade. Mas as fotografias existentes em Rundel Croft, evidentemente datando de período anterior às reminiscências de Ware, tinham traços inconfundíveis de semelhança com o homem encontrado morto. Uma vez mais ousada sugestão de falsa identidade perpassou o cérebro do Inspetor; uma vez mais o senso comum lembrou-lhe que uma personificação durante muito tempo é impossível na prática. Era concebível que Ware tivesse reconhecido o corpo que pescou de dentro d'água; então, a fim de explicar o seu lapso de memória, teria inventado essa história de aspecto diferente? Mas, também aí, por que deveria Ware fingir ignorância? Por que não dizer apenas: "Já vi este homem antes, mas não me lembro em que circunstâncias?" Lembrete: Perguntar ao Sr. Dakers a respeito.

8. A referência feita pela Sra. Davis com relação à fuga da mulher do Vigário levava a algum lugar? Isso parecia um tiro longo, mas até agora, com exceção de Elma, não havia nenhuma mulher no caso, a não ser a

dama no carro, não identificada, e esse fantasma que passou por Lingham seguramente poderia dar um bom rendimento. Já foi sugerido que Rudge percorria com o cérebro obstinadamente todos os canais da experiência da Polícia; e *cher-chez la femme* é quase o primeiro item do decálogo policial. Mas, como fazer indagações sobre a história da Sra. Mount desde o seu desaparecimento? O Vigário poderia dar o nome de seu rival, mas seria uma brutalidade perguntar-lhe; mesmo assim, os vestígios de um desaparecimento ocorrido há mais de 10 anos estariam agora obliterados. Não, decidiu Rudge, estava-se tornando fantasmagórico. A Sra. Mount jamais vivera em Lingham; presumivelmente seu marido nunca tinha ouvido falar sobre Denny ou Penistone à época da deserção dela. Aqui não havia nenhum fio solto a ser apanhado. Rudge riscou a página com um traço. Até aqui todas as suas perguntas eram questões que podiam ser formuladas, ainda que não houvesse razões para que a Polícia as formulasse, ontem à tarde, quando o rio corria pacificamente entre o Vicariato e Rundel Croft, os dois rapazes se divertindo em suas águas, sem sombra de qualquer tragédia para influir sobre seu ânimo; quando a voz brusca e incisiva do Almirante o proclamava cheio de vitalidade e nenhum corpo exangue jazia sem vida. Agora, voltemos ao crime; suas circunstâncias e os indícios deixados. Rudge chegou sua cadeira um pouco mais para perto da mesa, deu uma meditativa ajeitada nos óculos, bateu o cachimbo e tornou a enchê-la, voltando então metodicamente a seu auto-imposto catecismo.

9. Por que Elma se vestiu com esmero naquela noite para a visita ao Vigário? Aqui também, mais uma vez, estamos lidando com impressões, as impressões de uma empregada bastante fantasiosa. Não se deve, porém, desprezar as informações dos expertos; e a empregada de

uma dama, no pequeno universo de seus próprios e limitados interesses, é um crítico observador. Qualquer desvio do normal, pequeno como seja, deve ser encarado como um indício possível de que o crime não surgiu absolutamente de surpresa; que alguém já estava atrás de alguma coisa anteriormente. Mas, nesse caso, quem estava atrás de quê? Se Elma achava que iria encontrar Holland naquela noite, é estranho que tivesse sido o seu tio e não ela quem estivesse apressado para voltar para Rundel Croft. Se estava projetado um encontro, evidentemente seria um encontro secreto; não havia necessidade, então, de chamar a atenção para esse fato enfeitando-se toda para a ocasião. Por outro lado, o Sr. Holland dificilmente parecia ser homem que apreciasse o que a dama vestia; dificilmente seria o homem a quem a mais audaciosa das aventureiras se teria proposto a seduzir. Diversões, N.º 82, Seduzindo o Vigário. Seria concebível que Elma estivesse perseguindo alguma caça que significasse deixar Rundel Croft mais tarde, naquela noite; se ela desejou mudar de roupa para essa ocasião e resolveu usar um elaborado vestido de noite a fim de disfarçar melhor a mudança de traje, o que faria depois? Lembrete: Perguntar a Jennie se outras peças do guarda-roupa mostravam sinais de terem sido remexidas ou dobradas apressadamente nessa manhã.

10. Por que Elma escondera o vestido mais tarde? Isso, pelo menos, era agir depressa demais. Porém, certamente, ela resolvera que deveria guardar o vestido, e guardar por suas próprias mãos. A conclusão, ainda que não indiscutível, era ser certamente provável que havia alguma coisa relacionada com aquele vestido que Elma não queria que mesmo um olho de toda a confiança descobrisse. Mas isso significaria, a não ser que Elma fosse contar uma história completamente diferente amanhã de manhã, durante o interrogatório, que tinha alguma coisa a esconder

e estava apresentando um relato falso de seus movimentos. Se, depois de sair do abrigo dos barcos, ela tivesse ido diretamente para a cama, era impossível que qualquer evidência denunciadora — um rasgão ou uma mancha — surgisse depois de ter desejado uma boa noite ao Almirante. O problema estava em que, tendo Elma ido para o Lorde Marshall, Jennie não se encontrava mais em condições de dar informações. Lembre-te: Se no hotel houver uma camareira discreta, pedir-lhe que verifique se o tal vestido voltou de Londres.

11. Foi Penistone mesmo quem foi a Whynmouth àquela noite? Os informes vinham de duas fontes; ambas incertas, uma delas e possivelmente mentirosa. Rudge se certificara pessoalmente de que a iluminação do lado de fora do Lorde Marshall era particularmente inadequada. A declaração direta feita a Boots, que dificilmente poderia estar mentindo, mostrava que o homem que foi ao hotel ou era o próprio Almirante ou algum impostor que o estaria personalizando. Se o que dissera Holland era verdadeiro, ficava confirmada a versão de que houvera alguma tentativa de disfarce; Holland não ouvira o que o visitante dissera, mas ainda assim achou que parecia ser o Almirante. Mas, será que Holland estava falando a verdade? Admitamos que fosse o Almirante; por que, subitamente, queria pegar aquele tardio (e péssimo) trem para Londres? Como alternativa, por que queria ele criar a impressão de que pretendia fazê-lo? Qualquer dessas suposições implicava em haver por parte do Almirante uma atitude misteriosa, que nenhum indício, exceto talvez sua impaciência em sair do Vicariato, sugeria. Admitindo-se que não fosse o Almirante, então qual seria a chave deste elaborado mistério? Implicar Holland no crime? Mas não haveria como prever que Holland não iria ficar "ferrado no sono" no Lorde Marshall; nada, a não ser suas próprias

palavras, servira para pô-lo em ligação com o misterioso visitante. Dissimular o ponto onde o crime foi cometido? Sim, nisso havia algo; poderia ajudar em um álibi. Mas o falso Almirante não teria procurado deixar outros indícios de sua visita ao hotel, além da palavra de um empregado estúpido e sonolento?

12. Se foi o Almirante, teria vindo pela estrada ou pelo rio? Pelas declarações do Vigário, que deviam ser verdadeiras, dado que poderiam ser verificadas, o Almirante tinha um defeito numa das pernas e não costumava caminhar se pudesse evitar de fazê-lo. Parecia improvável que tivesse retirado o carro sem acordar alguém da casa. O barco continuava como uma possibilidade; e se o Almirante tivesse descido o rio secretamente de barco, onde iria escondê-lo quando tomasse o trem para Londres? Se o abandonasse seria como que um convite para que fosse roubado; deixá-lo amarrado entre outros barcos seria um testemunho de seus movimentos. Era difícil imaginar-se que pretendesse deixar Whynmouth para sempre. O que parecia é que toda essa conversa a respeito de trem fosse uma cortina de fumaça. Mais uma vez, com que objetivo? A única coisa que parecia certa era ter sido o barco do Almirante retirado do abrigo aquela noite e nele recolocado por alguém que não o Almirante.

13. Por que o visitante, quem quer que ele fosse, perguntou por Holland e depois se recusou a vê-lo? Se fosse um falso Almirante não havia dúvida quanto à resposta; o homem perguntara por Holland de modo a obter uma desculpa para mencionar o nome do Almirante; possivelmente, também, para implicar Holland nos acontecimentos que deveriam seguir-se. Na verdade, ele não se encontrou com Holland com medo de ser descoberto. Se fosse o verdadeiro Almirante, o motivo era mais difícil de ser determinado. O comportamento do homem fora o de

uma pessoa que desejava ter certeza de que um hóspede do hotel já tivesse realmente chegado ou que estivesse realmente no hotel e que, mesmo assim, não se preocupara em esconder da pessoa procurada os seus métodos de indagação. Se a história de Holland fosse verdadeira, o Almirante poderia ter pensado mesmo em fazer-lhe de fato uma visita, a fim de tranquilizá-lo sobre o consentimento. Mas por que, depois de ter tido todo esse trabalho, teria ele se retirado, sem deixar qualquer recado significativo?

14. Teria Holland realmente visto alguém na rua? Resposta: sim, e isso significa que a história de Holland é verdadeira até um ponto; ele se encontrava realmente no Lorde Marshall ou em suas proximidades perto da hora de fechar. Mas havia a hesitação a respeito do sobretudo; seria genuína? Ou fora fingida a ignorância a fim de evitar possíveis armadilhas? Resposta: não, e isso significa que Holland sabe de outras coisas que ainda não revelou. Ou ele sabia que o Almirante pretendia fazer essa visita, ou tinha prévio conhecimento do sujeito que personificaria o Almirante. Em qualquer caso, o fato de ter mencionado o visitante seria uma tentativa para provar que realmente já se recolhera ao hotel à hora em que este era fechado; isso cheirava a álibi.

15. Teria Holland ido realmente a Rundel Croft naquela noite? Contra isso havia uma extrema nebulosidade; a ausência de um motivo claro, o cuidado que teve em explicar por que não era provável que aparecesse qualquer testemunha quando de sua ida até Rundel Croft, a escolha de um novo par de calçados, o alegado segredo quanto a suas saídas e entradas. Por outro lado, se Holland estivesse mentindo, seria difícil imaginar que o estivesse fazendo para cobrir-se a si mesmo; a cama seria seu melhor álibi. As declarações de Boots e da Sra. Davis se constituíam em um obstáculo difícil de ser

transposto, sem algum indício positivo para implicar Holland... e um tal indício não existia. Ao invés de prender-se à sua história inicial, de acordo com a qual se encontrava dormindo profundamente em sua cama, ele se afastara desse caminho, confessando-se um mentiroso, e contando uma história fantástica em muitos pontos, sobre uma visita a Rundel Croft que pessoa alguma poderia, testemunhar e, assim fazendo, colocava-se na situação de ter sido a última pessoa a ver o Almirante com vida. Ele parecia estar enfiando a cabeça deliberadamente em um nó; por que o faria, a não ser para desviar as suspeitas de cima do verdadeiro criminoso? E isso significava... isso se encaixava. Ele falara a verdade hoje pela manhã; depois disso, soubera de outras coisas que o haviam levado a dar uma laçada em volta do próprio pescoço. Mas, então, estaria Holland mentindo? Não teria ele, agora, inventado uma história mais plausível para explicar sua presença em Rundel Croft?

16. Se Holland foi a Rundel Croft de fato, teria sido com encontro marcado? Um tal encontro poderia ter sido programado antes com o próprio Almirante ou, mais provavelmente, com Elma. Se o dito anteriormente fosse verdade, nenhuma imputação poderia ser feita, a não ser o registro de um recado; se o recado foi levado através de um bilhete, alguém teria levado o bilhete; se foi dado por telefone, a chamada provavelmente poderia ser levantada. Também, com toda a certeza, um recado transmitido por telefone para um hotel significava que teria que ser levado ao destinatário por um de seus empregados, e o fato de ser àquela hora da noite provavelmente seria lembrado. Pensando sobre o assunto, o recado (se é que houve um) deveria ter vindo de Elma ou Holland teria suposto que viera dela. De outro modo, não teria nenhuma razão para escondê-la; e teria tornado sua história muito mais

plausível ao admiti-la. *Lembrete*: Conversar com a Sra. Davis a respeito do recado; se necessário, indagar no posto telefônico.

17. Quem era a mulher que esteve em Lingham às dez e quarenta e cinco da noite? Esta era uma forma errada de fazer tal pergunta; dificilmente poder-se-ia esperar saber quem era ela, a essa altura. Mas valia a pena considerar se sua chegada tinha alguma coisa a ver com a situação. Seu carro, no qual podia encontrar-se ou não algum outro ocupante, chegaria a Whynmouth em tempo de levar o misterioso visitante ao Lorde Marshall. Alternativamente, teria sido possível aos ocupantes de um tal carro estarem em Rundel Croft a tempo de cometer o crime, ainda que este tivesse ocorrido mais cedo. Eles poderiam ter dado a volta pela Ponte de Fernton, a pergunta a respeito do Vicariato sendo unicamente para despistar; ou poderiam ter parado perto do Vicariato e se transportado para o outro lado do rio, por si mesmos, soltando o bote do Vigário. Este último plano teria o efeito de colocar o barco do Sr. Mount na cena do crime. Rudge, no entanto, sentiu-se reagir instintivamente a uma tal explicação. Pois isso significaria que o criminoso ou os criminosos chegaram e saíram de carro, sendo Londres, provavelmente, sua base. Não era possível à Polícia de Whynmouth procurar tipos suspeitos em Londres; a Scotland Yard poderia ser acionada, mas isso significava que todo o crédito iria para a Polícia de Londres. A essa altura o Inspetor traçou uma linha no sentido transversal na página. Ele havia chegado ao fim das perguntas que antecediam, ou pareciam anteceder, ao crime propriamente. Era tempo, agora, de se voltar para um novo conjunto de problemas: os problemas gerados pelas circunstâncias em que o corpo fora encontrado. O cachimbo precisava ser aceso de novo; e, com essa finalidade, mais fumo parecia

ser indicado; a indicação foi acatada com abundância. Agora, os fatos. O testemunho humano era uma coisa incerta e escorregadia com que lidar; o que era dito parecia uma fotografia obscurecida pela sombra de quem falara. A natureza, porém, não mente; as marés sobem e descem, o orvalho cai, o sangue flui, as portas se abrem e se fecham, dentro de princípios uniformes e compreensíveis. Os indícios apontam as ações que os produziram e dão pistas fascinantes que levam aos motivos que se situam por trás das ações. Bem, então...

18. Aqui está um homem assassinado; quem teria um motivo e qual seria esse motivo para assassinai-lo? Normalmente se espera um desentendimento local; quanto à faca, como a Sra. Davis observou, não é arma usada pelo criminoso inglês. No entanto, residindo no local há apenas um mês, dificilmente haveria tempo para uma suposição desse tipo. Um inimigo da Cornualha teria achado difícil traçar a pista desse homem e se teria demorado mais para certificar-se do estado de coisas. O desentendimento então, que teria terminado por ficar resolvido com aquela feio ferimento, seria uma questão anterior, do passado do Almirante. Além disso, poder-se-ia presumir com alguma certeza, que ou o criminoso conhecia os hábitos do Almirante ou gozava de sua confiança. Um homem é encontrado assassinado no bote do Vigário, na mesma noite em que esteve jantando no Vicariato; em seu bolso tem um exemplar do jornal de que é de fato um assinante; o crime se encontra ligado a uma visita, suposta ou real, a um hotel das proximidades, onde um conhecido da vítima estava de fato hospedado. Tudo isso revela o conhecimento de circunstâncias importantes; o misterioso chinês das histórias de detetives pode ser excluído da lista dos suspeitos; não teria sido ele quem cometeu o crime. Isto reduz a busca a pessoas que sabiam alguma coisa a

respeito do Almirante. Quem eram? Neddy Ware (quase nada), o Vigário, os filhos do Vigário, Sir Wilfrid Denny, ainda uma quantidade desconhecida. Dos empregados: mas estes, até agora, não tinham dado razões para suspeitas. A família e os que estavam interessados em seus bens: Elma, o problemático Walter, Holland, o Sr. Dakers. Entre estes, quem tinha um motivo... um motivo forte? O de Elma era fraco — a vontade de dispor de seu próprio dinheiro. Holland tinha um motivo mais forte — ultrapassar um obstáculo a seu casamento; mas seria esse motivo suficientemente forte? Não, a não ser que e quando fosse provado que o consentimento datilografado fora forjado. O Sr. Dakers dificilmente entrava no quadro; Walter, se estivesse vivo, era, sem dúvida, um candidato forte; mas que vantagens, exatamente, poderia ele obter pelo falecimento de seu tio? Esta ausência de motivo era um traço intrigante; seria possível que algum hóspede de Sir Wilfrid estivesse implicado? Lembrete: pesquisar sobre Denny tão logo possível.

19. Por que uma faca foi escolhida como arma? Esfaqueamento significa normalmente assassinato como resultado do fervilhamento do sangue ou de pânico; um crime premeditado normalmente é cometido com armas mais seguras. O uso de uma faca sugeria que o crime tivera lugar em um local onde a detonação de armas de fogo poderia ter sido ouvida e atraído socorro; perto da casa, por exemplo. Grice estivera ausente o dia todo e até então não examinara o ferimento desde que o desaparecimento da faca norueguesa tinha sido descoberto. Se parecia provável que aquela fora a arma do crime, isso sugeria que os planos iniciais do criminoso não envolvesse assassinato, ou, pelo menos, um assassinato cometido por essa forma.

20. Por que o corpo foi encontrado num bote? Não adianta supor que o crime tenha sido cometido no bote e

que o corpo, por medo ou por escrúpulo em manipulá-lo, tenha sido deixado onde ficou. Em primeiro lugar, é muito difícil matar um homem num bote; o próprio criminoso deve encontrar-se dentro dele, o que significa que criminoso e vítima estão olhando um para o outro o tempo todo, não ensejando um ataque repentino. Nesse caso, também, o sangue se teria espalhado pelo barco, mas não havia marcas na pintura branca. O corpo, então, deve ter sido deliberadamente posto dentro da embarcação. Por quê? Por conveniência de soltá-lo à deriva? Isto era possível; mas, assegurado que o cadáver iria passear de barco, não se segue, por isso, que o barco deveria ser deixado por aí. Suponhamos que o corpo fosse lançado por cima da borda, com um par de pedras presas a ele? O desaparecimento do Almirante a princípio teria provocado alarme; no entanto, a informação prestada pelo Hotel Lorde Marshall de que Pensionei fora visto naquela noite em Whynmouth, com pressa para tomar o último trem, teria dissipado rumores de crime até que o rio devolvesse o cadáver, a essa altura, o criminoso já podia estar em qualquer lugar — na China, por exemplo. O instinto do criminoso é sempre o de esconder a vítima, pelo menos no momento do crime; o assassino do Almirante tinha deliberadamente exibido o cadáver, com a certeza de que ele seria encontrado na manhã seguinte. O que isso significava? Isso sugeria, pelo menos, que todas as circunstâncias em que o corpo foi encontrado eram uma moldura deliberada; o criminoso tinha certeza de que as suspeitas não recairiam sobre ele, enquanto conseguisse manter indícios que jogariam as suspeitas em cima de outra pessoa. Dentro de um tal estado de ânimo, o bote se justificava. Um bote se desloca com a correnteza ou com a maré a uma velocidade mais ou menos uniforme; um corpo flutuante, por si só, poderia ver-se embaraçado em ramos de árvores ou em bancos de

areia. Podia ser que o criminoso pretendesse sugerir, pela posição em que o corpo foi encontrado, que o crime tivesse sido cometido a uma hora diferente ou em um ponto diferente da hora ou do local verdadeiro. O melhor era perguntar a Neddy que combinação de horas e locais poderia ter levado ao ponto em que o bote fora encontrado, isto é, Whynmouth, Fernton e o Vicariato, como locais alternativos; 10:30, 11:30 e meia-noite e meia como horas alternativas. Lembretes: Tornar a falar com Neddy.

21. Por que teria sido o corpo encontrado naquele bote em particular? Uma resposta fácil se insinuava: "Lançar suspeita sobre o Vigário"; por que razão, também, o chapéu foi ali atirado? Supor que o Vigário, se ele fosse realmente o criminoso furtivo, iria permitir ser ligado ao crime dessa forma tão gritante, era ridículo. Mas, então, não era igualmente ridículo supor que o criminoso tivesse escolhido o Vigário como seu bode expiatório? A moldura, nesse caso, era uma obra inconcebivelmente desajeitada. A simples burla de pretender que o Vigário fosse o assassino parecia demasiado simples; a burla dupla de fingir que o Vigário era o assassino parecia demasiado complicada. Assim, com que outra finalidade teria sido o bote do Vigário arrastado para dentro da história, afinal de contas? Isso podia indicar que o criminoso tivesse partido do outro lado do rio e achara que um bote emprestado economizaria tempo com relação a dar a volta pela ponte. Por outro lado, poderia sugerir também que o criminoso desejara que a polícia pensasse exatamente isso, tendo realmente iniciado sua operação da borda do rio e Rundel Croft. Não havia muito o que fazer com essa pista ainda que ela excitasse a imaginação.

22. Por que o Vigário deixou o chapéu para trás? Admitindo se por um momento que o Vigário fosse o criminoso, a pergunta não encontrava uma resposta pronta.

De um modo geral as pessoas usam sempre chapéus ou não os usam nunca; a primeira das clássicas acima perceberá a ausência de uma sensação familiar com uma espécie de desconforto. Era de esperar-se que o criminoso, passando mão na testa, exclamasse instintivamente: "Meu Deus, onde está meu chapéu?" Uma troca eventual de chapéus entre criminoso e vítima parecia possível; Holland imaginara um aspecto clerical de chapéu que o Almirante, se é que era ele, usava naquela noite. Ainda admitindo-se que o criminoso tivesse vindo da direção do Vicariato era possível que tivesse encontrado o chapéu abandonado no pavilhão e o tivesse pegado por motivos pessoais... esconder seu rosto por exemplo. Lembrete: Examinar o chapéu numa remota chance de encontrar fios de cabelo presos a ele.

23. Por que a chave da janela francesa foi encontrada no fundo do barco do Almirante? O problema da chave era menos intrigante. Presumivelmente, quando Elma deixou seu tio para guardar o barco, levou consigo a chave e a deixou na porta, pelo lado de fora, de modo que ele próprio pudesse entrar mais tarde. O Almirante teria entrado? Parece que sim, para pegar seu sobretudo. Então, se ele tornou a sair vivo novamente, teria fechado a porta pelo lado de fora e enfiado a chave no bolso. Do bolso, a chave poderia ter caído com facilidade, quando seu corpo foi posto dentro do barco. Alternativamente, se o Almirante foi morto no jardim, antes de poder entrar de novo na casa, o criminoso sem dúvida ter-se-ia utilizado da chave para entrar ele próprio, quando procurava os documentos escondidos. Tendo conseguido os documentos e estando o Almirante morto, não importava o que tivesse feito com a chave; na realidade, era necessário que se livrasse dela de alguma forma.

24. Por que estaria o barco do Almirante, contrariando o que é hábito, amarrado pela proa? Aqui

estava um ponto de grande significação. Isto significava que esse barco, também, figurara nos acontecimentos daquela noite de agosto. Ou o Almirante estivera a bordo de seu barco, tendo sido apanhado no meio de seu trajeto, ou o criminoso, depois de tê-la morto em seu próprio jardim, tinha feito uso de dois barcos para livrar-se do corpo, ou possivelmente para assegurar sua própria fuga. Por alguma razão, desconcertante por certo, o criminoso teria julgado mais importante deixar o barco do Almirante amarrado do que o do Vigário. Inexplicavelmente, deve ter pensado que as coisas, desse modo, pareceriam mais naturais. Surgiu uma outra consideração pertinente; Elma seguramente conheceria a pequena mania de seu tio com relação à amarração de barcos; assim, se ela ou alguém que agisse sob sua imediata orientação fosse o criminoso, seria difícil acreditar que o barco não tivesse sido encontrado pela manhã amarrado da maneira usual.

25. Por que faltava um pedaço da corda? E um pedaço tão pequeno; não tanto como alguém cortaria se estivesse precisando da corda com alguma finalidade não usual; amarrar as mãos de um homem, por exemplo. Não, o bote do Vigário tinha sido primeiro solto de sua amarra e depois amarrado novamente, ou no mesmo poste ou em outro, e uma vez mais fora necessário soltá-lo, cortando-o com uma faca ao invés de ser desfeito o nó. Isto era intrigante, pois normalmente o que alguém faz pode desfazer. Tem que admitir-se um acidente, isto é, duas cordas poderiam ter sido amarradas antes e depois se encharcado de água, onde teriam ficado; se surgisse uma necessidade súbita de pressa, não haveria tempo talvez para que os nós fossem desfeitos. Seguindo-se a indicação vindada do cabo, porém, chegava-se à conclusão de que ele fora cortado duas vezes; que uma pessoa diferente fora a responsável pelo segundo corte e que essa segunda pessoa era mais baixa do que a

primeira. O Vigário, por exemplo, que era alto, poderia ter sido o primeiro a cortar o cabo; mas, se fosse ele quem tornou a amarrar o bote, naturalmente tê-lo-ia feito a uma altura tal que lhe tornasse possível desatá-lo sem dificuldade. Esse novo elemento do caso poderia ser chamado de x-n, sendo o cortador original rotulado como x. Bem, era possível que x-n fosse simplesmente o Almirante. Surgia o problema de saber-se se não tinha que ser admitido a existência de duas pessoas além do Almirante, ambas interessadas nos acontecimentos daquela noite, x e x-n. Holland poderia ser x, mas devido à sua altura era de esperar-se que tivesse desatado o bote, mesmo de sua primeira amarração.

26. Por que o corpo foi encontrado de sobretudo? É uma pena, quando se pensa nesse aspecto, que esta pergunta não tenha sido feita logo depois da de n.º 20. Seria uma rima. Rudge, em sua juventude, tinha procurado preencher os últimos versos de poemas humorísticos, mas jamais se proclamara um poeta e era uma experiência nova para ele encontrar-se na situação do jovem Ovídio, escrevendo versos inconscientemente. Sim, com toda a certeza, o sobretudo. Se o Almirante de fato ia a Whynmouth e pretendia tomar o último trem, era concebível que tivesse levado consigo o sobretudo para protegê-lo do frio da madrugada. Mas Rudge estava inteiramente inclinado a não acreditar na projetada viagem do trem. Se o Almirante realmente foi a Whynmouth ou a qualquer outro ponto ao longo do rio, de barco e com a intenção de voltar de barco, poderia ter-se sobrecarregado com um sobretudo substancialmente pesado por uma razão: ele deveria ter previsto que ficaria em algum lugar esperando por alguém, com quem falaria a céu aberto, e ficou com medo de resfriar-se após ter feito exercício, sem essa precaução. Por outro lado, o sobretudo era solto, do

tipo que chamam de "Raglan". Teria sido bem possível, então, para o criminoso, a não ser que ele fosse excessivamente escrupuloso em lidar com cadáveres, vestir o sobretudo no corpo do Almirante, de uma forma perfeitamente convincente. Bem, mas o que significaria isso? Provavelmente que o criminoso estava montando uma moldura, como antes, tendo difundido a idéia de que o Almirante pretendia ir a Londres pelo último trem, procurou corroborá-la vestindo sua vítima adequadamente para uma tal viagem.

27. E agora, por que o jornal no bolso? Se o Almirante pretendia realmente viajar de trem e tinha ido em casa pegar o capote com essa intenção, não era humanamente de esperar-se que seu olhar caísse no jornal ali perto e que ele o enfiasse no bolso do capote ali mesmo e naquela mesma ocasião? A viagem de trem entre Whynmouth e Londres não se destaca pela velocidade em que é feita e muitos passageiros se munem de algum tipo de literatura antes de embarcar. Mas o Almirante não tinha feito isso; o exemplar achado no saguão na manhã seguinte à do crime era item correto, pois estava assinalado com "Almirante Penistone", com os erros normais da caligrafia de Tolwhistle. De onde teria saído o jornal que não era o da assinatura? As nove horas as lojas e as bancas de jornais de Whynmouth já estavam fechadas; também não haveria mais jornaleiros a essa hora — Whynmouth é um lugar sonolento, e o último otimista que havia tentado vender as ditas "últimas edições" tinha desistido de fazê-lo havia já alguns meses. O Almirante não tinha ido ao Lorde Marshall; então não poderia ter pegado um exemplar do jornal por lá e saído com ele. Se de fato estava com o jornal, quando ainda se encontrava vivo, poder-se-ia concluir que ele tinha passado em algum outro lugar naquela noite. A casa de Sir Wilfrid Denny se apresentava como uma possibilidade. Se,

por outro lado, o jornal foi colocado no bolso do Almirante depois de sua morte, pelo homem que o matou, isto somente poderia ter sido feito com a intenção de plantar um falso indício. Falso como? Com relação à hora, sugerindo que o crime ocorreu, digamos, depois das nove horas em lugar de ter sido antes dessa hora? Mas isso faria com que o crime fosse situado mais cedo, a uma hora impossível. Então para indicar lugar; o crime teria ocorrido em um lugar distante de Whynmouth e o criminoso, ao enfiar o jornal no bolso do morto, tinha tentado criar a impressão de que o crime tivera lugar em Whynmouth ou, pelo menos, quando a vítima voltava de lá. Posto dessa forma, esse indício se harmonizava com as conclusões já tiradas — que o criminoso queria que se pensasse, erroneamente, que o Almirante estivera em Whynmouth naquela noite. Aceitando-se esse argumento, surgia uma outra consideração. O criminoso seria alguém que não conhecia Whynmouth ou não estava atualizado com relação à localidade. Um dos moradores — o esquivo Sir Wilfrid Denny, por exemplo — não teria cometido o engano de admitir que a Gazette ainda estivesse à venda às 11:00 horas da noite.

28. Qual a natureza dos documentos marcados com "X"? Que eram documentos sigilosos e valiosos não é necessário dizer-se. O que era mais estranho, ao pensar-se no assunto, é que qualquer referência a "X" fosse dada no próprio arquivo. O próprio Almirante, ainda que fosse um dos poucos almirantes que não alardeasse publicamente seu débito a algum sistema de exercício de memória, não era mais do que qualquer outra pessoa um distraído; por que, então, precisaria de uma referência para lembrá-lo onde esses documentos importantes eram guardados? Mas, se as referências não fossem em benefício do próprio Almirante, quem poderia beneficiar-se delas? Na eventualidade. de que

a mesa fosse arrombada, não seria mais seguro manter em segredo a existência de "X" e onde se localizava? Chegava a parecer que o Almirante tinha antecipado o que finalmente veio a se abater sobre ele — afinal de contas havia um revólver carregado na mesa — contando que um policial mais cedo ou mais tarde revistasse sua mesa e necessitasse de uma indicação que o informasse de que documentos secretos se encontravam escondidos em algum lugar. Parecia que Sir Wilfrid estava de algum modo envolvido, bem como o sobrinho, Walter. Parecia provável que os antecedentes fossem chineses. Seria isso chantagem? Se fosse, Sir Wilfrid seguramente seria a vítima, não Walter; não é possível ameaçar-se alguém que desapareceu da face da terra com revelações.

29. Esses documentos foram destruídos? Roubados? Por quem? Era possível que o Almirante Penistone, em alguma época, se tivesse livrado de documentos que o estivessem prejudicando ou a alguém com quem se preocupasse. Era mais natural supor-se que o assassino fosse também ladrão. Mas — e aqui estava um ponto importante — quem tivesse roubado esses documentos tinha que ser, quase necessariamente, alguém íntimo da casa; a mesa não apresentava vestígios de ter sido forçada, nem havia marcas de violência na gaveta secreta. Se, então, o vilão da noite anterior tivesse levado os documentos, ele saberia exatamente onde devia tê-los procurado e não havia perdido tempo com isso. Puxa! Aí estava um aspecto novo dos indícios levantados, fechando as pistas que datavam da noite anterior. O pé esquerdo de Rudge tinha ficado dormente e ele caminhou um pouco dentro do quarto, procurando esboçar o que faltava em sua tarefa. Sim, deveria analisar o comportamento das diferentes pessoas, contra quem se poderia compreensivelmente levantar suspeitas, desde que o corpo

fora descoberto. A linha mais notável, indubitavelmente, era o que se poderia denominar de êxodo da população rural — a generalizada fuga para Londres. Bem, então:

30. Por que Elma Fitzgerald se apressou em partir para Londres? A conclusão inevitável parecia ser que sua fuga foi uma conseqüência das notícias sobre o crime. Ela não gostava de levantar-se cedo, e se naquela manhã o fizera tinha sido por culpa do próprio Rudge. Como a maior parte das empresas ferroviárias, a de Whynmouth parte do pressuposto de que ninguém quer ir para a metrópole muito depois das 10:00 horas da manhã; a partir dessa hora o número de trens diminui sensivelmente e não há mais passagens disponíveis para durante o dia. Conseqüentemente, quem pensar em ir a Londres deve preparar-se para sair cedo. Elma saiu cedo, mas não estava preparada para isso. Não havia saído para encontrar-se com Holland; ela sabia, a não ser que o recado que Holland mandara durante a noite não lhe tivesse sido dado, que ele estava em Whynmouth. Também não tinha ido procurar o Sr. Dakers — ainda que, é claro, a busca de Holland pudesse ter interrompido um tal plano. O melhor é esperar para ver o que Elma vai dizer amanhã pela manhã.

31. Por que Holland fez a mesma coisa? Isso era mais que claro. Inocente ou culpado, e se ele acreditava que Elma pudesse estar culpada, naturalmente gostaria de encontrá-la para discutir a situação. Mas partindo do suposto de que o próprio Holland estava inocente, tudo indicava que devesse acreditar que ela estaria culpada. Caso contrário, ele poderia pelo menos ter esperado para contar uma história verdadeira à polícia.

32. Por que Sir Wilfrid fez a mesma coisa? Deve ser observado que Sir Wilfrid, se os seus movimentos foram corretamente informados, estava à testa do êxodo. Ele teria ido para Londres “no primeiro trem”; qual era o horário?

Pouco depois das sete... de qualquer modo, muito antes que Elma estivesse fora da cama. Não antes da hora em que o corpo fora descoberto, mas certamente antes que os rumores da descoberta tivessem chegado até ele. Então, ou a "chamada" que havia recebido viera acompanhada pelas notícias sobre a tragédia, o que indicava Neddy Ware ou o Vigário como sendo sua fonte, ou ele teria ido para Londres sem saber que ocorrera o crime... ou pelo menos ignorando que o crime tivesse sido descoberto. Bem, afinal de contas podia mesmo ter sido acidental; pelo menos era necessário ouvir o que o homem tinha a dizer. Mas, que curiosa influência Penistone devia exercer, que sua morte aparentemente levou seus conhecidos a se espalharem, ao invés de reunir-se para lamentá-la!

33. Por que o Vigário teria feito a mesma coisa? Uma vez mais poderia tratar-se de mera coincidência; Mount poderia, muito possivelmente, ter ido conversar com algum arqui-diácono. Mas seria mais natural, também, ligar seu comportamento com o transtorno geral. Bem, que precisão na história tinha levado a Hegira(*) do Vigário? O cadáver havia sido descoberto e ele permanecera calmo — relativamente calmo. O desaparecimento de Holland e de Elma o havia deixado inabalável. Que fator novo poderia ter surgido na situação? Parecia mais que o Vigário tivesse feito alguma descoberta por conta própria, uma descoberta que não achava conveniente comunicar.

(*)A fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 a. C.; esse ano foi adotado como o primeiro da era muçulmana. Qualquer fuga ou partida semelhante. Emigração, fuga.

34. Estaria o Vigário contando tudo o que sabia? É curioso como as pessoas são diferentes quando sob interrogatório. Elma Fitzgerald manteve uma atitude de hostilidade natural; ela se encontrava tão obviamente

ressentida por estar sendo interrogada, fossem quais fossem as perguntas, que era difícil saber-se se seu embaraço era por lhe serem dirigidas perguntas relacionadas com o crime, ou não. A desdenhosa jovialidade de Holland era, sem dúvida, um comportamento permanente; isso o tornava uma pessoa difícil para ser interrogada, pois nunca se sabia que atitude tomar contra suas piadas. Mas quanto ao Sr. Mount, tratava-se evidentemente de um homem preocupado, com problemas de consciência, para dizer a verdade. No entanto, havia uma hesitação em suas maneiras que sugeria não estar ele muito certo quanto a que parte da verdade dizer; não muita certeza quanto ao que devia responder a uma pergunta, por medo de que a seguinte fosse abrir caminhos que ele estava determinado a não trilhar. O Vigário era escrupuloso quanto a falar a verdade e os escrupulosos desse mundo são mais propensos a dizer bobagens do que os inescrupulosos.

35. Par que o Vigário regara o jardim? Isso poderia não ter sido nada mais do que uma gafe horticultural. Mas, se estamos preparados para dar um tiro longo, suponhamos que o Vigário tenha descoberto alguma coisa e, perguntar-se-ia naturalmente, não teria ele procurado esconder vestígios? Deixemo-nos levar nessa fantasia e onde isso nos conduziria? Não vestígios de si mesmo, com toda a certeza; pois ele teria consciência de os haver deixado e teria tido o elementar bom senso de apagá-los mais cedo naquele dia, em uma ocasião em que fosse improvável que a polícia estivesse por ali. A mesma consideração era válida, ainda que um pouco mais fracamente, ao pensar-se em vestígios de alguém sobre cuja presença o Vigário tinha consciência na ocasião em que foram deixados. E ele seguramente tinha alguma idéia de quem eram os vestígios e de como teriam vindo parar ali ou o seu meticoloso senso de justiça

o teria induzido a indicá-los à polícia. Um tiro longo, mas sobre o qual era necessário meditar.

36. Por que o cachimbo do Almirante fora deixado no escritório do Vigário? Provavelmente por esquecimento do Almirante. Ele estava apressado ao sair, pelo que parecia; o mais meticoloso dos almirantes podia ter tais lapsos, ocasionalmente. E o Almirante, como ressaltara Holland, era um homem que possuía muitos cachimbos. O cérebro de Rudge, porém, estava agora empenhado em avaliar que significação poderia ter cada coisa; mesmo esse cachimbo... havia uma remota possibilidade de que o Almirante o tivesse deixado lá propositadamente, a fim de ter uma desculpa para voltar ao Vicariato (o que aparentemente não fez); ou que o próprio Vigário tenha encontrado o objeto em algum lugar onde parecesse muito provável que contasse uma história e, por segurança, o levara para outro lugar. Rudge, com o ânimo talvez inconsciente de um teólogo, já estava imaginando o Sr. Mount como uma espécie de homem que não mentiria diretamente, mas que desejava que as pessoas se deixassem enganar a si mesmas ("procurem no jardim", seria sua frase menos técnica).

37. Por que Holland e Elma estavam tão apressados para se casar? Que a licença já tinha sido conseguida antes de o crime ter sido cometido, parecia evidente. Mas esse fato em si mesmo não sugeria que houvesse um conhecimento antecipado do crime; o próprio relato de Holland — que Elma o havia encorajado por carta a aguardar o consentimento do Almirante e que ele providenciara a licença com a força dessa esperança — parecia carreto. É compreensível por que eles teriam apressado seus preparativos enquanto o Almirante ainda estava vivo, já tendo dado seu relutante consentimento. Quem sabia lá quando ele poderia mudar de idéia? No entanto, depois de o Almirante morto, esse motivo não

tinha mais razão de ser; esperar um pouco teria sido mais decoroso e, de acordo com Dakers, também mais prudente. Deveria ter havido uma razão, mas qual? Rudge admitiu que, nesse ponto, havia um desafio para ele.

38. Por que teria Holland escondido, inicialmente, seu alegado encontro à meia-noite? Sua própria desculpa, de ter escondido toda a história quanto ao seu encontro da meia-noite simplesmente para evitar questões embaraçosas quando estava com pressa, parecia estranhamente inadequada. Presumindo-se que a primeira história fosse verdadeira e a segunda, falsa, por que teria ele lançado dúvidas sobre sua própria veracidade com essa curiosa meia-volta? Admitindo-se o contrário, por que não teria ele se apegado à sua mentira depois de ter mentido? Com o consentimento datilografado no bolso, ele poderia facilmente dizer que tinha ido ao encontro de Elma na noite anterior, antes do jantar no Vicariato; que motivo havia para insistir tão incisivamente que o encontro só fora realizado à meia-noite? Parecia que algum fato surgido durante o dia teria feito com que a declaração de Holland quanto a se achar em seus aposentos do Lorde Marshall, dormindo profundamente, se tornasse incoerente com a veracidade do consentimento datilografado. O que poderia ter sido? Em vão, Rudge torturou sua própria imaginação com esse problema.

39. Por que o consentimento foi datilografado? Não havia máquina de escrever no escritório do Almirante; os documentos nos arquivos que não eram testamentais tinham sido laboriosamente copiados por um profissional. Além disso, o amador, para quem é um pouco difícil ajustar as folhas corretamente na máquina de escrever, não recorre à sua máquina, a não ser quando esteja lidando com um documento de certa extensão, digamos quatro ou cinco linhas. Então era improvável... a não ser que o documento

fosse forjado (sendo muito mais fácil forjar uma assinatura, por mera imitação, do que uma linha inteira escrita à mão). Ou, quem sabe, e "consentimento" tinha sido extraído por meio de ameaças ou de violência, em cujo caso era bastante provável que o criminoso tivesse tornado as coisas mais expeditas preparando antecipadamente uma declaração? Lembrete: Perguntar à Sra. Holland onde e por quem supunha ela ter sido datilografado o consentimento.

Assim, tendo anotado seus pensamentos, Rudge foi para a cama, confortando-se com a velha e supersticiosa esperança que todos nós temos por vezes, de que ao acordar teria uma inspiração. A noite, porém, não lhe deu nenhum conselho. Na verdade, sonhou que vira o crime ser cometido. Mas, ao seu sonho, a autora do crime era a Sra. Davis, a vítima, o Sr. Dakers, a arma estava enrolada em um jornal, e o cenário de tudo era o Hotel Charing Cross., do que concluiu sabiamente que a oniromancia tem seus momentos de falibilidade.

CAPÍTULO IX

O Visitante da Noite FREEMAN WILLS CROFTS



Inspetor Rudge acordou na manhã seguinte com o cérebro um pouco confuso. Estava com uma impressão subconsciente de que esse dia não era um dia comum e que importantes obrigações o esperavam. Então se lembrou. Sua grande oportunidade tinha chegado! Levantou-se de um salto.

Durante o café da manhã, Rudge estabeleceu seus planos para o dia. Primeiro, haveria uma reunião com seus superiores. O Superintendente Hawkesworth estava de férias quando o crime ocorrera e ainda que Rudge tivesse telegrafado para ele diretamente assim que soubera do crime, sua volta não era esperada até de manhã cedo nesse dia. O Delegado de Polícia, Major Twyfitt, também se encontrava ausente, mas retornara na noite passada e também queria ouvir as notícias. Em seguida, haveria o encontro com o juiz de instrução a respeito do inquérito, após o que Rudge esperava estar livre para seguir uma ou duas das linhas de investigação sobre as quais havia pensado na noite anterior.

O inspetor estava bastante preocupado por não ter ainda conseguido arranjar uma identificação adequada dos restos mortais. Rudge mesmo não duvidava de que o morto fosse o Almirante, mas isso ainda não fora provado e lhe cabia estabelecer esse ponto. Esta questão de identidade seria a primeira a ser levantada pelo Superintendente e possivelmente seria a única que, por ora, interessaria o juiz.

Rudge se encaminhou para o Lorde Marshall, na esperança de que Dakers ali se encontrasse. Dakers deveria ser o seu homem para a identificação. Por um acaso, que Rudge encarou como um bom prenúncio para o dia, aconteceu que Dakers ia saindo quando ele ia entrando.

— Bom-dia, senhor — cumprimentou Rudge, animadamente.

— É muita sorte minha. Estava mesmo imaginando que seria bom vê-lo.

Dakers se mostrou polido, mas não amável. Não demonstrou entusiasmo com o encontro.

— O que há? — perguntou, laconicamente.

— A identificação do corpo, senhor. Posso perguntar-lhe há quanto tempo conhecia o Almirante, senhor?

— Há quanto tempo? — repetiu o advogado, pausadamente.

Vamos ver. Vinte e um... dois... há uns vinte e dois anos; possivelmente vinte e três.

— Muito bem, senhor. E durante todo esse tempo o senhor viu, suponho, com freqüência?

— Sim, embora a intervalos irregulares.

— Então, senhor, eu lhe ficaria grato se o senhor pudesse, quando lhe for conveniente, ir até Lingham comigo, pois é lá que o corpo está, a fim de ver se é possível identificá-lo formalmente.

— Primeiro quero tomar o meu café.

— Como lhe disse, senhor, quando julgar conveniente. Estaria bem às dez horas?

Dakers concordou.

— Há uma outra coisa — prosseguiu Rudge — que eu gostaria de lhe perguntar enquanto tenho oportunidade; é a respeito do consentimento do Almirante ao casamento da sobrinha. Por acaso esse papel está com o senhor?

— O senhor está-se referindo à declaração datilografada?

— Sim, senhor.

Dakers pensou um pouco.

— Por que o senhor está interessado nisso?

— Do mesmo modo, senhor, que espero esteja também interessado — respondeu Rudge, prontamente. — Nós ambos, segundo creio, desejamos ter a certeza de que foi realmente passada pelo Almirante.

— O senhor está querendo dizer — tornou Dakers, frigidamente — que a Sra. Holland é uma mentirosa, uma falsificadora ou ambas as coisas?

— Não, senhor — replicou Rudge, imperturbável. — Não foia Sra. Holland quem declarou que tinha obtido a declaração do Almirante. Foi o Sr. Holland quem disse. Minha pergunta é no próprio interesse da Sra. Holland, realmente. Creio que esse documento terá que ter sua veracidade confirmada antes que ela possa herdar, e sugiro que quanto mais cedo sua autenticidade seja comprovada, melhor.

Dakers se tornou ainda mais frígido, se isso era possível.

— Obrigado, inspetor, mas me esforçarei por zelar pelos interesses de minha cliente sem o auxílio da polícia.

— Como o senhor quiser. — Rudge deu de ombros. — Mas deve compreender que a polícia terá que examinar esse documento e eu apenas estava sugerindo que, se o

senhor pudesse cooperar conosco nesse sentido, isto pouparia tempo e aborrecimentos. Mas, é claro, o senhor fará como quiser. Então, até às dez horas, senhor.

O Superintendente Hawkesworth estava aguardando Rudge na delegacia, e logo em seguida chegou o delegado do Condado, Major Twyfitt.

Rudge apresentou imediatamente um relato completo do que tinha acontecido e do que ele tinha feito, bem como dos próximos passos que pretendia dar. Os dois homens o escutaram sem interromper; Hawkesworth tomando abundantes notas.

— Parece que até agora tudo o que fez está certo, Rudge — disse o Superintendente, olhando para seu superior.

— Sim — concordou o Major Twyfitt. — Creio que Rudge está conduzindo bem as coisas.

— Sim — tornou Hawkesworth — mas há coisas demais para um homem só. Temos que dividi-las. Vamos estabelecer o que cada um deverá fazer, e você, então, Rudge, pode levar a cabo a identificação. Vamos ver, então. — Por alguns momentos, escreveu rapidamente. — Isto eu faço, creio — prosseguiu ele. — Eu me encarrego do problema relacionado com a China. Entrarei em contato com o Almirantado e com o Ministério das Relações Exteriores, com aquele jornalista e com qualquer outra organização ou pessoa que venham a me ocorrer. Também farei um levantamento sobre Denny; arrisco-me a dizer que há alguma conexão entre os dois. O Sargento Appleton se encarregará de Holland; atividades de Holland aqui no país, pois, na China, eu tomarei conta. Se for necessário, Appleton poderá buscar auxílio na Yard. Ao mesmo tempo poderá verificar se esses dois se casaram mesmo em Londres. O Agente Hempstead parece ter-se conduzido bem?

— Oh, sim, senhor. Ele não é tolo, Hempstead — Muito bem, vou dar-lhe uma chance. Ele realizará uma busca em ambas as margens do rio, ao longo de todo o percurso em que o bote poderá ter flutuado. Procurará indícios de qualquer tipo, particularmente pegadas, sinais de luta, locais onde o corpo pode ter sido guindado para o bote e aquele pedaço de corda que está desaparecido. Isso o conservará ocupado. Quanto a você, Rudge, fica encarregado de Rundel Croft e de seu pessoal, com a exclusão do morto, o qual, creio, ficará a meu cargo. Isso cobre tudo por enquanto?

— Sim, senhor, creio que está bem.

— Bem, você então vai-se mexer agora. Vai procurar o juiz?

Identificação formal e um adiamento da ação?

— Claro, senhor.

Quinze minutos mais tarde, Rudge e Dakers chegavam à cervejaria em Lingham, onde jazia o corpo. Dakers havia recuperado seu bom humor e conversava animadamente durante o percurso.

— Bem, senhor? — quis saber Rudge, depois de o advogado ter ficado olhando para o corpo durante alguns minutos.

Dakers parecia estar acordando de um sonho.

— Oh, sim — disse ele, sem hesitação. — É mesmo o Almirante Penistone. Sem qualquer dúvida. — Parecia estar um tanto emocionado. — Pobre homem — acrescentou — lamento vê-lo nesse estado. Não devemos ver olho por olho em tudo, mas, ainda assim, julgando as pessoas de acordo como são vistas, não poderia dizer dele nada de mau. — Afastou-se com um suspiro. — Suponho que o senhor deseje que eu dê meu testemunho quanto à identidade durante a audiência?

— Isso pouparia a Sra. Holland — ressaltou Rudge.

— Muito bem. Quando irá realizar-se?

— Amanhã às dez horas, senhor.

— Estarei lá.

— Obrigado, senhor. Eu suponho, senhor — Rudge sorriu como que se desculpando por dizer uma coisa estúpida. — Eu suponho, senhor, que a Sra. Holland é realmente a sobrinha do falecido Almirante, não é? O senhor compreende, ninguém por aqui conhece a família. Como o senhor sabe, o Almirante e a Sra. Holland se mudaram para cá há cerca de um mês.

— Claro que sim — respondeu Dakers, pacientemente. — Temo que o senhor não vá muito longe seguindo nesses caminhos Inspetor.

— Como sabe, senhor, temos que perguntar tudo. Bem, obrigado por ter feito a identificação. Onde o senhor gostaria que o levasse?

Dirigiram-se de volta ao Lorde Marshall, onde Dakers desceu.

Rudge estava-se afastando, quando o advogado fez-lhe um sinal para que parasse.

— Sobre o consentimento, Inspetor. Estive pensando no assunto e, afinal de contas, não vejo razão alguma pela qual o senhor não deva vê-la. Ele não está ainda comigo, mas logo que o tiver comunicarei ao senhor.

Rudge tornou a agradecer, e os dois homens se separaram.

Rudge até então achava-se satisfeito com o dia. Certamente estava obtendo progressos. Algumas de suas teorias tinham já sido eliminadas, e o fato concreto começava a emergir da massa de suposições em que o caso ficara encoberto.

O assunto de Rudge com o juiz de instrução não tardou a ficar resolvido. Era obviamente impossível concluir o inquérito, e o Dr. Skipworth concordou em que tudo o que

se fazia necessário no momento era levar os preparativos ao ponto que permitisse ser dada uma ordem de sepultamento. Esse procedimento já tinha sido acordado por telefone, e o encontro visava apenas a prova exigida e ser obtida a certeza de que nenhum fator imprevisto tinha surgido.

No restante do dia, Rudge se ocupou em procurar colher informações a respeito da criadagem de Rundel Croft. Não ficou sabendo de muita coisa, deve admitir-se, mas iniciou uma série de investigações sobre cada um deles, cujas respostas, quando recebidas, seriam valiosas. Entre os documentos do Almirante, Rudge encontrou o endereço da Cornualha de onde o homem assassinado se havia mudado e telefonou para o Superintendente distrital de lá, buscando todas as informações disponíveis sobre a família. Rudge se avistou com o Sra. Holland, infelizmente sem muito êxito. Conseguiu saber onde os empregados — o mordomo e sua mulher e a atual empregada de Elma — haviam trabalhado e escreveu aos seus ex-patrões pedindo maiores informações a respeito deles. Finalmente, realizou uma busca geral na casa, a qual, no entanto, se mostrou infrutífera.

Às 9:50 na manhã seguinte, Rudge entrou na sala onde a audiência seria realizada. Para dizer a verdade, as audiências com o juiz de instrução não passavam de formalidades que o aborreciam por completo. Uma perda de tempo, era como as considerava, pois acreditava que o tempo sempre poderia ser mais bem aproveitado, levando para a frente as investigações normais.

Como Rudge havia previsto, as formalidades suscitaram pouco interesse. Os 11 jurados não se interessaram em ver o corpo e tão logo prestaram compromisso, o interrogatório começou.

Neddy Ware, em primeiro lugar, contou em detalhes sua descoberta do cadáver. Em seguida, o Sr. Bakers declarou, sob juramento, que havia visto o corpo e o identificara como do Contra-Almirante Hugh Cwrance Penistone. Dakers fez um esboço da vida do Almirante, explicou como viera a conhecê-lo e, em seguida, sentou-se. O próximo, o Dr. Grice, informou a causa da morte — uma ferida no coração produzida por uma faca ou um punhal, de lâmina longa e fina. A autópsia revelara que o Almirante gozava de saúde relativamente boa para um homem de sua idade.

Com isto foram encerradas as preliminares, com o juiz de instrução declarando que, a fim de permitir à polícia posteriores investigações, a audiência era adiada de três semanas a partir daquele dia.

Mais uma vez Rudge foi atacado pela curiosidade de seu amigo repórter da Evening Gazette. O homem novamente o aborreceu à cata de novidades. Um crescente laconismo nas maneiras de Rudge não produziu qualquer efeito, e não foi senão quando ele ameaçou de dar qualquer novidade que recebesse a um jornal rival, que o homem se tornou razoável.

Uma outra pessoa que demonstrou uma surpreendente curiosidade foi o Sr. Mount. Este fora a primeira pessoa que Rudge avistaria ao chegar à sala do juiz. De certo modo isso não era de estranhar-se, pois o próprio Rudge declarara ao Vigário que sua presença seria necessária na audiência. Mas como, naquele dia, a audiência se limitou à comprovação da identidade do morto, Mount não tinha sequer recebido uma convocação para comparecer, nem tinha sido oficialmente informado quanto à hora e ao local. Mas lá estava ele., e não somente se achava presente como, evidentemente, presa de uma extrema curiosidade tanto quanto se mostrando apreensivo.

Ao sair da sala da audiência, Rudge se viu agarrado pelo Vigário. Sob o tênue véu do natural interesse de um clérigo por seus paroquianos, Mount fez uma tentativa realmente espalhafatosa para saber até onde iam os conhecimentos da polícia sobre o caso. Mas Mount era uma criança nas mãos do experiente, inspetor. Rudge respondeu prontamente e com um convincente ar de candura, ao mesmo tempo que pedia ao Vigário que não repetisse o que lhe estava confidenciando. Rudge sabia, no entanto, que quando o Vigário meditasse sobre o que tinha acabado de dizer-lhe, seria difícil para ele saber exatamente o que era confidencial.

Rudge ponderou se havia ou não dado suficiente atenção a Mount. Sentando-se em sua sala, releu suas anotações, transcrevendo alguma coisa que ficara sabendo sobre o Vigário.

Em primeiro lugar, era evidente que Mount já se encontrava em termos de intimidade com o pessoal de Rundel Croft. Depois, fora do bote dele, Mount, que o corpo do homem tinha sido encontrado e, mais significativo ainda, que o chapéu de Mount aparecera. Havia ainda a súbita ida de Mount a Londres; o regar do jardim e, agora, sua ansiedade a respeito do caso. Quanto mais Rudge pensava nisso, mais se sentia impelido à conclusão de que Mount estaria de algum modo implicado.

Rudge considerou os pontos acima um a um, mas o único que lhe pareceu capaz de produzir alguma luz nova era a ida do Vigário a Londres. Lembrou-se dos detalhes.

Fora, entre meio-dia e uma hora que Mount enviara seu bilhete dizendo que estava ansioso em seguir até Londres naquela tarde, para tratar de um assunto urgente relacionado com seus deveres clericais. Bem, essa decisão deve ter sido muito repentina. Ele próprio, Rudge, tinha falado com Mount mais cedo nessa mesma manhã, e o

homem nada dissera então sobre essa ida a Londres. Rudge não estava muito a par dos assuntos eclesiásticos, mas duvidava que esses assuntos fossem tratados dessa forma. Idas a Londres, em sua maior parte, significavam para os clérigos encontros marcados com bastante antecedência, ou entrevistas com dignitários, também arranjadas com algum tempo de antecipação. O inspetor estava inclinado a duvidar de que as obrigações clericais em questão tivessem muito que ver com a igreja.

Rudge meditou sobre o que devia fazer. Mount gozava de excelente reputação de probidade, e se fosse confrontado diretamente com o assunto poderia dar a explicação necessária. Rudge concluiu, porém, que não iria fazer nada desse tipo. Ele, Rudge, nada tinha a perguntar que demandasse uma resposta.

Mount tinha ido apressadamente a Londres. Mas isso tinha acontecido também com Elma, com Holland e com Denny. Seria possível admitir-se haver uma conexão qualquer entre todas essas viagens? Súbito, ocorreu a Rudge que a melhor coisa que tinha a fazer era procurar levantar os movimentos de Mount na capital.

Isso não demandaria muito tempo e poderia levar a alguma coisa vital.

Rudge procurou o Superintendente e o pôs a par de seus pontos de vista. Hawkesworth ficou sensibilizado e concordou em dispensar Rudge por uns dias.

— O melhor é que você avise o pessoal da Yard sobre o que está pretendendo fazer — aconselhou Hawkesworth. — Eu telefono para eles avisando que você irá procurá-los.

A primeira pergunta era: Como Mount havia viajado? Mount possuía um carro, mas a maioria das pessoas de renda média ia de trem, sendo esse meio de transporte muito mais barato para as longas distâncias. Mount estava no Vicariato à uma hora da tarde e tinha telefonado para

Rudge, do Hotel Charing Cross, às nove da noite. Havia dois e somente dois trens que ele poderia ter usado, o das 2:05 de Whynmouth, que chegava a Waterloo às 5:45, e o das 4:25 de Whynmouth, que chegava às 8:35.

Rudge começou por se dirigir à redação do jornal local onde obteve uma fotografia de Mount. Em seguida, foi até a estação e começou suas investigações. Ficou sabendo imediatamente que Mount havia sido visto no dia em questão. Ele tinha sido notado particularmente, não só pelo bilheteiro como pelo cobrador, e pela mesma razão. O Vigário tinha, aparentemente, comprado uma passagem para Londres, mas não viajara em um trem de Londres.

Tinha embarcado no da 1:30, que fazia conexão em Passfield Junction com o expresso das 11:00 horas da manhã de Waterloo que demandava o oeste. Mount havia explicado que desejava interromper sua viagem e que seguiria para Londres em outro trem mais tarde.

Enquanto Rudge sacolejava no próximo trem para Passfield Junction ia-se lembrando do estado de coisas. A linha principal da Divisão Leste da Southern Railway vai de Waterloo até Devon, passando por Whynmouth. Entretanto, não atravessa Whynmouth; passa em um ponto a cerca de uns 15 quilômetros mais para o interior. Whynmouth é o terminal de um ramal que deriva da linha principal em Passfield Junction, uma pequena parada ao lado dos trilhos, a uns 23 quilômetros de Londres. A cidade mais próxima de Whynmouth sobre a linha principal é Drychester. Ficava no lado Exeter de Whynmouth, a 18 quilômetros por estrada de rodagem. Não havia conexão direta entre os dois lugares por via férrea, obrigando a passagem por Passfield Junction.

A cada uma das pequenas paradas entre Whynmouth e Passfield Junction, Rudge saltava do trem e perguntava se o Vigário havia sido visto descendo no dia em questão. Mas

não foi senão ao chegar ao entroncamento em Passfield que obteve alguma informação.

O Sr. Mount era ligeiramente conhecido pelo chefe da estação, que acreditava tê-la visto naquele dia entrando em um carro de terceira classe no expresso que descia. Rudge se dirigiu imediatamente à bilheteria, onde ficou sabendo que apenas três bilhetes de terceira classe haviam sido vendidos para aquele trem — uma ida para Exeter e duas para Drychester. Parecia uma conclusão bastante clara que Mount tivesse adquirido passagem para Drychester.

Rudge prosseguiu sua viagem, tendo chegado a Drychester no horário do trem. Lá, porém, não teve a mesma sorte. A estação de Drychester era um local tumultuado, muito diferente do pequeno entroncamento de Passfield. Ninguém conhecia Mount e ninguém havia visto um clérigo parecido com ele.

Tudo indicava, entretanto, que Mount devia ter chegado a Drychester às 2:40. Se assim fosse, seria muito tarde para ter alcançado o mais cedo dos dois trens para a capital, devendo ter prosseguido no segundo, deixando Drychester às 4:50. Isto significava que teria podido dispor de duas horas e dez minutos em Drychester. O que poderia ter feito durante esse tempo?

Rudge não fazia idéia. Pensou, em primeiro lugar, dirigir-se até a catedral e indagar aos porteiros, mas não estava ansioso em que se soubesse de suas investigações. Finalmente, como uma espécie de desespero, Rudge decidiu interrogar os motoristas de táxi da estação, na aleatória esperança de que Mount tivesse ido de carro a seu destino.

Munido com a fotografia, Rudge procurou os motoristas. Não esperava obter muita coisa e, assim, ficou agradavelmente surpreendido quando de súbito verificou que, havia encontrado petróleo.

Mas não percebeu, a não ser muito tempo mais tarde, como o poço em que esbarrara era rico e profundo.

Quando mostrou a foto a um dos homens, um homenzinho seco como um rato, houve uma reação.

— Sim — disse o homem — vi esse cara, sim. Mas não foi aqui. Vi-o em Lingham.

— Oh — fez Rudge — em Lingham, foi? Isto não é bom para mim. Estou querendo saber onde andou por aqui.

— Eu não o vi aqui, Doutor. Só o vi uma vez; em Lingham.

A sorte de Rudge, a sorte de Mount e a sorte de inúmeras outras pessoas ficaram embalançadas. Rudge já ia passar adiante para o motorista seguinte, mas felizmente para ele próprio não o fez. Felizmente para ele próprio, fez a pergunta premiada.

— Quando foi isto? — quis saber.

— Na última terça-feira à noite — replicou o motorista detáxi — numa casa perto de Lingham, uns oitocentos metros depois da vila, na direção do rio.

— Ao lado da Igreja?

— Isso mesmo, Doutor.

— E a que horas foi isso?

O homem fez uma pausa antes de responder.

— Devia ser meia-noite ou pouco depois disso.

O coração de Rudge deu um salto inesperado. Meia-noite ou pouco mais tarde, na noite do crime, era uma hora crítica. A meia-noite, o terrível drama que levou o Almirante Penistone à morte já estava sendo encenado. O que estaria fazendo o Vigário à meia-noite, era algo que ele gostaria muito de saber.

— Diga-me mais alguma coisa a respeito — sugeriu Rudge, disfarçando cautelosamente a ansiedade que havia em sua voz.

A história do homem porém, ao invés de esclarecer a situação, parecia apenas torná-la ainda mais incompreensível. Aparentemente naquela noite, a noite do crime, ele ficara trabalhando até a chegada do último trem de Londres, o das 7:00 de Waterloo. O trem chegou às 10:20, e ele pegou uma corrida, de uma passageira do trem.

Era uma senhora, de pequena estatura e de meia-idade, com maneiras polidas e apressadas. Tanto quanto o motorista pudera ver à luz fraca das lâmpadas, a dama estava elegantemente vestida e era muito bonita. Uma senhora atraente, pensou o motorista evidentemente. A dama lhe pediu que a levasse a uma casa em Lingham que ela indicou, esperasse por ela alguns minutos e a trouxesse devolta para o Angler's Arms, em Drychester.

A não ser o fato de ser um pouco tarde para uma visita, isso não pareceu estranho a Rudge. Ele conhecia o horário dos trens de Londres. O último trem com conexão em Whynmouth deixava Waterloo às 5:30. O trem das 7:00 de Londres não parava em Passfield Junction, e a única forma pela qual um passageiro desse trem podia chegar a Whynmouth era vencendo de automóvel os 18 quilômetros desde Drychester.

— Estou prestando atenção — disse Rudge. — Continue.

O homem levara a passageira a Lingham e ela o orientara para chegar à casa que ela havia mencionado, perto da igreja. A passageira lhe pediu para esperar na estrada, para que, assim explicou, não acordasse as crianças com o ruído do motor. A dama disse que não iria demorar. Em seguida, desapareceu na direção da casa.

Isso devia ter sido uns minutos antes das 11:00 horas.

O motorista se preparou para esperar e sem dúvida esperou.

Os poucos minutos passaram três ou quatro vezes e ainda não havia sinais da dama. O homem começou a ficar impaciente, saiu do táxi, caminhou ao longo da entrada até ver a casa, escondida por trás de alguma vegetação. A casa se encontrava escura e silenciosa, parecendo não haver ninguém nela. O motorista ficou cada vez mais preocupado com relação ao pagamento da corrida, adiantou-se e bateu na primeira porta que encontrou. Rudge identificou essa porta como sendo a lateral. Durante algum tempo não houve resposta, e o motorista passou a bater cada vez mais forte. Finalmente se abriu uma janela lá em cima e o tal pároco colocou a cabeça de fora. O que era isso? Alguém doente? O motorista lhe deu claramente a entender que não se tratava de doença, e o pároco disse que desceria. Desceu e perguntou o que havia de errado. O motorista perguntou se sua passageira demoraria muito a sair, pois tinha que fazer um serviço cedo, na manhã seguinte, e não queria passara noite esperando no portão. O pároco, evidentemente, não sabia de nada a respeito da dama, mas lhe pediu que a descrevesse. Em seguida, de repente, pareceu tê-la reconhecido. Pareceu aborrecido durante um momento, mas logo disse que estava bem, que achava que a dama era uma amiga da governanta e que, se o motorista esperasse um pouco mais, ele iria verificar se a dama já estava saindo. O pároco desapareceu por três ou quatro minutos, voltando então para dizer que a dama havia sofrido um desmaio e, na excitação que se seguiu, o táxi fora esquecido. A dama não se encontrava bem para voltar para Drychester naquela noite e ficaria com a governanta, mas ele pagaria o táxi. Assim o fez. O motorista voltou para Drychester e isso era tudo o que tinha para dizer.

“Mais uma complicação!”, pensou Rudge. “Ao invés das coisas irem-se clareando, o emaranhado estava cada vez pior.”

— Diga-me — indagou Rudge — você dirigiu dentro de Lingham, não é mesmo?

— Certo, Doutor.

— Parou por lá?

— Não mais do que um minuto. Parei e a dama me indicou que direção tomar.

Aqui pelo menos havia alguma coisa. Esse deveria ter sido o carro que o agente Hempstead vira. Como estavam indo as coisas, a informação de Hempstead corroborava a história.

Rudge adiou outras considerações sobre o assunto e caminhou até o Angler’s Arms, que ficava próximo da estação. Ali obteve algumas informações que, assim julgou, justificavam inteiramente suas suspeitas.

Parecia que por volta das sete horas da noite em questão, tinha sido recebido um telegrama transmitido de Waterloo, informando que que, a Sra. Marsh, seguiria para Drychester no trem seguinte e pedia que lhe fosse reservado um quarto para aquela noite. Pedia também que o hotel fosse conservado aberto, pois, devido a ter que fazer uma visita logo que chegasse, somente mais tarde se recolheria. O aposento tinha sido devidamente preparado e o porteiro havia aguardado quase até às duas horas; a dama, porém, não apareceu e, desde então, não houve mais notícias sobre ela.

Isto por certo dava cobertura à história segundo a qual a senhora pretendia ir do Vicariato de Lingham para Drychester.

Até então a coisa parecia suficientemente *bona fide*. (*) No entanto, seria fácil saber dos detalhes no Vicariato. Nesse meio tempo, Rudge não deveria perder de vista seu

objetivo presente: o que estaria fazendo Mount em Drychester?

(*) Boa fé.

O inspetor apresentou a fotografia de Mount e perguntou ao gerente do hotel se conhecia o sujeito. Surgiu então a informação que trouxe de volta para Mount todas as suspeitas, e que fizeram Rudge congratular-se consigo mesmo por ter seguido essa pista.

Mount, aparentemente, tinha chegado ao hotel no dia seguinte àquele em que o telegrama fora recebido, e Rudge percebeu que deve tê-lo feito assim que chegou a Drychester. No hotel declarou que estava conduzindo uma delicada sindicância em nome de um membro de sua igreja. O fato estaria relacionado com um casamento infeliz; esperava que o gerente não pedisse maiores detalhes.

A mulher de seu paroquiano tinha pretendido encontrar-se com o marido na noite precedente, relativamente a uma possível reconciliação, voltando depois para o Angler's Arms e lá passando a noite.

Mas a mulher não aparecera e o seu amigo paroquiano estava muito preocupado com ela. Esse amigo, não desejando revelar as mazelas da família, preferira não vir pessoalmente ao hotel para fazer perguntas, tendo encarregado o Vigário de fazê-lo em seu lugar. Poderia o gerente proporcionar alguma informação a respeito da dama?

O Vigário não sabia dizer sob que nome estava ela registrada.

Ainda que o gerente não conhecesse Mount pessoalmente, já ovira exercendo suas funções na catedral e se deu por satisfeito quanto à sua *bona fide*. Assim, forneceu-lhe todas as informações de que dispunha. O Sr. Mount agradecera e saíra imediatamente.

Imaginou Rudge que esse encontro, provavelmente, era tudo que Mount tinha a fazer em Drychester, mas, para maior segurança, foi até a catedral e, sob o disfarce de ex-paroquiano, perguntou ao chefe da portaria se alguma vez ouvira falar de seu antigo vigário, o Rev. Philip Mount, que, segundo acreditava, estaria agora encarregado de uma paróquia ali por perto. A partir deste ponto foi fácil desenvolver a conversação no rumo que era necessário, e Rudge não tardou a convencer-se de que o Vigário não fora à catedral no dia em questão.

Rudge pegou o último trem para Londres, daquela noite. Cedo, na manhã seguinte, já estava na Scotland Yard, onde explicou que pretendia fazer algumas investigações no Hotel Charing Cross e possivelmente em outros lugares. Foi-lhe perguntado se precisava de ajuda e, tendo respondido que não, disseram-lhe que fosse em frente e que telefonasse, se necessário.

Certo de que estava à vontade, Rudge foi até o hotel. Ali, com o auxílio de sua fotografia, não foi difícil estabelecer o fato de que Mount tinha chegado uns minutos antes das nove horas da noite em que telefonara para o inspetor, evidentemente tendo chegado pelo trem que encostou às 8:35 em Waterloo. Tanto quanto se soubesse, Mount não tinha saído naquela noite. Na manhã seguinte, pagara sua conta depois do café da manhã e se fora.

Até então Rudge estava de vento em popa. Perguntas feitas na recepção e aos garçons e arrumadeiras rapidamente resultaram nas informações que desejava. Agora, porém, defrontava-se com alguma coisa mais dura. Em vão fez perguntas ao pessoal da portaria e aos mensageiros. O chefe da portaria tinha visto o Vigário, ao que se lembrava embora não soubesse dizer como se havia retirado. Talvez ele ou um de seus homens tivesse chamado

um táxi para o Vigário, mas chamavam tantos táxis que não podiam ter certeza.

Apesar da persistência extrema de Rudge, o êxito não coroou seus esforços. Mount se retirara, mas ninguém sabia como.

Rudge encaminhou-se para a praça em frente à estação. Com toda a probabilidade, Mount se dirigira a pé para onde pretendia ir e, quem sabe, tomara um ônibus ou descera de metrô. Se fora assim Rudge não sabia como poderia possivelmente seguir-lhe os passos e seria forçado a voltar para Whynmouth, apoiado na esperança de obter um depoimento. Depoimento que Mount, é claro, poderia recusar-se a prestar, sem que Rudge atinasse como iria forçá-la a que o fizesse. Não, se ele, Rudge, pudesse descobrir o que Mount tinha feito em Londres, seria infinitamente melhor.

“Será que Mount, afinal de contas não tomou um táxi”?, pensou Rudge. O pessoal da portaria poderia ter-se esquecido da circunstância ou o próprio Mount poderia ter saído e chamado um táxi ele mesmo. Rudge decidiu fazer investigações entre os motoristas que costumavam fazer ponto nas proximidades do hotel.

Pôs mãos à obra imediatamente, mas verificou tratar-se de uma tarefa longa. A um motorista atrás do outro mostrou a fotografia que trazia e perguntou se não haviam pegado o Vigário como passageiro. Um motorista atrás do outro respondeu negativamente, abanando a cabeça. Nunca tinham visto aquele cavalheiro.

Mas Rudge insistiu. Essas investigações eram a sua única esperança e, antes de abandoná-las, queria ter certeza de que não levavam a lugar nenhum. Finalmente, sua perseverança colheu uma justa recompensa. Um motorista regressando de uma corrida e tomou lugar no fim da fila. Rudge se dirigiu a ele com a foto.

O motorista procurou ser discreto. Havia visto Mount, mas não sabia o que Rude estava pretendendo. Uma boa gorjeta, no entanto, aplacou seus escrúpulos, e o motorista disse o que sabia.

Ao que parecia, Mount tomara seu táxi na praça da estação e pediu para ser levado à Rua Judd, para um determinado hotel. Ele não se lembrava do número, mas podia encontrar novamente o lugar.

— Então vamos lá — disse o inspetor, aboletando-se no carro.

Não demorou muito a chegarem ao Hotel Friedlander e dentro de poucos minutos Rudge estava conversando com a gerente. Sim, o clérigo da foto tinha chegado na manhã em questão. Tinha pedido para ver a Sra. Arkwright, uma senhora que estava hospedada com eles havia umas três semanas. Mas a Sra. Arkwright tinha ido embora inesperadamente na noite anterior e ainda não havia voltado, de modo que o clérigo saíra desapontado. Ele havia deixado seu nome e seu endereço: Rev. Philip Mount, Vicariato de Lingham, Whynmouth, Dorset, e pedira que fosse solicitada à Sra. Arkwright para lhe telefonar quando voltasse. O Vigário se retirara em seguida.

Rudge encaminhou sua conversação para a Sra. Arkwright. A gerente mostrou-se reticente, mas mesmo assim o policial conseguiu saber muita coisa. A Sra. Arkwright era pequena, de meia-idade, ativa e animada. Decididamente era uma mulher bonita e que sabia vestir-se. Ainda que evidentemente não fosse rica, parecia ter conforto. A gerente não tinha certeza se ela não seria francesa. Havia uma moça francesa hospedada no hotel, e a Sra. Arkwright conversara com a moça em francês, tão fluentemente como conversava com os demais em inglês.

O inspetor sentiu que estava progredindo. Que esta Sra. Arkwright tinha viajado inesperadamente de Londres

para Drychester na noite que precedeu ao crime agora parecia claro. Tendo, durante a viagem, se transformado misteriosamente na Sra. Marsh, foi de carro até o Vicariato, desaparecendo em seguida.

Rudge gostaria de examinar o quarto e os pertences da senhora, mas não dispunha de nenhum mandado, e achou que de outra maneira não lhe seria possível. No entanto, bombeando cuidadosamente, conseguiu saber um pouco mais da gerente.

A Sra. Arkwright tinha maneiras agradáveis e era benquista entre os hóspedes. Ela mesma, no entanto, não tinha muitos amigos, com o que a gerente queria dizer visitantes. Na verdade, a gerente podia dizer que somente um visitante a procurava, um homem que aparecia a intervalos irregulares. Era um homem alto e de aparência distinta, com a testa bronzeada, como se tivesse vivido em um país de clima quente. A gerente, de fato, nunca tinha visto um homem tão bonito. Seu nome era Sr. Jellet.

Ao sair do hotel, Rudge tinha um estado de espírito reflexivo e, automaticamente, encaminhou-se para uma estação do metrô. Havia algo de muito enigmático a respeito de tudo isso. Que a Sra. Arkwright ou Marsh tinha estado no Vicariato na noite do crime, não podia haver dúvida. Mas isso não significava que tivesse visto Mount. Do que o Vigário dissera para o motorista de táxi é difícil acreditar que ele soubesse que a dama estava por lá. Ao mesmo tempo, Rudge também achava difícil acreditar na história de que ela tivesse ido visitar a governanta e sofresse um desmaio. Em qualquer caso, para onde teria ido a mulher ao desaparecer? Poder-se-ia supor que o próprio Mount não soubesse e que sua ida à Drychester e a Londres era somente um esforço para descobrir? Para Rudge parecia mais que houvesse uma negociação secreta se desenvolvendo entre o Vigário e essa mulher. Quer o

Vigário a tenha visto ou não na noite do crime, algo tinha acontecido para que ele desejasse vê-la no dia seguinte. E envolvendo tudo há uma dose de mistério que não parecia nada boa.

Foi então que Rudge se lembrou de uma coisa que lhe foi dito pela faladeira proprietária do Lord Marshall, em Whynmount. Esse homem, Mount, tivera problemas em sua vida. Sua mulher o havia abandonado por outro homem. Será que...?

Rudge se pôs a assobiar, suavemente. Se a Sra. Arkwright Marsh fosse realmente a Sra. Mount, isto poderia, pelo menos, explicar parcialmente esses procedimentos misteriosos. Algum problema, talvez o do divórcio, poderia ter surgido, necessitando de um encontro imediato. Isso responderia pela visita ao Vicariato e pela subsequente ida de Mount a Londres, ainda que não explicasse a negativa de Mount em saber de sua visita. Oh, sim, poderia. Rudge percebeu que estava enganado. Na excitação provocada pela discussão de um divórcio, o táxi bem que poderia ter sido esquecido, e quando Mount se deparou com o motorista que estava esperando poderia ter inventado a história a respeito da governanta, para evitar um possível escândalo.

Como um todo, Rudge julgava sua hipótese bastante promissora para justificar aprofundar-se nela. Não via, tinha que admitir, como estaria isso ligado à morte do Almirante Penistone, mas essa conexão era sugerida pelo bote, pelo chapéu e, particularmente, pela ansiedade do Vigário durante a audiência.

Como, raciocinava Rudge, poderia descobrir alguma coisa sobre a mulher de Mount que o abandonara? Pensou durante alguns minutos e, em seguida, voltando a Scotland Yard, conseguiu por empréstimo um dossiê, através do qual ficou sabendo que Mount se encontrava em sua presente

posição havia 10 anos, antes do que era adjunto de um pároco em uma das igrejas de Hull. Imediatamente, o Inspetor fez uma chamada para o Superintendente de Hull, pedindo-lhe para tentar conseguir uma descrição e, se possível, uma foto da Sra. Mount.

Duas horas depois, Rudge recebeu uma resposta, segundo a qual a descrição e uma fotografia haviam sido obtidas e estavam sendo enviadas para a Yard.

Na segunda-feira, pela manhã, chegou a encomenda. A foto tinha sido obtida na redação de um jornal local e mostrava a senhora em um grupo do comitê do hospital. A descrição deu a Rudge um arrepio de satisfação. Parecia estar na pista certa.

Em meia hora, Rudge estava de volta ao hotel da Rua Judd. Lamentava ter que importunar novamente a gerente, mas poderia ela ter a bondade de informar se a Sra. Arkwright se encontrava entre as pessoas nele grupo?

A gerente hesitou um pouco, mas quando Rudge explicou que a foto tinha sido tirada há uns 10 anos, ela pôde responder com segurança. Sim, a quarta senhora, a partir da esquerda, era, sem sombra de dúvida, a Sra. Arkwright.

Satisfeito consigo mesmo, Rudge tomou o primeiro trem de Waterloo. Determinado a ir até o fim, foi a Drychester e se encontrou com seu amigo motorista de táxi. Em Drychester a confirmação não foi definitiva, ainda que o homem tivesse concordado que a passageira bem poderia ter sido a dama da foto.

Foi com a sensação de que havia tentado algo e algo havia conseguido, que Rudge voltou à delegacia de polícia naquela tarde para dar ciência ao Superintendente Hawkesworth dos progressos feitos. Hawkesworth, no entanto, adotou o desapontamento e estreito ponto de vista tão freqüentemente demonstrado pela Autoridade.

— Huh — fez ele, quando Rudge terminou. — Isso me parece um assunto íntimo. Esse bendito pároco deve estar pensando em acertar as coisas com sua mulher, ou divorciar-se ou o que quer que você imagine. Mas isso não nos vai ajudar com relação ao problema de quem matou o velho Penistone. O que você propõe que seja feito agora?

— Estou pensando, senhor, em ir procurar Mount e lhe pedir uma explicação.

Hawkesworth franziu o cenho.

— Uma explicação de quê?

— Uma explicação sobre onde foi a Sra. Mount naquela noite.

O bote foi desamarrado; isso estava em ligação com o crime; quem levou o bote? A Sra. Mount? Creio, senhor, que na presente circunstância podemos pressionar um pouco esse assunto.

O Superintendente ficou pensando por algum tempo, em seguida meneou a cabeça, concordando.

— Muito bem. Faça isso. Já que chegou até aí, vá em frente.

Rudge sentia-se amargamente indignado ao dirigir seu carro para o Vicariato de Lingham. Isso era o que acontecia sempre quando alguém se esforçava e fazia uma coisa excepcionalmente bem! Que espécie de cérebro tinha Hawkesworth? Com toda a certeza não estava claro que essa informação sobre a Sra. Mount era vital? Sua inesperada visita ao Vicariato na noite do crime; seu inesperado desaparecimento depois de ir até lá; a ignorância de Mount, suposta ou não, sobre toda essa questão. O bote; o chapéu; a súbita tentativa de Mount de encontrar sua mulher; os subterfúgios de Mount para evitar que a realidade viesse à tona... — assuntos eclesiásticos, dissera a Rudge; o infeliz casamento de um paroquiano,

tinha o Vigário explicado ao gerente do hotel de Drychester assuntos de família, esclarecera à senhora da Rua Judd...

De fato, todas as coisas pareciam tremendamente escorregadias e era provável que conseguisse de Mount valiosas informações. Decerto modo animado, Rudge foi até o Vicariato.

CAPÍTULO X

A Banheira EDGAR JEPSON



Agente de Polícia Richard Hempstead vinha tratando com carinho sua tia, a Sra. Emery. De início, quando ela voltou para suas antigas vizinhanças e se empregou em Rundel Croft, Hempstead se havia mostrado como sobrinho que era, mas de forma moderada, certamente sem chegar ao ponto de acariciá-la e, mesmo agora, o carinho, deve supor-se, não seria uma efusão natural de puro sentimento de nepotismo. Era o resultado de um sentimento, na realidade de dois sentimentos — um forte pressentimento, um palpite, de fato, de que o segredo do assassinato do Almirante devia ser procurado em Rundel Croft, e um outro não menos forte de que a companhia de Jennie Merton fazia bem a ele.

Assim, durante a última semana estivera freqüentemente na casa. Em suas rondas, sempre lhe ocorriam todos os tipos de razões para ir ver sua tia; estando a casa vazia, a não ser por ela, o marido e Jennie, os ladrões podiam entrar ou as galinhas serem roubadas; ou precisava fazer alguma pergunta relacionada com o mistério, sem grande importância; ou tinha que prestar

alguma informação, sem grande importância, sobre os progressos da Polícia no sentido de sua solução. Hempstead era dotado de uma imaginação bastante criativa, o que, sem dúvida, lhe era de utilidade no banco de testemunhas. Quando não se encontrava de serviço, passava por lá, na qualidade de sobrinho, para tomar chá ou jantar.

Deve duvidar-se de que a Sra. Emery, que gozava de uma inteligência feminina bem maior do que o comum, como as mulheres dos Emerys deste mundo geralmente têm, julgasse a assiduidade de Hempstead como o melhor dos sentimentos de um sobrinho. Ela percebia que Jennie, como regra, se encontrava por perto — Jennie tinha uma excelente vista sobre o caminho a partir das janelas da parte de cima da casa, onde suas obrigações a mantinham a maior parte do tempo — para abrir a porta para o Agente de Polícia, quando este chegava. Também, uma ocasião, ela ouvira Jennie dizer, quando o acompanhava da porta dos fundos para a cozinha: — Oh, pare com isso, Sr. Hempstead.

Bem, da maneira pela qual a Sra. Emery via as coisas, Jennie era uma boa moça, como as moças são hoje em dia, e mostrava muito senso na maneira pela qual se saía na cozinha, sendo a cozinha o que um homem de fato queria ao casar-se; de qualquer modo, Dick era um desses rapazes teimosos, que usaria seus próprios caminhos ou poderia fazer pior. De qualquer modo, quem era ela para interferir nos sonhos de amor de um jovem?

Assim, veio a ocorrer que Hempstead passara a ir freqüentemente a Rundel Croft, sem que Elma Holland e seu marido ali estivessem. Se por vezes, em suas rondas, ele não se encontrava sozinho, mas acompanhado por Jennie, não havia mal algum. ele era também um homem útil de ter-se por perto, pois em uma casa grande como Rundel Croft, pequenas coisas estão sempre precisando de ser consertadas e ele era útil com as mãos. A Sra. Emery

não demorou a contar com ele para reparar as pequenas coisas que o Almirante costumava consertar, colocando uma mola em uma fechadura que se estragara, refazendo uma pintura que descascara, para manter de fato tudo novinho em folha como o Almirante gostava. Ele era um visitante útil.

Hempstead instilara em Jennie sua firme opinião de que a solução do mistério do crime deveria ser encontrada na casa, e como Jennie o tivesse ajudado em suas buscas, ou mesmo empreendido algumas nos intervalos, por conta própria, essa identidade de opiniões fez com que ela o ajudasse com entusiasmo.

Juntos, revistavam a casa com um detalhamento fora do comum, todos os cantos e recantos, especialmente o escritório e o quarto do Almirante, e o quarto de dormir de Elma Holland e sua sala de estar, procurando acima de tudo o vestido branco que desaparecera, e com o qual Elma havia jantado na casa do Vigário. — Sabe, Jennie, não digo que você estivesse errada ao pensar que a Sra. Holland guardou o vestido em sua mala e o levou para Londres — disse Hempstead — mas há uma possibilidade de que ela o tenha dobrado bem e o enfiado em algum buraco ou em algum canto e, se for assim, e se nós o encontrarmos, dou um doce se não encontrarmos no tal vestido marcas de uma forma ou de outra que não sejam uma pista útil. Talvez até esteja sujo de sangue.

— Talvez tenha razão — concordou Jennie.

Os dois se depararam com vários buracos e cantos onde o vestido poderia ter sido metido, mas não encontraram o vestido.

Então, na tarde de segunda-feira, quando estavam acabando de tomar chá (mais ou menos ao mesmo tempo em que o Inspetor Rudge chegava à delegacia de Whynmouth), a Sra. Emery disse: Há uma coisa, Dick, que

você poderia ver antes de sair, a banheira. A Srta. Elma reclamou, quando voltou, que a água estava escoando muito devagar e agora está entupida mesmo e a água não sai de jeito nenhum. É um serviço de bombeiro, eu sei; mas você poderia dar um jeito.

— Bem, isto é fácil, tia — respondera Hempstead, com a confiança masculina. — Basta desentupir o ralo.

Hempstead acabou seu chá — ele sempre se demorava mais a tomá-lo do que seu tio e as duas mulheres — pegou as ferramentas que julgou necessárias na caixa de ferramentas da casa e, juntamente com Jennie, encaminhou-se para o banheiro e se pôs a trabalhar. Era um trabalho fácil, pois, depois de ter retirado o linóleo, encontrou solta a tábua do soalho por cima do ralo, a fim de evitar que o inevitável bombeiro tivesse muita dificuldade em chegar a ele. O ralo estava cheio de cabelos e Hempstead começou a tirá-los. Chamou sua atenção a grossura dos pêlos e se pôs a examiná-los.

— É esquisito — observou Hempstead — se eu não tivesse visto a barba do Almirante eu diria que ele a tinha raspado.

É igual à barba do Almirante — comentou Jennie — só que menos grisalha.

Hempstead retirou do ralo, cuidadosamente, o restante dos pêlos, e os colocou dentro da pequena bacia esmaltada que trouxera consigo para nela colocar a susjeira que estava vedando o ralo, com um ar muito pensativo.

A tia disse — falou Hempstead — que a Sra. Holland reclamou que a água estava escoando da banheira lentamente, quando ela voltou de Londres, depois de se casar. Não creio que ninguém tenha usado esta banheira entre o dia em que o Almirante foi assassinado e a ocasião em que a Sra. Holland voltou.

— Creio que não — concordou Jennie.

— Então, se alguém se barbeou... — disse Hempstead pensativamente e parou. Já falara muito. Não era bom fazer comentários. Além do mais, precisava pensar. — Não devemos falar nada sobre isso — tornou o Agente de Polícia — nem mesmo para meu tio ou para minha tia. Pode ser alguma coisa importante.

— Claro que não — assentiu Jennie — principalmente para sua tia. Todo mundo ficaria sabendo antes de cair a noite.

— Você poderia arranjar-me um pedaço de papel de embrulho grosso? Não posso pôr esses pêlos para secar na frente do fogão, lá na cozinha, porque minha tia os veria.

— Claro que não pode — concordou Jennie, saindo para trazer o papel de embrulho grosso.

Não demorou muito Jennie estava de volta com o papel.

Hempstead espremeu a água dos pêlos de barba e os enrolou no papel pardo, colocando o pacotinho no bolso. Voltaram ambos para a cozinha.

— Creio que ninguém usou esta banheira entre o momento que a Sra. Holland foi casar-se e a hora em que voltou para cá, não é, Tia? — perguntou Hempstead.

— Que eu saiba, não — respondeu a Sra. Emery.

— Bem, já limpei o ralo para a senhora e a água está de novo correndo livremente — informou o policial e se retirou.

Hempstead afastou-se pensativo, remoendo o que encontrara, para ir procurar o Inspetor Rudge.

Encontrou-o do lado de fora dos portões do Vicariato, mostrou o que tirara do ralo e contou-lhe como o fato ocorrera.

— É muito estranho — observou o Inspetor — no ralo da banheira em Rundel Croft? Bem, bem. — Os olhos do

Inspetor brilharam quando começou a perceber as implicações da descoberta.

— Sim, senhor. E a Sra. Holland reclamou que a água estava escorrendo muito devagar de dentro da banheira, quando voltou depois de ter-se casado, e parece que ninguém usou a banheira entre a data em que foi a Londres com essa finalidade e o dia em que voltou. Faz crer que não havia pêlo nenhum no ralo na noite em que o Almirante foi jantar com o Vigário, a noite em que foi assassinado. E certamente não havia ninguém barbudo na casa desde que a Sra. Holland se ausentou, na manhã seguinte à noite do crime.

— O que você está querendo dizer é que alguém que tenha tirado a barba, fê-lo na noite do crime? — perguntou o Inspetor, franzindo o cenho pensativamente.

— É, sim, senhor.

— O Sr. Holland, por acaso, não usava barba? — indagou Rudge.

— Não, senhor. Vi o Sr. Holland três ou quatro vezes quando ele estava namorando a Sra. Holland, e ele era o mesmo que é agora.

— Ah — fez o Inspetor, e continuou, de cenho franzido. — Mas quem quer que tenha ido ao Lorde Marshall e perguntado pelo Sr. Holland usava barba, e me parece muito claro não se tratar absolutamente do Almirante, o que põe um fim a isto. Quem quer que usava a barba, voltou a Rundel Croft e a raspou.

— É isso mesmo, senhor — concordou Hempstead.

— Bem, quem o fez não poderia tê-la feito a não ser que conhecesse muito bem alguém em Rundel Croft, alguém que só poderia ser o próprio Almirante ou a Sra. Holland. Se o Almirante estivesse vivo, poderia ter sido ele; mas se o Almirante já estivesse morto, só poderia ser a Sra. Holland — observou o Inspetor.

— Mas dificilmente poderia ter sido o Almirante, senhor, pois quem raspou a barba o fez porque não queria que ninguém soubesse que ele fingira ser o Almirante — disse Hempstead.

— Exatamente, e não parece provável que o Almirante quisesse que alguma outra pessoa pretendesse passar por ele. Mas foi alguém que conhecia um dos dois, sem dúvida.

— Mas o último lugar em que alguém que cometeu o crime desejaria ser visto era aqui — protestou Hempstead.

— Ora, ora — disse o Inspetor. — Se você soubesse das bobagens que já vi um criminoso fazer... Além disso, há muitas pessoas que se denominam a si próprias de criminologistas, e que afirmam que um criminoso sempre volta à cena do crime.

— Foi o que aconteceu?

— Não, creio que não — tornou o Inspetor. Ele permaneceu em silêncio, considerando as novas possibilidades trazidas pela descoberta de Hempstead.

Em seguida, radiante de satisfação, voltou a se dirigir a seu subordinado.

Bem, o que queremos é um homem que raspou a barba recentemente. Bem, quem foi que eu vi, não faz muito tempo, que raspava a barba? Desconfio que vi alguém.

CAPÍTULO XI

No Vicariato CLEMENCE DANE



Rudge tocou a campainha e como ninguém veio atendê-lo, tocou novamente. Podia ouvir a campainha soando nas profundezas da casa, mas não percebeu ruído algum de passos. A paz de verão que se espalhara sobre o jardim sem dúvida tinha produzido efeito sobre a própria casa. Todas as persianas estavam corridas, e Rudge podia ouvir o tique-taque do relógio antigo existente no bali. Espiando pelo buraco da fechadura, observou o seguinte: (a) que não havia chave. no buraco, e (b) que o bali estava vazio. Não havia vigário algum do lado de dentro, em cima do capacho, tiritando em seus chinelos, temeroso de ignorar a campainha que tocava, mas ao mesmo tempo com medo de atender à porta. Tudo o que havia era uma quietude de hora do chá, ainda que não se ouvisse o agradável som produzido por louça de porcelana nem o retinir de colheres. "Sem dúvida", pensou o Inspetor, "as empregadas estão tomando chá do lado de fora. As mulheres com freqüência levam suas costuras para o jardim. Vou dar a volta".

Deu a volta. O quintal bem arrumado e forrado com pedras, no entanto, achava-se igualmente deserto. A porta

da cozinha estava trancada, e, não havia ninguém no alpendre do outro lado do pátio. Na porta da cozinha, porém, estava pregado um cartão, branco, tais como os usados pelas funerárias, no qual tinha sido escrito:

VOLTAREI AS SETE E MEIA.

Então era isso! Aborrecido, pois, apesar de seu zelo profissional, o Inspetor Rudge teria apreciado tomar uma xícara de chá, ele bateu em retirada. Com o eco barulhento de seus passos quebrando o silêncio, rodeou o jardim. Rudge sabia que devia ter saído diretamente para a rua. A não ser que estivesse em missão oficial, era um intruso sem quaisquer direitos ali. Mas tinha que esperar duas horas antes de poder voltar. Virtuosa e inesperadamente, decidiu perambular pelo vilarejo, fazendo ocasionais perguntas, do mesmo modo que rapazes conquistadores soltam piadas, e talvez ir visitar aquele enigmático aldeão, o velho Wade, na esperança de conseguir o brilho de alguma farpa perdida de informação. De qualquer modo, fazia um calor intenso. Por que apressar-se? Além do mais, não estava ali aquela ameixeira amarrada como um prisioneiro açoitado a uma parede de um canto do jardim?

Bem, se o Inspetor tinha um fraco era por esse enganoso fruto, a ameixa rainha. O londrino só conhece. ameixas em caixas, já estragadas, sabe que tem que comer três esferas sem gosto colhidas demasiado cedo, para o bem de uma perfeição açucarada colhida demasiado tarde. Mas, quando garoto, Tommy Rudge tinha ficado com sua avó em algum lugar em Norfolk, há 30 anos, e comera ameixas de Norfolk nascidas de uma forma semelhante. A memória, harpista experiente, tocou as cordas do coração do Inspetor. Lá estava a árvore; lá estavam as ameixas, todas elas com o toque dourado da perfeição ampliando suas faces verdes. O Inspetor pulou por cima dos anos e dos três pés de alface ao mesmo tempo. Colheu, comeu, limpou o caldo que

escorreu por seu queixo e por seus dedos e jogou os caroços no chão.

Ao fazê-lo, um reflexo de luz incidiu sobre seus olhos e o obrigou a olhar para baixo. O reflexo se justificou a si mesmo plenamente, mas não foi o caco de uma garrafa quebrada brilhando no chão que chamou sua atenção, após aquele olhar preliminar; sua atenção foi atraída por alguns caroços de ameixas, não os que ele havia cuspidos, que ainda não haviam secado de todo. Ao lado desses caroços havia um lenço, manchado pelo suco da fruta, amassado em uma bolinha, e ao pé da árvore o terreno sem vegetação mostrava pegadas nítidas, de pés pequenos. "Tamanho trinta e três", pensou Rudge, avaliando mecanicamente, "e saltos franceses!"

Abaixando-se sem tocar nas pegadas, puxou o lenço para mais perto, apanhou-o e o sacudiu. O lenço se desdobrou facilmente, pois ainda estava úmido; nitidamente, alguém havia limpado as pontas de dedos sujos de suco. Em seguida, levantando-se cuidadosamente a fim de não desfazer as pegadas próximas, Rudge examinou seu achado.

O lenço estava amassado e manchado; mas era de linho fino," com um delicado bordado. "Duas libras e quinze a dúzia", estimou o preciso Inspetor Rudge, que tinha o dom de guardar informações dos mais estranhos tipos, e cuja mãe, uma dama de companhia ao seu tempo, sempre se esforçara para que as informações fossem corretas. "Duas libras e quinze é o meu palpite, a não ser que tenha sido em uma liquidação", repetiu o Inspetor Rudge meditativamente, quando, passando os dedos nas pontas do lenço, descobriu em uma delas a inicial "C", pequena, destacada, não fazendo parte do lenço original.

Pensativamente, o Inspetor alisou o lenço e o dobrou; depois tirou de sua caderneta de notas um envelope limpo,

nele colocou o lenço e o guardou em um dos bolsos de dentro do paletó. Mais pensativamente ainda, correu os olhos em volta, deteve-os momentaneamente sobre os caroços, sacudiu a cabeça, observou as pegadas, tornou a sacudir a cabeça, e então, com uma precaução inteiramente diferente de sua impetuosa chegada, passou do canteiro para o caminho revestido e se pôs a caminhar majestosamente para lá e para cá uma vez mais.

O Sol do fim da tarde incidiu sobre seus ombros curvados até que as sarjas azuis de sua roupa brilhasse sordidamente, como todas as sarjas azuis brilharão um dia. Um inquisitivo tordo, confundindo-o em seu andar com o jardineiro, manteve-se a seu lado entre os arbustos. O Inspetor estava imerso em seus pensamentos e em algo mais do que pensamentos. Debatia-se, como duas ou três vezes em sua singular vida se debatera, saindo dos baixios do bom senso para mergulhar nas insondáveis profundezas do instinto. Sentia que parte de sua mente "se refletia em seus cotovelos", como ele mesmo dizia, e que estava a carga. Alguma coisa estava errada, não sabia onde, não sabia como, e o Inspetor o pressentia. Tanto quanto soubesse não havia ninguém em casa. Espiara para dentro do saguão de entrada e o encontrara vazio; o cartão na porta dos fundos era uma explicação suficiente. Alguém, é claro, podia estar escondido na casa. Mas, por que o faria? Não havia nisso o menor sentido. E o Inspetor Rudge não tinha nada absolutamente em que se apoiar, nem mesmo o abrigo de seu poder de raciocínio, nem sua capacidade de juntar dois e dois e fazer 22. Não, ele não dispunha de coisa alguma, a não ser o lenço com a mancha que provava que alguém estivera no jardim recentemente e aquele sentimento em seus cotovelos de que alguma coisa estava errada.

Tanto quanto soubesse não havia ninguém na casa, mas Rudge teve o mais estranho dos pressentimentos de que havia alguém no jardim. Era tão forte esse sentimento que por duas vezes parou e só. voltou completamente para olhar as glórias ultrapassadas do caminho reto e longo. Vazio, claro. Somente um honesto clarão do pôr-do-sol o gratificou. Um calor vermelho, branco, azul e amarelo se elevava novamente dos montículos de piretro, das margaridas e dos flores. As malvas-rosa permaneciam imóveis na atmosfera pesada e saturada de sol. O que havia de errado com um pôr-do-sol honesto e com flores que se rejubilavam? O que havia de errado com o jardim do Vicariato, logo depois da hora do chá nesta tarde de agosto? Rudge voltou-se e retomou seus passos.

Alguma coisa estava errada.

Se "C" fosse a Sra. Mount, então no último quarto de hora a Sra. Mount teria estado no jardim de seu ex-marido, comendo as ameixas de seu ex-marido, perfeitamente à vontade na casa. E agora, onde estaria ela? Dentro de casa? Mas por que estaria lá? Mas podia estar. Rudge nunca vira sua caligrafia e era possível ter sido ela quem escrevera VOLTAREI AS SETE E MEIA no cartão. E onde teria ela conseguido um tal cartão, a não ser que tivesse estado dentro de casa? Era o tipo de cartão que seria possível encontrar no escritório de um pároco, mas dificilmente em uma bolsa de senhora. Teria ela escrito a mensagem? Tê-la-ia escrito, sabendo que os empregados haviam saído, no escritório de seu ex-marido? Para quem era a mensagem? Para o incompreensível Vigário? Para o simpático desconhecido que ocasionalmente ia visitá-la no hotel? Por que às sete e meia? E se não fosse ela quem houvesse escrito a mensagem? Suponhamos que tenha sido uma das empregadas? Ou o Vigário?

Rudge sentiu um impulso de ir até a porta e arrancar de lá o cartão, mas se refreou. O cartão era uma mensagem para alguém.

Suponhamos que alguém ainda não tivesse chegado e lido o cartão? O melhor era não perturbar a situação.

Sem se sentir arrependido, o Inspetor pôs de lado todas as idéias a respeito de uma enalorada volta pelo sonolento lugarejo, de uma não lucrativa conversa com o funileiro, o alfaiate e o fabricante de velas e um outro encontro com Neddy Ware. O que ele lamentou foi pôr de lado também o agradável e planejado final daquele giro. O Inspetor Rudge não iria chegar à hospedaria local, não saborearia um gole de cerveja esfriada no poço. Em: lugar de tudo isso, o Inspetor, instintiva e profissionalmente, abandonou a estradinha aberta, tomando a pequena faixa de grama que terminava em uns arbustos, insinuando-se entre os rododendros.

Estes começavam onde terminava o quintal por trás da cozinha e se estendiam até o jardim da frente, protegendo desta forma por um cinturão de uns três metros o gramado e a casa da vista dos que passavam pela estrada.

O Inspetor conhecia suas obrigações. Consultou o relógio: eram quase seis horas. Se alguém chegasse ao Vicariato entre aquela hora e às sete e meia citada no cartão da porta da cozinha, o Inspetor pretendia: ficar sabendo. Os rododendros estavam sujos, como sempre acontece com eles nas áreas rurais, e a terra sob eles, empoeirada. Seu posto de observação tinha pouca ventilação e estava terrivelmente quente. Apesar disso, o Inspetor pretendia ali permanecer até que voltasse quem escreveu o cartão ou a pessoa a quem era dirigido.

Rudge ajeitou-se da melhor maneira possível, ainda que, por conveniência, não ousasse fumar, mas sempre

tinha à mão goma de mascar, para tais emergências e, pacientemente, jogou consigo mesmo o jogo da velha, pois a terra do local em que se encontrava era seca e tão solta quanto areia. A medida que as sombras cresciam, o ar tornava-se mais fresco e Rudge sofria menos do calor e mais de mosquitos. Mas não foi antes que o relógio da igreja local batesse sete horas que sua dedicação veio a receber uma recompensa. Vozes, prazenteiras e não abafadas, chegaram a seus ouvidos. O portão do jardim rangeu e tornou a ser fechado. Soaram passos do outro lado da impenetrável parede de rododendros e azevinhos que separavam o gramado da entrada. Duas figuras vinham entrando em animada conversação, chegaram ao portal, mergulharam em suas sombras e a figura mais alta tocou a campainha.

O Inspetor Rudge se agarrou aos grossos ramos dos rododendros em sua surpresa. As últimas pessoas do mundo que ele esperava ver a essa hora e nesse lugar eram os Hollands, marido e mulher. O que estavam eles dizendo? O que estavam fazendo? Podia ouvir a campainha tocando, mas não as palavras trocadas pelo casal; o portal, por sua vez, estava tão imerso na sombra que não conseguia ver-lhes os rostos. Deveria aparecer e fazer perguntas?

Enquanto Rudge hesitava, os dois se voltaram no portal e se fez ouvir a voz clara de Holland.

— Nós podemos muito bem esperar.

Sua mulher também se fez ouvir.

— Que horas são agora?

Holland consultou o relógio.

— Sete, quase exatamente.

Elma hesitou.

— Não fiz essa viagem toda por nada.

— Você já pensou — ponderou Holland, inquieto — que pode ser uma armadilha?

.— Uma armadilha? Como?

— Bem... — Holland pareceu hesitar. — Até que ponto Célie está sabendo?

— Oh, não se preocupe com isso, Arthur. Está quente e não me quero apoquentar. Vamos sentar um pouco. — Cruzando o gramado, Elma sentou-se na bilha batida que se estendia entre duas fileiras de cedro gigante, enquanto o marido deixava-se cair na grama ao lado dela.

Durante uns 10 minutos, os dois ficaram ali sentados, quase sem falar. O Inspetor Rudge amaldiçoou sua sorte. Nove entre dez mulheres teriam colocado uma corda em torno dos próprios pescoços de tanto falar nesses 10 minutos tão ociosos. Era sua sina suspeitar de uma mulher que, apesar de sua experiência, era capaz de sentar-se quieta e sem dizer nada. Ainda quando se cansasse de sua imobilidade, Elma não desprenderia sua língua, nem daria ao observador qualquer razão para seu súbito movimento. Mas, quando Elma se pôs de pé e caminhou na direção da casa, seu marido instantaneamente se levantou também e juntou-se a ela.

Teria ela feito algum sinal para ele? Será que se sentia observada?

Esses foram os pensamentos que ocorreram a Rudge. Mas o Inspetor tinha certeza de que não fizera qualquer movimento; apesar disso, continuou imóvel. Elma Holland, pensou o Inspetor Rudge, era bem capaz de preparar uma contra-armadilha. Nesse meio tempo, o casal tinha chegado junto à casa uma vez mais e a voz de Holland veio rolando por sobre a grama.

— Acho que a porta está entreaberta.

— Ela deve ter chegado sem nós vermos — respondeu a voz da mulher. — Venha! Vamos entrar! Ela deve estar lá dentro. — O casal desapareceu.

O Inspetor Rudge soltou um profundo suspiro de alívio. Finalmente, podia mexer-se, bocejar, espreguiçar-se, tirar o peso de seu corpo de cima de seu infeliz pé, que, dobrado sob ele, estava quase dormente. Na verdade era um violento ataque de alfinetadas e agulhadas. Estava exatamente começando a fazer massagens no pé, quando quase, se deixou trair pelos nervos, em face do som, fraco mas inconfundível, de um grito. Ficou rígido enquanto se sentava. Logo em seguida, pôs-se de pé, preparando-se para sair a descoberto, quando mais próximo, mais alto, mais vigoroso, ouviu um segundo grito, logo repetido em série, ao mesmo tempo que emergia da escuridão da porta entreaberta a figura de Elma Holland.

Ao chegar do lado de fora, aparentemente, a Sra. Holland não teve mais forças para caminhar, ainda que se esforçasse por dar um ou dois passos, como se estivesse abrindo caminho através de uma cerca invisível. Seu rosto estava tão branco quanto as paredes descoradas da casa, e quando seu marido, que no momento seguinte atravessou correndo o portal, chegou junto a ela, Elma caiu em seus braços como um saco de batatas, O Inspetor não foi muito menos rápido, mas quando cruzou os arbustos e correu pelo gramado, seus pensamentos voavam à sua frente. "O que teria ela visto para arrebentar-lhe os nervos dessa forma?" Logo se aproximou do par enlaçado, e pôde observar as condições das mãos de Holland, quando gritou: Ei, saiam da frente. — Em seguida, acrescentou: — Fiquem aí onde estão.

Passou por eles, galgou os degraus, atirou-se correndo através do saguão e abriu a porta da sala de jantar. Vazia! Assim também a sala de visitas. Porém, a porta do escritório do Vigário estava aberta. Rudge entrou e lançou um apressado olhar em volta.

O escritório estava muito calmo, nele se alternando barras de sol e de sombra, muito fresco, muito escuro. Era um frescor agradável e uma escuridão agradável, depois da claridade do jardim. "Quieto como um túmulo", raciocinou o Inspetor consigo mesmo. "Então, por que os gritos?" Logo em seguida, aproximando-se da mesa, colocada em ângulo com a janela, como que em uma posição defensiva, Rudge viu por que Elma Holland tinha gritado.

Caído no chão, entre a mesa e a parede, o corpo de uma mulher. Tinha os olhos abertos e fixos, como os olhos cuidadosamente pintados de uma figura de cera; em suas faces a maquiagem se destacava em camadas em sua pele. As mãos achavam-se cruzadas sobre o peito, não em uma atitude de paz, mas em um último gesto de energia. Elas estavam cruzadas em torno do cabo de uma faca, cuja lâmina se perdia nas dobras manchadas de seu florido vestido de verão.

CAPÍTULO XII

Dissipando o Tumulto ANTHONY BERKELEY



Rudge se ajoelhou ao lado do corpo, sem se preocupar como sangue espalhado por todo o tapete. A mulher ainda estava quente e o sangue mal havia cessado de correr de seu peito. Mas, com toda a certeza, estava morta.

Uma voz vinda da porta fez com que o Inspetor se pusesse de pé novamente.

— Nós estávamos no saguão quando ela fez isso. Nós, na verdade, ouvimos quando caiu — falou Holland, gravemente, mas sem qualquer indício de pânico.

Rudge franziu o cenho.

— Creio que lhe disse para ficar lá fora onde estava, senhor.

— Oh, suas ordens que se danem, homem. Aqui está uma mulher que se apunhalou a si mesma; não há tempo a perder com cerimônias. Há alguma coisa que eu possa fazer? Ela está morta?

Tem certeza?

Rudge se pôs de pé, lentamente.

— Ela está morta, sem dúvida. Deve ter morrido na ocasião em que o senhor estava dentro de casa.

— Então morreu em meus braços — observou Holland, sombriamente.

O Inspetor olhou para o sangue na mão de Holland, e este acenou com a cabeça positivamente.

— Eu a sustentei por um segundo — disse Holland. — Penistone que já estava morta e não quis mexer em suas mãos ou delas arrancar a arma.

— Foi muito acertado de sua parte, senhor.

— É claro que o senhor sabe quem é ela, não? A empregada francesa de minha mulher... Célie.

— Ah! — fez Rudge. — Há algumas perguntas que lhes desejo fazer, ao senhor e à Sra. Holland.

Mais tarde — disse Holland, com sua maneira decidida.

— Minha mulher se encontra, no momento, muito perturbada. Naturalmente. Não quero que seja importunada até que se recupere.

Rudge levantou suas sobranceiras ligeiramente.

— Tenho que pedir-lhe que não saia daqui por enquanto — limitou-se, porém, a dizer. — Nem o senhor, nem sua mulher.

Onde está a Sra. Holland neste momento?

— Coloquei-a sobre um canteiro no jardim. Devo ir lá, ter com ela. Esperaremos lá pelo senhor, Inspetor. Qualquer coisa que pudermos dizer-lhe, nós o faremos.

Ouviu-se o ruído de passos sobre o pedregulho do lado de fora, passos que se adentraram no saguão sem hesitar.

— Há alguém por aí? — indagou uma voz. No momento seguinte, a figura do ubíquo repórter da Evening Gazette apareceu à porta. Com um resmungo, Holland passou por ele e saiu.

Um raio de sol entrando pela janela iluminou alegremente os óculos de armação de osso do repórter.

— Alô, Inspetor. Não esperava vê-lo. O Vigário está por aí?

— Só então percebeu o que havia aos pés de Rudge.
— MeuDeus... o que é isso?

— Pelo que sei, a Srta. Célie — respondeu Rudge, austeramente. — Ex-empregada da Sra. Holland. Devo pedir-lhe que me deixe só aqui, por favor. Mais tarde você vai conseguir sua história. Há... — O som de passos lá fora interrompeu as palavras do Inspetor. Os dois homens ficaram escutando, atentamente. De novo, os passos progrediram, entrando na casa sem hesitação, encaminhando-se para o escritório. O Vigário entrou no aposento.

— Ora, Inspetor — disse ele, surpreendido. — Não sabia que o senhor também estaria presente. O senhor... soube — Por um momento, o Vigário pareceu estar gelado demais para se mover. Em seguida, ele mesmo se pôs de joelhos ao lado do corpo, soltando um grito. — Célia — Não toque nela, por favor, senhor. — Rudge se dobrou, como que protegendo o corpo do socorro do Vigário. Este voltou para o policial um rosto destroçado.

— Está morta? — perguntou.

— Lamento que sim, senhor.

— Ela não... se suicidou?

— Parece provável, senhor.

O Sr. Mount escondeu o rosto nas mãos e permaneceu imóvel durante quase um minuto. Quando tornou a falar, estava mais controlado.

— Inspetor, o senhor sabe quem é esta pobre alma?

Ela já foi identificada, senhor, como ex-empregada francesada Sra. Holland.

— Sim. — O Vigário fez uma pausa, como que se decidindo a alguma coisa. — Inspetor, há muitas coisas relacionadas com esta tragédia que eu não posso revelar. Meus lábios estão selados quanto a confissões. Mas, se isso serve de alguma coisa no interesse da justiça, o máximo que posso dizer é: essa pobre criatura é minha mulher. E, ai de mim, temo que tenha sido eu quem a conduziu a esse ato terrível.

2

— O senhor? — estranhou o Inspetor. — Como? — Em seguida, tendo seus olhos incidido sobre o jornalista, acrescentou: — Escute aqui, eu lhe disse para cair fora. — O Inspetor estava aponto de segurar o sujeito pelos ombros e o pôr porta afora, como uma espécie de válvula física para as diferentes emoções que fervilhavam em seu íntimo, quando percebeu o rosto pálido do outro e suas mãos trêmulas, e que não era apenas uma insensível curiosidade profissional que o prendia ali; o homem, na verdade, parecia até incapaz de caminhar. Rudge colocou a mão com delicadeza em seu ombro e não com ferocidade, e o encaminhou até a porta.

Você esteve na guerra, não?

O repórter conseguiu esboçar um trêmulo sorriso.

— Sim, mas nós não matávamos mulheres. Creio que vou vomitar.

O Vigário passou pelo Inspetor e se encarregou do homem, conduzindo-o até um pequeno lavatório que dava para o saguão, ao lado da porta da frente.

— Fique aí até sentir-se melhor — recomendou o Vigário, e voltou para junto do Inspetor no escritório.

— Muitas pessoas ficam enjoadas à vista de sangue — observou o Inspetor. — Bem, senhor... o que me estava dizendo?

Achavam-se os dois lado a lado, olhando o corpo da mulher.

— Pobre alma, pobre alma — murmurou o Vigário. — A mãe de meus filhos, Inspetor. Talvez eu tenha sido muito duro com ela.

Muito mesquinho, talvez. Mesmo assim, que outra coisa eu poderia ter feito? Minha religião proíbe expressamente o divórcio. “Aqueles a quem Deus juntou, ninguém separará...” É bastante explícito.

— Ela queria divorciar-se do senhor? — perguntou Rudge, delicadamente, interrompendo os murmúrios do Vigário, que pareciam dirigir-se mais a si próprio do que ao Inspetor.

— Sim. Nunca soube do nome do homem que a induziu a ir embora com ele; ela sempre se recusou a me dizer; talvez tenha sido melhor assim. Ele parece ter sido bom para ela, de acordo com sua opinião. — Estava claro que o Vigário se esforçava por ser justo. — De qualquer modo, ele era dedicado a ela e ela a ele.

Queriam casar-se. Sempre quiseram casar-se. Mas eu não tinha como me reconciliar com minha consciência, se me divorciasse dela.

Então, na última terça-feira... a noite do crime, realmente...

— Sim? — Rudge quase perdeu a respiração. Finalmente alguma coisa ia ser revelada a respeito dos obscuros acontecimentos daquela noite.

— Ela veio aqui falar comigo, tarde da noite, e insistiu mais uma vez que eu reconsiderasse minha decisão. Estava

muito preocupada... agitada... de fato bastante perturbada...

— Ah! — fez o Inspetor.

— Tive a maior dificuldade em acalmá-la. Especialmente em vista do que eu tinha para dizer.

Então o senhor repetiu sua negativa?

— E o que mais poderia fazer? — tornou o Vigário, contristadamente. — Em minha opinião, não tinha escolha. A intenção é bastante explícita. Preocupava-me muito ter que dar essa resposta, mas a consciência — aduziu o Vigário, com um sorriso pálido — faz de todos nós homens valentes.

— E a que horas foi, senhor, que a dama veio procurá-lo? — O Inspetor teria preferido não continuar a fazer perguntas nas circunstâncias em que se encontravam, mas seus deveres não eram menos explícitos.

— Eu a vi pouco depois da meia-noite.

— Temos informações, porém, que ela chegou aqui por volta das onze horas.

Um leve rubor tingiu o rosto do Vigário.

— Torno a dizer que a vi pouco depois da meia-noite. Era por volta da meia-noite e quinze, tanto quanto me lembro. Trouxe-a aqui para o escritório e conversamos cerca de uma hora.

— E o que esteve ela fazendo entre as onze e a meia-noite e quinze?

Os lábios do Vigário ficaram duros.

— Isso não lhe posso dizer, Inspetor.

O que significa que não me vai dizer, ou que não sabe?

— Nada mais tenho a dizer.

Os dois homens se entreolharam firmemente. Rudge não insistiu naquele ponto.

— E esta tarde? Ela havia marcado um encontro com o senhor?

— Sim, para as sete horas, com a presença, também, do Sr. e da Sr. Holland. Infelizmente, infelizmente mesmo, cheguei tarde. De outro modo — houve uma pequena falha na voz do Vigário — quem sabe se eu não poderia ter evitado... isto?

— E o senhor estava...

— Na loja de flores de Ferrers Abbas. As empregadas ainda estão por lá, bem como meus rapazes. A casa estava inteiramente vazia.

— Por que a Sra. Mount desejava esse encontro?

— Ela não disse.

— Mas o senhor chegou a alguma conclusão, não?

— Creio — respondeu o Vigário, um pouco inquietamente — que ela havia chegado a alguma decisão com respeito a certa informação que achava ser, relacionada com a morte do Almirante Penistone.

— E o senhor sabe qual é a informação?

Um olhar de obstinação, que o desespero de Rudge intimamente classificou de teimosia de mula, tomou conta do rosto do Vigário.

— Já lhe disse, Inspetor, que para alguns pontos os meus lábios estão selados. Este é um deles.

Novamente os dois se entreolharam. Desta vez, porém, a interrupção veio de fora. Uma vez mais soaram passos no pedregulho, logo seguidos, nesta ocasião, pelo bater de um velho sino lá pelos lados da porta de trás da casa.

O Vigário foi até o saguão. Rudge seguiu-o.

De pé, à porta da frente, encontra-se um homem idoso e de pequena estatura, cujo terno não muito novo era completado por elegante chapéu de feltro, colocado em um jovial ângulo.

— Ah, Mount — disse o homem — desculpe-me por chegar tão tarde. A reunião já terminou?

— Reunião? — repetiu o Vigário, estupidamente.

— Sim. Foi-me dito para estar aqui às sete horas. Não pude apurar o que se passava pelo telefone, mas a dama parecia estar com muita pressa.

— Ela... lhe telefonou?

— Sim. — O recém-chegado pareceu mais do que um pouco embaraçado. — Para mim parecia um conto da carochinha. Bem, ela me disse que era sua mulher.

— E era — concordou o Vigário, sombriamente. Voltou-se para Rudge. — Inspetor, não creio que o senhor conheça Sir Wilfrid Denny, não é?

— De vista, sim, senhor. Prazer em vê-lo de volta, Sir. Wilfrid.

Tenho esperado para trocar uma ou duas palavras com o senhor.

— Sobre esse crime terrível de Rundel Croft? Sim, é claro.

Voltei hoje à tarde. Nunca me ocorreu que o senhor me quisesse ver, ou teria voltado antes. Tive que ir a Paris.

— Denny...

Obviamente o Vigário ia contar a novidade da última tragédia e, não querendo intrometer-se na cena, Rudge se retirou. Por curiosidade, abriu a porta do lavatório onde ficara o repórter que se sentira mal, e olhou lá para dentro. Estava vazio. Evidentemente o homem se tinha recuperado.

Antes de voltar ao escritório, para montar guarda ao corpo e telefonar para o Superintendente e para o Dr. Grice, Rudge cedeu à sua curiosidade mais uma vez. Deu alguns passos já do lado defora da porta e olhou o jardim. O resultado foi gratificante para ele. No canteiro, sentados um ao lado do outro, estavam o Sr. e a Sra. Holland; o braço do

Sr. Holland estava passado em torno da mulher, e esta tinha a cabeça apoiada nos ombros do marido.

Na hora mesmo em que Rudge os viu, a Sra. Holland levantou a cabeça e espontaneamente beijou o marido.

“Então, afinal de contas, ela é humana”, observou Rudge para si mesmo, tornando a entrar na casa apressadamente. “E agora verificou que o amava durante todo o tempo. Bem, dizem que há um choque quando alguém se apercebe disso.”

3

Rudge passou o caso para o Superintendente Hawkesworth.

O Major Twyfitt, Delegado de Polícia do Condado, voltara para casa de carro, mas felizmente não levava Hawkesworth com ele.

Juntos, os dois haviam revistado a casa, tão logo o Dr. Grice chegara, mas não encontraram nada que lançasse mais luz sobre o caso.

O Superintendente encontrava-se agora tomando as providências para a remoção do corpo, e Rudge se achou livre para trocar umas poucas palavras com o Sr. e a Sra. Holland.

A Sra. Holland estava ainda no mesmo lugar no jardim. Era óbvio que recebera um tremendo choque, mas já apresentava alguns sinais de recuperação, e Rudge, que desejava fazer suas perguntas enquanto a impressão ainda era forte, julgou-se justificado em não acatar as objeções de Holland, quanto a uma conversa imediata.

Com um ar inteiramente não oficial, deixou-se cair na grama, ao lado do casal.

— É uma infelicidade, senhor, concordo. Mas há de compreender que preciso cumprir meu dever. Poderia a senhora, agora, ter a bondade de me dizer, primeiro que tudo, o que sabia a respeito dessa reunião? Quando a Sra. Mount a combinou e quais as razões que apresentou?

A pergunta do Inspetor tinha sido dirigida à Sra. Holland, mas foi seu marido quem respondeu.

— Ela ligou para nós no Lorde Marshall, hoje logo depois do almoço, e nos pediu que nos encontrássemos com ela, sem dar nenhuma razão.

— Mas devem ter inferido uma?

— Não.

— Foi o senhor quem falou com ela por telefone?

— Não — respondeu Holland relutantemente, observando Rudge. — Foi minha mulher.

— Entendo — disse Rudge, voltando-se intencionalmente para a Sra. Holland. — Que razão a senhora inferiu na ocasião, madame?

— Nenhuma. — O tom de Elma era lacônico como de costume.

— E a senhora não fez nenhuma pergunta a respeito?

— Não.

— Mas não lhe pareceu estranho que sua ex-empregada quisesse vê-la no Vicariato?

— Imaginei que devia estar preocupada com alguma coisa e queria um conselho, não tendo querido ir ao hotel, onde poderia ser reconhecida.

— Mas por que seria ela reconhecida?

Elma deu de ombros.

— Isto eu não lhe sei dizer.

— A senhora sabia que ela era a mulher do Sr. Mount?

— Certamente não.

— Ficou surpreendida com este fato?

— Muito.

— Talvez — aventou Rudge — a senhora possa ver algo através do qual este fato lance alguma luz na morte de seu tio?

— Creio que não — redargüiu Elma. — Mas é claro, isto dá uma razão para que ela tenha-me deixado... deixado o meu serviço tão abruptamente.

— Sim, isso é verdade — concordou Rudge. — Por falar nisso, a senhora disse ter pensado que ela estivesse preocupada com alguma coisa. Foi o que lhe pareceu ao telefone?

— Agitada, talvez — admitiu Elma. — Sim, estava.

“Mas mesmo assim nem tanto agitada”, pensou Rudge, “pois comeu ameixas antes da reunião que convocou.”

— Nunca lhe ocorreu — prosseguiu Rudge — que o conselho que a senhora supôs que ela quisesse, talvez tivesse algum relacionamento com a morte de seu tio?

Certamente não — replicou Elma, rispidamente. — Porque teria?

Rudge poderia dar mais de uma razão em resposta a essa pergunta. Mas não o fez. Preferindo fazer uma outra pergunta, lenta e intencionalmente.

— Até onde Célie... sabia?

Seu tiro acertou em cheio. Elma empalideceu, em seguida ficou corada e o olhar que dirigiu ao marido era um evidente pedido de auxílio. Holland atendeu imediatamente.

As palavras de Holland pegaram Rudge de surpresa. Ele não esbravejou nem tentou interromper o interrogatório, limitando-se apenas a fazer uma observação.

— É curioso que o senhor esteja dizendo isso, Inspetor; fiz a mesma pergunta à minha mulher há menos de uma hora. Eu também havia considerado a possibilidade de que ela estivesse a fim de nos dar alguma informação sobre a morte do Almirante. Mas minha mulher foi positiva, respondendo que ela não podia saber de nada.

— Como poderia? — perguntou Elma, aparentemente aliviado Rudge olhou para um e para o outro. Sabia muito bem que a Sra. Holland não dissera nada desse tipo, de qualquer modo, pelo menos, há uma hora. Rudge não teve certeza de que tivesse agido inteligentemente. Numa tentativa de extrair do casal as informações, dera-lhes a perceber que estivera escutando sua conversa, enquanto se achavam esperando, e Holland, é claro, vira quando Rudge saía dos arbustos. Eles não podiam ter certeza de que Rudge também não os ouvira quando estavam no canteiro. Mas Holland não se achava absolutamente assustado. Ele havia retirado a coisa calmamente das mãos de Rudge, tranqüilizado sua mulher, e apresentado uma resposta que fora admirável em sua essência de não comprometimento. Rudge teria que se consolar com o fato de que Elma, sem dúvida, perdera seu controle, ainda que por um instante. Esses dois tinham que saber de alguma coisa, mas Rudge reconhece que não teria a mínima chance de arrancar deles o que sabiam através de perguntas diretas. Preocupado para que não os pusesse demasiadamente em guarda, tentou uma outra linha.

— Bem, diga-me, senhor, exatamente o que aconteceu quando entraram ambos na casa. O senhor notou que a porta da frente estava aberta, creio, e acompanhou a Sra. Holland lá para dentro. Holland sorriu, levemente.

— Como o senhor pôde ver, Inspetor, lá de baixo dos arboretos, sim. Por falar nisso — aduziu Holland, com mais

seriedade — o senhor tinha alguma idéia de que algo semelhante estava para acontecer? Porque se é assim...

— Eu não fazia qualquer idéia. Não mais do que o senhor mesmo. Bem, quer ter a bondade de me contar o que ocorreu?

— Bem, acompanhei minha mulher no saguão. Pensamos que Célie... a Sra. Mount... devia ter chegado, pois a porta estava entreaberta. Olhamos primeiramente na sala de visitas, depois na de jantar. Creio que foi quando nos encontrávamos na sala de jantar (que, como sabe, é junto ao escritório), que ouvimos um grito...

— Um grito terrível — aduziu a Sra. Holland, com um tremor.

Sim, foi terrível. Nunca ouvi nada assim tão... bem, horripilante... dando medo. Era exatamente como se fosse um animal. Saí correndo da sala de jantar e entrei no escritório, mas, antes de chegar lá, ouvi um baque, que deve ter sido produzido por sua queda. E lá estava ela, caída no tapete, o sangue correndo.

Como já lhe disse, ela morreu em meus braços.

— Oh-h-h-h-h-h — choramingou Elma.

— Compreendo. Obrigado, senhor. E a Sra. Holland? Isso coincide com suas próprias impressões?

— Sim, creio que sim. Talvez eu devesse dizer que ouvimos o baque antes de meu marido correr, mas não tenho certeza.

— Mas o senhor não pensa assim, não é?

Holland refletiu por uns instantes antes de responder.

— Não poderia dizer. Talvez. Creio que ficamos imóveis durante alguns segundos. Uma espécie de medo, sabe? Sim, talvez tenhamos ouvido o baque antes de que eu corresse. Não tenho certeza, agora que estou pensando nisso. De qualquer modo, não pode ter-se passado mais de um segundo e meio entre uma coisa e outra.

— E a senhora acompanhou seu marido ao escritório, madame?

— Sim. — Elma hesitou. — E lá... e lá... — Cobriu o rosto com as mãos e seu corpo estremeceu.

— Inspetor — disse Holland, rapidamente — caia fora. Rudge afastou-se.

De qualquer modo, não esperava mesmo ficar sabendo de mais alguma coisa.

4

— Claro que é suicídio — resmungou o Superintendente. — O doutor diz que a empunhadura no punhal deve ter ocorrido enquanto viva; nele só há suas impressões digitais; os Hollands se encontravam a apenas uns poucos metros do escritório quando ela se suicidou e até ouviram sua queda; Rudge podia observar a porta da frente, e a porta de trás continuava trancada pelo lado de dentro, e quando revistamos a casa não havia mais ninguém. Como poderia ter sido outra coisa senão suicídio? — O Superintendente falava com desprezo.

Rudge não disse nada, mas suas faces vermelhas ficaram ainda mais coradas.

— Você não está concordando? — quis saber o Delegado.

— Não, senhor. Lamento, mas não estou. Vejo as coisas de uma outra forma. Uma mulher, prestes a cometer suicídio, iria matar seu tempo comendo ameixas? Isso não seria natural.

— Está querendo insinuar que Holland a matou? — perguntou o Superintendente, rispidamente. — Não há

ninguém que pudesse ter feito isso.

— Não, senhor. Não estou querendo dizer isso.

Já estava na manhã seguinte, durante uma reunião realizada na delegacia de polícia de Whynmouth. O ar já se achava tenso, e a tensão aumentou mais. As possibilidades de a morte da Sra. Mount ser devida a suicídio ou a assassinato já tinham sido discutidas, pelo menos durante uma meia hora, e não se chegara ainda a uma conclusão. O Superintendente achava que era suicídio, e o Delegado tinha que concordar que a lógica se encontrava de seu lado; o Inspetor Rudge se amarrava obstinadamente a assassinato e, quando desafiado a produzir suas provas, limitava-se a resmungar puerilidades sobre coisas que eram “naturais” ou não, e a dizer que “estava sentindo nos seus ossos”; não é de admirar-se que o Superintendente fungasse de desdém. O Major Twyfitt tinha-se mantido nobremente de acordo com o primeiro dever de um delegado, o de manter o equilíbrio entre os dois subordinados em disputa, mas já não sabia quão rápido tudo aquilo lhe poderia escapar das mãos.

Decidiu-se a mudar o tópico da discussão.

— Bem, é claro, Rudge, que se você pensa assim, fará tudo o que puder para coligir indícios que apóiem suas conclusões. Por enquanto, creio que podemos deixar esse problema para o juiz de instrução. Bem, voltemos ao assassinato do Almirante Penistone.

Na noite passada você nos disse que a morta se identificava como Célie Blanc, empregada da Sra. Holland, o que decididamente liga o Vigário à tragédia, como você já sentiu — observou o Delegado, apaziguadoramente. — Falou-nos também sobre o que Hempstead, descobriu no banheiro de Rundel Croft. Bem, tem alguma idéia quanto aonde tudo isso nos vai levar?

— Sim, senhor — respondeu o Inspetor, melancolicamente.

Uma boa idéia na verdade.

— Oh, muito bem. Qual é?

— Prefiro não dizer, senhor, se não se incomoda, até que eu tenha colhido um pouco mais de indícios — respondeu Rudge, olhando de lado para o Superintendente.

— Sim, sim, claro. Desde que você esteja trabalhando em linhas definidas. Bem, o Superintendente obteve detalhes do Almirantado, com relação àquele episódio de Hong Kong, que seria melhor que você ouvisse. Conte a Rudge o que sabe, Superintendente.

O Superintendente Hawkesworth tirou do bolso do paletó um papel dobrado, abriu-o e leu, com voz totalmente inexpressiva: “O Comandante Penistone se envolveu em um desagradável incidente, em Hong Kong, em 1911. Como ele mesmo admitiu, seguiu uma moça, que estava sendo maltratada por um chinês, em um antro da pior espécie, já desfavoravelmente conhecido pelas autoridades. Depois disso, declarou que não se lembra de mais nada.

Ele foi visto, no entanto, em adiantado estado de intoxicação, cantando e dançando na companhia de um grupo enorme de marinheiros, não só ingleses como de outras nacionalidades, e de cules chineses. Foi carregado para o navio na manhã seguinte, ainda sob a influência de bebidas e do ópio, por alguns de seus próprios homens que o haviam reconhecido na noite anterior. Em consideração a seu currículo, foi permitido ao Comandante Penistone que pedisse sua passagem para a reserva, em lugar de ser submetido à corte marcial. Ao rebotarem as hostilidades com a Alemanha, o Comandante Penistone se apresentou voluntariamente para prestar qualquer tipo de serviços e, em vista da situação de emergência, foi reincorporado temporariamente, com o posto de capitão-de-mar-e-guerra.

Serviu com destaque durante a guerra e, no que diz respeito ao Almirantado, o lamentável incidente de Hong Kong foi excluído de seus assentamentos. O Almirante, porém, expressou a alguns dos oficiais superiores sua insatisfação com o caso e sua crença de que existe muito mais coisa por trás de tudo isso que nunca veio à tona, e costumava afirmar sua intenção de dedicar seu tempo, depois de passar de novo para a reserva, em penetrar até o fundo no caso; mas, até agora, não se sabe se haveria outros indícios ou razões para que assim pensasse.”

— Entendo — comentou Rudge. — Seguiu uma moça, não?

Bem, isso esclarece um ponto, senhor, não é mesmo? A pasta “X”!

— Você está querendo dizer que a pasta “X” continha as provas que o Almirante colecionava para apoiar sua opinião de que o incidente fora uma tramóia? — perguntou o Delegado. — Sim, essa é a dedução que podemos tirar.

— E lhe dá alguma coisa a mais, Rudge — observou Hawkesworth. — Dá um motivo. Os documentos desapareceram dessa pasta, não é? Obviamente foram retirados depois do crime pelo criminoso. Em outras palavras, o Almirante estava certo. Ele estava de posse, das provas e ia implicar alguém que não queria ser implicado. Assim, o Almirante foi morto para impedi-lo de desfechar o golpe. Bem, isso nos dá uma indicação muito boa. O criminoso é alguém que estava em Hong Kong em 1911. Algo errado nisso?

— Nada — concordou Rudge. — Bastante correto, senhor.

Tem que ser. Mas há uma coisa que não posso compreender, a história que a Sra. Holland contou sobre ter visto o Almirante, em seu escritório, com uma porção de papéis sobre a mesa, depois da meia-noite da noite do

crime. De acordo com o que diz o médico, essa foi exatamente a hora que o criminoso deve ter ido procurar a pasta "X".

— E talvez ele estivesse lá — disse o Superintendente, sombriamente.

— Se está referindo a Holland, senhor — disse Rudge, retornando a um velho problema — por que iria ele inventar toda aquela história, quando não havia provas de que ele não se encontrasse dormindo em sua cama no Lorde Marshall?

— Não me estou referindo a Holland — exclamou o Superintendente. — Estou-me referindo ao homem que Holland viu. O homem a quem ele confundiu com o Almirante. O homem que estava personificando o Almirante... pela terceira vez.

— Pela terceira vez?

— Sim. Uma vez no escritório, uma vez no Lorde Marshall uma vez... em Hong Kong.

— Oh! — Rudge registrava uma admiração tão genuína que o Superintendente desculpou as bobagens que o Inspetor dissera a respeito da Sra. Mount. — Dedução muito inteligente, senhor, se me permite dize-lo.

— Pode apostar nisso, esse homem é o criminoso — disse o Superintendente complacientemente e, pelo seu tom, poder-se-ia deduzir que não chegara ainda ao fim.

— Espere um momento — pediu o Inspetor, excitadamente.

— Isso significa que a Sra. Holland está envolvida. Holland deixou escapar que ela também se encontrava no escritório.

— E você não achou, durante todo o tempo, que a Sra. Holland sabia mais do que contou?

— Nunca imaginei que ela de fato estivesse envolvida no assassinato — confessou Rudge.

Com um ar de triunfo, o Superintendente levantou-se e abriu um armário, de onde tirou um embrulho. Do embrulho, tirou um vestido de chiffon branco. Suas mãos enormes pareciam completamente incongruentes com a delicadeza do tecido, ao colocar o vestido nas costas de uma cadeira ante os olhos do Inspetor. Sua razão ao fazer isso era evidente; não havia necessidade de que ele apontasse para a mancha de coloração de ferrugem existente em um dos quadris.

— O vestido branco desaparecido. Obtive um mandado de busca para revistar os aposentos dela no Lorde Marshall e o encontrei no fundo de uma gaveta — disse.

— Eu tinha certeza de que ela sabia de alguma coisa! — exclamou Rudge.

— Por que as pessoas mantêm provas contra si mesmas? — indagou o Major Twyfitt.

— Sorte a nossa que o façam, senhor — comentou Hawkesworth, — Sabe, eu não pensava que ela estivesse metida nisso, desde o começo — aduziu o Superintendente, dirigindo-se a Rudge. — Mas, afinal de contas, ela tem um cúmplice, sem dúvida. E isso nos dá mais uma indicação. Sabe quem é?

— Oh, sim — concordou Rudge. — O irmão, Walter. Desde o início ele não me sai da cabeça.

— Ah, é? — disse o Superintendente, de certo modo desconcertado. — Então por que nunca falou nisso?

— Porque não havia provas — respondeu Rudge, cheio de si.

— De qualquer modo, agora parece suficientemente claro — interveio o Delegado. — Podemos presumir, creio, que se alguém andou personificando o Almirante, seja aqui, seja em Hong Kong, só pode ter sido esse Walter Fitzgerald. Deve haver uma grande semelhança. Também temos provas disso, Rudge. Duas testemunhas, que viram um homem em

Whynmouth no dia do crime, a quem, a distância, confundiram com o Almirante, e só perceberam tratar-se de um homem mais jovem quando chegaram perto.

— Sim, senhor. Isso me dá uma outra idéia. Posso fazer uma chamada para Londres?

— Claro.

Rudge consultou sua caderneta de anotações, e deu à telefonista o número do Hotel Friedlander, pedindo prioridade. Em menos de dois minutos, a ligação foi completada. Rudge explicou quem era.

— A senhora se lembra de ter-me dito que a Sra. Arkwright recebia apenas um visitante regular, um homem alto com a testa bronzeada? Esse homem usava barba? Ah, usava? Obrigado. — E Rudge desligou.

Os outros dois tinham ficado olhando para ele inquisitivamente.

Isso faz ligação com mais uma coisa. — Rudge não se sentia capaz de esconder sua satisfação. — O homem que fugiu com a mulher do Vigário, o homem cujo nome o Vigário nunca soube... era, também, Walter Fitzgerald — Ah! — fizeram os dois, simultaneamente.

— As coisas estão começando a se encaixar.

O Superintendente limpou a garganta.

— Vou dar a vocês minha teoria sobre o que aconteceu naquela noite. Esse homem, esse Walter Fitzgerald, chegou... Sim?

Quem é? Oh, entre. — Uma batida à porta o havia interrompido no meio da frase.

O Agente de Polícia Hempstead entrou, parecendo imensamente satisfeito consigo mesmo. Trazia na mão um pedaço de corda de fibra, amarrado a um outro de menor comprimento.

— Espero que não esteja atrapalhando, senhor — disse, referindo-se ao Major Twyfitt — mas achei que o

senhor gostaria de saber imediatamente. Dei uma busca completa nas margens do rio, hoje pela manhã, de Rundel Croft até o mar e não encontrei coisa nenhuma a não ser isto.

— O pedaço da amarra que estava faltando — exclamou Rudge.

— Onde o encontrou? Desculpe, senhor — aduziu Rudge, maquinalmente, dirigindo-se ao Delegado, que acenou com a cabeça, bem humorado.

— Estava caído junto a uns arbustos, a meio caminho, do lado em que fica o Vicariato.

— Bom trabalho — elogiou o Delegado ao pegar na corda, e até mesmo Hawkesworth grunhiu sua aprovação.

— Você andou perguntando pelas casas? — quis saber Rudge.

— Estive em todas elas, senhor. Ninguém viu ou ouviu nada.

Mas descobri mais uma coisa.

— Descobriu? O quê?

— Bem, o senhor se lembra daquele conjunto de fotografias que me deu, senhor, de impressões digitais existentes nos remos do barco do Almirante? Bem, creio que as identifiquei. Hempstead mostrou um pedaço de papel, que o Superintendente pegou antes que alguém mais pudesse fazê-lo.

Tirou do bolso um outro conjunto de fotografias e as comparou durante um minuto com as do pedaço de papel. Em seguida, levantou os olhos.

— Este é o homem. Quem é ele, Hempstead?

Hempstead reluziu de auto-importância.

Quando Rudge saiu da delegacia de polícia e foi almoçar, já fora de hora, tinha muita coisa em que pensar. O negócio estava-se espalhando demais para seu gosto. Metade dos habitantes de Lingham parecia agora estar implicado no crime, ou, pelo menos, ser cúmplice. O Vigário, Elma Holland e, agora, Neddy Ware. Ainda havia um outro ponto contra Neddy Ware. Os moldes que tinham sido tirados das pegadas nas margens mostravam alguns, que haviam sido identificados positivamente, como sendo do Almirante, outros, de sua sobrinha, e uns poucos de pés grandes com solado grosseiro, cheio de pregos, que não podiam pertencer a ninguém mais senão a um jardineiro; mas podiam também ser de Neddy Ware. Os moldes eram bem tirados e o Superintendente iria pessoalmente, depois do almoço, verificar se pertenciam ou não a Neddy Ware; no entanto, ninguém tinha dúvidas sobre esse ponto.

Neddy Ware havia fingido. O Inspetor pesarosamente tinha que reconhecer para si mesmo que havia sido completamente enganado pelo velho. Neddy Ware lhe dera informações carretas sobre tudo o que dizia respeito ao rio e suas marés, e que poderia ser confirmado por qualquer pessoa familiarizada com eles; mesmo nos pontos que podiam incriminá-lo ele fora preciso; mas, o que dizer de suas especulações, que o Inspetor, inconscientemente, colocara na mesma base que o restante? Agora era difícil separar as especulações dos fatos, mesmo consultando sua caderneta de anotações, mas parecia a Rude haver duas idéias principais que Ware habilidosamente enfiara em sua cabeça e que ali haviam ficado desde então, uma base sobre a qual podia erguer-se qualquer hipótese sobre o crime: que se o Almirante tivesse mesmo se utilizado de seu barco naquela noite ele teria seguido rio abaixo e que seria preciso uma hora para ir remando até Whynmouth. Essas duas idéias, como se apresentavam agora?

Quanto à primeira, parecia realmente não haver qualquer razão que justificasse. Por que deveria o Almirante seguir corrente abaixo? Assim, o bote abandonado poderia ter navegado à deriva até o ponto em que foi encontrado e à hora em que foi encontrado. Mas teria sido encontrado mesmo naquele local? Àquela hora? Toda história inicial contada por Ware devia, agora, ser encarada com a maior reserva.

E quanto ao segundo ponto? De Rundel Croft até Whynmouth, por água, era uma distância de cerca de um quilômetro. O Almirante devia ter iniciado seu deslocamento entre dez e quinze e dez e meia. A essa hora a maré estaria, mesmo de acordo com a informação de Ware, em seu ponto mais baixo. Poderia um homem robusto levar um barco a remos, com uma rápida maré ajudando, mais depressa do que se fosse caminhando? Não havia dúvida; claro que podia. Duas vezes mais rapidamente. Muito bem, então. Neddy Ware quisera despistar a Polícia quanto à hora em que o Almirante poderia ter chegado a Whynmouth naquela noite (presumindo-se, por enquanto, que Ware tivesse falado a verdade quanto ao outro ponto e que o Almirante tivesse ido mesmo rio abaixo). Bem, por que, diabo, tinha ele querido fazer isso?

Nesse ponto o Inspetor afastou de si, mecanicamente, o prato de torta de groselha, anulando um dos melhores esforços de sua senhoria para acabar com o doce.

Havia apenas duas razões possíveis, na opinião de Rudge: uma, que alguém tivesse um alibi para as 11:30, mas não para as 11 horas; a outra, fazer a polícia acreditar que o homem que se apresentou no Lorde Marshall logo depois das 11 horas fosse um impostor — exatamente o que a polícia tinha pensado. Mas, neste caso, o homem seria realmente o Almirante...

As coisas estavam-se tornando cada vez mais difíceis. Rudge guardou esse ponto para voltar a ele mais tarde, e seguiu por uma outra linha.

Havia ainda outra vantagem em adiantar a hora dos acontecimentos por cerca de meia hora. Logo depois da meia-noite, o irmão, Walter Fitzgerald, estivera no escritório do Almirante. Essa meia hora extra lhe dava tempo bastante de chegar lá, contar as novidades para a irmã, e iniciar sua busca à pasta "X", por volta da meia-noite. Sem isso, o horário teria sido demasiado apertado para Walter.

Bem, já havia encontrado suas respostas para muitos dos 39 itens de dúvidas. Rudge folheou sua caderneta até encontrá-los, percorrendo-os com os olhos para ver se essa intervenção de Neddy Ware clareava também outros pontos.

Sim, de fato. O número 26: Por que o corpo foi encontrado de sobretudo? Rudge se lembrava da dificuldade da resposta. Se o Almirante tivesse tirado o barco do abrigo naquela noite, uma noite razoavelmente quente, por que usar um agasalho se ia remar por tanto tempo? Suponhamos, porém, que não tivesse sido o Almirante quem remara. Suponhamos que fosse Neddy Ware, que não somente trouxera o barco de volta, mas também o tinha levado na ida, tendo o Almirante como passageiro. Aí estava uma linha que valia a pena investigar. Se essa fosse a verdade, então Neddy Ware devia saber não somente onde o Almirante tinha ido, mas também quem o tinha assassinado. Mas como seria possível desenterrar a verdade? Quase certamente Neddy Ware não se afastaria do que dissera a respeito.

Bem, havia uma possibilidade apenas. O Vigário estivera sentado no pavilhão. Ele poderia ter visto alguma coisa. Rudge já tivera uma suspeita de que o Vigário vira

algo, enquanto estivera sentado no pavilhão. Bem, o Vigário teria que ser levado a falar...

Atacando finalmente sua torta de groselha, Rudge limpou o prato em meia dúzia de garfadas pantagruélicas, (*) comeu em seguida alguns pedaços de pão e queijo, e correu para a rua, atrás de seu carro.

(*) *Relativo a Pantagruel, personagem caricatural de um romance de Rabelais, o qual se singulariza por ser amante da boa mesa.*

O Sr. Mount estava em casa e acabara de almoçar. Recebeu o Inspetor em seu escritório. Rudge foi direto ao assunto: — Desculpe-me por incomodá-lo novamente, senhor, mas temos informações de que o Almirante usou seu próprio barco, aí pelas dez e quinze. Nessa ocasião o senhor se encontrava sentado no pavilhão, olhando para o rio. O senhor o viu sair?

O Vigário respondeu imediatamente.

— Já que o senhor me está fazendo uma pergunta direta, Inspetor, responderei: sim, vi.

— Obrigado, senhor. Não se importa que lhe pergunte porque não me deu essa informação mais cedo? Ainda que não lhe houvesse perguntado diretamente o senhor deveria saber que seria uma informação valiosa.

— Certamente. Vou dizer-lhe. É porque eu temia que o fato que era do meu conhecimento levasse o senhor a suspeitar de um homem inocente.

— Entendo, senhor. Então o senhor sabe quem matou o Almirante Penistone?

— Não — respondeu o Vigário. — Não sei. Mas estou bastante certo a respeito de quem não o fez.

Bem, deixemos isso para lá. Para que rumo seguiu o Almirante, senhor? Subiu ou desceu o rio?

— Desceu.

— E Neddy Ware estava remando com ele?

O Vigário primeiro ficou surpreendido, depois preocupado.

— Inspetor, se o senhor está suspeitando do velho Ware...

— Não, não estou, senhor. Não quanto ao crime.

— Tenho sua palavra?

— Tem, Sr. Mount.

— Muito bem. Então, admito que Ware estava remando para o Almirante naquela noite, e que fiquei muito surpreendido ao constatar esse fato. Eu não fazia idéia de que sequer eles se conhecessem. Mas essa é a razão pela qual não falei nada sobre o que vi. Nós, párocos, temos que confiar muito em nossa avaliação sobre a natureza das pessoas, como sabe, e sou capaz de apostar tudo o que tenho que o velho Ware é totalmente incapaz de cometer uma coisa daquelas. Eu o conheço desde que veio para Lingham, sabe, e tinha medo de que essa informação levasse o senhor a conclusões inteiramente erradas. Assim, decidi-me a não informar nada voluntariamente, mas usar de toda a influência que me fosse possível para induzir Ware a ir procurá-lo por sua própria iniciativa, a fim de lhe dar um relato completo do que sabia quanto aos acontecimentos daquela noite, quaisquer que fossem eles. Devo dizer que fracassei.

— Ele disse ao senhor que não nos viria procurar?

— Mais do que isso. Ele nega que estivesse no barco; diz que me enganei.

— Nós temos provas definitivas que ele esteve no barco, senhor; suas impressões digitais nos remos.

— Sim, eu estava certo de que não me tinha enganado.

— Bem, nós mesmos iremos procurar Ware.

— Tenho dúvida se arrancarão alguma coisa dele.

— Mas tentaremos, senhor. Enquanto isso, tem certeza de que não há mais nada que gostaria de dizer, senhor, sobre aquela noite... sem necessariamente incriminar alguém?

— Nada — respondeu o Vigário, firmemente.

6

Rudge saiu do Vicariato sentindo alguma satisfação. Não apenas suas suspeitas haviam sido confirmadas quanto a ter Ware remado no barco, mas finalmente estavam aparecendo provas de que fora rio abaixo. Curioso como o velho Ware tinha insistido tanto nesse ponto, também. Com exceção da simples sugestão sobre o tempo que seria necessário para a descida pelo rio, parecia que Ware não estava tentando enganá-los absolutamente... era quase como se estivesse procurando colocá-los no rumo certo. Seria possível que o sentimento de culpa de Neddy Ware pesasse tanto em sua consciência, que ele quisesse de fato fazer com que o assassino do Almirante fosse apanhado, mas, ao mesmo tempo, como um colegial, não quisesse entregá-lo diretamente? Quando se pensava sobre isso, esta seria realmente a única explicação quanto ao seu comportamento. Mas, se assim fosse, era uma pena, de algum modo; Rudge conhecia Neddy Ware o bastante para ter certeza de que, se o velho tivesse decidido que não entregaria o criminoso, não havia meios possíveis de fazê-la mudar de idéia.

De qualquer modo, valia a pena tentar. Apressadamente, obteve permissão do Major Twyfitt para interrogá-lo, sabendo ao mesmo tempo que a hipótese

quanto às pegadas fora correta. Rudge seguiu com seu carro na direção da casa de Ware.

O velho estava no jardim, tomando sol, e pareceu muito satisfeito em ver quem chegava.

— Muito bem, Sr. Rudge, ainda intrigado com as marés?

Rudge sentou-se no mesmo banco.

Não, Ware. Desta vez não são as marés. É algo mais sério. Quero que me diga o que fazia na companhia do Almirante, terça-feira à noite, ocasião em que ele foi assassinado.

O velho Ware fez uma cara de completa surpresa.

— Eu? Eu não estive em sua companhia. Quem pôs essa idéia na sua cabeça, Sr. Rudge? Eu não o conhecia nem mesmo de vista.

Eu não lhe disse, no dia seguinte, que não o reconheceria?

Sim, é verdade, mas lamento que não possa acreditar no que disse. Especialmente sabendo que o senhor estava em Hong Kong na ocasião do escândalo havido com ele, de modo que deve saber de tudo a respeito, ainda que nunca tenha dito nada. Escute aqui, Ware, não o estou ameaçando, acredite; não faria nada desse tipo; mas, ao mesmo tempo, estou pronto a lhe dizer que temos provas de que foi ao encontro do Almirante Penistone em Rundel Croft, na noite da última terça-feira e saiu com ele, remando em seu barco rio abaixo, por volta de dez e quinze. E, o que é mais, vou dizer-lhe que provas temos: foi visto quando saíram de barco, suas impressões digitais foram levantadas nos remos, e suas pegadas estão na margem do rio. Como vê, não há como fugir disso.

Bem, não é preciso que eu lhe diga que isso o põe em uma posição incômoda. Acredite, não pense que suspeito de

que tenha alguma coisa a ver com o crime, mas outros poderiam pensar que sim.

— Fico muito satisfeito em saber que o senhor pensa que não tenho nada a ver com o crime, Sr. Rudge — disse Ware, secamente.

— Mas outros poderão não pensar da mesma maneira — repetiu Rudge — : e sem dúvida assim será, se não nos disser tudo o que sabe a respeito daquela noite. Vamos, Ware.

Neddy Ware puxou uma ou duas cachimbadas antes de responder.

— O senhor está muito certo de que foi um crime, não, Sr. Rudge?

— Bem, o senhor não está imaginando que tenha sido suicídio, está? E não posso entender como aquela faca possa ter entrado em seu coração daquela forma por acidente. Acidente, suicídio, assassinato, tem que ter sido uma dessas três coisas.

— Oh, não, não tem — retorquiu Ware. — Não necessariamente.

— O que está querendo dizer? Está insinuando que a morte do Almirante não se deve a suicídio, nem a acidente, nem a assassinato?

— Eu? Não estou dizendo nada. É sua obrigação descobrir como o Almirante morreu. O que estou dizendo é que nem todas as mortes se devem a essas três causas. O que me diz de um homem enforcado? O que é isso, Sr. Rudge... acidente, suicídio, ou crime?

— Bem, não se preocupe com essas coisas — disse Rudge, impacientemente. — O que quero saber é o que o senhor fez na noite de terça-feira e onde levou o Almirante? E não é necessário que eu repita ser de seu próprio interesse que me diga a verdade.

Novamente, Ware fez uma pausa antes de responder, tão demorada que o Inspetor começou a pensar que ele jamais iria responder; mas fora em momentos cruciais como esse que Rudge aprendera que uma silenciosa paciência era a melhor atitude. Finalmente, o velho tirou o cachimbo da boca.

— E agora essa mulher. O que há com respeito a ela? Estão dizendo que ela é a mulher do Sr. Mount e outros dizem que é a empregada francesa que a sobrinha do Almirante tinha.

— Ela é ambas as coisas — disse Rudge, laconicamente, aborrecido com este desvio, mas procurando ao máximo não afobar o homem. Rudge era, ele mesmo, uma espécie de pescador.

— Ah, é? Isso é estranho. Estão dizendo agora que ela se matou. — Ware se voltou subitamente, e encarou o Inspetor. — É verdade, Sr. Rudge? Ela se suicidou? O que foi dessa vez, ahn?

Acidente, suicídio ou assassinato?

— O Superintendente e o Major Twyfitt dão-se como satisfeitos que tenha sido suicídio — respondeu Rudge, sem acrescentar que ele não.

— Ah! — fez Ware, e voltou para seu cachimbo.

Uma vez mais, o Inspetor lembrou a si mesmo que paciência é uma virtude. Em seguida, Neddy Ware fez uma coisa que surpreendeu seu ouvinte. Voluntariamente, retornou ao assunto do que havia feito naquela noite.

Então quer saber a meu respeito, hem, Sr. Rudge? Bem, já que o senhor sabe de tanta coisa, talvez seja mesmo melhor que eu conte. Eu teria falado antes, mas me pareceu melhor não dizer nada, pois o senhor podia pôr em sua cabeça idéias estranhas a meu respeito. Foi por isso que na manhã seguinte eu disse que nem conhecia o Almirante. Bem, fui ao encontro do Almirante, como o

senhor disse. Ele me ofereceu cinco xelins naquela noite, ao me ver pescar perto da casa dele, para que remasse para ele em seu barco, indo até Whynmouth, depois do jantar, já que ele não queria fazer força nos remos após ter comido bem.

— E onde o levou? — quis saber Rudge, ansiosamente.

— Ora, onde ele queria ir... Whynmouth. Deixei-o no cais e ele me perguntou qual o caminho mais rápido para chegar ao Lorde Marshall. Foi essa a última vez em que o vi.

— Não ficou esperando por ele?

Não. Ele disse que voltaria tarde e que viria de carro, provavelmente.

— O senhor deixou o barco e veio a pé?

Não. Trouxe o barco de volta para ele e o amarrei no abrigo, à moda da Marinha.

— Com a popa em primeiro lugar?

— Não sei dizer. Provavelmente com a proa. Fica mais fácil.

Por que, Sr. Rudge?

— Oh, por nada. Alguma coisa mais?

— Eu o esfreguei bastante para limpá-lo, antes de vir embora.

A que horas chegaram a Whynmouth?

Não poderia responder com certeza. Por volta das onze horas, creio.

— E o senhor para trazer o barco de volta teve que remar cerca de cinco quilômetros contra a corrente. Quanto tempo gastou?

— Não muito menos do que duas horas. Devia ser... sim, quase uma hora (hora que vocês usam) quando encostei o barco.

— E em seguida o senhor veio diretamente para sua casa?

— Sim, Sr. Rudge, e isso é tudo o que sei. Assim, fico satisfeito que o senhor não esteja suspeitando de mim, como assassino do Almirante, como outros podem pensar.

Rudge ainda insistiu um pouco mais, porém não conseguiu saber de mais nada. Assim, quando voltou para seu carro, não estava completamente satisfeito com o que ficara sabendo. Até onde podia confiar em Neddy Ware? Se aceitasse sua história, o homem que esteve no Lorde Marshall seria de fato o Almirante, e talvez fosse esse o caso. O restante da história, porém, não parecia ser muito verdadeiro. Seria provável, por exemplo, que o Almirante sobrecarregasse Ware com aquele remar contra a corrente durante duas horas só para ir a Whynmouth rio abaixo em 40 minutos com o barco? Era possível, é claro, mas o Inspetor tinha um forte pressentimento de que era aí que a história de Ware se afastava dos trilhos da verdade. Rudge estava certo de que o velho não dissera tudo o que sabia. Por que, por exemplo, depois de ter ido para a cama tão tarde, estava novamente de pé e saindo para pescar tão cedo naquela manhã? Parecia, quase, como se ele soubesse o que ia pescar.

Mas, pelo menos por enquanto, nada havia que pudesse ser feito a respeito; pelo menos, Rudge achava que podia tomar como certo o fato de o Almirante ter ido a Whynmouth naquela noite.

Mas, para ver quem? quem... senão o seu assassino? Walter Fitzgerald teria estado em Whynmouth. Por certo, ele lá estivera, e isso poderia ser investigado. No momento, todas as indicações pareciam apontar para Whynmouth; de acordo com esses sinais, embora Whynmouth que o Inspetor estava-se dirigindo nesse momento, em seu pequeno carro de dois lugares.

Apesar disso, sua viagem naquela direção foi ocupada por pensamentos que nada tinham a ver com sua intenção. Quanto mais pensava sobre o assunto, mais insatisfeito ficava quanto à morte da Sra. Mount dever-se a suicídio, como o Superintendente e o Major Twyfitt estavam tão certamente convencidos. O comer, pouco antes, algumas ameixas, era apenas um entre uma dúzia de indícios, bastante leves em si mesmos, mas bem fortes quando reunidos, de que ela nunca havia pensado em suicídio. Era bastante óbvio que a Sra. Mount, de algum modo, estava envolvida na morte do Almirante. De qualquer forma, ela devia saber de muita coisa sobre isso, muita coisa mesmo, imaginou Rudge, a respeito de quem o perpetrara. Para o assassino, o suicídio da Sra. Mount era realmente uma sorte muito grande, para ser verdade. E, especialmente, logo antes daquela reunião que ela mesma convocara e na qual, sem qualquer sombra de dúvida, pretendia, de alguma forma, tirar de cima de seus ombros o peso do que sabia. Seria possível que após convocar o próprio marido, os Hollands e Sir Wilfrid Denny, a Sra. Mount nada mais tivesse a apresentar-lhes senão seu próprio cadáver? Isto seria, na verdade, uma tirada de humor negro; a Sra. Mount, no entanto, não era uma dama com esse tipo de humor.

Não, era mesmo uma sorte para Walter Fitzgerald que ela tivesse morrido naquela hora.

Mas, como Walter o conseguira? Neste ponto, o Inspetor tinha de admitir que estava completamente perdido. Tão logo sua ligação telefônica lhe trouxera ajuda, ele e o Superintendente tinham revistado a casa toda, do sótão ao porão, sem encontrar coisa alguma. Além disso, Rudge tinha certeza de que ninguém escapara, enquanto ele se encontrava ainda nas proximidades do escritório. Mantivera constantemente sob sua vista a porta da frente e

os arredores da cozinha, para não falar da alameda. Se fora Walter Fitzgerald quem matara Célie, ele o tinha feito de uma forma muito inteligente.

Durante todo o trajeto até Whynmouth, o Inspetor bateu com sua cabeça de encontro a esse muro de pedra.

Rudge também não teve melhor sorte com sua outra tentativa. Ainda que passasse toda a tarde indo pessoalmente a todos os hotéis, hospedarias, pensões e apartamentos de aluguel em Whynmouth, não encontrou qualquer pista de sua barbuda caça. Parecia que o homem não estivera absolutamente em Whynmouth.

Bem, isso não era realmente importante. O Almirante deve ter feito arranjos para encontrá-lo ali, mais isso não significaria, necessariamente, que ele se hospedasse em Whynmouth. Era bastante compreensível por que o encontro não fora marcado para Rundel Croft; sem dúvida, o Almirante não teria conseguido que ele fosse até lá.

Rudge começou a lamentar a falta de informações sobre o sobrinho do Almirante. Parecia impossível chegar-se até ele, por qualquer ângulo. Pior ainda seria apelar para a única pessoa capaz de prestar, realmente, alguma informação de importância, a Sra. Holland. Além disso, em sua situação atual de testemunha do fato, a própria Sra. Holland se encontrava muito perto da orla da suspeição. Sir Wilfrid Denny era a única esperança possível.

Rudge deixou seu carro em Whynmouth, e cruzou de barcaça para o outro lado do rio, até West End.

Encontrou Sir Wilfrid no jardim, lavando suas rosas com suco de tabaco, para livrá-las das moscas verdes. Ele mesmo um amante de rosas, Rudge se interessou em observar como o canteiro dessas flores era uma pequena parte do terreno que não ostentava o mesmo ar de abandono. Sir Wilfrid o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Boa tarde, Inspetor. Estava mesmo esperando por sua visita no dia de hoje. Olhe aqui... já viu coisa mais linda? — Pegou entre as mãos uma rosa Emma Wright entreaberta e a voltou na direção do Inspetor.

Linda, senhor — concordou Rudge, de todo o coração.

— Mas ela perde a cor assim que se abre completamente — lamentou Sir Wilfrid. — Isso é o que há de pior com essas rosas modernas. Não conservam a cor. Fico com as rosas à antiga. Aquela rosada que ali está. Não há nenhuma rosa moderna que chegue perto dela, quanto à tonalidade.

— Minha favorita sempre foi a Madame Abel — concordou Rudge.

Sir Wilfrid ficou radiante de alegria.

— Então o senhor é também um entusiasta de rosas, Inspetor?

Isso é formidável. Venha dar uma volta comigo. Esta é minha última importação. A Sra. G. van Rossem. Conhece-a? Não posso dizer que eu esteja muito satisfeito. A costureira mistura de tons que hoje em dia parece ser o que tanto gostam. Minha preferência é nas rosas com cores próprias. Mabel Morse, esta aqui...

Hem? O senhor não concorda?

— Sim, senhor, concordo. Inteiramente. Creio que o senhor tem toda razão. Mas, para lhe dizer a verdade, vim até aqui para conversar sobre um assunto completamente diferente.

— Ah, sim — anuiu Sir Wilfrid, ajoelhando-se. — Pobre Almirante Penistone. Eu me lembro; o senhor disse que queria fazer-me algumas perguntas. Sim?

É sobre o sobrinho do Almirante, Walter Fitzgerald. O senhor pode dizer-me alguma coisa sobre ele?

— O Valter Fitzgerald? — Sir Wilfrid apareceu intrigado. — Não, creio que não. Claro, Inspetor, nunca

conheci muito bem o Almirante. Nós travamos relações há muitos anos, mas não posso dizer que tenhamos ido muito além disso. Acredito — acrescentou Sir Wilfrid, com um leve sorriso — que pouca gente o tenha feito, com relação ao Almirante Penistone.

— O senhor estava em Hong Kong quando ele serviu lá, não é?

Sir Wilfrid concordou, gravemente.

Sim, estava. E quando ocorreu um certo incidente. Mas, sem dúvida, o senhor já sabe de tudo isso...

— Sim, já ouvi falar nisso. O Almirante alguma vez se referiu ao senhor sobre esse fato?

Sim. Com freqüência — respondeu Sir Wilfrid, secamente.

— Bem, compreendo. Devia ser alguma coisa como uma abelha dentro do boné dele. O senhor concorda com a idéia de que há muito mais coisas por trás desse incidente que nunca vieram à tona, como era a opinião do Almirante?

— Gostaria que assim fosse — repicou Sir Wilfrid, parecendo um pouco preocupado. — Mas os fatos foram muito claros. E sei, por acaso, que as autoridades fizeram um levantamento completo.

Sempre fui de opinião que essa idéia do Almirante Penistone era uma espécie de orgulho obstinado. Foi seu único lapso, compreende, em toda uma vida de honradez. Ele, simplesmente, se recusava a admitir esse fato.

— Então o senhor imagina que não haja qualquer possibilidade de o Almirante ter sido personificado naquela ocasião?

— Nenhuma. Para qualquer pessoa, mesmo com poucos conhecimentos quanto às condições do serviço militar, como eu, essa hipótese é simplesmente fantasiosa. Ora, lá estavam homens sob seu comando. Como poderiam eles ter-se enganado? Não, lamento ter que dizer-lo,

Inspetor, mas o Comandante Penistone não tinha mais ninguém a agradecer pelo fato, senão a ele próprio. Esta era a opinião de todos que se encontravam lá naquela época. Mas, de qualquer modo, essa é uma história antiga. Não pode ter relacionamento algum com sua morte.

Não, claro que não — concordou o Inspetor, cautelosamente. — Então o senhor não me pode dizer nada sobre o sobrinho, que é o motivo verdadeiro pelo qual vim até aqui? O senhor sabia que ele se encontrava também em Hong Kong naquela ocasião?

— Por Deus. Agora me lembro. Sim, ele foi jantar conosco certa feita. Um homem alto e bonito. Estou lembrado. Conversa agradável também. Ouvi dizer que deu com os burros n'água, mais tarde. Uma pena.

— Ele usava barba, senhor?

— Barba? — repetiu Sir Wilfrid, intrigado. — Creio que não, mas na verdade não me lembro. Por quê?

— Oh, apenas um ponto sem importância. Então o senhor não voltou mais a vê-lo?

— Não. Creio que somente estive conosco uma vez. Mas não seria capaz de jurar. Naquela época costumávamos dar muitas festas — disse Sir. Wilfrid, bastante pesaroso. — Ele pode ter aparecido lá novamente, mas não me lembro.

— Entendo, senhor. Obrigado. Agora, um outro ponto. O senhor por acaso esteve aqui no jardim na noite da última terça-feira?

— Na noite da morte do Almirante? Sim, quase que certamente; ainda que, mais uma vez, não possa jurar. Mas, a não ser que esteja chovendo, sempre dou uma volta para ver as rosas depois do jantar. Tanto quanto me lembro, não estava chovendo naquela noite; assim, creio que estive no jardim. Por que o senhor está perguntando?

— Porque fomos informados de que o Almirante saltou de seu barco no cais de Whynmouth por volta das

onze horas daquela noite e, como o senhor sabe, ele fica quase que do lado oposto a este jardim. Eu estava querendo saber se por alguma feliz circunstância o senhor não o teria visto e poderia confirmar esse fato.

— Não — respondeu Sir Wilfrid, decisivamente. — Não, eu não estaria aqui a uma hora dessas assim tão tarde. Além disso, tenho certeza de que alguns amigos estiveram aqui nessa noite... É engraçado, como é difícil ter-se certeza daquilo que se fez somente uma semana depois, não é?... Mas que história toda é essa com relação ao Almirante ter sido visto em Whynmouth naquela noite?

Pelo que eu soube, ele foi morto em algum ponto rio acima.

— Por que pensa que tenha sido assim, senhor?

— Bem, não sei. O bote não estava à deriva, corrente abaixo, às quatro da madrugada? Fiquei certo de que isso significava que tivesse sido mais acima.

Com ar levemente superior, o Inspetor explicou as esquisitices do Rio Whyn com relação às marés, fazendo suas observações enquanto acompanhava os passos de Sir Wilfrid ao longo do jardim até a margem do rio e ilustrando ao vivo suas considerações. Sir Wilfrid, um homenzinho bastante suave, assumira o ar de quem se compromete a ver mais da próxima vez.

Tendo acabado sua aula, o Inspetor se retirou, refletindo que, infelizmente, ele não ficara sabendo de nada de novo com aquela visita. A opinião particular de Sir Wilfrid com relação ao trabalho do Superintendente, classificando-o como excelente, dificilmente poderia ser considerada como informação.

Tendo caminhado à vista plena do anfitrião até a entrada principal, o Inspetor Rudge rodeou a casa e foi até sua parte de trás, onde ficou sabendo que, tanto quanto se lembrassem, Sir Wilfrid não havia saído de casa naquela

terça-feira durante toda a noite, mas dois amigos tinham vindo visitá-lo, informações que Rudge somente conseguiu após um arguto e velado interrogatório.

— Pelo menos a garrafa de água tinha baixado bastante de nível e, na manhã seguinte, havia três copos para serem lavados, sem falar nos tocos de cigarros dentro dos cinzeiros, em número maior do que um homem poderia fumar sozinho. Devia ter alguém mais com ele, não é?

Rudge concordou.

Como foi dito anteriormente, o Inspetor Rudge nada deixava ao acaso.

Rudge passou pela delegacia de Whynmouth antes de voltar para seus aposentos e verificou que o Sargento Appleton havia telefonado dando conta do que fizera em Londres. Não tivera dificuldades em colher informações sobre Holland. Este, ao que parecia, era muito conhecido no seu ramo de atividades. Muitos homens importantes tinham-se referido a ele em termos os mais elevados, para não dizer os mais elogiosos. Holland era bastante conhecido não somente em todo o Leste, mas também em Londres, como o tipo mais característico de homem de negócios inglês: enérgico, determinado, honestíssimo e digno de toda a confiança, o protótipo de homem cuja palavra não precisa de um aval escrito, o que prometia, ele cumpria, e o que cumpria o fazia melhor do que qualquer outra pessoa. Appleton ficara impressionado e o confessara abertamente.

Quanto ao casamento, também não havia qualquer sombra de dúvida. Havia sido realizado o casamento civil, registrado em um cartório do West End; Appleton tinha examinado o registro e conversado com o escrivão, que descrevera marido e mulher detalhadamente; ele os observara bem, informara o escrivão, porque ambos se afastavam do tipo comum.

“Hum!”, fez Rudge para si mesmo. “E ainda de acordo com o Superintendente ele tem um cúmplice. Pelo menos sua mulher é, o que quase significa a mesma coisa. Há alguma coisa engraçada em algum lugar.”

Rudge foi para casa jantar.

Como de costume, ficou meditando durante sua solitária refeição. Como um todo, não se sentia insatisfeito com seu dia de trabalho. Não era verdade que não tivesse ficado sabendo de nada durante a visita que fizera a Sir Wilfrid Denny. Passando e repassando a conversa havida, Rudge percebeu que havia ficado sabendo de uma coisa de real valor, que podia conduzir a resultados bastante notáveis, tão notáveis, na verdade, que quando Rudge se pôs a avaliar as possibilidades ficou com medo de que sua própria imaginação, atormentada pelos eventos da última semana, lhe estivesse inapelavelmente fugindo. Mesmo assim...

Mas era inútil fazer especulações. Deveria arquivar essa linha de raciocínio também que houvesse indícios para apoiá-la. Por enquanto, tinha que concentrar seus pensamentos na morte da Sra. Mount.

Havia um ponto que se voltava fortemente contra um crime, ponto que o Superintendente Hawkesworth, é claro, já explorara ao máximo. De acordo com o médico, se a Sra. Mount tivesse sido apunhalada por alguma outra pessoa, seu assassino não poderia ter evitado de ser atingido, e muito liberalmente, pelo sangue; o vestido da morta era de tecido finíssimo e somente teria representado uma fraca barreira contra a torrente de sangue que teria jorrado de um tal ferimento, o que o tapete plenamente demonstrava. Mesmo assim, não fora visto ninguém com manchas de sangue; Assim, argumentava o Superintendente, desdenhosamente lógico, uma tal pessoa não existe.

Rudge, ainda obstinadamente fixado em sua idéia de assassina-to, achava agora que havia uma forma de contornar essa dificuldade; e era também uma forma que poderia conduzir a várias outras quanto às peculiaridades da morte. Também muito simples: a Sra. Mount teria sido apunhalada por detrás e não péla frente absolutamente. E, aí, tudo indicava que o assassino fosse um homem. Disto, porém, o Inspetor já estava convencido. Se estivesse certo e realmente a Sra. Mount tivesse sido assassinada, o homem que a matou era o mesmo que havia assassinado o Almirante Pensionei. Sobre tudo isso Rudge não tinha dúvidas. E ele a havia assassinado para fechar a boca, que a mulher estava prestes a abrir contra ele.

Quanto à arma, essa fonte usualmente útil para certas perguntas, nada se pode saber. O Sr. Mount identificara como sua a faca que havia sido retirada do peito de sua mulher, um abridor de papel de aço, com a ponta fina, que habitualmente ficava em cima da mesa de seu escritório. Uma dedução que se poderia tirar desse fato é que o crime não havia sido premeditado; circunstâncias surgiram no curso da reunião que deve ter sido realizada e tornaram o crime imperativo. Este, porém, não era um argumento em que se pudesse confiar.

Quanto à principal objeção do Superintendente contra a hipótese de crime, isto é, que era impossível que fosse um assassinato, pois nenhum criminoso poderia ter-se escapado e que nenhum criminoso fora encontrado, Rudge não estava disposto a se preocupar muito. Ele já montara uma teoria sobre isso. Rudge não acreditava que o assassino tivesse escapado, absolutamente.

Quando terminou de comer sua refeição, Rudge levantou-se da mesa e se pôs a caminhar para lá e para cá pela sala. Senta-se inquieto. Alguma coisa tinha que ser feita, e não sabia muito bem o quê. Finalmente, entrou em

seu carro e se dirigiu para Rundel Croft. Ele gostaria de dar uma cachimbada no abrigo de barcos, olhando para o rio, para ver se isso ajudava as coisas.

Deu certo, mas o cachimbo nem chegou a ser aceso. Quase que automaticamente, logo que chegou ao abrigo, o Inspetor lançou uma vista de olhos sobre o barco do Almirante e algo prontamente atraiu sua atenção. Presa entre duas pranchas da proa havia alguma coisa de uma vívida cor vermelha. Rudge se inclinou sobre ela.

Era uma flor, uma valeriana, caída e triste, mas ainda não murcha.

— Ahn ahn — fez Rudge.

Era uma descoberta extremamente interessante. Lembrava-se de onde vira uma valeriana pela última vez: naquela tarde, no jardim de Sir Wilfrid Denny. Havia um punhado delas crescendo perto da água, numa das extremidades do cais de acostamento. E, tanto quanto Rudge soubesse, não havia em mais lugar nenhum do rio.

Porém, o que realmente era interessante é que a flor não se encontrava onde agora estava, quando o barco foi examinado na manhã seguinte à do crime (Appleton, de qualquer modo, não deixaria denotá-la), como na verdade mostravam suas condições de relativo frescor. Havia somente duas conclusões que poderiam ser tiradas: uma, que o marco tivesse sido utilizado nesta tarde e a flor tivesse ido parar ali por acidente; e a outra, que tivesse sido colocada onde estava, deliberadamente.

Rudge pensou um pouco sobre isso e, em seguida, tirou a flor.

O caule saiu inteiro do buraquinho onde ficara alojado; não havia qualquer chance possível de que tivesse ido parar onde estava por acidente, quando o barco cruzou pelas valerianas. A seguinte conclusão era lógica: alguém estava tentando lançar suspeitas sobre Sir Wilfrid Denny.

O Inspetor se tornou muito ativo. Sabia perfeitamente quem colocara a valeriana no barco. Foi até a casa. O Agente de Polícia Hempstead lá se encontrava, gozando de momentos agradáveis como de costume. Rudge fez uma pergunta ao grupo reunido na cozinha, e foi Hempstead quem a soube responder.

— Aquele repórter da Evening Gazette esteve aqui hoje?

— Sim, senhor. Eu o vi lá da outra margem, hoje pela manhã. Estava perto do abrigo de barcos.

Rudge tornou a entrar em seu carro e se dirigiu o mais rapidamente que pôde ao magistrado mais próximo, a fim de obter um mandado de busca. Em seguida, encaminhou-se para o Lord Marshall.

— O repórter da Evening Gazette está? — perguntou ao porteiro.

— O Sr. Graham? Não, Sr. Rudge. Ele saiu depois do jantar.

— Qual é o número do quarto dele?

— Dezessete.

— Obrigado. Não, não me acompanhe e não fale sobre isto a pessoa alguma.

O porteiro acenou com a cabeça, sentindo-se importante.

Rudge esteve ocupado por cerca de meia hora, sem ser perturbado. Quando saiu, no entanto, nada mais tinha no bolso senão um pedaço de papel no qual datilografara, laboriosamente, algumas frases, usando a máquina portátil que se encontrava sobre uma mesa perto da janela.

Saiu discretamente para a rua e olhou em volta. Do outro lado estava um homem recostado. Rudge fez um sinal para ele, que foi ao seu encontro logo depois de uma esquina.

— Ambos estão lá dentro — disse o homem em voz baixa, quando se aproximou do Inspetor. — Jantaram aí mesmo e não saíram depois do jantar. — Desde a descoberta do vestido manchado de sangue, o Sr. e a Sra. Holland tinham sido colocados pelo Superintendente Hawkesworth sob cerrada observação.

Rudge meneou a cabeça.

— Não se preocupe com eles. Quero que você observe uma outra pessoa. Aquele sujeito que é repórter da Evening Gazette.

Você o conhece?

— Aquele dos cabelos curtos e dos óculos?

— Sim. Seu nome é Graham, segundo diz.

— Então esse não é o seu nome verdadeiro, Sr. Rudge?

— Não. Seu nome verdadeiro — disse Rudge — é Walter Fitzgerald.

— Você devia ter telefonado para mim ontem à noite, Rudge — disse o Major Twyfitt, severamente. — Ou, pelo menos, deveria ter entrado em contato com o Superintendente. O sujeito pode ter dado o fora.

Tenho um homem guardando a parte de trás do hotel, bem como sua frente, por toda a noite, senhor — justificou-se Rudge.

O Superintendente não disse nada, mas não parecia muito satisfeito.

— Há quanto tempo você sabia que esse tal de Graham era Walter Fitzgerald?

— Não havia uma identificação definitiva até ficar estabelecido que aquelas frases datilografadas que escrevi no seu quarto foram batidas na mesma máquina utilizada para redigir o consentimento do Almirante ao casamento da Sra. Holland. Claro que eu já suspeitara disso antes — falou Rudge, com um olhar de esguelha para o Superintendente

— tão logo fiquei sabendo a respeito dos remanescentes de uma barba encontrados no ralo da banheira em Rundel Croft, pois eu me lembrava de que o rosto desse repórter era bem mais claro em volta do queixo do que na testa. A princípio pensei que ele estivesse usando algum tipo de barbeador de pele.

E você disse que telefonou ontem à noite para a Evening Gazette — Sim, senhor, ele é mesmo do jornal. E usava barba da última vez em que o viram. O editor me disse que, na verdade, ele não é o seu, repórter policial, que está doente, e, assim, quando Walter Fitzgerald telefonou para a redação na manhã seguinte ao crime, para avisá-los de que estava no local e pedir para fazer a cobertura, a resposta foi afirmativa, ainda que eu tenha ficado sabendo que ele não estava na folha de pagamento. Uma espécie de freelance, mas gostavam do que produzia. Graham era o nome sob o qual se assinava; — Sim. Isto deu-lhe uma desculpa para permanecer no local e se manter em contato com os acontecimentos. Muito conveniente, do ponto de vista dele. O homem não sabe que você suspeita dele?

Tem certeza?

— Não tenho razão para achar que ele saiba, senhor.

— Bem, esperemos que não — disse o Superintendente com energia — pois, se ele vier a saber e cair fora, você será o responsável, Rudge.

Não pensei que houvesse indícios suficientes para efetuar uma prisão — desculpou-se Rudge. — Não naquela ocasião.

— E agora, temos?

— Bem, isso quem pode dizer é o senhor e o Major — respondeu Rudge, cheio de si. — Mas não perdi tempo, senhor, posso assegurar. — Declaração inteiramente

verdadeira, pois Rudge não fora para a cama durante toda a noite.

Então nos diga o que fez, homem — falou o Superintendente, impacientemente.

Rudge limpou a garganta.

— Talvez seja melhor que eu comece desde o princípio do caso, como eu o encarava até a noite passada. Não me estou referindo aos fatos. Isso todos nós conhecemos. Estou-me referindo às idéias que os fatos me deram.

O silêncio dos dois o encorajou a prosseguir.

— Bem, em primeiro lugar, é claro, estava a pergunta de porque o corpo do Almirante estaria em um bote? Seria muito fácil, se, fosse usado um barco que estivesse à mão, levar o cadáver até o mar e afundá-lo com algumas pedras. A única razão que imaginei possível era a de criar uma impressão falsa; e a única impressão falsa que eu podia ver era que o corpo tivesse flutuado corrente abaixo, ao invés de flutuar corrente acima... em outras palavras, que o crime tivesse sido cometido em algum ponto acima de Lingham. Isso levava à hipótese de que o crime realmente tivesse sido cometido em Whynmouth, ou, pelo menos, em algum ponto entre Whynmouth e Lingham. De qualquer modo, foi a área onde me concentrei.

— Mesmo assim — observou o Major Twyfitt — essa parece ser uma razão muito fraca para que não afundassem o corpo e escondessem também o crime.

Isso me ocorreu, senhor — replicou Rudge, ligeiramente complacente. — Eu tinha certeza de que havia uma outra razão e, agora, creio saber qual é. O velho Ware me conduziu a ela. Se há uma coisa de que tenho certeza é que o velho sabe mais do que diz. E estou certo de que ele sabe quem matou o Almirante. De qualquer modo, ele me

deu uma pista. Perguntou como eu sabia que fora um crime?

— O quê? — quis saber o Superintendente.

Não foi crime? — surpreendeu-se o Major.

— Eu não disse isso, senhor — apressou-se a responder Rudge.

— O que estou querendo dizer é que Ware não acredita que tenha sido crime. Se foi ou não, ainda não podemos saber, mas juro que é isso o que Ware pensa.

— Que provas você tem? — indagou o Superintendente.

— Nenhuma, senhor. Somente uma impressão. Mas conheço Neddy Ware muito bem. E ainda que não passe de um pescador de trutas e coisas assim, aposto tudo o que tenho que ele está convencido de que não foi crime. E minha conclusão é que, o que quer que os outros quisessem fazer, ele se opôs a que o corpo fosse afundado ou a ele dado sumiço de alguma forma. Creio que o bote foi uma idéia sua.

— Você está sempre acreditando nisso e naquilo — rosnou o Superintendente. — Nós queremos uma prova.

— Não há prova nenhuma — redargüiu Rudge, imperturbável.

— E de qualquer modo estou apresentando apenas uma idéia. Mas insisto, senhor, que haja alguma coisa nela; e se houver mesmo, bem... isso altera o caso profundamente.

— É uma possibilidade — admitiu o Major Twyfitt.

O Superintendente, vendo seu crime fugir-lhe das mãos, parecia abatido.

— De qualquer modo, continuaremos a agir como se não houvesse dúvidas de que se trata de um crime — observou o Delegado.

— Claro, senhor. Então continuarei com minha reconstituição.

Bem, tínhamos o Almirante sendo conduzido no bote, com NeddyWare remando, até Whynmouth, e esse tal repórter, o sobrinho, remando no bote. do Vicariato, atrás dele, cerca de uma hora mais tarde, tendo a Sra. Mount como passageira.

— Opa — interrompeu o surpreso Delegado, que não se lembrava de ter ouvido nada dessa espécie. — O que é que há?

— Creio que isso é óbvio, senhor — disse Rudge, com um olhar maroto na direção do Superintendente. — O que estou querendo dizer é que temos indícios que levam a isso. Sabemos que a Sra. Mount chegou ao Vicariato por volta das onze horas; sabemos que o Vigário não esteve com ela até depois da meia-noite; sabemos que o bote do Vicariato foi tirado naquela noite; temos certeza de que Fitzgerald esteja metido em tudo isso; sabemos que Fitzgerald, era amante da Sra. Mount. Qual é o resultado? Ora, que Fitzgerald, sabendo que ela ia ver o Vigário naquela noite para conversar sobre o divórcio, interceptou-a no jardim, levou-a até o pavilhão para conversarem um pouco, e decidiu que o melhor seria ir até Whynmouth atrás do Almirante (é mais do que possível que houvesse um encontro acertado entre os dois homens), pega o chapéu do Vigário para usar na hipótese de que alguém os veja sair no bote (nada como um chapéu para estabelecer identidade), pega a faca norueguesa que os rapazes esqueceram por ali, a fim de cortar o cabo com... não! — disse Rudge, pensativamente. — Ela voltou correndo para apanhar a faca, quando verificaram que não podiam desfazer o nó.

— Como diabo você sabe disso?

— Saber eu não sei, senhor. Mas se foi isso o que ela fez, muita coisa estaria explicada. Sempre me intrigou por

que estaria o Vigário regando seu jardim com tanto empenho na manhã seguinte, sob um sol abrasador. Suponhamos, porém, que ela tenha deixado pegadas nos canteiros quando foi apanhar a faca. Um forte jato de água destruiria essas pegadas, de forma muito menos óbvia do que um ancinho ou uma outra ferramenta qualquer, estando o jardim sob observação permanente de nossos homens postados no abrigo de barcos da casa do Almirante. Ele chegou até a dar uma esguichada no interior do pavilhão. Suponhamos que ela tenha deixado pó-de-arroz espalhado por ali, como acontece com as mulheres?

É uma possibilidade — concordou o Delegado, com interesse. — Mais do que uma possibilidade.

O Superintendente não disse nada.

— Bem, de qualquer modo, como eu disse, temos Fitzgerald saindo atrás do Almirante. Seriam precisos uns trinta ou quarenta minutos para que ele chegasse a Whynmouth. Temos então um intervalo de quinze ou vinte minutos, durante o qual o Almirante é morto e são feitos arranjos entre as duas embarcações. O corpo é colocado no bote do Vigário, os dois cabos são amarrados um no outro, e alguém os conduz a remos corrente acima. Quem? Não Fitzgerald. Ele não teria tempo. Nós vamos encontrá-la em Rundel Croft pouco depois da meia-noite. Não a Sra. Mount; ela estava no Vicariato mais ou menos à mesma hora.

Ware — admitiu o Delegado. — Sim, isso parece claro.

O Superintendente não disse nada.

— Neddy Ware, sim, senhor — disse Rudge, já agora muito à vontade. — E torna a cortar os dois cabos quando chega a Rundel Croft algumas horas mais tarde, com sua própria faca, que não é tão afiada como a faca norueguesa.

— Não parece próprio de um marinheiro — comentou o Major — cortar um cabo ao invés de desatá-lo.

— Mas, suponhamos que o nó não tenha sido dado por um marinheiro, senhor? Suponhamos que quem dera o nó fora alguém de terra, um nó difícil, que o arrastar-se na água tornou ainda mais tenso. Além de que é minha opinião que o velho Ware estava num estado de ânimo tal que, mesmo um marinheiro, seria capaz de cortar um cabo em lugar de desfazer o nó.

— Está bem — concordou o Delegado. — Prossiga.

O Superintendente não disse nada.

— Fitzgerald deve ter voltado de carro, pelo lado da margem onde se situa Whynmouth, a fim de lá deixar a Sra. Mount para o encontro. Em Rundel Croft ele estacionou o carro enquanto ia lá dentro. Pensei muito a esse respeito, senhor. Suspeitara de que Fitzgerald tivesse um carro, mas sabendo que ele mesmo estava em Rundel Croft, fiz investigações apenas nesse lado do rio. Tão logo o Sargento Appleton voltou, à noite passada, mandei-o investigar do outro lado. O sargento encontrou duas testemunhas que viram um carro, de luzes apagadas, parado por dentro dos portões do Vicariato, por trás dos arbustos, fora da vista de quem passa pela estrada; uma teria visto à meia-noite e quinze, outra à meia-noite e quarenta.

— Como poderiam ter visto o carro, se ele estava fora da vista de quem passasse na estrada?

— Como as pessoas do campo vêem tantas coisas, senhor? Eles terão alguma explicação plausível, o senhor pode ter certeza. Mas o senhor sabe tão bem quanto eu que, se ele tivesse ficado estacionado no porão da casa do Vigário com uma lona em cima, alguém o teria visto. E isso é muito conveniente para nós também.

O Major Twyfitt achou graça.

— Muito bem. Então como Fitzgerald cruzou o rio?

— Deve ter sido a nado. Não havia outra maneira. Minha idéia é que ele se tenha decido rapidamente, envolvido suas roupas no casaco, atirado o pacote por cima do rio (não são mais do que uns doze metros de largura ali), e nadado para o lado oposto.

E lá estava ele, procurando a pasta “X” confortavelmente, sua irmã ajudando-o, quando chega Holland e bate à janela francesa. Isso deve ter sido um choque desagradável para eles. Mas Fitzgerald se controlou. Sussurrou para a irmã que se livrasse de Holland imediatamente, conservando-se à sombra e entregou o consentimento datilografado, aprovando o casamento. Isso foi o bastante para que Holland fosse embora com a cabeça meio virada de satisfação... tão virada que não havia espaço nela para observar que o Almirante parecia demasiado jovem naquele momento. Fitzgerald, após a saída de Holland, encontra os documentos e os destroi, sobe, raspa a barba, torna a cruzar o rio, apanha a Sra. Mount e cai fora juntamente com ela em seu carro. Não consegui saber para onde foram, mas creio que tornaram a direção de Londres, teriam ido o mais longe que pudessem nesta direção.

— Então você acha que Holland estava certo ao identificar o Almirante naquela noite?

Acho, sim, senhor. Em minha opinião, ele sabe agora da verdade; mas naquela ocasião não sabia.

— Então, isso o transforma também em cúmplice.

Sim, senhor. Ainda que seja provável que, lhe tenham contado a mesma coisa que contaram a Ware ... que não fora, um crime. E a Sra. Holland também. Isso explicaria por que ela não se sentiu surpreendida, quando a vi pela primeira vez, ao saber que seu tio estava morto, mas deu um pulo quando eu disse que ele morrera assassinado.

— Isso se encaixa muito bem, Rudge — comentou o Major.

Finalmente, o Superintendente abriu a boca.

— Encontrou a arma, Rudge?

Não, senhor — respondeu o inspetor.

Ah — fez o Superintendente.

— Mas encontrei isto que aqui está. — Rudge tirou do bolso um pacote de papel pardo. Desenrolando-o, Rudge pôs à luz uma faca norueguesa, longa e fina, bastante enferrujada.

O Superintendente pegou a arma ansiosamente.

— Então você encontrou a arma?

— Não, senhor.

— Onde você a encontrou, Rudge? — interpôs o Major Twyfitt.

Num canteiro de flores do jardim do Vigário, senhor.

— Você estava procurando a arma por lá?

— Sim, senhor. Ontem à noite havia um luar muito claro.

— Ora, Rudge — perguntou o Delegado, pacientemente — você estava procurando essa arma ontem à noite em um canteiro de flores do jardim do Vigário?

— Bem, senhor, coloquei as coisas da seguinte maneira: o crime foi ou não foi premeditado? De algum modo, com as observações de Ware e tudo mais, imaginei que não fosse. Mas eu não tardaria a testar essa impressão. Se Fitzgerald tivesse premeditado matar o Almirante naquela noite, ele teria levado esta faca consigo, pois teria percebido, assim que a viu, que nada serviria melhor a seus planos. Se ele não tivesse uma tal intenção, imaginei que, mais provavelmente, a jogaria novamente no jardim, tão logo tivesse cortado o cabo. Por isso, dei uma passada na casa do Vigário à noite passada, dando uma busca dentro do alcance de alguma coisa que tivesse sido atirada de

junto do poste de amarração. — Rudge, a essa altura, estava tão satisfeito consigo mesmo que não conseguiu resistir à tentação de lançar um sorriso completamente não oficial ao seu superior hierárquico. O Major Twyfitt sorriu para ele também. — Trabalho muito inteligente, Rudge.

— O que desejo — disse o Superintendente, ainda não pacificado — é a arma do crime.

— Encontrei isso também, senhor.

Rudge tirou do bolso mais um pacote de papel pardo e de dentro dele: mais uma faca, uma dessas facas ordinárias normalmente usadas por marinheiros e operários das docas.

— Não há nela impressões digitais — informou Rudge, enquanto a colocava em cima da mesa.

— E onde você a encontrou?

— Junto de umas valerianas, senhor, no jardim de Sir Wilfrid Denny, debruçadas sobre o rio.

— No jardim de Sir Wilfrid Denny!

— Sim, senhor. Lá mesmo. — Rudge fez um relato de sua descoberta de uma valeriana enfiada no barco do Almirante, que lá não se encontrava quando o Sargento Appleton inspecionara a embarcação. — E como essas “caças ao tesouro” — acrescentou Rudge — quando se vai de uma pista para outra. Aquela valeriana era uma pista e eu a segui, indo descobrir essa faca. É um indício falso. Não há nela nenhuma mancha de sangue. E claro que a verdadeira arma está no fundo do mar.

— E o que você acha?

— Rios — disse Rudge — podem ser dragados.

— E você acha que Fitzgerald foi quem deu esses falsos indícios?

— Tenho certeza disso, senhor.

— Já está na hora — observou o Superintendente — de colocarmos a mão nesse Sr. Fitzgerald.

Rudge olhou para o relógio.

— Estou esperando por ele às onze e meia. Ainda temos quinze minutos pela frente. Eu disse a ele que tinha uma informação a dar-lhe com exclusividade, se aparecesse a essa hora.

— E ele virá? — perguntou o Delegado, em dúvida. — Não acha que você está correndo um risco?

— O Sargento Appleton, de qualquer modo, está em seus calcanhares.

— Se esse Fitzgerald escapar, Rudge — rosnou o Superintendente Hawkesworth.

— Ele não o fará, senhor. Há mais alguma coisa que deseja que eu relate antes que ele apareça?

— Conseguiu apurar alguma coisa a respeito daquele exemplar de jornal encontrado no bolso do Almirante?

— Não, senhor. Ele deve tê-lo apanhado em Whynmouth, talvez no Lorde Marshall. Não creio que se deva dar muito importância a esse detalhe.

— Então você acha que foi o Almirante mesmo quem esteve no Lorde Marshall? — perguntou o Major Twyfitt.

— Sim, senhor, acho. Sei que o Superintendente pensa de maneira diferente, mas conseguimos provar que o Almirante esteve em Whynmouth e, assim, por que não teria sido ele? Tenho impressão de que ele previa algum perigo no encontro que estava por realizar-se e queria que Holland estivesse presente para dar-lhe cobertura; quando o porteiro, porém, informou que Holland estava deitado, ele não o quis incomodar, fazendo-o sair da cama, e deu a primeira desculpa que lhe ocorreu. É claro que nunca pretendeu tomar trem algum, mas tinha que dizer alguma coisa.

— Hum — fez o Superintendente, não gostando de que essa brilhante idéia lhe fosse arrebatada por um simples inspetor.

E a chave da janela francesa no bolso do Almirante? — indagou o Major.

— Por que não teria sido o próprio Almirante quem a deixou cair, senhor? Parece perda de tempo — disse Rudge — a preocupação de buscar explicações complicadas quando há uma tão simples à mão. É o que sinto — acrescentou o Inspetor, com ar inocente — sobre a visita do Almirante ao Lorde Marshall, ainda que eu saiba que o Superintendente Hawkesworth não concorde comigo.

A cara grande do Sr. Hawkesworth pareceu durante um momento tão tomada por uma sincera emoção que o Delegado apressou-se a desviar a conversa para uma linha totalmente diversa.

— E quanto à morte da Sra. Mount, Rudge? Você conseguiu algum progresso quanto à sua teoria de crime?

Não, no que diz respeito a provas, senhor — respondeu Rudge, lentamente — mas lhe posso apresentar uma denúncia de assassinato, se o senhor tiver a bondade de escutar, ainda que eu saiba que não possamos levá-la a júri no pé em que está.

— Então, vamos ouvir.

— Se foi crime, senhor, deve ter acontecido da seguinte maneira. A Sra. Mount marcou a reunião. Ela perdeu o controle e pretendeu falar. Os Hollands já sabem de muita coisa; ela lhes vai dizer mais ainda. Não imagino quanto o Reverendo sabe, mas ele ia ficar sabendo muito mais depois de finda a reunião. Naturalmente, isso não está de acordo com a cartilha de uma certa pessoa.

Essa pessoa soube disso e vai até lá para impedir a Sra. Mount de fazer o que pretendia. Deve ter chegado lá pouco antes de mim.

Ela o deixou entrar e os dois se puseram a discutir. Súbito, vêem me entrando pela alameda. Ele empunha o cortador de papel em cima da mesa e a ameaça, se ela

emitir um som. Ela se conserva em silêncio. Ambos vêm quando me escondi nos arbustos. Uma hora depois, mais ou menos, chegam os Hollands e ele faz a mesma coisa. Os Hollands sentam-se no gramado e a situação está salva por mais algum tempo. Ele, porém, está cada vez mais assustado e ela, próxima da histeria. Ele não confia absolutamente nela. Durante o tempo todo em que nós três lá nos encontrávamos, ele teve que manter a faca de encontro a seu peito, para que ela se mantivesse em silêncio. E o que fez ele? Fez com que ela própria empunhasse a faca, com ambas as mãos em seu punho, e a ponta exatamente voltada para seu coração; com uma das mãos sobre a mão dela era-lhe mais fácil controlá-la e ao mesmo tempo ter o olho livre. Ela está meio morta de medo dele... sabe que ele está querendo matá-la... e faz qualquer coisa que ele quiser. Então, os Hollands se dirigiram novamente à casa. Do que eles falaram, o criminoso ficou sabendo que a porta da frente que ele naturalmente não fechara direito, estava entreaberta. Os Hollands vinham entrando. Ouviu quando eles foram até a sala de visitas e depois passaram para a sala de jantar; sabia que provavelmente iriam até o escritório. O que faz, então? Ele agora está por detrás da Sra. Mount, tendo ambas as mãos sobre as dela no cabo da faca. Com um impulso convulsivo, força a faca no coração dela. Ela grita uma primeira vez. Ele a solta e corre para a porta, limpando suas mãos no lenço. Os Hollands entram; a Sra. Holland sai correndo, o Sr. Holland se demora um instante e sai também atrás da mulher.

Eu estou vindo pelo gramado. O assassino dispôs de uns poucos segundos para entrar no lavatório próximo da porta da frente. Ele o faz. Mas não pode sair dali pois será visto. Então — concluiu Rudge quase perdendo a respiração — tudo o que ele tem a fazer é esperar até que a barra

esteja limpa, sair da casa, esconder-se em um de seus cantos, caminhar sobre o pedregulho e tornar a entrar na casa. E isso, senhor, é exatamente o que suponho que ele tenha feito.

Fez-se silêncio depois que Rudge acabou de falar.

Foi o Superintendente Hawkesworth quem quebrou tal silêncio, com uma ligeira observação.

— Você poderá provar que ele não veio pela alameda? E aqueles dois que estavam lá no gramado?

— Eles não poderiam ver de onde se encontravam. O canto da casa os impedia.

— Além de que eles não falaria.

Fez-se outro silêncio.

Sr. Hawkesworth — disse Rudge, um tanto modestamente — quem vai efetuar a prisão, o senhor ou eu?

— É melhor que seja você. Já fez um ótimo trabalho neste caso — disse o Superintendente, que afinal de contas era um homem razoável — e creio que deve ter este crédito. Quem efetua a prisão obtém o crédito. Isto é — aduziu ele, perfunctoriamente.(*) — se o Major Twyfitt estiver de acordo.

(*) De relance, superficialmente.

— Certamente, certamente — concordou o Delegado. — Concordo inteiramente. Rudge trabalhou muito bem. Poupanos de uma série de problemas, isso para não dizermos nada quanto à Scotland Yard.

Obrigado, senhor — agradeceu Rudge, modestamente, e olhou para o relógio. Estavam-se aproximando das onze e meia.

Bem, suponho que só o que podemos fazer é esperar — disse o Delegado. Todos os três estavam começando a sentir-se inquietos.

Não tiveram que esperar muito. Antes que os ponteiros do relógio marcassem a hora combinada, um policial enfiou a cabeça pela porta e anunciou, em um sussurro estentóreo, (*) que o Sr. Graham, que tinha um encontro marcado com o Sr. Rudge, havia chegado.

(*) Diz-se da voz forte.

— Faça-o entrar — disse o Major.

O repórter de cabelos curtos entrou com sua usual aparência de autoconfiança, cumprimentando os três efusivamente e recebendo, em troca apenas três secos acenos de cabeça.

— Quais são as novidades, Inspetor? — perguntou ele. — Tem algo de especial para mim? Isto é muito correto de sua parte.

— Algo muito especial — respondeu Rudge, friamente. — Vou efetuar uma prisão.

— Uma prisão! — Fitzgerald ficou olhando para ele. — Oh!

Pela morte do Almirante Penistone?

— Pela morte do Almirante Penistone e por alguma coisa mais — retorquiu Rudge, gravemente.

— Compreendo. Ahn... muita bondade sua deixar que eu saiba disso. — A autoconfiança do repórter já não era tão acentuada. Sem ser convidado, sentou-se em uma cadeira, como se suas pernas estivessem subitamente fraquejando. Os outros três ficaram olhando para ele em silêncio. Novamente, o policial enfiou a cabeça pela porta Sir Wilfrid Denny, que tem um encontro marcado com o Sr. Rudge, acaba de chegar.

Façam entrar, Gravestock — disse Rudge. Aos seus superiores, Rudge explicou, enquanto se punha de pé. — Pedi a Sir Wilfrid que tivesse a bondade de vir até aqui, a fim de que pudesse fazer-lhe algumas perguntas sobre... certas coisas.

Os outros concordaram com a cabeça.

Rudge foi até a porta, ao encontro de Sir Wilfrid. Este, no entanto, já havia entrado quando Rudge se aproximou. Rudge era um homenzarrão e Sir Wilfrid, pequenino. Foi Sir Wilfrid quem se estatelou no chão. Demonstrando ter ficado embaraçado e se desculpando de todo o coração, Rudge ajudou-o a pôr-se de pé e a ajeitar sua roupa.

Desculpe-me senhor. Lamento muito. Foi um descuido de minha parte. O senhor conhece o Major Twyfitt? E o Superintendente Hawkesworth? Lamento tê-lo trazido até aqui, senhor, mas há uma ou duas perguntas que gostaria de fazer-lhe, para esclarecer um ponto duvidoso. É sobre uma valeriana que encontrei enfiada entre duas tábuas do barco do Almirante Penistone. Bem, dei uma busca no rio, para cima e para baixo, e a única moita de valerianas que crescem perto do rio, segundo verifiquei, é no seu jardim. Estamos querendo saber se o senhor nos pode dizer alguma coisa a esse respeito?

Sir Wilfrid enfiou as mãos nos bolsos do casaco e encarou Rudge com perplexidade.

— Não, não posso.

— Nem a respeito desta faca, encontrada na mesma moita de valerianas, tendo nela vestígios de sangue?

Sir Wilfrid olhou para o Major Twyfitt, olhou para o Superintendente Hawkesworth, olhou para Walter Fitzgerald. Em seguida, tossiu.

— Nunca vi essa faca antes — afirmou ele.

— Obrigado, senhor. Isso é tudo que eu lhe queria perguntar.

E agora tenho uma dolorosa tarefa a cumprir.

Rudge fez uma pausa e olhou duramente para Sir Wilfrid. Este tornou a tossir, mais violentamente desta vez.

— Sir Wilfrid Denny — disse Rudge — eu o prendo pelo assassinato de Hugh Lawrence Penistone e pelo de Celia Mount, e o advirto de que tudo o que venha a dizer poderá ser usado como prova contra o senhor.

— Eu dificilmente acreditaria — respondeu Sir Wilfrid, secamente. — Bem, eu o cumprimento, Inspetor. Como descobriu? — Sir Wilfrid sentou-se, desembaraçadamente, à borda da mesa.

— Olhe aqui, Denny — falou o Major Twyfitt, desajeitadamente, enquanto ele e o Superintendente Hawkesworth saíam do estupor em que pareciam mergulhados. — Olhe aqui, não sei se... bem, acho que é melhor que não diga nada. Seu advogado...

— Sei muito bem o que estou fazendo — interrompeu Sir Wilfrid. — Ele me entregou, suponho? — Sir Wilfrid fez um sinal na direção de Fitzgerald, que não se mexera em sua cadeira.

— Quero crer que o senhor deseja prestar uma declaração, não, Sir Wilfrid? — insinuou Rudge suavemente, ainda que nada parecesse haver para que assim pensasse.

— Sim, farei uma declaração, sem dúvida. Matei a ambos, quero dizer-lhes desde logo. Não sei se vai ajudar o que vou acrescentar, mas não pretendi matar o Almirante; pelo menos suponho que o fiz em legítima defesa. Ele me atacou com um atizador de fogo.

O Superintendente tinha apanhado um pedaço de papel em cima da mesa e escrevia furiosamente.

— Então, por que o senhor matou a Sra. Mount, quando pensou que ela ia acusá-lo? — perguntou Rudge.

— Realmente, Rudge — disse o Delegado, sentindo-se infeliz.

— Não creio que devamos perguntar... Sir Wilfrid, de fato, deveria ver seu advogado.

Oh, responderei a qualquer pergunta. Por que a matei?

Porque eu não queria ser preso, é claro. Como eu poderia provar legítima defesa? Quando as circunstâncias viessem à luz do dia, eu aparentemente teria todos os motivos para ter cometido o crime.

— O senhor está-se referindo à sua quota no negócio de Hong Kong?

— Estou vendo que sabem de tudo. Sim. Mas lamento sobre a Sra. Mount. Eu... creio que perdi a cabeça. Fui tomado de pânico. Uma coisa horrível de fazer-se... eu creio — acrescentou ele em voz baixa, dirigindo-se a Walter Fitzgerald — que não vai adiantar nada dizer-lhe que pretendo emendar minha própria vida, não é?

Fitzgerald se pôs de pé sem responder e, atravessando a sala até a lareira, encostou a cabeça nas mãos. É melhor acabar com isso rapidamente — disse Sir Wilfrid, falando para o Superintendente. — Não temos muito tempo.

O Almirante suspeitava há muito tempo de minha participação no que aconteceu em Hong Kong. De um modo ou de outro, consegui mantê-lo afastado. Foi quando Ware desconfiou de mim.

— Ware?

— Sim. Ele sabia durante todo o tempo... ainda que eu ignore como, diabo, ele descobriu. Foi por isso que veio morar aqui quando deixou a Marinha.

— Ele estava fazendo chantagem com o senhor?

— Bem, creio que pode chamar assim; mas era somente coisa de um presente de uma libra ou duas, de quando em quando, e ele nunca me ameaçou. Ele apenas sabia, e eu lhe dava algumas libras ocasionalmente para guardar o que sabia só para ele. Mas o Almirante tomou

conta dele; se pagou mais, ou se apelou para “dever” e “honra”, não posso dizer, mas Ware passou para o lado dele.

Então, o Almirante veio aqui me visitar, vomitando, como podem imaginar, fogo e morte. Ele me apertou num canto, até que não me foi possível continuar negando. Foi então que ele não deve ter enxergado mais nada, pois simplesmente me atacou, às cegas, com o atizador. Apanhei a primeira coisa que pude (na verdade era uma faca de trincheira que um de meus sobrinho me dera como lembrança de guerra), esquivei-me do atizador e o atingi primeiro. Em seguida, desci até onde Ware estava esperando com o barco do Almirante, quando vi que Fitzgerald e a Sra. Mount haviam chegado em um outro barco.

— Um minuto, Sir Wilfrid — interrompeu o Superintendente.

— A que horas foi isso?

— Oh, creio que foi por volta de vinte para a meia-noite.

Disse-lhes o que havia feito e que tínhamos de nos ver livres do corpo. Temo que tenha perdido um pouco a cabeça, pois não dei ouvidos para eles quando Ware e Fitzgerald instaram comigo para que fizesse tudo às claras e telefonasse para a Polícia. Era homicídio justificado, alegavam eles, e nada me poderia acontecer. Mas eu sabia que, se o fizesse, toda aquela história de Hong Kong viria à tona, e em qualquer caso eu perderia minha pensão; achei também que seria quase inevitável ter que enfrentar uma acusação de assassinato. Por fim, Fitzgerald concordou em ficar de meu lado, mas tivemos muito trabalho para convencer Ware. Finalmente concordou que, se não fosse preciso que contasse mentira alguma diretamente, exceto para esconder o fato de que tinha saído com o Almirante naquela noite, ele não me denunciaria; limitar-se-ia a não

saber de nada. Eu estava por demais preocupado para combinar alguma coisa; como sem dúvida Fitzgerald já lhes disse, ele se encarregou de nossos planos. Ware insistiu que o corpo não deveria ser escondido, devendo tudo ficar tão às claras quanto possível; assim, voltamos para a casa, tomamos um gole de bebida cada um, e colocamos o corpo no bote do Vigário, coberto com um pedaço de lona. Ware se encarregou de rebocar o bote corrente acima e soltá-la à deriva, antes de levar de volta o barco do Almirante para seu respectivo abrigo. Nesse meio tempo, Fitzgerald prometeu ir imediatamente a Rundel Croft e revistar os papéis do Almirante, destruindo qualquer documento escrito que tivesse contra mim, o que sei que fez. No dia seguinte, sentindo-me incapaz de ficar e enfrentar a situação, francamente bati em retirada e fugi para Paris, Fitzgerald mandou um recado me dizendo que parecia não haver nenhuma suspeita contra mim e eu voltei.

E a Sra. Mount?

Falando em voz baixa, Sir Wilfrid contou os detalhes. Eles vieram a coincidir quase exatamente com o que Rudge havia imaginado, exceto que Sir Wilfrid continuava a afirmar que jamais desejara matá-la. A Sra. Mount, escutando Holland na outra sala, fez uma tentativa desesperada para escapar e, na luta, Sir Wilfrid tinha mecanicamente empregado mais força para dominá-la, com isso enterrando a faca. Não houve um plano preestabelecido por seus movimentos subseqüentes. Ele havia corrido com o pânico; de um lugar para outro, onde as oportunidades se ofereciam.

Nada mais tinha a dizer.

O Major Twyfitt sacudiu a cabeça.

Eu não devia ter deixado você dizer coisa alguma, até que se tivesse avistado com seu advogado.

— Meu caro amigo — disse Sir Wilfrid, quase alegremente — não se preocupe; eu jamais enfrentarei um juiz. Você ouviu quando eu tossi antes que seu homem me desse voz de prisão?

Com o disfarce da segunda vez em que o fiz, coloquei algo dentro da minha boca que comprei em Paris especialmente para essa finalidade. Creio que só tenho mais dez minutos de vida.

Consternado, o Major Twyfitt deu um pulo para a frente, do mesmo modo que o Superintendente. Para a Polícia é uma coisa muito ruim, quando um preso consegue cometer suicídio mesmo embaixo de seus narizes. Rudge, no entanto, chegou primeiro.

— Bem — disse ele — nós o poremos em segurança por esses dez minutos, de qualquer modo. Quer acompanhar-me, por favor?

— Pegando-o pelo braço, conduziu-o para fora da sala.

Quando Rudge voltou, o Superintendente estava telefonando freneticamente para um médico, que não se encontrava em casa.

Coloquei-o numa cela — disse, sumariamente. — Não se preocupe, senhor. Não temos necessidade de médico. Eu sabia o que ele tinha escondido no bolso esquerdo do casaco. Eu esperava por isso. Assim, preparei um pacotinho semelhante e os troquei durante a colisão. Aqui está ele. — Rudge apresentou um pequeno envelope de papel transparente.

Mas como você conseguiu ficar sabendo com que o pacotinho dele se parecia? — perguntou o delegado.

— Andei espionando um bocado Sir Wilfrid à noite passada, senhor, através das persianas de sua sala de visitas. Vi quando ele preparava o pacotinho, desconfiei do que fosse, e sabia que estaria em seu bolso esquerdo

porque tinha a mão metida nele quando entrou aqui. Sir Wilfrid engoliu apenas três tabletas de bicarbonato de sódio. Isso foi tudo.

O Major Twyfitt deixou-se cair de novo em sua cadeira. Todos pareciam ter esquecido Walter Fitzgerald, que ainda estava junto à lareira, com aspecto de depressão.

— Na noite passada você já sabia que era Denny?

Não vou dizer que soubesse, senhor. Mas há algum tempo que vinha suspeitando, desde que estive com ele em seu jardim.

Denny pareceu muito ansioso em dizer que mal conhecia o Almirante e, além disso, para um homem que mora à beira de um rio, parecia saber naquilo pouco sobre marés. Não pude engolir essa.

Havia também aqueles rumores a respeito de desentendimentos entre ele e o Almirante, e tendo os dois estado em Hong Kong na mesma época, imaginei que ele pudesse estar metido no incidente, do lado errado; além disso, ele foi também um pouco contundente demais ao insinuar que o Almirante não fosse inocente. E, ainda que se lembrasse de ser Fitzgerald um bonito tipo de homem, não sabia dizer se ele usava barba ou não.

— Então você nos estava tapeando hoje pela manhã, quando nos disse que toda sua suspeita estava voltada para... uma outra pessoa?

— Senhor, eu nunca disse nada. Não mencionei qualquer nome. Eu tinha dentro de mim a certeza de que era Denny, mas qual a vantagem em dizê-lo? Eu não tinha prova real alguma. A princípio, pensei em prender... alguém na presença de Sir Wilfrid, pensando que, se ele fosse o criminoso, diria ali mesmo e na mesma hora. Mas na noite passada, quando o vi preparando o pacotinho, tive certeza de que era ele; assim, achei que teria uma oportunidade para prendê-la. Se desse certo, muito bem. Se, não desse...

— Você estaria na rua da amargura — disse o Superintendente com severidade.

— Mas deu certo, senhor. Achei que de alguma forma daria certo — admitiu Rudge — se Sir Wilfrid se sentisse seguro de ter com ele o conteúdo daquele pacotinho.

— Completamente fora das normas oficiais, Rudge — observou o Delegado. — Completamente fora das normas profissionais.

Mas muito inteligente.

— Obrigado, senhor.

— Bem, e com o Sr. Fitzgerald que aqui está? Creio que gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas.

— Faça-as — disse Walter. — Direi tudo o que o senhor quiser saber. Graças a Deus está tudo terminado. Era um pesadelo, posso garantir-lhe. Eu sabia que estavam atrás de mim.

— Bem... — disse o Superintendente Hawkesworth, e começou a fazer suas perguntas.

O relato de Fitzgerald sobre os acontecimentos da noite da terça-feira do crime coincidiram exatamente com a reconstituição feita por Rudge, com exceção de que ele e a Sra. Mount não haviam regressado para Londres naquela noite. Haviam seguido no carro por uns 60 quilômetros, pararam num bosque e dormiram, se é que puderam dormir. A Sra. Mount, ao passar do tempo, mostrava-se mais e mais incisiva, achando que Denny deveria entregar-se e tinha mesmo relatado os fatos a seu marido, sob o juramento da confissão; Mount lhe havia prometido juntar-se aos seus esforços em insistir que Sir Wilfrid e Ware procurassem a Polícia espontaneamente, a fim de contar a verdade.

Holland, durante todo o tempo, tinha sido um inocente. Elma sabia a verdade, mas Holland ainda não sabia quem havia matado o Almirante; ele, se limitara a

aceitar a palavra de Fitzgerald de que não fora ele o assassino. A questão do consentimento datilografado tinha surgido da forma que se segue. Holland havia encontrado Fitzgerald no Oriente, vira que ele se encontrava sem rumo e gostara dele o suficiente para tentar recuperá-lo. Walter, sem lhe dizer nada a respeito do incidente de Hong Kong, informara-o a respeito da acusação que havia contra ele...

A ordem de prisão contra o senhor por falsificação? — interpôs o Superintendente.

— O senhor está a par disso? Então, sim.

Essa acusação o impedia de aparecer na Inglaterra sob seu verdadeiro nome e, conseqüentemente, de obter sua herança. Holland prometera ver o que podia fazer. Entrou em ligação com afirma em Hong Kong que concordou, em vista do tempo já decorrido, em retirar a acusação contra ele, se Walter repusesse a importância. Isto era uma coisa que ele não podia fazer até que tivesse recebido sua herança, tendo-se recusado a permitir que Holland lhe emprestasse o dinheiro, uma soma considerável. Holland, dessa forma, se dispusera a entrar em contato com o Almirante na Inglaterra, e tentar obter uma reconciliação, de modo que o dinheiro pudesse ser adiantado pela família; ao mesmo tempo, Holland se comprometera a se avistar com Elma e lhe assegurar que, finalmente, tudo estava entrando nos eixos.

Quando ainda se encontrava no exterior, Walter sempre se mantivera em contato com Elma, e quando o Almirante tentou obstar a que eles se correspondessem, a Sra. Mount tinha ido para a casa de Elma, como empregada, não somente para lhe; dar proteção, mas também para atuar como ligação.

O Almirante recebeu Holland com suspeitas, por ser amigo de Walter e, a princípio, não quis conversa com ele. Holland percebeu que levaria tempo para que mudasse de

atitude e se decidiu a tratá-lo tão pacientemente quanto possível. Nesse meio tempo, tendo conhecido Elma, imediatamente caiu de amores por ela.

Agora, era a vez de Walter fazer um favor a Holland. Ele chegara à Inglaterra e estava morando em Londres. A Sra. Mount foi também para Londres, tendo Walter a instalado perto dele, sob o nome de Arkwright. Walter ficou satisfeitíssimo ao saber dos sentimentos de Holland com relação a Elma, pois, conhecendo-se a si mesmo, sempre temera que Elma, vindo a amar alguém de personalidade forte, poderia tornar-se também contrária a ele. Walter insistiu tremendamente junto a Elma para que aceitasse Holland. Finalmente, vendo o quanto seu irmão desejava o casamento, Elma consentiu em aceitar Holland. O Almirante, no entanto, era ainda um obstáculo. Ele não permitiria que Elma se casasse com nenhum amigo de Walter. Holland já estava melhorando sua posição, mas o Almirante não cedia de forma alguma.

Nesse meio tempo, Elma estava procurando fazer alguma coisa por Walter. Ele e a Sra. Mount haviam sempre querido casar-se, mas o Vigário não concedia o divórcio a sua mulher. Elma tinha imaginado que o Sr. Mount dera indicações de que estaria interessado nela. Deliberadamente, dispôs-se a reforçar esse interesse a fim de ser capaz de usar sua influência com ele para persuadi-lo a conceder o divórcio. Era por essa razão que ela sempre procurava estar com a melhor aparência possível quando ia estar com o Vigário. Walter não sabia disso na ocasião, mas era com pesar que Holland via o interesse de Elma pelo Vigário, razão pela qual não dava maior atenção ao pároco. Assim, ele disse a Walter que tinha chegado ao fim de sua paciência; iria a Londres obter uma licença especial e estava disposto a usá-la com ou sem o consentimento do Almirante. E assim o fez.

Walter sabia que isso poria o Almirante mais radical do que antes, e que Elma, certamente, perderia o controle do dinheiro dela. Ele sabia, através da irmã, da obsessão do Almirante com respeito ao incidente de Hong Kong, e resolvera usar esse fato para obter o consentimento ao casamento. Assim, ele datilografou o consentimento e, enchendo-se de coragem, foi procurar o tio logo depois do chá no dia de sua morte, permanecendo à espera dele no jardim, de modo a conservar o encontro secreto.

Era a primeira vez em muitos anos que ele via o Almirante e, a princípio, seu tio se recusou a falar com ele. Quando Walter, no entanto, anunciou que poderia contar toda a verdade sobre o episódio de Hong Kong, o Almirante mudou de tom. Walter, então, apresentou sua proposição: a verdade em troca do consentimento. O Almirante não hesitou; assinou na hora. Em seguida, Walter contou-lhe toda a verdade. Para isso teve que sacrificar Denny, mas este, afinal de contas, era um criminoso; ele havia enganado Walter grosseiramente; e o casamento de Elma, para não falar na felicidade de Holland, não podia mais ser prejudicado para salvar as aparências de Denny.

O Almirante estava a seu lado, raivoso. Rugiu, xingou, esbravejou, berrou. Com grande dificuldade, Walter conseguiu acalmá-lo e o fez prometer que se comportaria na casa do Vigário como se até então nada tivesse acontecido. O Almirante finalmente assumira esse compromisso e foi vestir-se, jurando feroz vingança para o dia seguinte.

Walter pretendia ir logo cedo, na manhã seguinte, até West End, a fim de alertar Denny; jamais lhe ocorreu que o Almirante faria alguma coisa ainda naquela noite. No entanto, escondido no jardim do Vicariato, onde tinha um encontro marcado com a Sra. Mount, ele vira quando o Almirante saía de barco com Ware, a quem, sem dúvida

alguma, pretendia pressionar durante o trajeto, e se perturbara. Walter achou que teria que esperar pela Sra. Mounte, quando ela chegou, falaram sobre o assunto, e decidiram que ambos deviam seguir rio abaixo e adiar a entrevista com o Vigário até sua volta; isso não tinha importância, pois não haviam marcado encontro, pretendendo tomar de surpresa a consciência do Sr. Mount. Os detalhes quanto à sua partida eram exatamente iguais ao que Rudge imaginara.

O restante eles já tinham ouvido do próprio Denny. Quando Walter voltou a Rundel Croft, informara sua irmã de que seu tio havia sido acidentalmente morto. Elma ficou chocada, mas logo se recompôs e o ajudou a procurar nos documentos.

— Havia sangue no vestido dela — lembrou o Superintendente.

— Ela me falou nisso mais tarde. Deve ter sido de minha mão.

Mais alguma coisa?

A valeriana? — perguntou Rudge.

Walter meneou a cabeça.

Fui eu quem a pôs lá. Se o assassinato de meu tio era ou não era homicídio justificado (e eu acredito que era), quando chegou a vez de Celia... eu quis — disse Walter com simplicidade — colocá-los na pista certa. Eu queria ver Denny enforcado.

— Então, por que não nos procurou para contar o que sabia?

— perguntou Rudge, com bastante lógica.

— Era muito difícil para mim entregar esse sujeito.

— Oh! — fez Rudge. Aí estava uma noção de honra que não lhe agradava.

— Escute aqui — disse o Superintendente de súbito. — O que há por trás do tal incidente de Hong Kong? Era o

senhor personalizando seu tio, suponho?

Walter ficou vermelho.

Aconteceu o seguinte. Denny me convidou para jantar certa noite e me embebedou. Então sugeriu que seria uma pândega, se eu vestisse um uniforme da Marinha, que casualmente ele tinha à mão, e fosse dar um giro pela cidade; alguém poderia confundir-me com meu tio e isso seria uma grande piada. Ele sabia que meu tio me odiava e que eu também nutria ódio por ele, ou, pelo menos, que nós não gostávamos um do outro. Morri de rir, e como eu era um jovem idiota, concordei logo. Denny me emprestou o uniforme e ele mesmo me levou pela cidade. Eu não precisava fingir muito; e atava bêbado como um gambá.

“Na manhã seguinte, eu devia ir de carro de boi ao interior, a serviço da firma onde trabalhava, a quilômetros de distância de jornais ou qualquer coisa desse tipo. Denny sabia disso e foi por essa razão que aquela noite em particular foi escolhida. Passou-se muito tempo antes que eu retornasse e, quando voltei, tudo já tinha acontecido. Denny me contou as novidades. Ele disse que tinha sido uma bobagem o que fora feito, que eu estava sujeito a um processo criminal e que ele não me daria apoio; o mal estava feito; era melhor que eu calasse a boca e não comentasse nada a respeito. Achei tudo meio esquisito, mas eu estava assustado e concordei em me conservar calado.

“Só vim a saber da verdade anos mais tarde e assim mesmo por acaso. O que acontecera foi o seguinte. Naquela ocasião havia uma grande rede de contrabandistas de ópio operando em HongKong. Denny era o chefe da Alfândega e estava conluiado com os contrabandistas; ou faziam chantagem com ele ou o haviam comprado. Meu tio tinha tido informações sobre a rede e estava chegando perto do seu rastro. Era preciso livrar-se dele ou dar o fora;

engendraram um plano. De algum modo meu tio foi atraído para aquela rua; uma mulher que servia de isca, a quem um chinês estava fingindo maltratar, atraiu-o, deram-lhe uma pancada na cabeça e em seguida o drogaram, e saturaram suas roupas com uísque e ópio. Nessa ocasião eu também tinha entrado no covil, como uma criancinha de dois anos. Eu usava barba nessa época, e com um pouco de pó em cima dela e um traço ou dois em meu rosto ficara tão parecido com meu tio que ninguém suspeitaria que não fosse ele... e até ele mesmo teve suas dúvidas!

— De um modo geral, foi um excelente complô. Alguma coisa mais? — Walter se encaminhou na direção da porta.

— Não podemos deixá-la sair — sussurrou o Superintendente, rapidamente.

— Mas que razões temos para prendê-lo? — sussurrou devolta o Major Twyfitt.

— É um cúmplice.

— Não de nenhum crime — disse, sorrindo, Walter, cujo ouvido devia ser muito apurado. — Ninguém pode ser cúmplice de um homicídio justificável.

— Isso não foi ainda provado — falou o Superintendente, gravemente.

— Não? Bem, os senhores não me podem deter até que o seja. — Com um movimento rápido, Walter saiu pela porta.

— Temos que detê-lo — resmungou Hawkesworth, pondo-se de pé. — Não sei por que, mas temos que fazê-lo. Pegue-o Rudge!

Aquele mandado de prisão de Hong Kong ainda está em vigor contra ele, de qualquer modo.

Walter, porém, já atravessara a sala da guarda e estava na porta da rua. Lá embaixo se encontrava um carro, com o motor em funcionamento. Ao ver Walter, o

motorista engrenou a marcha. O carro arrancou e Walter pulou no banco de trás.

— Walter Fitzgerald — dizia o Superintendente correndo na direção da porta — eu vou...

— Lamento muito, mas não posso ficar... — zombou Walter, enquanto o carro ganhava velocidade. — Adeus, Superintendente. Se quiser, mande-me dizer alguma coisa por minha irmã.

Sentada na frente, ao lado de Holland, Elma se voltou e acenou uma entusiástica confirmação.

O Superintendente correu para o telefone.

— Deterei aquele carro antes que ele se encontre a cinco quilômetros daqui — disse o Superintendente, melancolicamente.

O Major Twyfitt bateu em seu ombro.

— Por que preocupar-se? Nós, na realidade, não o queremos.

Já temos o homem certo. Vamos deixar que Fitzgerald se vá. Acredito que ele esteja em melhores mãos do que nas nossas.

Com um ar de desgosto, o Superintendente se afastou do telefone.

— Como o senhor quiser, claro. Mas deveríamos tê-lo detido.

Sim, Gravestock?

O corpulento Agente de Polícia parecia assustado.

— O senhor quer fazer o favor de vir até as celas? Creio que há alguma coisa errada com o preso Denny.

Os três policiais o acompanharam em silêncio.

— Certamente há alguma coisa errada com ele — disse o Superintendente, um minuto mais tarde. — Ele está morto. É isso o que está errado com ele, Rudge!

Consternado, Rudge tirou do bolso o pacotinho de papel e o abriu.

— Não — informou ele, com alívio — aqui está o seu veneno.

Ele tomou meu bicarbonato de sódio... nada mais.

— Então, de que morreu?

— Ele apenas morreu — disse o Major Twyfitt, olhando para a figura imóvel. — Ele estava velho. Sabia que ia morrer... morreu.

Fez-se um momento de respeitoso silêncio.

— E jamais vai assinar sua confissão — disse o Superintendente, com desgosto.

FIM

APENDICE I

Notas Sobre a Amarração do Bote (Extraído da carta de John Rhode)

Eu, também, senti a necessidade de entrar no bote a fim de deixá-lo solto ou amarrá-lo novamente. Bem, o que acontece, em um rio cujo nível sobe e desce consideravelmente com a maré (como deve ter sucedido com esse rio, o que responde pela rapidez dos movimentos e pela correnteza da maré), é que isto é quase imperativo, quando se deseja manter o barco flutuando. Uma das formas de amarrar um barco é como eu imagino.

O poste de amarração é fixado no leito da corrente, além da marca correspondente ao nível mais baixo do rio, em águas suficientemente profundas para que o barco se mantenha sempre flutuando. Um molhe de pedra, levando da borda do rio até a marca do nível inferior evita o avançar pela lama. Um anel de fixação é preso do molhe à margem onde se inicia.

Bem, saindo do barco, você quer ir para a margem. Muito bem. Amarre o barco ao poste de amarração. Impulsione o barco até que a popa encoste no molhe. Pule para terra, levando um cabo mais leve, segurando-o por uma das extremidades e mantendo a outra presa à popa do barco. Em seguida torne a impulsionar o barco para fora, amarrando sua extremidade da corda ao anel na praia,

ajustando o comprimento dessa corda, de modo que, durante a maré, o barco fique paralelo à margem.

Agora, você quer sair novamente de barco, depois de ter feito em terra o que desejava. Retire a corda e empurre a popa até que ela encoste no molhe. Salte para a popa, mantendo o cabo. Vá até a proa, puxe pelo cabo até ficar quase junto ao poste de amarração e em seguida solte a amarra.

Creio que você deseja que alguém entre no barco e solte a amarra. Como você verá, a não ser que se chegue ao barco pela praia, isto é sempre necessário. Lembre-se de como o barco oscila ao ser descrito o incidente. Durante a maré baixa, o barco permanece como descrito. Durante a cheia, porém, a popa girará por si mesma e permanecerá encostada à margem durante todo o fluxo. Isto, é claro, não tem importância, dado que a água está subindo.

Lembre-se, também, de que qualquer ponto em particular no movimento das marés ocorre (próximo bastante para esse objetivo) cerca de três quartos de hora mais tarde a cada dia sucessivo. Não é possível ter-se maré alta às 10:00 da manhã de um determinado dia e maré baixa às 11:00 do dia seguinte. Também em rios como esse, sujeitos a marés, a maré baixa por mais tempo do que sobe. Estabeleci regras para este rio determinado, ainda que não me lembre exatamente delas atualmente, para orientação daqueles que o desejarem.

Quanto a distância do poste de amarração da marca superior das águas, você pode, dentro de limites, fazer o seguinte: meça aproximadamente quatro metros ou mais, no sentido horizontal, entre o nível mais alto e o nível mais baixo das águas, e dois metros ou mais entre o nível mais baixo e o poste; você não errará por muito. Essas distâncias podem ser aumentadas quase indefinidamente, mas não

convém diminuí-las em muito, ou a margem ficará embarçosamente íngreme.

Opinião da Justiça Sobre o Testamento de Fitzgerald

Analisei o ponto que você levantou na tarde de hoje na biblioteca, e o resultado de minhas pesquisas, naquilo que pude entender, e que certamente tem sido mantido através de processos e mais processos, sempre que é exigido o consentimento de uma certa pessoa para um casamento, e essa pessoa vem a morrer pela vontade de Deus, ou, pelo menos, sem ser por culpa do beneficiário, a condição exigida fica nula.

Nenhum dos casos anotados se desenvolve de maneira a que transcorram apenas 24 horas entre a morte da pessoa cujo consentimento é exigido e o casamento do beneficiário, que deseja entrar na posse da propriedade, e creio que seria necessário, quando a morte está a menos de 24 horas da cerimônia, que o beneficiário, a fim de garantir seu direito absoluto, prove, para o caso de surgir alguma contestação:

Um (1) — que pretendia obter o consentimento necessário antes da cerimônia de casamento; (2) — que a morte impedira a obtenção do consentimento e que, não fora por isso, haveria tempo para sua obtenção; (3) — face a alguma sugestão de que a culpa foi do beneficiário, defender-se dessa alegação; que a cerimônia não foi arranjada até que a morte ocorresse, o que tornou impossível a obtenção do consentimento exigido. Provado ser isso verdade, não importa quão depressa após a morte o

beneficiário requer que a condição seja considerada nula. Quanto a essa última possibilidade, não sou autoridade com relação a licenças de casamento, mas, a julgar pelos livros, parece que desde que uma das partes tenha morado 15 dias na localidade onde pretende que seja realizada a cerimônia do casamento, ela pode informar o cartório de registros e obter uma licença de casamento depois de feito o registro, decorrido um completo dia de semana ou, na linguagem legal, dentro de 24 a 48 horas, desde que não haja um domingo pelo meio.

Este procedimento se aplica a casamentos em quaisquer outros lugares diferentes da igreja determinada, isto é, cartórios de registros ou outras igrejas não conformistas autorizadas a procederem casamentos.

Sem os 15 dias de residência prévia, o processo é mais demorado.

Uma vez obtida, uma licença de casamento é válida durante muito tempo; creio que são três meses, mas você pode verificar esse ponto. É possível que uma das partes interessadas tivesse obtido uma licença e estivesse aguardando uma oportunidade favorável para pedir o consentimento necessário, por parte do beneficiário. Esse tipo de licença é válido somente para o casamento em um determinado lugar. Ver Whitaker.

Em caso de condições subsequentes em que a exigência se torna impossível através de um ato de Deus, o direito de concessão se mantém, ainda que possa haver uma concessão de não cumprimento da condição. Por exemplo, se a pessoa de quem o consentimento é exigido morre antes do casamento.

Collet versus Collet. 35. B. 312.

Nesse caso, foi exigido o consentimento da mãe viúva ao casamento. A mãe morreu em 1856.

Em julho de 1865, sua filha Helen casou-se.

O Código afirma que "a concessão da autorização não terá lugar, se as condições exigidas se tornaram impossíveis através de um ato de Deus, e não por culpa da pessoa que teria que cumpri-la.

"Nesse caso, era razoavelmente certo que a mãe, se estivesse viva, teria dado o seu consentimento a esse casamento, aceitável sob todos os aspectos."

O princípio é a presunção de que o testador não pode cumprir condições inexecutáveis, e que sua intenção foi de cumpri-la até onde lhe fosse possível.

"Tendo a condição se tornado impossível por ato de Deus, o direito aos bens tornou-se absoluto". *Aislabe versus Rice*. 3 Mad. 25 C.

APÊNDICE II

Soluções apresentadas pelos autores

Capitulo I - CÔNEGO VICTOR L. WHITECHURCH

Nenhuma

Capitulo II - G. D. H. e M. COLE

Nenhuma

Capitulo III - HENRY WADE

Em 1919, logo depois da guerra, o Almirante Penistone (jovem, de carreira rápida pela prestação de brilhantes serviços na ativa) viu-se envolvido em uma briga indecorosa em uma casa de má reputação em Hong Kong. Devido a seus excelentes serviços, o Almirantado permitiu que ele pedisse sua passagem para a reserva, em lugar de submetê-lo à corte marcial. Também três outros ingleses estavam envolvidos nesse conflito: (1) Walter Fitzgerald, jovem e de mau caráter, às voltas com bebidas e drogas; (2) um amigo seu, também sócio em uma firma comercial, Vanyke, homem já de certa idade; (3) um outro comerciante, Holland. Durante o conflito, o desordeiro Fitzgerald é morto por chineses, mas isso não era do conhecimento das autoridades navais quando tiveram que resolver o problema Penistone.

Holland, sabedor do testamento do velho Fitzgerald, faz chantagem com Penistone, cobrando como preço "a mão de sua sobrinha Elma". Elma, uma mulher de natureza espasmodicamente apaixonada, durante algum tempo se toma de um desesperado amor por Holland, mas esfria e (quando começa a história) está procurando romper seu compromisso. Esta é a verdadeira causa pela qual o Almirante está aborrecido com sua sobrinha.

Elma, agora, está lançando sua rede sobre o Vigário, um homem simpático e vigoroso, apesar de seus 50 anos. Na noite em questão, ela o persuade a um romântico passeio pelo rio, após supor-se que ela tivesse regressado para casa. O choque do Vigário ao saber das novidades devia-se, principalmente, ao temor de que essa aventura viesse à tona.

Penistone, depois de trancar o abrigo de barcos e de fumar seu charuto do lado de fora da casa, volta para seu escritório, onde é assassinado pelo mordomo, Emery. Este, na realidade, é Vanyke, que acredita que Penistone seja

moralmente, senão verdadeiramente, responsável pela morte de seu "pobre amigo, Walter". "Emery" põe o sobretudo de Penistone no cadáver, para sugerir que ele havia sido assassinado fora de casa. O jornal (o exemplar entregue em casa às nove horas da noite) estava manchado de sangue e por isso ele o enfiou no bolso, pelas mesmas razões. Às 2:30 da madrugada leva o corpo para o abrigo dos barcos, que abre com a chave do Almirante, e rema na direção da margem oposta. No Vicariato, coloca o cadáver dentro do bote (onde o Vigário esquecera o chapéu durante seu romântico passeio) e solta-o à deriva (com a finalidade de sugerir que o crime se dera no Vicariato, ou, pelo menos, plantar uma pista falsa). Como sugeriu o Agente de Polícia Hempstead, o bote subiu com a maré enchendo e voltou quando se inverteu o fluxo. Emery esfregou bem o barco de Rundel Croft, com medo de manchas de sangue.

Elma, provavelmente, foi para Londres a fim de ver seus advogados, e seus sapatos e vestido teriam sido escondidos por Emery, para confundir ainda mais as coisas.

Provavelmente, Neddy Ware sabia de alguma coisa sobre o incidente de Hong Kong.

Capitulo IV - AGATHA CHRISTIE

A verdadeira Elma Fitzgerald está morta, e seu irmão Walter está fingindo ser ela, por não poder reclamar sua herança com seu próprio nome, pois é procurado nela polícia. Holland foi seu amigo em remotas partes do globo. Walter acha difícil obter uma declaração positiva do Almirante com relação ao dinheiro e, para forçar a mão, finge estar noivo de Holland. O Almirante será então

obrigado a lhe entregar o dinheiro. Sem que Walter o soubesse, entretanto, o Almirante fizera especulações com o dinheiro e o perdera.

Walter, que já fora ator, não teve dificuldade em enganar o Almirante, que não via sua sobrinha desde que esta era criança. Ele não se preocupa muito com Holland, mas reserva seus melhores esforços de disfarce quando é convidado por vizinhos e tem um verdadeiro prazer de artista em representar o papel de vão.

O Almirante, no entanto, tinha recebido uma carta anônima de Célie, revelando que Elma é homem. Ele enfia essa carta no bolso, ainda fechada, exatamente quando estava saindo para o Vicariato e vai abri-la quando esperava por "Elma" que se estava despedindo do .Vigário.

Imediatamente, ele faz com que Walter se defronte com a verdade enquanto atravessam de barco, e ameaça denunciá-la à polícia. Walter, que conhece o caráter inflexível do Almirante, apunhá-la-o no coração no momento em que o barco estava sendo recolhido no abrigo.

Em seguida, entra na casa e espera até que tudo esteja calmo. Então Walter personifica o Almirante, veste um sobretudo, enfia o jornal no bolso e se apresenta no Lorde Marshall, que é mal iluminado e onde Boots é um homem rústico e quase idiota. Pergunta por Holland e diz que não pode esperar por ele.

Depois disso, volta para Rundel Croft e mais tarde vai ao abrigo de barcos, pega a embarcação, leva-a para o outro lado do rio, coloca o corpo no outro bote e corta a amarra. Ele supõe que o bote vá na direção do mar e como a embarcação do Almirante se encontra no abrigo, presumirão que o Almirante tenha ido a pé para a cidade a fim de seguir de trem para Londres. O bote, no entanto, vai à deriva rio abaixo, fica preso num banco e sobe mais tarde com a maré.

Descoberto o crime, "Elma" apressadamente dá sumiço no vestido branco manchado de sangue. Ele pretende voltar com uma boa desculpa, certo de que seu álibi seria convincente.

O Vigário não tornou a recuperar seu barco. Ele se encontra com sua mulher na Ponte Fernton. Estava terrivelmente ansioso em não "falar", daí sua maneira peculiar.

Capítulo V - JOHN RHODE

O "Almirante Penistone" era um impostor que assumira a identidade do verdadeiro Almirante. Ele era, creio, um profissional da chantagem (o que explicaria o arquivo de recortes de jornais), que conseguira colocar sob suas garras muitas pessoas, entre as quais Sir Wilfrid Denny, que ficara pobre devido às constantes exigências de "Penistone".

Denny decide cometer o crime. Vem a saber que "Penistone" tinha um encontro marcado com Holland na noite do dia 9, e o espera na Ponte Fernton. Quando "Penistone" passa, Denny o chama, dizendo ter um assunto urgente a discutir... talvez ele consiga o dinheiro exigido pelo "Almirante". Denny entra na embarcação e vai sentar-se à popa, com "Penistone" de frente para ele, remando. Quando chegam à ponte ferroviária (ver Mount), Denny se levanta de súbito e crava o punhal em "Penistone", que se inclinara para a frente para dar uma remada.

Deixa o barco sob a ponte, entre seus pilares, onde está a salvo de ser visto, devido à escuridão. Vai então a Whynmouth, para um hotel, a fim de estabelecer lá sua

presença e uma determinada hora (11:00 da noite). Depois, sai sem ser visto e vai até o Lorde Marshall, onde personifica "Penistone", o que não era muito difícil devido à pouca iluminação do saguão, com o objetivo de sugerir que "Penistone" ainda estava vivo nessa ocasião. Em seguida, volta para o primeiro dos hotéis, onde permanece até depois da meia-noite. Dessa forma, ele estabeleceu um álibi o melhor que pôde.

O corpo, tendo ficado embaixo da ponte, manteve-se seco. Assim que a maré começa a inverter-se, ele rema rio acima, passa o cadáver para o bote do Vigário, encosta a popa na margem, e desce. Vendo o chapéu do Vigário, coloca-o no bote, para aumentar a confusão. Em seguida, procede como Ware imaginou.

Em Rundel Croft, ele coloca o barco no abrigo, cometendo o erro de pôr a proa em primeiro lugar. Feito isso, caminha até West End. Sua súbita partida para Londres está relacionada com o testamento de John Martin Fitzgerald, assunto na ocasião bastante obscuro.

Capítulo VI - MILWARD KENNEDY

1. Quatro homens estão empenhados em fornecer armas aos exércitos chineses; são eles o Sr. X (principal elemento financeiro), o Almirante Penistone (Técnico em Material Bélico; conhecedor da China; na reserva da Marinha, sob um falso pretexto; tem também um interesse financeiro de menor monta), Sir Wilfrid Denny (ex-integrante da Alfândega da China) e Holland (que "faz os negócios"). Holland não está naturalmente em condições de discutir seus negócios com a polícia.

2. O Almirante deseja aumentar sua participação financeira em outras palavras, tirar o Sr. X do negócio. Com essa finalidade, está ele confabulações com Sir Wilfrid e Holland.

3. Sir Wilfrid se mostra relutante; recusa-se abertamente a participar e avisa o Sr. X.

4. O Sr. X, que já suspeitava do Almirante e desejoso de mantê-lo de olho, persuadiu sua mulher a empregar-se como se fosse francesa, a serviço de Elma Fitzgerald.

5. Quando o Almirante se mudou para Rundel Croft: (a) Sir Wilfrid fica temeroso de que o Sr. X julgue que ele também o está traindo; (b) a empregada francesa descobre que exatamente do outro lado do rio mora o marido que ela abandonou 10 anos antes; ela dá o fora e explica as razões ao Sr. X.

6. Sir Wilfrid informa ao Sr. X de que o Almirante está procurando marcar uma reunião dos três sócios. Holland, aparentemente, concorda. É dito a Sir Wilfrid que concorde, devendo a reunião realizar-se em terreno "neutro", digamos, próximo à Ponte Fernton (mas não na ponte). É lhe dito ainda que não deixe que se saiba que ele tem quaisquer ligações com Holland e com o Almirante.

7. O Almirante não dará consentimento a Elma para que se case com Holland, a não ser que este concorde com seus planos "comerciais" e ainda está de acordo em pôr algum capital no novo empreendimento que Holland pretende levar adiante com parte do dinheiro que Elma vai receber. Talvez ele deseje também ajudar a "manipular" o dinheiro do irmão de Elma. Este irmão, sempre foi um transviado, mas recentemente se ouviu dizer que sua morte era dada como "presumida".

8. O Sr. X, informado por Sir Wilfrid quanto à hora e ao local fixados para a "reunião secreta", dirige seu carro como se fosse motorista e usando luvas. Ele insiste em

que a “empregada francesa” vá até o Vicariato e arrume as coisas com o Vigário de modo que ela possa, se necessário, reassumir seu lugar em Rundel Croft. Ele espera poder penetrar em Rundel Croft pessoalmente, enquanto ela se encontra no Vicariato (seu conhecimento de Rundel Croft era muito grande, devido às descrições feitas pela “empregada francesa”), e roubar vários documentos relacionados com os “Contratos Chineses”.

9. Enquanto a “empregada francesa” está no Vicariato, o Sr. X desce pelo jardim, pretendendo cruzar o rio no bote do Vigário. Encontra então o Almirante que acabava de voltar em seu barco.

10. O Almirante se apressa em sair do Vicariato depois do jantar porque quer levar Elma para casa, a fim de seguir, depois, para a “reunião secreta”. Ele encosta seu barco como de costume, mas verifica que deixou seu cachimbo no Vicariato e sua carteira de charutos está vazia. Pega então o sobretudo, pretendendo caminhar até a ponte; mas é praticamente a mesma coisa cruzar para o Vicariato, pegar o cachimbo e caminhar até lá. (De acordo com o mapa as distâncias são praticamente idênticas.)

11. O Sr. X e o Almirante conversam. O Sr. X mostra o jornal da noite com suas notícias sobre a China. O Almirante, preocupado com a “reunião secreta”, não se sente à vontade. Vão para o pavilhão. Ali está, além do chapéu do Vigário, a faca. A conversa termina em discussão, e o Sr. X mata o Almirante com a faca. Isso se passa por volta das 11:00 horas da noite.

12. De acordo com a opinião do Sr. X, os arranjos que fizera serviam para não o comprometer com o crime, tendo até dito a Wilfrid, como realmente aconteceu, que usasse o nome do Almirante ao convocar Holland para seu hotel — o que poderia fazer constar que o Almirante estava vivo e em Whyemouth às 11:00 horas da noite.

13. Ele encontra a chave da janela francesa, cruza o rio no barco do Almirante (deixando o corpo no pavilhão), retira os documentos do escritório, torna a trancar a porta e atravessar novamente o rio no barco do Almirante, deixando cair a chave por descuido. Ele presume que a chave tenha caído no rio, mas não se anima a acender uma lanterna para ter certeza.

14. O Sr. X fica esperando no carro. Quando a “empregada francesa” reaparece (ele está convencido de que nem ela nem o Vigário falarão sobre a reunião) o Sr. X diz a ela que leve o carro devagar e sozinha até a Ponte Fernton e daí para Rundel Croft. Quando tem certeza de que o Vigário está dormindo, leva o corpo do Almirante até o bote do clérigo, deixando a faca junto (não cravada) ao corpo e colocando dentro da embarcação, também, o chapéu do Vigário. Sua intenção original era soltar o barco à deriva, mas logo percebe que o rio provavelmente sofre os efeitos das marés e que o bote pode não atingir o mar. Assim, decide deixar as coisas como estão. (Desse modo o corpo ficou “coberto” até quase uma hora da madrugada e o sangue parou de correr antes que o corpo fosse colocado no bote.) O Sr. X torna a cruzar o rio no barco do Almirante (que ele amarra firmemente), atravessa o jardim de Rundel Croft até o carro e parte com a “empregada francesa”.

15. O não comparecimento do Almirante preocupa os outros dois, Sir Wilfrid e Holland. Esperam durante longo tempo e então Sir Wilfrid vai para casa (na manhã seguinte, quando o Sr. X telefona para ter notícias a respeito da reunião, ele se apressa em ir para Londres). Holland decide acertar as contas com o Almirante ali e naquela hora. Põe-se a caminho de Rundel Croft, vê um carro estacionado nas proximidades da entrada e resolve dar a volta via Vicariato. Mas todo o negócio é de certo modo duvidoso e ele não deseja ser visto. Sua vontade de

não ser visto atrasa seu deslocamento. Horrorizado, encontra o corpo no bote do Vigário; já então são quase duas horas. Holland percebe o risco que corre, pois não tem um álibi; o Almirante poderá ter comentado que ia a seu encontro na ponte; havia a questão do testamento e do casamento. Desesperadamente, começa a raciocinar. A maré se inverterá, ele supõe, dentro em pouco e irá fluir rio acima — para longe da ponte. Deve esperar a inversão da maré. A espera é ansiosa; Holland fica mais e mais sobressaltado, mais e mais ansioso por cair fora. Por volta das três da manhã a maré começa a inverter-se. Holland corta o cabo — não porque não possa desatar o nó, mas porque isso satisfaz melhor seu estado de espírito — parece mais rápido do que desatar o nó. Em seguida, pensa em impressões digitais e atira a faca no rio.

16. O plano de Holland é procurar tornar aparente que passou a noite no hotel em que está hospedado. Ele deve ver Elma tão depressa quanto razoavelmente podia aparecer em Rundel Croft. Chega lá antes do Inspetor. Emery tem que ser de certo modo “conduzido”; do mesmo modo Jennie Merton. A demora, quando o Inspetor aparece, é dessa forma explicada. Elma e Holland concordam em que somente eles sabem que o Almirante hesita em consentir em seu casamento; Holland foi aceito como seu noivo. Assim, o motivo “testamento” não seria sério; de qualquer modo, poderia ser argumentado que Elma, provavelmente, não tardaria a receber o dinheiro de seu irmão. Se eles viessem a casar-se, ela não poderia testemunhar contra o marido... e somente ela poderia dizer o que o Almirante pretendia fazer depois do jantar no Vicariato. Já haviam obtido uma licença... pois as circunstâncias (o contrabando de armas, as “negociações” do Almirante, etc.) haviam sugerido a necessidade de contrair matrimônio rapidamente. Os dois partiram para Londres.

17. O “vestido favorito” não foi escondido. Justamente por ser o favorito tornou-se adequado para a cerimônia em Londres; por essa mesma razão Elma hesitou em permitir que sua nova e inexperiente empregada o guardasse em sua mala. Ela mesma o dobrou e o guardou em cima de tudo, depois de ter estado com o Inspetor. Com relação à sua aparência, Elma (como algumas pessoas) se sente pior ante estranhos do que entre os íntimos (no caso do Inspetor ela não teve tempo, é claro). Sua “encenação” durante a entrevista era o que poderia esperar-se — em parte boa, em parte má. Quanto ao Vigário: quando a polícia veio a seu encontro da primeira vez, seu pensamento dominante era que a visita de sua mulher não viesse à tona. Acima de tudo, tinha que pensar em seus filhas (quase seu primeiro pensamento). Seu chapéu pode não ter nada a ver com a história; ele se aferra à sua versão; nada sabe sobre o crime e não pode ser ligado a ele; mas se a visita da “empregada francesa” se torna pública, podem surgir complicações. Assim, depois de confirmar a história de “tudo em calma depois das dez e quinze”, surge o desaparecimento da faca e sua constatação de que há agourentas manchas de sangue no pavilhão de seu jardim. Mount rega o jardim e, se orienta mal o jato de água, isso é apenas um indício de sua completa incompetência.

Capítulo VII - DOROTHY L. SAYERS

John Martin Fitzgerald, de Winchester, advogado, casou-se em 1888, com Mary Penistone, e teve dois filhos de sua mulher; Walter, nascido em 1889, e Elma, em 1898.

Em 1909, Walter, já com 20 anos, teve alguma espécie de problema com seu pai e deixou o país. Foi para a China e conseguiu um emprego como auxiliar de escritório de uma companhia de fumo em Hong Kong; preguiçoso e depravado, ainda que simpático e atraente, envolveu-se com o contrabando de tóxicos.

O diretor assistente da Alfândega na China era um homem de nome Wilfrid Denny, que se viu metido em dificuldades por ter uma mulher extravagante, tendo contraído dívidas pesadas com um forte agiota chinês. Denny não tardou a verificar que o preço da "acomodação" de seus problemas era fechar os olhos à passagem do ópio pela Alfândega. Isto o pôs em contato com Walter, que não tardou a se ver em posição de chantagear Denny, fraco e tolo. A época, Denny tinha cerca de quarenta anos de idade.

Em 1911, o comandante do cruzador *Huntingdonshire*, fundeado em Hong Kong, era o Comandante Penistone, tio do jovem Fitzgerald, e contrabandear ópio significava passar por Penistone. O comandante anterior tinha sido muito fácil de lograr, mas Penistone era alerta e incorruptível. Tinha então 43 anos, era um homem jovial e vigoroso, benquisto por sua tripulação e oficial inteligente. Como não era possível dobrá-lo, havia necessidade de se livrarem dele. Walter, mancomunado com Denny, usou o conhecimento que tinha quanto ao caráter de seu tio para envolvê-lo em um inacreditável incidente (i.e., com uma mulher ou em ligação com o mau tratamento dos nativos). Penistone, ainda que realmente inocente, aparece no marítimo como sendo extremamente indiscreto e é aconselhado a pedir passagem para a reserva.

Penistone jamais soube quem estava por trás do incidente, pois nem sabia que Walter se encontrava em

Hong Kong, e se tornou um homem diferente e amargo. Durante a guerra foi-lhe permitido voltar para a Marinha, vindo a ser transferido novamente para a reserva no posto de Almirante, em reconhecimento aos serviços que prestara, mas ele ainda remói sobre o que poderia ter feito, se não fosse o "incidente", e quando a guerra termina decide penetrar até o fundo de toda a história. Procura coligir eficazmente informações a respeito de tudo e de todos que poderiam ter estado interessados no complô. contra ele, tarefa ainda mais difícil pela confusão do pós-guerra na China. A coisa se torna para ele como que uma mania.

Enquanto isso, Walter continua com suas atividades ilícitas e em 1914 comete uma falsificação. A guerra de 1914 estoura mesmo a tempo de livrá-lo da prisão. Ele consegue fugir e se alista. Mas o mandado de prisão contra ele ainda está em vigor, e se sobreviver parece provável que venha a ser agarrado e tenha que cumprir um longo período de prisão. Desse modo, Walter consegue fazer alguns arranjos para desaparecer. Envia para casa uma carta do tipo "*Querido pai tenho me descuidado com vocês mas espero que seja perdoado agora que virei uma página de minha vida e estou cumprindo com minhas obrigações*", juntando à carta um testamento favorável a Elma, para o caso de acidente.

Após o fracasso de Loos, em setembro de 1915, Walter deserta e desaparece. É dado como "desaparecido, presumivelmente morto". O velho Fitzgerald, já de muito tempo arrependido de sua dureza com o "querido Walter, pobre rapaz", está então decrépito e muito doente. Tendo juntado dinheiro, escreve novo testamento, mas mantém as disposições estabelecidas alguns anos antes a favor de Walter e Elma, pois como Walter já reapareceu uma vez, poderá fazê-la de novo. (Ver Capítulo VII.) Walter, no

entanto, conseguiu reaparecer em algum lugar com documentos de alguma outra pessoa. Ele se mantém em contato com Elma, secretamente, sendo ainda para ela o maravilhoso e bem-amado "irmão mais velho" — uma radiosa lembrança da infância. Se Walter está em dificuldade, a culpa deve ser de alguma pessoa malvada que o prejudicou. Walter faz de Elma sua confidente. A idéia é provar que ele morreu, quando Elma ficará com a parte dele em dinheiro, dinheiro que transferirá para Walter, sob sua nova identidade.

O velho Fitzgerald morre em 1916. Nada mais pode ser feito até 1918-1919, quando os prisioneiros de guerra britânicos são postos em liberdade e a "presunção" de morte de combatentes desaparecidos é aceita pelos tribunais.

Tudo é arranjado e posto em ordem para a "presunção" da morte de Walter, quando surge uma pessoa inconveniente que diz ter conhecido Walter logo que se alistou no Exército e declara positivamente que o viu vivo em 1918, em Budapeste. Ela não sabe o nome sob o qual Walter agora se esconde, mas insiste em que não pode ter-se enganado com relação ao homem. Diante disso, o tribunal recusa a presunção da morte de Walter. Nota: somente agora é que se torna necessário que Elma se case, a fim de proporcionar dinheiro ao irmão. Ver Capítulo VII com relação a suas atuais possibilidades. É quando o problema da falsificação vem à tona. (Ver Capítulo VII.) O tempo passa. Walter, conhecido agora como o Sr. X, está levando vida airada e cara fora do país — principalmente com sua vivacidade e explorando seu charme. Em 1920, seduz uma Sra. Mount, que se encontrava com amigos em Monte Carlo e que possuía algum dinheiro. Walter está em maré de má sorte ou não se teria envolvido com a mulher do Vigário. Tendo sugado o dinheiro da Sra. Mount, ele a

abandona à própria sorte. A Sra. Mount se emprega como dama de companhia em Paris.

A vida se torna incrivelmente sórdida e difícil para Walter. Um dia, porém, ele vem a saber que Denny está aposentado na Inglaterra com uma pensão e o título de cavalheiro. Ótima idéia! Vai fazer chantagem com Denny! Assim o faz, sabendo que Denny não irá expô-lo, com medo de que a história da China venha à tona, pois a pensão que recebe seria sustada.

A idéia de Walter é: pague-me e ficarei calado. Deixa de pagar, e eu lanço o arpão. Estou tão decidido que pouco me importa se vou ou não para a prisão, mas você pagará por isso, meu rapaz! O infeliz Denny paga — todas as suas economias se vão (o produto de seus negócios com contrabando) e ele tem que continuar pagando a Walter do que recebe da modesta pensão.

O Almirante, enquanto isso (está agora morando na Cornualha), no decurso de suas enérgicas investigações, encontrou finalmente a pista sobre o velho incidente de Hong Kong. Um homem chamado Arthur Holland que, sob o disfarce de um vago negócio de exportação, realiza algumas investigações secretas na China (provavelmente ele está envolvido com a política chinesa do pós-guerra), fornece-lhe algumas informações úteis. O Almirante começa a suspeitar de que: (a) Walter está vivo; (b) Walter tem algo a ver com sua desgraça; (c) Denny também tem alguma coisa a ver com isso.

Walter agora está ficando calvo; ele deixou crescer a barba e modificou sua aparência; um dia se apresenta à porta de Denny. Denny, de então em diante, terá que mantê-la e firmá-la em sua nova personalidade como Sr. X. Caso contrário... vai tudo para o brejo!

Denny está entre a cruz e a espada. Ele sabe (do que Walter lhe disse em momentos de expansividade), no

entanto, que há uma pessoa na Inglaterra a quem o Sr. "X" não quer ver, o Sr. Mount. Este sabe demais a respeito do Sr. "X", o suficiente para tornar difícil sua vida em qualquer lugar. Denny consulta Crockford, descobre que Mount está morando em Lingham e se muda para a mesma vizinhança. Walter, voltando de uma viagem ao exterior, verifica que Denny está procurando fugir. Procura desentoeirar Denny, mas este se recusa.

Surge então uma nova fonte de preocupações. Afobado, Denny escreve para Walter. Ele tem notícias do Almirante. O Almirante — depois de todos esses anos! — pôs-se a fazer perguntas, incansavelmente, sobre o já morto e enterrado incidente de Hong Kong. Dá a impressão de que realmente suspeita de alguma coisa. Denny está-se esforçando ao máximo para mostrar-se amigável e cauteloso, mas tudo está terrivelmente difícil.

Walter é de opinião que deve ser desenvolvida alguma espécie de espionagem. Ele procura sua ex-amante, a Sra. Mount, sobre quem ainda exerce grande influência, e faz com que ela se empregue como dama de companhia de sua irmã, sob o nome de Célie Blanc. Ela deve verificar o que puder a respeito de quem visita a casa e o que o Almirante está fazendo, e agir como ligação entre Walter e Elma. O Almirante, que começa a suspeitar que Elma sabe do paradeiro de Walter, está começando a mantê-la sob estrito controle e examina sua correspondência.

Para Elma, é claro, Walter é o pobre e injustiçado rapaz que nunca teve uma chance. Ela está ansiosa em que o irmão receba seu dinheiro, por bem ou por mal. Como falhou o esquema para provar que Walter morreria, Elma queria agora passar o próprio dinheiro para as mãos dele. Felizmente, Holland se apaixonou desesperadamente por sua fanada beleza. Ainda que, por temperamento, Elma não fosse inclinada a contrair núpcias, está entusiasmada a

casar-se com Holland para conseguir o dinheiro. O Almirante está muito desconfiado disso e, assim, procura opor-se ao casamento. Elma, por sua vez, não confia em Holland, um instrumento do Almirante. Todo mundo conspira para mantê-la longe do querido Walter. Por isso, ela interrompe sua correspondência com o irmão e trata o Almirante com o desprezo que ele merece.

Holland foi alertado pelo Almirante que, se viesse a casar-se com Elma, ela provavelmente mandaria todo o dinheiro dela para o salafrário do irmão. Mas Holland, que está apaixonado, diz que deseja Elma e não seu dinheiro. O Almirante o adverte de que não lhe dará o consentimento. Ao que Holland responde que pouco se importa. Mas Elma se importa. Ela quer casar-se com Holland para assumir o controle do dinheiro. A situação se arrasta. Elma se alterna entre encorajar Holland e rejeitá-lo. Se ela se mostra muito amorosa, ele insiste em casar-se sem o consentimento do Almirante; se ela parece muito interessada no dinheiro, ele pode afastar-se. Como Holland é o único homem com quem, hoje em dia, ela tem bastante oportunidade de se avistar, e nenhum outro pretendente parece interessado, Elma deve mantê-lo tão engajado quanto possível.

A Sra. Mount é uma mulher fraca, ainda apaixonada por Walter.

Creio que sabe muito bem que ele é Fitzgerald, mas acredita, como Elma, que ele foi profundamente injustiçado. Walter está convencido de que a Sra. Mount está completamente sob suas garras e, como um engodo, prometeu casar-se com ela, se o ajudar a receber o dinheiro.

Muito bem, então. O Almirante chega à conclusão de que a única pessoa que pode realmente ajudá-lo a encontrar Walter e desenredar o incidente na China é Denny. Tomando uma de suas rápidas decisões, compra

Rundel Croft e leva toda a família para lá, com armas e bagagens.

Isso é horrivelmente desconcertante para Walter, e a Sra. Mount fica apavorada quando se vê — não somente na mesma localidade, mas, na verdade, em uma casa vizinha à de seu marido. (Não creio que Walter tenha dito à Sra. Mount onde seu marido morava — por que o faria? — e quando a Sra. Mount pôde informar a Walter para onde iriam, a mudança já se tinha realizado. Ou, talvez fosse possível que a Sra. Mount soubesse, mas deliberadamente nada falou a Walter no início, por ter ficado entusiasmada com a idéia de poder ver seus dois filhos. Talvez esta última idéia fosse mais aceitável e mais conveniente para o caráter fraco da Sra. Mount, sob o ponto de vista emocional.) O Vigário, é claro, vê sua mulher e a reconhece, ficando profundamente chocado. Ele tem um encontro com ela em particular, no qual torna a obter parte da influência antiga que tinha sobre sua mulher, como sacerdote, senão mesmo como homem. Delicadamente, o Vigário pergunta a ela sobre Walter (a quem, é claro, só conhece como X) — ainda vive com ela? A Sra. Mount jamais pedira divórcio, e ele, o Vigário, nunca tornaria a iniciativa de divorciar-se, por ser contra seus princípios. Para ele, ela continuava a ser sua mulher. A Sra. Mount fica sensibilizada com essa verdadeira consideração e admite que X se porta mal para com ela, mas admite ter agora esperanças de que afinal de contas possam casar-se, depois de os “negócios” dele se acertarem. A Sra. Mount (sempre prontamente suscetível à influência mais recente) torna-se muito preocupada depois desse encontro. Além disso, do que ela ouviu na casa do Almirante, começa a temer que esteja sendo envolvida em alguma coisa mais imoral e perigosa do que a simples restituição de “direitos” a um homem perseguido. Afinal de contas, a essa altura, poucas serão suas ilusões a respeito

do caráter de Walter como pessoa. Ela se decide a ir novamente procurar o Vigário, contando-lhe tudo o que sabe, sob o juramento de sigilo da confissão.

O Vigário é duro com ela. É um absurdo supor que lhe possa dar absolvição. Ela não está arrependida, está simplesmente assustada. Está enganando seu empregador e metida em uma conspiração para derrotar os desígnios da Justiça. Sua obrigação é romper com Walter e contar tudo ao Almirante.

Caracteristicamente, a Sra. Mount nem faz uma coisa nem outra. Não prossegue na história, mas não ousa falar com o Almirante: simplesmente abandona Rundel Croft, limitando-se a dizer a Walter que seu marido a havia reconhecido e que a situação se tornara insustentável. Walter fica aborrecido, mas conclui que ela não merece mais confiança. Aconselha-a a não ser tola. Por que Elma não irá casar-se com Holland? Nada mais é objetivado. Walter consegue dela uma descrição exata da casa do Almirante, do Vicariato, etc.

Duas semanas mais tarde, Walter vem a saber por Denny que o Almirante está chegando perigosamente perto da verdade. "Velhos amigos" o têm visitado; alguma coisa foi descoberta. O Almirante precisa ser silenciado.

Walter concorda. Seu plano: (a) — Matar o Almirante; (b) — Forjar provas de sua própria morte a alguma época subsequente à morte do velho Fitzgerald; (c) — Deixar que Elma herde a parte da herança de Walter de conformidade com o seu próprio testamento de 1915.

Walter e Denny então ficarão seguros, e todo o dinheiro estará nas mãos de Walter para todos os fins e propósitos. Se Denny se conduzir bem, participará do dinheiro. Walter então faz com que Denny escreva uma carta para Elma. Ele diz que encontrou meios de exercer pressão sobre o Almirante e forçá-lo a consentir no

casamento de Elma com Holland. Nada disso deverá ser dito a Holland (que poderia sinceramente se opor a esses métodos), e, apenas, Elma deve dizer que está pronta a casar-se com ele, com ou sem o consentimento do Almirante. Holland deverá obter uma licença especial e ela irá a Londres casar-se com ele na manhã de 10 de agosto.

É então estabelecido o plano para eliminar o Almirante, roubar os documentos e, dessa forma, deixar todo mundo alegre e feliz.

O Crime

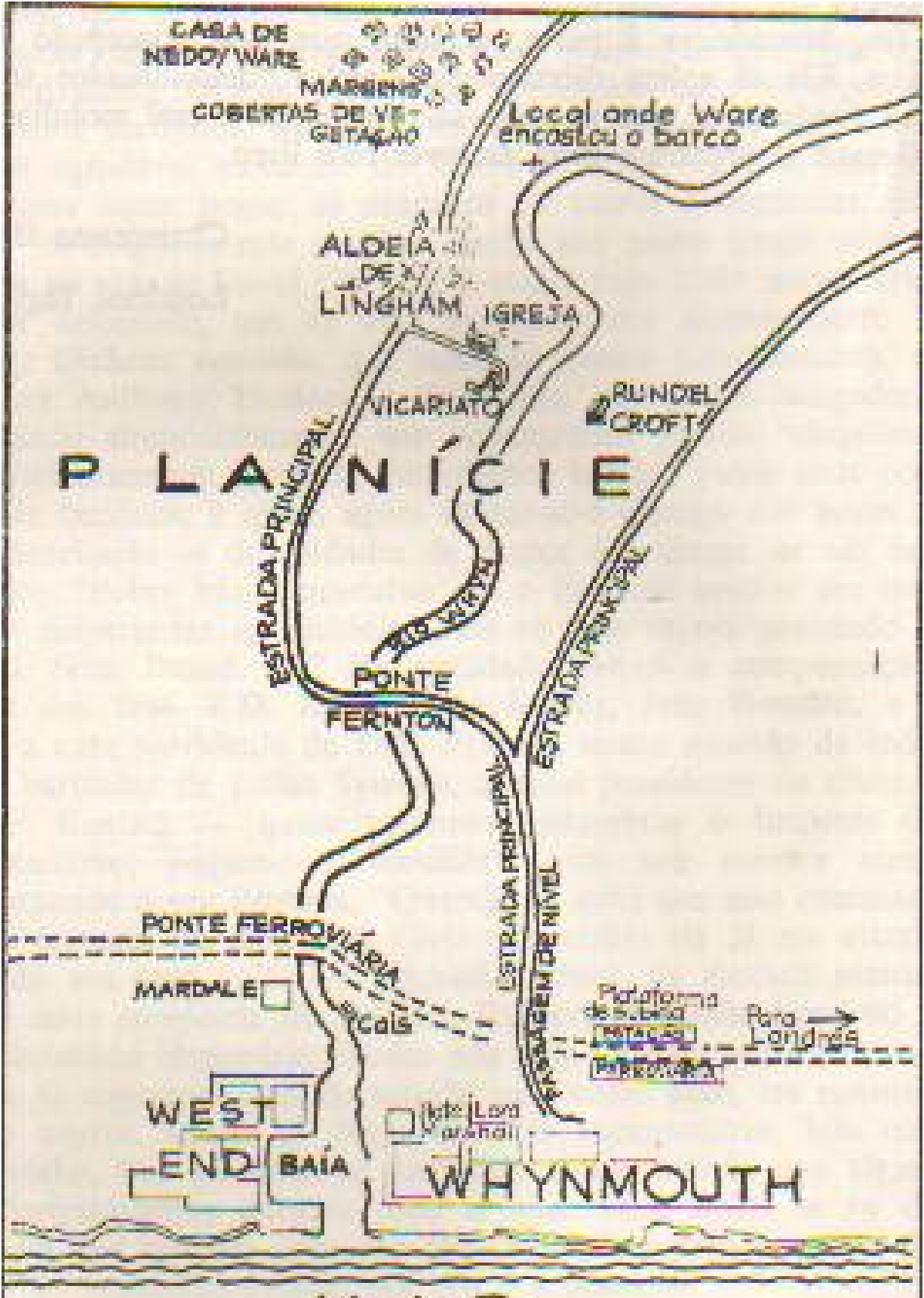
1. Holland chega inesperadamente pelo trem de 8:50 da noite, para avistar-se com o Almirante. Ele está preocupado com a idéia de que prejudicar o futuro de Elma, quer se casar com ela e proporcionar ao Almirante uma chance final de dar o seu consentimento, antes que seja tarde demais. Holland liga do Lorde Marshall e quem atende é a Sra. Emery, que lhe diz que Ema e o Almirante saíram para jantar, mas que provavelmente irão demorar-se até muito tarde. É desanimador, mas ele fará o que for possível. Pernoitará por ali e fará mais um esforço em ver o Almirante, mas, se não o conseguir, simplesmente voltará para Londres na manhã seguinte e executará seu plano. Janta no Lorde Marshall e sai em seguida para dar uma volta, ocasião em que é visto por Denny.

2. Este dissera ao Almirante que havia descoberto alguma coisa sobre Walter e o incidente na China que o Almirante gostaria de saber. Tinha sob seu controle um homem que sabia de algo. Este homem se encontrava em dificuldades e não podia aparecer abertamente, mas, se o Almirante descesse depois do jantar, até um abrigo de barcos abandonado perto da Ponte Fernton, Denny e o homem encontrar-se-iam com ele. O encontro foi marcado para as 11:15 em ponto. O Almirante engoliu a isca ansiosamente. Walter (através de Denny) tinha contado

tudo a Elma, ainda que para ela, é claro, “o homem” seja a pessoa misteriosa que “exerce” controle sobre o Almirante e vai extrair dele o consentimento para o casamento. O Almirante, do mesmo modo, pensa que Elma não sabe de nada disso.

3. O plano para o assassinato é o seguinte: Denny irá a pé até o velho abrigo de barcos, encontra-se com o Almirante e fica conversando com ele. Nesse meio tempo, Walter vai até o Lorde Marshall, chegando por volta das 11:15. Ali, com sua barba e os traços de família que o fazem muito parecido com o tio, o Almirante, facilmente será confundido com este devido à fraca luz existente. Walter deverá deixar algum recado (quando, Walter fica sabendo, através de Denny, que Holland se encontra em Whynmouth, aproveitam-se dessa circunstância. Walter deve perguntar por Holland, sugerindo que, se alguma coisa ocorrer mal com seus planos, Holland possa ser envolvido no negócio). Dessa forma, estabeleceriam o fato de que o Almirante pretendia viajar pelo trem de 11:25. Walter, em seguida, iria para a Ponte Fernton no carro de Denny (uma distância de cerca de três minutos de automóvel) e, enquanto Denny ataca o Almirante, Walter golpeará selvagememente sua cabeça com um instrumento pesado. O corpo será então levado para a passagem de nível, que é do tipo acionado por uma alavanca da sinaleira. Tudo isso não iria demorar mais do que uns sete minutos (digamos, um minuto para o crime, três para ir do abrigo de barcos até o carro, outros três até a passagem de nível; isto permitiria que dirigisse a uns 50 quilômetros por hora num trajeto de dois quilômetros aproximadamente — quando poderia de fato cobrir mais rapidamente uma distância tão curta). Por volta das 11:22 colocarão o corpo na linha de descida, através das cancelas laterais, confiando na escuridão. Às 11:24 deveria passar o expresso, que não parava em

Whynmouth. Com alguma sorte, o corpo do Almirante ficaria quase irreconhecível e a conclusão a que chegariam seria a de morte por acidente, ao atravessar a passagem de nível através da cancela, a fim de cortar caminho para ir do Lorde Marshall até a estação. (Ver Mapa.) Walter então se dirigirá a Rundel Croft, ao encontro de Elma que o espera. Ele explicará à irmã que a reunião se realizou e que o Almirante, em face do que transpirara, iria a Londres, mas que, antes, dera o consentimento para o casamento. Nessa ocasião, Walter entregaria a Elma o consentimento datilografado, que havia forjado com essa finalidade. Elma dever-se-ia casar imediatamente com Holland, pois Walter precisava Desesperadamente de dinheiro e não havia tempo a perder.



4. Esse lindo plano sai errado. O que realmente acontece é o seguinte: a Sra. Mount, depois do encontro com o Vigário e mais uma coisa ou outra, passara a desconfiar de que Walter fosse capaz de coisas muito piores do que ela jamais imaginara, e passara a fazer algumas pequenas investigações por conta própria. Imagino que ela tenha interceptado alguma comunicação de Denny referindo-se à data e à hora do encontro com o Almirante. A Sra. Mount está morando em Londres, seja com Walter, seja em algum lugar escolhido por ele. Ela descobre: (a) que Walter não tem a intenção de realmente vir a casar-se com ela, tendo feito outros planos e (b) que há um complô para liquidar o Almirante naquela mesma noite. A Sra. Mount decide avisar o Almirante. Já não há mais nenhum trem que ela possa tomar (o das 8:50 já partiu e o expresso não pára em Whynmouth), e por isso ela aluga um táxi e parte para Lingham. Ela não vai diretamente para Rundel Croft, preferindo não se defrontar com Walter, que pode estar lá (a Sra. Mount não conhece detalhes do complô). Procurará encontrar o Vigário e avisá-lo. No vilarejo ela determina ao motorista que pare no portão do Vicariato e espere sua volta. Não irá demorar-se muito. Chega ao Vicariato às 10:40. (N.B. — um pouco mais cedo do que o policial citou no Capítulo VI, mas ele disse por volta das 10:45.) A Sra. Mount não quer tocar a campainha (os rapazes! os empregados!)... o Vigário talvez esteja no jardim, fumando o cachimbo antes de ir para a cama (como era seu hábito, lembra-se ela). Vai até o pavilhão, onde não encontra ninguém, somente o chapéu do Vigário e a faca de Peter em cima da mesa. Deveria ela atirar pedras na janela do quarto de dormir do Vigário? (Mas qual é a janela?) Ou será melhor atravessar o rio de barco e ir ousadamente a Rundel Croft? Ela está brincando com a faca e lhe ocorre que se tiver que enfrentar Walter por conta própria ali está

uma arma útil. Súbito, escuta o inconfundível ruído de remos trabalhando nas forquetas. A Sra. Mount se apressa em ir para o abrigo de barcos e, através da névoa do verão, vê o Almirante que começa a deslocar-se rio abaixo. No pavilhão ela teria apanhado o que julgava ser sua bolsa de camurça preta, mas que, na realidade, é o chapéu do Vigário. Ela puxa o bote do Vigário pela corda presa a sua popa, mas devido à força da correnteza e à dureza do cabo novo, tem alguma dificuldade em desatá-lo do poste de amarração. Assim, utiliza-se da faca de Peter para cortá-lo e acredito que, nessa ocasião, atira a faca dentro do rio, para ser subseqüentemente achada. Ela coloca as forquetas em posição e se põe no encalço do Almirante, que a essa altura já vai longe, rio abaixo. (Ela poderia ter tentado chamá-la, mas o Almirante, provavelmente, não deu atenção, ou ela pode ter tido medo de provocar uma situação desagradável. Os rapazes! os empregados!)

5. O capote. O Almirante decidiu ir à reunião pelo rio. Ir de carro significava fazer barulho e, não iria a pé devido ao ferimento de guerra que afetara uma de suas pernas (com isso não é possível supor-se que ele pudesse ir caminhando e chegar a tempo em Whynmouth). O Almirante aguarda no abrigo de barcos até que Elma esteja fora do caminho e, refletindo, acha melhor levar um capote, pois vai aquecer-se remando e o encontro no velho abrigo de barcos poderá ser demorado. Vai até a casa, apanha o capote e, ao voltar, torna a fechar a janela francesa. Em seguida, sai de barco. Como a maré está baixando atentadamente, o Almirante julga que poderá ir até a Ponte Fernton no máximo em meia hora, sendo ele um excelente remador, apesar da idade.

6. A Sra. Mount não consegue remar rio abaixo tão bem quanto o Almirante. Quando ainda casada ela costumava remar junto com o Vigário, mas está sem

prática. Na verdade ele costumava chegar à Ponte Fernon em 25 minutos, às 11:10, encontrando Denny à sua espera. A Sra. Mount chega 10 minutos mais tarde. Vê o barco, mas não vê o Almirante. Amarra o bote nas pranchas apodrecidas, e se esgueirando em volta do abrigo de barcos, em ruínas e afetado pelas águas, vê Denny e o Almirante atrás do abrigo. Denny, agora, tem sérias dúvidas sobre Walter. Acredita que Walter possa matá-lo, assim como ao Almirante. Por isso veio armado com uma faca — uma relíquia dos tempos da China, sem dúvida. A Sra. Mount grita para o Almirante: “Cuidado, Almirante! Eles vão matá-lo!” O Almirante (que tem as mais sérias dúvidas quanto a Denny) volta-se ameaçadoramente para Denny. Este perde a cabeça como um idiota, saca da faca e apunhala o Almirante. A Sra. Mount desmaia e cai.

7. Nesse conturbado momento, chega Walter, tendo desempenhado sua parte no plano. Fica horrorizado ao encontrar o Almirante morto, com um ferimento que de forma alguma pode ser atribuído a uma locomotiva. E ainda por cima a Sra. Mount, tendo ataques de histeria por ali! Fica furioso com ambos, Denny e a Sra. Mount. Eles altercam em sussurros zangados. Denny diz que não pôde evitar o que aconteceu. Walter o chama de idiota completo. Denny quer saber se não podem dar prosseguimento ao plano, pois talvez o ferimento não seja percebido na confusão geral. Enquanto perdem tempo em recriminações e em controlar a Sra. Mount — que mostra toda a disposição de gritar e atrair quem passe na estrada — ouve-se a distância um barulhão e um apito e, às 11:24, o trem faz estremecer a ponte da ferrovia. É demasiado tarde. O único trem a passar é o 11:25, mas não há tempo para fazer mais nada.

8. E agora, o que vão fazer? Aqui estão eles, com duas embarcações, um carro, uma mulher e um cadáver. A

coisa mais simples a fazer é deixar que o Almirante flutue pacificamente na direção do mar, e com a intensidade da maré no momento lá deverá chegar dentro de meia hora. Alguém encontrará o corpo e logicamente haverá investigações em Rundel Croft, sendo urgentemente necessário que Walter vá até lá e tire os documentos. Depois, haverá também uma ação qualquer rio acima; sangue e pegadas serão descobertos na Ponte Fernton. É muito melhor sugerir que o crime tenha sido cometido em outro lugar. O bote do Vigário, o chapéu do Vigário... por que não levar toda essa caterva para Rundel Croft e deixar que o Vigário explique as coisas da melhor maneira que puder? Walter levará o carro até a casa, retirará os documentos e deixará lá o consentimento forjado. A Sra. Mount e o infeliz Denny devem levar os barcos de volta o mais depressa que puderem, com ou sem correnteza.

9. "E por falar nisso", quer saber Walter, "como a Sra. Mount veio bater aqui?" Depois de uns momentos de discussão e sacudide-las, a Sra. Mount contou o que acontecera. Raios! É preciso livrar-se daquele motorista! Aqui estão eles e já é meia-noite (pois houve muita discussão). Não há tempo a perder. Walter volta de carro e vai na direção do Vicariato. O táxi desapareceu! O fato é intrigante e desagradável, porém, o mais imperativo é andar depressa. Walter vai agora na direção de Rundel Croft, dando a volta pela Ponte Fernton. Chega e esconde o carro em algum lugar fora da estrada. Entra na casa passando pela janela francesa com a chave de Elma, vai até o escritório e começa a buscar os documentos.

10. O carro. O motorista do táxi, durante a espera, começou a ficar impaciente. Sua passageira dissera que só iria demorar-se alguns minutos, e ele já está esperando há uma hora. Ninguém parece ter aberto a porta para ela. O Vicariato está escuro como um túmulo. O motorista está

quase certo de que está sendo tapeado. Faz soar a buzina várias vezes, com toda a força, e em seguida se encaminha para a porta lateral, que é a primeira com que se depara, e bate. O Vigário, cujo quarto de dormir fica por cima dessa mesma porta (os empregados e os rapazes dormem no lado do rio), olha para fora. O que é que está havendo? Algum paroquiano está à morte? A resposta do motorista é ininteligível — para o Vigário— e o Sr. Mount acha melhor descer e ver o que está ocorrendo. O motorista pergunta se a dama vai demorar, pois tem que voltar para sua garagem, para um outro serviço. O Vigário pergunta a que dama está-se referindo. A que eu trouxe aqui, torna o motorista, que descreve sua passageira. Ele vai ou não receber seu dinheiro? Porque se não... mostra toda sua intenção de criar problemas. O Vigário, que com extrema inquietação reconhece a Sra. Mount pela descrição feita, pensa rapidamente. A qualquer preço um problema deve ser evitado. Dá uma explicação qualquer e paga o motorista, depois de anotar-lhe o nome e o endereço da garagem. Em seguida, põe-se a raciocinar. Onde teria ido sua mulher? Porque teria vindo até o Vicariato? Talvez ela tenha ido a Rundel Croft. Vai até o abrigo de barcos. Seu bote não está ali. A Sra. Mount deve ter cruzado o rio nele. Sacode a cabeça. Obviamente a pobre criatura está ainda sob as garras daquele patife. O que fará ela ao voltar e verificar que o táxi já foi? Era óbvio que devia esperar sua mulher e explicar o que acontecera. Se necessário, ele a levará em seu carro. Volta e se veste, ficando sentado, depois de vestir-se, no seu quarto mesmo, a fim de vigiar a estrada. (Porque Mount não fica observando o abrigo de barcos? Porque, se Walter voltar com ela, pode haver problemas e, provavelmente, discussão em voz alta — e, então, os rapazes! os empregados! De qualquer modo, ela deve dirigir-se novamente para o local onde deixou o carro e,

assim, Mount fica esperando do lado da casa voltado para a estrada.)

11. Cabe agora a Denny e à Sra. Mount levarem os barcos de volta. Removem os vestígios de sangue do antigo abrigo de barcos da melhor maneira que podem. A Sra. Mount, ameaçada por Denny, a quem acaba de ver matar um homem, ajuda sem protestar. Denny veste o capote no Almirante (ou tê-lo-á vestido o próprio Almirante ao chegar) e enfia em seu bolso o jornal da noite que trouxera (ou o próprio Walter) para a reunião. (O jornal fora comprado naquela noite mesmo em Whynmouth ou Walter poderia tê-lo trazido de Londres.) Por volta de uma hora da manhã, começam a deslocar-se, com o abrandamento da maré. Colocam o corpo do Almirante no bote do Vigário, retiram as forquetas e põem o casaco de Denny cobrindo o rosto do morto. Isso explica o fato de o corpo não estar úmido de orvalho. O bote do Vigário, com o cadáver dentro, é atado pelo cabo à popa do barco do Almirante a fim de ser rebocado. O incompetente Denny naturalmente ata o cabo com um desses nós de gente de terra que ninguém, a não ser um peixe-serra, poderá desatar, especialmente pelo fato de que o cabo está molhado e a corda nova empapada de água. Com um bote a reboque e dois remadores incompetentes, o deslocamento não foi muito rápido e a temida madrugada já vinha rompendo antes que chegassem a Rundel Croft. Walter lá está, impaciente com a demora. Ele fechou a porta e trouxe a chave, mas, ao ajudar o idiota do Denny, a chave cai. Walter pensa que a chave. caiu na lama, mas na verdade foi parar dentro do barco do Almirante e acaba sendo chutada para debaixo das tábuas, por Denny. De qualquer modo, não havia tempo para que a procurassem. O dia está ficando claro. Maldito Denny e seu nó indesejável! O cabo é cortado com a faca de Denny, e o bote é solto à deriva conduzindo o corpo. O bote se arrasta

pelo rio e vai encalhar na margem aposta. Mais tarde a maré o libera e o impele rio acima. O remanescente da corda do barco do Almirante é picado e atirado fora, depois de terem posto a embarcação no abrigo, com a extremidade errada para a frente. Em seguida, voltam para Whyemouth no carro de Denny, onde Walter e a Sra. Mount são deixados. Walter retira seu próprio carro do local onde o havia escondido, quando chegou de Londres, e leva a Sra. Mount também no auto — e se essa pobre mulher saísse dessa história toda com vida, eu ficaria surpresa. (N.B. — O carro de Walter podia também ter sido utilizado o tempo todo. Ou Walter e a Sra. Mount poderiam ter voltado para Londres no trem leiteiro. Em qualquer desses casos, os movimentos dos carros poderiam ser levantados.)

12. Holland. O que estaria Holland fazendo? Ele poderia, é claro, permanecer dormindo em sua cama, inocentemente, porém creio que seria mais divertido se assim não fosse. Creio que, depois de colocar suas botas do lado de fora a fim de serem limpas, Holland achou que valeria a pena tentar novamente o Almirante. Saiu então, sem ser visto por Boots, em algum momento entre as 10:00 e 11:00 horas (não muito cedo, pois a família não teria ainda voltado do Vicariato). Caminha os quatro quilômetros calmamente usando sapatos de lona de solado de borracha. Digamos que atinge Rundel Croft às 11:15. (O Almirante está no abrigo de barcos, Elma já subiu.) A casa está às escuras. Aparentemente, tio e sobrinha ainda não chegaram. Holland vai até o abrigo dos barcos. Eles estão ainda no Vicariato. Bom. Holland resolve passear um pouco pela estrada, mantendo a casa de olho. Ainda não há luzes acesas. Muito estranho. Holland devaneia sobre amor e casamento e recita o Poema ao Rouxinol a fim de encher o tempo. A casa continua às escuras. Será que não os viu! Torna a ir até o abrigo. O barco ainda está fora. Não há

luzes acesas em lugar algum. Já é mais de meia-noite. Bem, não lhe é possível bater à porta a uma tal hora. Opa! Alguém está entrando pela janela francesa! Luz no escritório. Holland distingue, perfeitamente, o perfil barbado do Almirante (na verdade Walter e seus traços de família) dentro do escritório. Cada vez mais curioso. Onde está o barco? As cortinas do escritório foram cerradas, mas há luz agora na sala de visitas. Holland bate. Elma vem abrir a porta. Elma parece muito surpreendida ao vê-lo. É possível ver o Almirante? Não... Oh, não... mas não há necessidade. O Almirante concordou com o casamento. Olhe só! Aqui está a autorização. Então, diz Holland, não há necessidade de ir a Londres amanhã. Oh, sim... deixemos que eles façam como está assentado. De fato o Almirante somente deu seu consentimento compreendendo que ela acabaria manchando a honra da família... É mesmo? Por Deus! Holland dirá àquele tipo o que pensa dele. Por favor, não! Isso só servirá para tornar as coisas piores. Por favor, faça o que ela está dizendo. Claro querida — e ela o ama, não é mesmo? — Oh, claro, mas por favor, agora vá embora. Muito bem... mas ela está tão linda esta noite. Muito bem. Boa-noite, querida. Holland se afasta imerso em um sonho maravilhoso e quando chega ao Lorde Marshall fica envergonhado de bater à porta. Ao contrário, dá voltas em torno à baía (onde poderá ser visto, se necessário) até às seis, quando entra sem ser visto por Boots, que está ocupado no bar. (Observemos que Holland agora está preparado para jurar que viu o Almirante com vida após a meia-noite.) Quando surgem as novidades sobre a morte do Almirante, Holland fica preocupado. Preciso ver Elma. Vai a Rundel Croft pensando que, com o que aconteceu, ela não irá adiante com o casamento. Holland é interceptado pelo Inspetor Rudge, e quando se vê livre vem a saber que Elma foi para Londres, de acordo com o combinado. Apressa-se a

ir atrás dela e, pressentindo que ia haver muitos problemas com relação ao ocorrido, casa-se com Elma. Como sua mulher, pode protegê-la. Holland percebe que, naturalmente, é impossível para eles ficarem na cidade, como Elma sugere. É necessário que voltem para o inquérito e o funeral. Elma, porém, está aborrecida, e, no momento, Holland lhe faz a vontade. (Nota: Holland nada diz a Rudge sobre sua viagem à meia-noite, temeroso de que o Inspetor o detenha. Primeiro, ele quer ir ao encontro de Elma. Na verdade, é possível até que, a essa altura, ele suspeite de Elma.)

13. Elma. A ênfase dada ao tempo gasto em chamar Elma e para ela vestir-se me parece um pouco exagerada. Elma, quando fica sabendo da morte do tio, apavora-se. Não pode deixar de suspeitar de Walter, mas espera que o crime tenha sido cometido pelo outro homem desconhecido, depois que Walter os deixou. Elma sente-se mal e com vontade de vomitar, mas Emery irá trazer-lhe uma xícara de chá e ela procurará recompor-se. Emery traz oh! Sim... Elma agora está melhor — diga ao Inspetor que ela vai descer dentro de um quarto de hora. Elma põe-se a pensar sobre o que será melhor que diga. Ninguém sabe a respeito de Walter. Holland evidentemente julga ter sido o Almirante quem entrou à meia-noite. Era melhor não dizer nada. Elma espera que Holland não fale nada antes de consultá-la; de fato, provavelmente ele já está em Londres. Vai mandar Jennie arrumar sua mala. O vestido branco servirá agora para a cerimônia de casamento; Elma olha o vestido. Meu Deus! Uma mancha de sangue na cintura. Ou a mão ou o casaco de Walter deve ter produzido a mancha quando a cumprimentou. Então, Walter...! Horrível. Apressadamente, esconde o vestido, muda de roupa e desce. Tempo para contar a novidade Tempo para preparar o chá Tempo para tomar o chá Tempo para examinar o vestido e pensar no

que vai dizer Tempo para mudar de roupa Elma, é claro, deixa que Holland pense que foi o Almirante quem ele viu no escritório, dado que, de outra forma, ela teria que falar sobre Walter. No entanto, será difícil explicar por que deixou que Rudge pensasse que teria sido às 10:00 horas a última vez em que ela viu o Almirante.

14. O Vigário. Sai pela manhã cedo. Ninguém veio atrás do carro. O que terá acontecido? Encontra a bolsa de sua mulher no pavilhão e marcas de saltos de sapatos altos no caminho que vai da casa ao pavilhão, bem como no canteiro perto do pavilhão. (Nota: é o caminho entre o pavilhão e o abrigo de barcos que é de tijolos. O outro é de pedregulhos.) Aflito por evitar o escândalo, o Vigário se mune de um ancinho e de um forçado e remove as marcas. O tempo tem estado firme e quente, mas tem chovido um dia ou outro durante uma semana mais ou menos. (Nota: não tem havido seca prolongada, ou Neddy Ware teria alguma coisa a dizer a respeito de seus efeitos sobre o nível do rio, que parece, pelo menos, estar normal.) Desse modo, a terra, quando revirada, parece suspeitosamente negra e úmida. Depois de saber do crime, o Vigário não pode deixar de suspeitar de que sua mulher seja cúmplice ou, pelo menos, culpada de ter conhecimento. O Vigário aprende qual é a diferença entre orar e cumprir o dever para com o Estado, de um homem religioso. Esconde a bolsa e rega abundantemente a terra revirada. Precisa, agora, encontrar sua mulher. Precisa saber se ela é ou não culpada (a mãe de seus filhos enforcada como assassina!!!). O Vigário espera que sua mulher não seja culpada e que, mostrando a ela estar ciente de sua presença no pavilhão naquela noite, pode induzi-la a revelar o que sabe sobre Walter. Ele mesmo não pode, é claro, divulgar essa informação, pois é impossível a um sacerdote revelar o que tenha ouvido em confissão. O Vigário conhece o endereço da garagem a que

pertencia o táxi. Tão cedo quanto seja possível, sem despertar suspeitas da polícia, ele irá procurar levantar a pista da mulher.

15. O cachimbo do Almirante foi deixado para trás, sobre a mesa do Vigário, durante a visita. Esse fato não tem qualquer significação no contexto do conluio, exceto que, quando Holland diz que viu o Almirante em Rundel Croft, novas suspeitas serão lançadas sobre Mount.

Capítulo VIII - RONALD A. KNOX

Capítulo I. O traço principal da situação — nenhum dos que antes contribuíram tratou desse ponto — parece — o fato de que o corpo tenha sido encontrado dentro de um barco. Um assassinato em um barco é muito improvável; mas, por que colocar um cadáver dentro de um barco, quando seria muito mais simples lança-la dentro d'água? A não ser que, na verdade, estivesse sendo pretendido uma tramóia muito elaborada, a posição do barco no rio tendo sido artificialmente engendrada de modo a lançar suspei-tas do crime sobre alguma pessoa inocente. Se o Cônego Whitechurch tinha algum assassino em vista de algum modo, Ware seria o homem — devemos presumir que Canon Whitechurch respeite a honra das vestes sacerdotais. *Ceteris paribus*,(*) em uma moderna história de detetives a pessoa citada em primeiro lugar é normalmente o criminoso. A favor de ser Ware o culpado, deve ser observado que ele alega não reconhecer o corpo de Penistone, ainda que, muitos anos antes, o tenha conhecido na base na China. Não parece provável que Ware não conheça Penistone pelo menos de vista, após um mês

da mudança do Almirante, em pleno verão, já que Ware está sempre pescando e o Almirante possui um barco. Contra ser Ware o culpado, o fato de que Penistone venha a morar em sua vizinhança cria uma improvável coincidência, se imaginarmos que Ware tinha um antigo ressentimento contra ele. Eu já disse, uma vez, que nenhum chinês deveria aparecer em histórias de detetives. Sinto-me inclinado a estabelecer essa mesma regra aos que residem ou residiram na China. Parece que o Almirante Penistone, Sir W. Denny, Walter Fitzgerald, Ware e Holland são, todos eles, familiares com aquele país, o que parece um pouco de exagero.

(*) É uma expressão do latim que pode ser traduzida por "todo o mais é constante" ou "mantidas inalteradas todas as outras coisas".

Capítulo 2. Imagino que os Coles procurassem incriminar Elma, ainda que possam também ter deixado Denny de olho.

Capítulo 3. Ware parece duvidar de Elma; o guardar na mala ou esconder as roupas usadas por ela à noite indicam essa direção. (Por que ela se enfeitou para ir ao encontro do Vigário?) As palavras "Se é que foi", parecem destinadas a incriminar Ware; do mesmo modo que a hipótese de Appleton quanto à possibilidade de o crime ter sido cometido acima do ponto em que foi encontrado o corpo. Será que o sereno atinge botes que flutuam nos rios? A enciclopédia não me forneceu ajuda.

Capítulo 4. A Sra. Christie parece suspeitar de Denny; ele é duro, a mudança de Penistone para Rundel Croft é atribuída a um desejo de estar perto dele e, de acordo com a Sra. Davis, Denny não ficou absolutamente satisfeito com esse fato. De acordo com os princípios comuns de uma história de mistério, isso devia significar que Penistone estaria fazendo chantagem com Denny. Eu

não consigo encontrar a importância do fato, se é que há alguma, de ter sido o Vigário abandonado por sua mulher. Ela abandonou o marido em 1920, muito depois da guerra, de modo que parece difícil identificá-la com Elma, que estava com o tio naquela época. A que distância fica Whynmouth de Londres?

Capítulo 5. Rhode parece fixar-se em Holland. Penistone pode ter ido a Whynmouth para encontrar-se com Holland, que o matou e levou seu corpo corrente acima; depois transfere o cadáver para o bote do Vigário e coloca o outro barco no abrigo com a proa em primeiro lugar. Mas, é claro, Denny está sob suspeita, devido à localização de sua casa. Ainda, mais uma vez, a insistência de Ware de que o crime tenha sido cometido em um ponto abaixo daquele em que o corpo foi encontrado pode ser um esforço para que seja excluído o verdadeiro criminoso — ele mesmo. Até onde o rio sofria a influência da maré?

Capítulo 6. Kennedy parece apontar para o Vigário. Se não é assim, por que foi a arma tirada do pavilhão do Vicariato? (A não ser que tivesse sido tirada ao acaso.) E por que o Vigário molhou tão completamente o jardim, senão para apagar pegadas? (Estou certo de que não devemos atribuir o crime aos dois rapazes filhos do Vigário.) Não compreendo o porquê da mulher no carro. Se era Elma, não vejo como o teria conseguido. Se foi uma outra pessoa qualquer, é um personagem novo, que não foi mencionado nos cinco primeiros capítulos e assim, de acordo com meus princípios, não pode ser o assassino. Ela poderia ser a mulher do Vigário, mas parece uma coincidência que exatamente em uma noite já tão acidentada aconteça ainda uma tal visita.

Capítulo 7. Creio que a Srta. Sayers acha que o Vigário sabia de alguma coisa a respeito do crime como um todo. A extensão da corda parece indicar que o bote do

Vicariato teria sido amarrado duas vezes naquela noite e, de cada vez, liberado por meio do corte do cabo de uma posição desvantajosa; daí o desaparecimento dos 60 centímetros do dito cabo, que devia estar preso em algum lugar, a não ser que deliberadamente removido depois do crime. A amarração do bote por duas vezes sugere que ou havia dois diferentes complôs em marcha, ou teria havido uma moldura muito elaborada.

A volta dos Hollands e sua história de terem visto Penistone vivo depois da meia-noite parece dar ao mistério uma tonalidade completamente nova; eu gostaria de poder descobrir qual. Se a permissão para o casamento fosse verdadeira, cessam os seus motivos para ter cometido o crime, e o motivo da pressa em casar-se é difícil de se perceber. Se eram os criminosos, por que atrair suspeitas com um casamento apressado? É algo que não consigo entender e gostaria que ela não tivesse deixado para mim a conclusão da entrevista.

De qualquer modo, aí vai minha solução.

Walter Fitzgerald tinha muitos traços de sua mãe e podia, usando maquiagem adequada, fazer-se passar pelo Almirante, seu tio. Deve ter sido por isso que conseguiu atirar nas costas do tio, um deslize que ele próprio cometeu em Xangai. O Almirante suspeita de que tenha sido isso o que ocorreu; esta é a razão pela qual ele colecionava recortes de jornais em sua mesa, os quais eram destinados a desacreditar a reputação de Walter, se ele reaparecesse na Europa. Quase mais importante, o Almirante tinha em mãos, e os estava ocultando, documentos que provavam a inocência de Walter no caso da falsificação e que teriam permitido que voltasse a reaparecer na sociedade. Walter sobreviveu à guerra e fugiu com a mulher do Vigário em 1920. Celia Mount, para aumentar suas rendas, foi empregar-se com Elma como dama de companhia

(francesa). Elma sabia que seu irmão queria recuperar os documentos, mas não que ele pretendia matar o tio, desse modo silenciando-o. O Almirante mudou-se para Lingham a fim de ficar perto de Denny, a quem vinha chantageando. Celia, vendo que estava tão perto do marido, foi procurá-lo e insistiu sobre o divórcio. O Vigário recusou-se, por motivos de consciência. Celia foi embora, levando consigo um molde em cera de chave da mesa do Almirante.

Holland, de algum modo, viera a tornar-se inimigo de Walter na China. Assim, Walter decidiu jogar em cima dele todas as suspeitas quanto ao assassinato. Elma não amava Holland, mas desejava casar-se com ele a fim de obter o controle de seu próprio dinheiro. Penistone recusava-se a dar seu consentimento, porque desconfiava de Holland, a quem conhecera na casa de Denny, supondo que ele estivesse agindo a favor dos interesses deste.

Walter e Celia, na noite fatal, foram de carro a Lingham. Eles sabiam, através de Elma, dos movimentos da casa em Rundel Croft. Celia desceu no Vicariato, onde encontrou o Vigário no jardim, e o persuadiu a levá-la de barco até a margem oposta e a prender o Almirante com sua conversação, enquanto ela ia até o escritório e se apossava dos documentos necessários "para salvar um homem inocente". O Vigário teve necessidade de cortar o cabo, devido à situação da maré. Celia conseguiu pôr as mãos nos documentos por volta das 10:30; passou um recado por telefone para Holland, como se fosse Elma (que se encontrava em cima, ignorante de sua presença), pedindo-lhe para aparecer por lá por volta da meia-noite. Nesse meio tempo (o Vigário continuava a conversar com o Almirante), Walter tinha ido até o hotel, onde se fez passar por Penistone, esperando, deste modo, implicar Holland. (Seria verificado que ele não tomara o trem e que Holland saíra naquela noite; presumir-se-ia que o crime tivesse

ocorrido em Whynmouth ou em suas proximidades de onde o corpo fora largado à deriva. Talvez os criminosos tivessem cometido um engano a respeito das marés.) Então, Walter voltou a Rundel Croft, onde matou o Almirante ou já o encontrou morto por Celia (apanhada quando roubava os documentos). O Vigário, cuja previsão era de que ficasse conversando com o Almirante até 11 horas (digamos), estava aguardando no abrigo de barcos e levou Celia para o outro lado do rio. Celia disse que ele podia ir deitar-se, pois o motorista a levaria de volta. Na verdade, Celia dirigiu-se ao rio, passando por cima dos canteiros de flores, cortou o cabo uma segunda vez (sendo bem mais baixa do que Mount) e foi reunir-se a Walter. Este, nesse meio tempo, tinha vestido no cadáver o sobretudo do Almirante e enfiado em seu bolso um jornal, para sugerir que Penistone tinha de fato estado em Whynmouth. Walter pensou em colocar o corpo no barco do Almirante, mas imaginou que esse barco fosse o que estava amarrado pela proa; daí por que de fato ele colocou o corpo no bote do Vigário (onde o chapéu tinha ficado por acidente) e, usando o barco do Almirante, rebocou o bote com o cadáver até o meio do rio, soltando-o então à deriva. Celia chamou a atenção de Walter para o engano quando ele voltou, mas era tarde demais para fazer qualquer coisa; os passos de Holland se fizeram ouvir sobre o pedregulho. Walter correu para o escritório e personificou o Almirante, mostrando a Holland o consentimento forjado. Esse documento ficou com Elma (que sabia que era falso); Holland voltou para o hotel, entrando por uma porta lateral que deixara destrancada; Walter e Celia saíram de carro.

Ao ser descoberto o corpo, Elma apressou-se em casar com Holland, julgando que Walter fosse o criminoso e que ela perderia uma outra chance de casar-se; Holland se apressou em casar-se com Elma, cavalheirescamente, por

julgar que ela se encontrava sob suspeição. Denny, tomando conhecimento (através de Emery) de que os documentos tinham sido tirados da mesa, correu para Londres, a fim de saber o que estava sendo feito com aqueles que o comprometiam. Mount encontrou outra laçada na estaca de amarração, não entendeu por que, mas a destruiu para evitar suspeitas sobre sua mulher, mesma razão pela qual apagou as pegadas dela no canteiro. O vestido branco (que havia sido usado por Elma que queria atrair o Vigário, esperando persuadi-lo a conceder o divórcio a Celia) foi levado para Londres por ser o que possuía de mais parecido com um vestido de noiva.

A hora precisa do crime e a distância precisa coberta por Walter ao rebocar o corpo ficam a cargo dos expertos em marés. Walter queria fazer parecer que o bote tivesse ficado à deriva ao sabor da maré que subia, desde Whynmouth ou na maior parte do trajeto a partir daí. A chave foi deixada por Celia no barco do Almirante. Isso visava sugerir que Penistone tinha deixado tudo trancado quando (supostamente) se dirigiu a Whynmouth; e era o que teria acontecido, não fora a confusão de Walter com relação aos barcos. Celia tinha uma chave da janela francesa e outra da mesa.

Os cúmplices presumiram que a história de Holland não fosse aceita e que iriam pensar que ele tivesse assassinado o Almirante em Whynmouth ou em suas proximidade por volta das 11 horas.

Capítulo IX - FREEMAN WILL CROFTS

Na tarde que precedeu o crime, Walter vai visitar Celia a quem instalara no hotel da Rua Judd. Depois que ele sai, Celia, de algum modo, suspeita do que vai acontecer naquela noite. Entra em pânico e resolve salvar Penistone a todo custo. Tem de avistar-se com Mount e se assegurar de seu auxílio, depois de lhe relatar as circunstâncias em confissão. O trem das cinco e meia já passou, razão pela qual ela toma o das sete horas para Drychester, de onde segue de táxi até o Vicariato. A casa parece fechada e Celia vai ver se o Vigário está no pavilhão, antes de bater à porta. Quando se decide a bater, Celia vê Penistone saindo de barco. Pega a faca e, o que ela supõe seja sua bolsa e corre para o rio, gritando com todas as forças de seus pulmões. O Almirante, porém, não a ouve. Celia acha que poderá ser tarde demais se for procurar Mount, e segue o Almirante. Se for aconselhável, ela poderá ter visto (ou ficado?) a faca no pavilhão. Não consegue desatar o nó da corda e volta correndo para pegar a faca.

A menos de um quilômetro rio abaixo ela se depara com o barco de Penistone. (Se fosse na ponte não haveria tempo para Walter voltar e personificar o Almirante.) Ali, Celia encontra Walter e Denny e o corpo do Almirante, que já foi assassinado. Denny parece quase louco de medo. Ela fica horrorizada. Acredita que Walter seja o criminoso, mas não tem certeza. Os dois dizem a ela que o Almirante se suicidou. Ela não acredita, mas não tem certeza. Muito fraca, não faz coisa alguma. Walter manda que Celia vá para o carro que escondeu ali por perto. Walter e Denny levam os barcos de volta, guardando-os no abrigo de barcos de Rundel Croft. Denny espera enquanto Walter entra na casa para roubar os documentos que isentariam Penistone de culpa, incidentalmente revelando a tramóia feita por Denny e Walter contra ele na China. Walter conta a Elma o que aconteceu. Ela fica horrorizada, mas nada pode fazer, a

não ser destruindo Walter, a quem é tão afeiçoada. Elma decide ignorar o que aconteceu.

Walter preparara o documento autorizando o casamento, que é dado a Holland. Quando este vai embora, Walter e Denny colocam o cadáver do Almirante no bote do Vigário, como sendo a melhor coisa que têm a fazer, e soltam-no à deriva. Inicialmente pensaram em lançar o corpo no rio, mas colocá-lo no bote do Vigário lhes pareceu uma idéia melhor. O guardar os barcos no abrigo, deste modo, responde pelos movimentos dessas embarcações ao sabor da maré, bem como pelo fato de as roupas estarem secas.

Denny, em seguida, vai vara sua casa, esgueirando-se para não ser visto. Walter leva Celia para Londres, pois, temeroso de que ela venha a contar tudo, prefere levá-la para Paris até que a tormenta tenha passado.

Deve ser explicado que Celia pegou o chapéu do Vigário por engano e, por isso, deixou sua bolsa para trás. Foi nessa bolsa que Mount encontrou os endereços de Drychester e de Londres.

Cronologia

Quanto às datas, parece ser como segue: Segunda-feira, 8 de agosto — Lua nova.

Terça-feira, 9 de agosto — Penistone janta com Mount. O crime é cometido durante a noite.

Quarta-feira, 10 de agosto — Descoberta do corpo. As investigações de Rudge levam-no a produzir os 39 itens.

Quinta-feira, 11 de agosto — Rudge informa seus superiores e faz investigações a respeito do pessoal de Rundel Croft.

Sexta-feira, 12 de agosto — Reunião com o juiz de instrução. Rudge segue para Drychester e para Londres.

Sábado, 13 de agosto — Rudge encontra o hotel da Rua Judd.

Segunda-feira, 15 de agosto — Rudge vai a Drychester, e se apresenta e informa ao Superintendente.

Capítulo X - EDGAR JEPSON

Walter é o criminoso. Ele usa barba e se parece muito com seu tio, o Almirante, a quem personificou no Lorde Marshall. Depois do crime vai a Rundel Croft, onde se avista com sua irmã, cujo auxílio consegue através de alguma explicação diferente dos fatos reais; Holland se confunde, pensando tratar-se do Almirante, quando Walter está procurando pela pasta X, que contém a verdade a respeito do incidente de Hong Kong e a participação que teve Walter; em seguida sobe para raspar sua perigosa barba no banheiro. Desse modo, ele pode não ser reconhecido e se manter em contato com os acontecimentos, fazendo-se passar pelo repórter da Evening Gazette.

Capítulo XI - CLEMENCE DANE

Aqui, de um modo geral, estão os pontos que alinharei. Célie, a empregada francesa, e a mulher do Vigário são uma mesma pessoa. Ela está vivendo com Walter, o criminoso, ou, de algum modo, está ligada a ele; sabe o suficiente para torná-la perigosa. Walter sabe que ela foi avistar-se com seu ex-marido (ou com qualquer outra pessoa que se queira inventar com o mesmo objetivo), a fim de consultá-la e quer tirar de cima de si mesmo as suspeitas e lançá-las sobre Mount, por um

segundo crime; ou, alternativamente, pensa que ela vai denunciá-lo. Seja como for, Walter segue Célie.

Célie dirigiu-se ao Vicariato e ficou sabendo que o marido saíra, bem como os empregados. (Por coincidência, o Vigário lhes dera um dia de folga. Tanto ele como os empregados tinham ido visitar uma exposição de flores a alguma distância, ou uma localidade das redondezas.) Ela havia também escrito aos Hollands, pedindo-lhes que fossem até lá, como objetivo de consultá-los.

Célie, ignorando que a ausência do Vigário é mais do que temporária, fica ali pelo jardim, come as ameixas, depois vota para casa e encontra Walter. Discutem. Seja como for, ele a mata, arranjando as coisas de modo a parecer suicídio, e sai apenas uns momentos antes de o Inspetor chegar. Walter pensa que não foi visto, porém mais tarde transpira que um dos moradores da localidade o viu. Tem uma desculpa perfeita: fora procurar o Vigário na condição de repórter e, como todos os demais, encontrou a casa vazia. O Inspetor, no entanto, sabe que Célie esteve ali no jardim uns 10 minutos antes de sua chegada — os caroços de ameixa ainda úmidos e o lençinho — e que, desse modo, ela deve ter-se encontrado com Walter que teria tempo para assassiná-la e cair fora sem se deparar com Rudge.

Se houver necessidade de mais tempo, o lençinho e os caroços de ameixa podem ter sido encontrados na sombra e, assim, levariam mais tempo a secar. A outra importância da pista das ameixas é a conclusão que Rudge tira desse fato, antes que se dê o reconhecimento de Walter pelo morador local, de que uma mulher que permanece andando para lá e para cá num jardim, animada e chegando a comer ameixas, não cometerá suicídio, provavelmente, dentro de três minutos. O cartão da funerária é uma pista falsa; na realidade foi escrito por uma das empregadas ou

pelo próprio Vigário, sendo uma mensagem verdadeira dirigida a quem quer que aparecesse. Ou poderia tratar-se de uma mensagem falsa, escrita por Walter com a caligrafia do Vigário, a fim de evitar a descoberta do crime durante muitas horas. Não sei como explicar a participação ou a não participação de Elma e Holland nos acontecimentos. Para mim é muito inexplicável. Assim, presumi que fossem duas pessoas completamente inocentes, e que todos os indícios que apontam para eles são puramente acidentais. Para ser franco, estou completamente desnorteado quanto ao que possa ter acontecido, e procurei escrever um capítulo que qualquer pessoa poderia usar para provar qualquer coisa que quisesse.

Capítulo XII - ANTHONY BERKELEY

Nenhuma
